



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Daniele Dickow Ellwanger

**O Design na Produção Moveleira da
Serra Gaúcha**

Rio de Janeiro
2008

Daniele Dickow Ellwanger

**O Design na Produção Moveleira da
Serra Gaúcha**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lucy Niemeyer

Rio de Janeiro
2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / CTC/G

E47 Ellwanger, Daniele Dickow.
O Design na produção moveleira da serra gaúcha / Daniele
Dickow Ellwanger. – Rio de Janeiro, 2008.
295 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucy Niemeyer.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial.
Bibliografia.

1. Indústria moveleira – Brasil – Teses. 2. Mobiliário – Brasil –
Teses. I. Niemeyer, Lucy. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Escola Superior de Desenho Industrial. III. Título.

CDU 749.1(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta tese / dissertação.

Assinatura

Data

Daniele Dickow Ellwanger

**O Design na Produção Moveleira da
Serra Gaúcha**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Aprovada em 30 de outubro de 2008

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lucy Niemeyer (Orientadora)
ESDI – UERJ

Prof. Dr. Valdir Ferreira Soares
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Sydney Fernandes de Freitas
ESDI – UERJ

Rio de Janeiro
2008

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Diogo e Vera, por sempre me incentivarem a continuar estudando.

A minha orientadora, Lucy Niemeyer, pela receptividade calorosa e pela orientação incondicional.

Ao meu namorado, Lucas, pelo apoio e por ter superado a distância que havia entre nós.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por proporcionar incentivo à pesquisa, disponibilizando-me uma bolsa de estudos.

Às indústrias Única, Todeschini, Carraro, SCA, Bentec, Cinex, Difratelli, Resevila e Romanzza, por terem aceitado participar da minha pesquisa.

A minha tia-avó, Sibila, por abrir as portas de sua casa e passar a dividir o seu espaço comigo.

Aos meus colegas de mestrado, verdadeiros amigos, por me ouvirem, nos momentos difíceis, e também por me divertirem no período de minha estada no Rio de Janeiro.

RESUMO

ELLWANGER, Daniele Dickow. *O design na produção moveleira da Serra Gaúcha*. 2008. 295 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O presente trabalho visou levantar e analisar dados sobre o desenvolvimento de design na produção contemporânea das indústrias moveleiras dos pólos de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. Para tanto, foram abordadas questões referentes ao desenvolvimento brasileiro, de acordo com os aspectos social, cultural e industrial; à indústria moveleira, em relação aos panoramas internacional, nacional e sul-rio-grandense; aos processos de imigração, em especial a italiana, que se instalou na Serra Gaúcha; ao desenvolvimento industrial, principalmente moveleiro, no Rio Grande do Sul; à institucionalização do design neste Estado; aos designers gaúchos e seus escritórios; e aos pólos moveleiros da Serra Gaúcha, representados pelas cidades de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. A partir dessa fundamentação teórica, realizou-se uma pesquisa de campo que abrangeu nove empresas moveleiras dos pólos citados. Dessa forma, chegou-se a resultados apresentados pelo panorama pesquisado que propiciaram a discussão sobre a produção moveleira dessa região.

Palavras-chave: Design de produto. Produção moveleira contemporânea. Pólos moveleiros sul-rio-grandenses.

ABSTRACT

The following paper aimed at researching and analyzing the data about the design development in the contemporary production of furniture industries in Bento Gonçalves and Flores da Cunha towns, in Rio Grande do Sul state. For doing so, some questions about the following topics were considered: the Brazilian development, according to social, cultural and industrial aspects; the furniture industry, in relation to the international, national and sul-rio-grandense views; the processes of immigration, especially the Italian one, installed in the Serra Gaúcha; the industrial development, mainly the furniture one, in Rio Grande do Sul state; the institutionalization of design in this state; the gauchos designers and their offices; and the furniture poles of the Serra Gaúcha, represented by Bento Gonçalves e Flores da Cunha towns. From this theoretical base, a field research, which involved nine furniture companies placed the cities previously quoted, was done. Then, the results achieved presented the researched view and enabled some discussion about the furniture production in such region.

Keywords: Product design. Contemporary furniture production. Furniture poles in Rio Grande do Sul state.

Lista de Ilustrações

Figuras 1, 2 e 3: gaúcho, vaqueiro do nordeste e baiana, respectivamente. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 60-61)..	43
Figura 4: Ruínas de São Miguel Arcanjo. (CAMPOS, 2007)....	47
Figura 5: <i>Piano americano</i> ; século XIX. (BORGES, 2007, p. 71).....	49
Figuras 6 e 7: Manuel de Araújo Porto Alegre (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 712-713) e Rivadávia Correia (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 612-613), respectivamente.....	51
Figuras 8 e 9: traços da colonização germânica no sul do Brasil. (AZEVEDO, 1996, encartes entre p. 60-61 e entre p. 128-129, respectivamente).....	54
Figura 10: <i>Escabelo</i> , século XVII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 26).....	58
Figuras 11 e 12: <i>Arca policromada</i> (BORGES, 2007, p. 36) e <i>Armário</i> (BORGES, 2007, p. 40), respectivamente; século XVIII, Minas Gerais.....	59
Figura 13: <i>Poltrona de couro com pregaria</i> , século XVIII. (BORGES, 2007, p. 33).....	60
Figuras 14 e 15: <i>Poltrona D. João V</i> (BORGES, 2007, p. 34) e <i>Cama com cartela</i> (BORGES, 2007, p. 43), respectivamente; século XVIII, Brasil.....	60
Figura 16: <i>Cadeira de campanha</i> , século XVIII, Atibaia, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 32).....	61
Figura 17: <i>Arco-banco</i> , século XVIII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 35).....	61

Figuras 18 e 19: <i>Banco</i> (BORGES, 2007, p. 52) e <i>Banco Bandeirante</i> (BORGES, 2007, p. 53), respectivamente; século XIX, sendo o primeiro de Ilhabela, São Paulo.....	61
Figuras 20 e 21: <i>Preguiceiro</i> (BORGES, 2007, p. 41) e <i>Mesa D. José I</i> (BORGES, 2007, p. 45), respectivamente; século XVIII, Brasil, sendo o primeiro da Bahia.....	62
Figuras 22 e 23: <i>Mesa D. Maria I</i> (BORGES, 2007, p. 47) e <i>Cama rústica</i> (BORGES, 2007, p. 42), respectivamente; final do século XVIII, sendo o primeiro móvel da Bahia e o segundo de Ilhabela, São Paulo.....	63
Figuras 24 e 25: <i>Poltrona</i> (BORGES, 2007, p. 59) e <i>Cama Império</i> (BORGES, 2007, p. 63), respectivamente; século XIX, sendo o segundo móvel da cidade do Rio de Janeiro.....	63
Figura 26: <i>Cadeira de bordar</i> , século XIX. (BORGES, 2007, p. 60).....	64
Figura 27: <i>Canapé Sheraton brasileiro</i> , século XIX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 57).....	64
Figuras 28 e 29: <i>Aparador</i> (BORGES, 2007, p. 54) e <i>Canapé Beranger</i> (BORGES, 2007, p. 55), respectivamente.....	65
Figura 30: <i>Cadeira Thonet</i> , c. 1860. (BORGES, 2007, p. 61)..	65
Figura 31: <i>Armário Art Nouveau</i> , século XX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 91).....	66
Figura 32: <i>Cama Patente</i> , c. 1915, Araraquara, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 92).....	67
Figura 33: <i>Cadeira Cimo</i> , c. 1920, Rio Negrinho, Santa Catarina. (BORGES, 2007, p. 79).....	67
Figura 34: <i>Poltrona John Graz</i> , c. 1940, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 82).....	68
Figura 35: <i>Poltrona de embalo</i> , de Joaquim Tenreiro, c. 1947, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 83).....	69
Figura 36: <i>Poltrona Mole</i> , de Sérgio Rodrigues, 1957, Curitiba, Paraná. (BORGES, 2007, p. 84).....	70
Figura 37: <i>Bar Z – 10-8</i> , de José Zanine Caldas, 1950, São José dos Campos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 94).....	70

Figura 38: <i>Cadeira Paulistano</i> , de Paulo Mendes da Rocha, 1957, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 85).....	71
Figuras 39 e 40: <i>Cadeira Peg Lev</i> , de Michel Arnoult, 1968, da cidade de São Paulo (BORGES, 2007, p. 86); e Catálogo Móvelia Contemporânea, de móveis vendidos desmontados (LEAL, 2002, p. 102); respectivamente.....	72
Figura 41: <i>Cadeira São Paulo</i> , de Carlos Motta, 1982, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 86).....	73
Figura 42: <i>Banco Ressaquinha</i> , de Maurício Azeredo, 1988, Pirenópolis, Goiás. (BORGES, 2007, p. 89).....	73
Figura 43: <i>Cadeira Gaivota</i> , de Reno Bonzon, 1988, Ubatuba, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 88).....	74
Figura 44: <i>Carrinho de chá Nômade</i> , de Claudia Moreira Salles, 1993, Valinhos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 95).....	74
Figura 45: <i>Cadeira Jecker</i> , de Etel Carmona. (FIORI, 2002)....	75
Figura 46: <i>Cadeira Girafa</i> , de Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki, 1987. (BORGES, 2007, p. 87).....	75
Figura 47: Visconde de Mauá, de origem sul-rio-grandense. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129).....	77
Figura 48: barragem da Usina Hidrelétrica de Estreito, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157).....	78
Figura 49: linha de montagem dos automóveis <i>Corcel</i> na fábrica Ford, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157).....	78
Figura 50: rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo e Belo Horizonte, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157).....	79
Figuras 51 e 52: móveis com design retilíneo, geralmente de aglomerado; e móveis de madeira maciça que misturam formas retas e torneadas; respectivamente. (GORINI, 2000, p. 15)....	83
Figura 53: molduras de madeira. (GORINI, 2000, p. 21).....	84
Figura 54: peças em MDF. (GORINI, 2000, p. 18).....	84

Figuras 55 e 56: móvel italiano com combinação de diferentes materiais (GORINI, 2000, p. 28), e cadeiras com design italiano (GORINI, 2000, p. 18), respectivamente.....	85
Figura 57: móveis desmontáveis. (GORINI, 2000, p. 18).....	85
Figura 58: em destaque, os seguintes países: Alemanha, Itália, França e Reino Unido. (GORINI, 2000, p. 24).....	86
Figuras 59 e 60: móvel de Taiwan desenvolvido em metal, e cadeiras e mesas para escritório, respectivamente. (GORINI, 2000, p. 33).....	88
Figura 61: móvel em materiais diversos importado pelo Japão. (GORINI, 2000, p. 33).....	89
Figura 62: concentração da produção em diferentes regiões do planeta. (IEMI, 2006a, p. 13).....	91
Figura 63: estrutura da cadeia produtiva da indústria moveleira no Brasil. (IEMI, 2006a, p. 32).....	95
Figura 64: concentração das empresas por região e Estado do país. (IEMI, 2006a, p. 42).....	99
Figura 65: móveis seriados distribuídos por redes atacadistas nacionais. (GORINI, 2000, p. 41).....	106
Figura 66: cozinha de aço da Móveis Itatiaia (MG). (GORINI, 2000, p. 43).....	107
Figura 67: cadeira da Giroflex. (GORINI, 2000, p. 43).....	107
Figura 68: máquina importada com tecnologia de ponta. (GORINI, 2000, p. 41).....	113
Figura 69: empresa com modernização do parque industrial. (GORINI, 2000, p. 49).....	113
Figura 70: reduções primitivas, nomeadas conforme a legenda a seguir. (LAZZAROTTO <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 241).....	117
Figura 71: regiões de imigração no Rio Grande do Sul. (FLORES, 2004, p. 9).....	119
Figura 72: técnica de construção de casa ensinada pelo agente Hörmeyer. (FLORES, 2004, p. 20).....	120

Figura 73: casa em enxaimel em dois blocos distintos, embora já existisse o fogão Berta; interior de Venâncio Aires, 1917. (FLORES, 2004, p. 124).....	120
Figura 74: <i>Casa Haas</i> em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1876. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33).....	120
Figura 75: <i>Casa Grün</i> em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34).....	121
Figura 76: Teatro São Pedro em Porto Alegre. (FLORES, 2004, p. 126).....	121
Figura 77: Catedral de Santa Cruz do Sul, 1927-1939. (FLORES, 2004, p. 46).....	122
Figura 78: Matriz de Venâncio Aires. Iniciada em 1929, recebeu as torres em 1950. (FLORES, 2004, p. 108).....	122
Figura 79: “Núcleo de Cultura de Venâncio Aires [...], 1929”. (FLORES, 2004, p. 128).....	123
Figura 80: zona colonial italiana, em destaque. (SÁ <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 243).....	125
Figura 81: casa de madeira, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33).....	126
Figura 82: <i>Casa da Ovelha</i> , em madeira e construída pelos imigrantes italianos, 1917. (MOVELSUL, 2007).....	126
Figura 83: casa de pedra, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34).....	127
Figura 84: casa construída pelos imigrantes italianos. (MOVELSUL, 2007).....	127
Figura 85: portas de madeira esculpida (1ª e 2ª) e talhada (3ª), final do século XIX. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	127
Figura 86: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	128

Figura 87: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	128
Figura 88: cadeira de balanço, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	129
Figura 89: cadeiras, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	129
Figuras 90 e 91: exemplos das instalações de marcenarias e de suas máquinas para a manufatura de móveis. (FONTOURA, 2006a, p. 19 e 21, respectivamente).....	130
Figura 92: a Itália e suas regiões. (BONI e COSTA, 1984, p. 242).....	131
Figura 93: a industrialização na Europa, a qual ampliou a substituição de mão-de-obra, gerou o desemprego e estimulou a imigração para o Brasil. (FLORES, 2004, p. 16).....	131
Figura 94: “colonos em mutirão conduzem à serraria pesado [sic] toro [sic] de madeira-de-lei. Interior de Venâncio Aires”. (FLORES, 2004, p. 102).....	133
Figura 95: ferramentas dos imigrantes italianos. (FONTOURA, 2006a, p. 16).....	137
Figuras 96, 97 e 98: móveis produzidos pelas imigrações alemã e italiana no sul do Brasil. (MCB, 2007).....	137
Figura 99: detalhe de um móvel. (FONTOURA, 2006a, p. 23).....	137
Figura 100: distribuição regional dos pólos produtores de móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 23).....	147
Figuras 101 e 102: <i>Fogão Nordeste</i> Wallig, 1959 (LEAL, 2002, p. 136); e sistema dos queimadores (CORRÊA, 2005, p. 6); respectivamente.....	160
Figura 103: fábrica de acordeões, 1939. (TODESCHINI, [2006?]).....	160
Figura 104: cozinhas moduladas, década de 1970. (TODESCHINI, [2006?]).....	160
Figura 105: <i>Coleção Natural Life</i> , 2006. (TODESCHINI, [2006?]).....	160

Figura 106: cozinha modulada da Todeschini, 1968. (coleção de Nelson Petzold).....	161
Figuras 107 e 108: <i>Colheitadeiras de grãos</i> , da Massey Ferguson, 1974. (coleção de Nelson Petzold; CORRÊA, 2005, p. 8; respectivamente).....	161
Figura 109: modelo <i>Winner</i> , da Forjas Taurus. (MARRA e SOUZA, 1997).....	161
Figuras 110 e 111: <i>Talher Camping</i> , 1974 (CSPD, [200-]); e <i>Talheres Comer Brincando</i> (EXPRESSÃO, 2005); ambos da Zivi-Hercules, respectivamente.....	162
Figura 112: <i>Tesoura Ponto Vermelho</i> , da Mundial, 1982. (ADP, [2006 ou 2007]).....	163
Figuras 113 e 114: <i>Tesoura Softy</i> (BORNANCINI, 2004, p. 66); e modelos de <i>Tesouras Softy</i> , 1993 (ALMANAQUE, 2004); da Mundial, respectivamente.....	163
Figura 115: <i>Tesoura de cozinha Multiuse</i> , da Mundial. (LEAL, 2002, p. 136).....	163
Figura 116: <i>Conjunto de Facas Laser Mundial</i> , de 1983. (LEAL, 2002, p. 137).....	164
Figuras 117 e 118: <i>Supertermo Automático</i> , 1980 (UNB, [200-]); e <i>Supertermo</i> , 1975 (CORRÊA, 2005, p. 7); da Termolar, respectivamente.....	164
Figuras 119 e 120: conjuntos de merendeiras e de garrafas (LEAL, 2002, p. 136); e bules térmicos (LEAL, 2002, p. 138); da Termolar, respectivamente.....	165
Figuras 121, 122 e 123: <i>Garrafa Térmica Magic Pump</i> , 1999 (IAB-RS, 2000); <i>Garrafa Térmica R-Evolution</i> , 1999 (RATHSAM, 2002, p. 26); e <i>Garrafa Perfeita</i> (BORNANCINI, 2004, p. 61); da Termolar, respectivamente.....	165
Figuras 124 e 125: <i>Borrachas Mercur Art Collection</i> , 2002 (ARCO WEB, [200-]); e <i>Ying-Yang</i> (LEAL, 2002, p. 136); respectivamente.....	166
Figuras 126 e 127: objeto construído com as <i>Borrachas Pedagógicas Mercur Toy</i> , 2003 (MERCUR, 2003); e detalhe das borrachas (CORRÊA, 2005, p. 9); respectivamente.....	166

Figura 128: <i>Escorredor de louça</i> da Coza, 2005. (REVISTA SIM, [200-]).....	167
Figura 129: José Bornancini. (APDESIGN, 2006).....	167
Figura 130: Nelson Petzold. (IAB-RS, 2000).....	168
Figura 131: Paulo Müller. (MÜLLER, 2004, p. 168).....	169
Figura 132: Tina e Lui. (coleção do escritório).....	171
Figura 133: <i>Cadeira e Mesa Senta-Bags</i> , 1990. (FONTOURA, 2006a, p. 58).....	172
Figura 134: <i>Cômoda 2 em 1</i> , 1994. (FONTOURA, 2006a, p. 80).....	173
Figura 135: <i>Sofá Berço</i> , 1996. (FONTOURA, 2006a, p. 106).....	173
Figura 136: <i>Linha Minuano</i> , 1997. (coleção do escritório).....	174
Figura 137: <i>Sofá Soma</i> , 1997. (coleção do escritório).....	174
Figura 138: <i>Pufe</i> , 1997. (coleção do escritório).....	175
Figura 139: <i>Linha Imigrante</i> , 2000. (coleção do escritório)....	175
Figura 140: <i>Linha Imigrante</i> , 2000. (coleção do escritório)....	176
Figura 141: <i>Linha Imigrante</i> , 2000. (coleção do escritório)....	176
Figura 142: <i>Berço Ovinho</i> , 2002. (coleção do escritório).....	176
Figuras 143 e 144: móveis da <i>Linha Ana Rech</i> , 2001. (coleção do escritório).....	177
Figuras 145 e 146: móveis da <i>Linha Telaio</i> , 2003. (coleção do escritório).....	177
Figura 147: <i>Mesa da Linha Terra Nativa</i> , 2003. (coleção do escritório).....	178
Figura 148: <i>Linha Botequim</i> , 2004. (FONTOURA, 2006a, p. 167).....	178
Figura 149: <i>Mesa da Terra</i> , 2005. (FONTOURA, 2007).....	179
Figura 150: dois modelos da <i>Mesa Visconde</i> , 2006. (FONTOURA, 2006a, p. 175).....	179
Figura 151: <i>Mesa Gamela</i> , 2006. (coleção do escritório).....	180
Figura 152: <i>Poltrona Manta</i> , 2006. (coleção do escritório)....	180

Figura 153: <i>Poltrona Mantô</i> , 2006. (coleção do escritório)....	181
Figura 154: Daniel Camera e Fernando Sperotto. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008b).....	183
Figura 155: <i>Cozinha de Aço com Portas de “ABS”</i> , 1998. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	184
Figuras 156 e 157: <i>Cadeira Telasul</i> , 1999. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	185
Figura 158: <i>Cabine de Bronzeamento</i> , 2000. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	185
Figura 159: <i>Cama da Linha Ange Gardie</i> , 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	186
Figura 160: <i>Cama Mitzrael</i> , 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	186
Figura 161: <i>Mutábile</i> , 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	187
Figura 162: <i>Luminária de Coluna</i> , 2002. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008c).....	187
Figura 163: <i>Poltrona Ômega</i> , 2002. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	188
Figura 164: <i>Móvel Multiuso</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	188
Figura 165: pé para <i>Linha Office</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	189
Figura 166: <i>Mesa de Jantar 3012 e Cadeiras 3041</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	189
Figura 167: <i>Cozinha de Aço Applauso</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	190
Figura 168: <i>Home Theater</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	190
Figura 169: <i>Linha Office</i> , 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	191
Figura 170: <i>Cabine de Banho</i> , 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	191

Figura 171: <i>Rack com Metacrilato</i> , 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	192
Figura 172: <i>Cozinha Telasul Projetos</i> , 2005. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	192
Figura 173: <i>Linha Strong</i> , 2006. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	193
Figura 174: <i>Linha Steel</i> , 2006. (FONTOURA, 2006a, p. 194).....	193
Figura 175: Parque de Eventos, em Bento Gonçalves. (MOVELSUL, 2007).....	198
Figura 176: instalações da Única, as quais comportam a Dell Anno e a Favorita. (DELL ANNO, 2008).....	202
Figura 177: <i>Cozinha Ferrara</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	203
Figura 178: <i>Dormitório Quebec</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	203
Figura 179: <i>Dormitório Voglio e Alumínio</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	203
Figura 180: <i>Home theater Mandorla e Voglio</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	204
Figura 181: <i>Home office Branco e Preto</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	204
Figura 182: <i>Banheiro Rosa</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	204
Figura 183: <i>Área de serviço Vivere e Metálic</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	205
Figura 184: <i>Salão de beleza</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	205
Figura 185: instalações da Todeschini. (TODESCHINI, 2008).....	209
Figura 186: <i>Sala de estar Gris</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 9).....	209
Figura 187: <i>Sala de jantar Chocolate e Today</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 17).....	210

Figura 188: <i>Cozinha Lisa e Gelo</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 36).....	210
Figura 189: <i>Escritório Lisa</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 47).....	210
Figura 190: <i>Dormitório Acácia e Jade</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 57).....	211
Figura 191: <i>Dormitório Passione e Verena</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 63).....	211
Figura 192: <i>Banheiro Cristal</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 76).....	211
Figura 193: <i>Estofado Ventura</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 21).....	212
Figura 194: <i>Cafeteria Málaga e Caramelo</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 81).....	212
Figura 195: instalações da Carraro. (CRIARE, 2008).....	214
Figura 196: cozinha da Criare: <i>Color Line Camurça</i> e tamponamento <i>Tabaco</i> . (CRIARE, 2006a).....	214
Figura 197: dormitório da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas de correr <i>Stylo System Tabaco</i> . (CRIARE, 2008).....	215
Figura 198: dormitório infantil da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas e frentes <i>Color Line Plus Romantic</i> e <i>Style</i> . (CRIARE, 2008).....	215
Figura 199: <i>closet</i> da Criare: tamponamentos <i>Maple</i> , portas de correr modelo <i>Tecno Plus</i> , vidro <i>Miniboreal</i> e frente <i>Tecna Maple</i> . (CRIARE, 2008).....	215
Figura 200: <i>home theater</i> da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas <i>Imbuia</i> . (CRIARE, 2006a).....	216
Figura 201: <i>home office</i> da Criare: caixa branca tamponada e porta <i>Imbuia</i> . (CRIARE, 2006b).....	216
Figura 202: banheiro da Criare: tamponamentos em madeira <i>Teca</i> , caixas e tamponamentos <i>Nocce</i> e portas e frentes em <i>Color Line Plus Cinza Alumínio</i> . (CRIARE, 2008).....	216

Figura 203: área de serviço da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas e frentes <i>Color Line Plus Cinza Alumínio</i> . (CRIARE, 2008).....	217
Figura 204: instalações da SCA. (SCA, 2008).....	218
Figura 205: cozinha da SCA. (SCA, 2008).....	218
Figura 206: dormitório da SCA. (SCA, 2008).....	219
Figura 207: dormitório infantil da SCA. (SCA, 2008).....	219
Figura 208: <i>closet</i> da SCA. (SCA, 2008).....	219
Figura 209: banheiro da SCA. (SCA, 2008).....	220
Figura 210: <i>home office</i> da SCA. (SCA, 2008).....	220
Figura 211: <i>home theater</i> da SCA: em MDF branco e <i>Ébony Legno</i> . (SCA, 2008).....	220
Figura 212: área de serviço da SCA. (SCA, 2008).....	221
Figura 213: móveis para escritório (ambiente corporativo) da SCA. (SCA, 2008).....	221
Figura 214: instalações da Bentec. (BENTEC, 2008).....	223
Figura 215: <i>Cozinha Essenza</i> (MDP 18 mm) ou <i>Mássima</i> (MDF 18 mm), da Bentec: frentes em <i>Fórmica</i> branca, prateleiras <i>Amêndoa</i> , portas deslizantes com perfil de alumínio <i>Champagne</i> e vidros <i>Reflecta</i> . (BENTEC, 2008).....	223
Figura 216: <i>Área de serviço Mássima</i> (MDF), da Bentec: caixas e frentes brancas. (BENTEC, [2006?]b).....	224
Figura 217: banheiro (100% MDF) da Bentec: frentes com pintura microtexturizada preta (ou branca) e portas deslizantes de alumínio com vidro preto temperado. (BENTEC, [2006?]b).....	224
Figura 218: <i>Dormitório Comodità casal</i> (MDF), da Bentec: portas <i>Rovere Chiaro</i> e portas deslizantes com perfil de alumínio com vidros pretos. (BENTEC, 2008).....	224
Figura 219: <i>Dormitório Comodità solteiro</i> (MDF ou MDP) da Bentec: com pintura microtexturizada em branco e amarelo (ou azul). (BENTEC, 2008).....	225
Figura 220: <i>home theater</i> (MDF) da Bentec: frentes <i>Rovero Chiaro</i> e prateleiras <i>Wenguê</i> . (BENTEC, [2006?]c).....	225

Figura 221: <i>home office Noce</i> (MDP), da Bentec: caixas e frentes <i>Noce</i> . (BENTEC, [2006?]a).....	225
Figura 222: consultório médico da Bentec: caixas <i>Wenguê</i> e frentes brancas. (BENTEC, 2008).....	226
Figura 223: instalações da Cinex. (CINEX, 2006g).....	227
Figuras 224 e 225: portas Cinex (Rimadesio) como complementos para estantes. (CINEX, [2006?]a, p. 5 e 10, respectivamente).....	228
Figuras 226 e 227: portas Cinex em armários de escritório, nos Estados Unidos (CINEX, 2006c); e sistema <i>Treviso</i> com vidro <i>Acidato</i> , da Cinex, em <i>home theater</i> (CINEX, [2006?]a); respectivamente.....	228
Figuras 228 e 229: estantes <i>Veneza</i> e sistema deslizante <i>Treviso</i> (CINEX, 2006c); e portas <i>1964 CL</i> com puxador <i>Sottile</i> e vidro <i>Cristallo Ébano</i> (CINEX, 2006g); da Cinex, aplicações em móveis de cozinha, respectivamente.....	229
Figura 230: estantes <i>Veneza</i> e sistema deslizante <i>Treviso</i> da Cinex, aplicação em móvel de dormitório. (CINEX, 2006c)...	229
Figuras 231 e 232: porta <i>1939 T</i> e vidro <i>Cristallo Bambu</i> , uma das novas cores da linha <i>Cristallo</i> , Coleção 2006 (CINEX, 2006b, p. 27); e porta de giro <i>Lugano</i> , vidro <i>Cristallo Ébano</i> e <i>TS Madeirado</i> (CINEX, 2006f); da Cinex, respectivamente...	229
Figura 233: porta divisória <i>Aluwood Dupla Face</i> com vidro <i>Cristallo Panna</i> , aplicados no sistema <i>Aluplus</i> , da Cinex (Raumplus). (CINEX, 2006b, p. 15).....	230
Figuras 234 e 235: perfis e padrões amadeirados <i>Aluwood</i> , da Cinex (Raumplus), respectivamente. (CINEX, 2006b, p. 30).....	230
Figuras 236 e 237: porta divisória <i>Nero Opaco Quadrato</i> com vidro <i>Fog</i> , aplicados no sistema <i>Aluplus</i> , da Cinex (Raumplus), mesa <i>Byo</i> com tampo de vidro <i>Incolor</i> e cadeiras <i>Gripp</i> , da Cinex (CHForm) (CINEX, 2006b, p. 25); e perfis <i>Nero Opaco</i> , da Cinex (CINEX, 2006b, p. 30); respectivamente.....	230
Figuras 238 e 239: aplicação de prateleiras em <i>closet</i> e divisória de ambientes da Cinex (Rimadesio) (CINEX, [2006?]a,	

p. 32); e portas <i>Vela</i> da Cinex (Rimadesio) (CINEX, [2006?]a, p. 29); respectivamente.....	231
Figura 240: mesa <i>Byo</i> , com junções e pés pintados em branco brilhante, além de tampo de vidro <i>Incolor</i> , cadeiras <i>Nina</i> e estantes <i>Byo Shelf</i> , da Cinex (CHForm). (CINEX, 2006g).....	231
Figuras 241 e 242: bancada de <i>Corian</i> em cozinha e tampo de <i>Corian</i> em banheiro, da Cinex (DuPont), respectivamente. (CINEX, 2006e).....	231
Figura 243: <i>Cozinha Perugia Gofratto</i> , em melamina <i>Branca</i> e painéis em madeira <i>Teca</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	233
Figura 244: <i>Dormitório Gofratto Rosa</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	234
Figura 245: <i>Dormitório infantil Bari Gofratto Azul</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	234
Figura 246: <i>Home theater Perugia</i> , em melamina <i>Branca</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2006?]).....	234
Figura 247: <i>Home office Perugia Gofratto Preto e Branco</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	235
Figura 248: banheiro da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	235
Figura 249: área de serviço da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	235
Figura 250: instalações da Resevila. (RESEVILA, [2006?])..	237
Figura 251: cozinha da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	237
Figura 252: área de serviço da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	238
Figura 253: <i>home theater</i> da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	238
Figura 254: <i>home office</i> da Resevila. (RESEVILA, [2008?])..	238
Figura 255: dormitório da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	239
Figura 256: dormitório infantil da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	239
Figura 257: banheiro da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	239

Figura 258: <i>Estofado Athenas</i> , da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	240
Figura 259: cadeira da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	240
Figura 260: cozinha da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	242
Figura 261: dormitório da Romanza. (ROMANZZA, 2008)...	242
Figura 262: dormitório infantil da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	242
Figura 263: <i>home theater</i> da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	243
Figura 264: <i>home office</i> da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	243
Figura 265: banheiro da Romanza. (ROMANZZA, 2008)....	243
Figura 266: área de serviço da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	244
Figura 267: <i>Conjunto de sofás Confort</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	244
Figura 268: <i>Poltrona Cadeira do Papai</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	244
Figura 269: <i>Cadeira Unitá</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	245
Figura 270: <i>Cadeira Singolare</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	245
Figura 271: pufes <i>Redondo</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	245
Figuras 272 e 273: móveis para cozinha da Bentec (BENTEC, 2008) e da Criare (Carraro) (CRIARE, 2006a), respectivamente.....	252
Figuras 274 e 275: móveis para cozinha da Difratelli (DIFRATELLI, [2008?]) e da Resevila (RESEVILA, [2006?]), respectivamente.....	252
Figuras 276 e 277: móveis para cozinha da Romanza (ROMANZZA, 2008) e da SCA (SCA, 2008), respectivamente.....	253

Figuras 278 e 279: móveis para cozinha da Todeschini (TODESCHINI, 2006, p. 36) e da Dell Anno (Única) (DELL ANNO, [2006?]), respectivamente.....	253
Figuras 280 e 281: cartaz do I Salão Design MOVELSUL 88 (FONTOURA, 2006a, p. 32); e 1º Prêmio – Móveis para área íntima, para a <i>Cama Dax</i> , com design da Dacan Indústria de Metal, de Bento Gonçalves-RS (FONTOURA, 2006a, p. 49); respectivamente.....	283
Figuras 282 e 283: cartaz do II Salão Design MOVELSUL 90 (FONTOURA, 2006a, p. 33); e Menção Honrosa para a <i>Cadeira Ergo</i> , do designer Geraldo Echamende, para a Wacchi S.A. Indústria e Comércio, de Sapucaia do Sul-RS (FONTOURA, 2006a, p. 59); respectivamente.....	283
Figuras 284, 285 e 286: cartaz do III Salão Design MOVELSUL 92 (FONTOURA, 2006a, p. 34); 1º Prêmio – Móvel para área de serviço e lazer, para a <i>Cadeira para Copa e Cozinha Sit Down</i> , do designer Dirceu Guarda, Degrau Arquitetura, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 68); e Prêmio Destaque, para a <i>Poltrona Doble</i> , do designer Marcel Schacher, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 71); respectivamente.....	284
Figuras 287 e 288: cartaz do IV Salão Design MOVELSUL 94 (FONTOURA, 2006a, p. 35); e 1º Prêmio – Móvel para escritório e institucional, categoria Estudante, para o <i>Gaveteiro Duna</i> , dos designers Adriano Albino Klein, Jonas Antônio Molin e Michel de Andrade Mittman, de Florianópolis-SC (FONTOURA, 2006a, p. 82); respectivamente.....	284
Figuras 289 e 290: cartaz do V Salão Design MOVELSUL 96 (FONTOURA, 2006a, p. 36); e Menção Honrosa, para a <i>Mesa Versátil</i> , do escritório Borges & Garcia Arquitetura, com a colaboração de Gaspodini, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 104); respectivamente.....	284
Figuras 291 e 292: cartaz do VI Salão Design MOVELSUL 98 (FONTOURA, 2006a, p. 37); e Prêmio Nacional e Especial – Categoria Profissional, para a <i>Estante Flip-Top</i> , das designers Cristina Pippi Schmidt, Denise, Schmidt e Vera Farina, para a Indústria de Móveis Campesato, de Erechim-RS (FONTOURA, 2006a, p. 111); respectivamente.....	285

Figuras 293 e 294: cartaz do VII Salão Design MOVELSUL Brasil 2000 (FONTOURA, 2006a, p. 38); e Menção Honrosa – Categoria Profissional Nacional, para o *Revisteiro Móvel* da designer Vera Stefani, de Bento Gonçalves-RS, para a Artetubos Indústria de Móveis Ltda., de Garibaldi-RS (FONTOURA, 2006a, p. 129); respectivamente.....285

Figuras 295 e 296: cartaz do VIII Salão Design MOVELSUL Brasil 2002 (FONTOURA, 2006a, p. 39); e 1º Prêmio Nacional – Profissional, para a *Banqueta Onda*, da designer Ilse Lang, Faro Design, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 141); respectivamente.....285

Figuras 297 e 298: cartaz do IX Salão Design MOVELSUL Brasil 2004 (FONTOURA, 2006a, p. 40); e 1º Prêmio Nacional Profissional, para a *Espreguiçadeira de Jardim Anelídeos*, da designer Eulália de Souza Anselmo, de Pelotas-RS (FONTOURA, 2006a, p. 157); respectivamente.....286

Figuras 299 e 300: cartaz do X Salão Design MOVELSUL Brasil 2006 (FONTOURA, 2006a, p. 41); e Menção Honrosa, para o *Banco Unus*, da designer Caroline Tassinari Bonfada, protótipo de Dionísio Strzykalsky, Eduardo de Matos e, participação de Luis Mariano Benetti (desenhista), Ricardo Cipriani Maletzke (administrador da qualidade), para a Móveis Nova Santa Rita, de Santa Rita-RS (FONTOURA, 2006a, p. 175); respectivamente.....286

Figura 301: 1º Prêmio Profissional Nacional do XI Salão Design MOVELSUL Brasil 2008, para a *Espreguiçadeira e Tatame Ayty*, do designer Roque Frizzo, Roque Frizzo Arquitetura e Design, Caxias do Sul-RS. (ESTRADA, 2008).....286

Figura 302: selo do Prêmio Indústria para ser colado no *stand* das empresas participantes do mesmo. (FONTOURA, 2006a, p. 185).....287

Figura 303: Menção Honrosa do 1º Prêmio Indústria do VII Salão Design MOVELSUL Brasil 2000, para o *Sofá Via Durini*, da Saccaro Móveis, de Caxias do Sul-RS, desenvolvido pelos designers Ana Revello Vasquez, Antonio Zamboni, Gilberto Ortiz e Renato Solio. (FONTOURA, 2006a, p. 189).....287

- Figura 304: Menção Honrosa do 2º Prêmio Indústria do VIII Salão Design MOVELSUL Brasil 2002, para a *Linha Facile*, da Móbel Indústria de Móveis, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvida pelos designers do escritório 3 Design & Arquitetura. (FONTOURA, 2006a, p. 191).....287
- Figura 305: 1º Prêmio do 3º Prêmio Indústria do IX Salão Design MOVELSUL Brasil 2004, para as *Poltronas Meta 1 e Meta 2*, da A.L. Componenti Industrial Comercial, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvidas pelo designer Marcelo Rosenbaum. (FONTOURA, 2006a, p. 192).....288
- Figura 306: Menção Indústria, pelo caráter democrático, do 4º Prêmio Indústria do X Salão Design MOVELSUL Brasil 2006, para o *Armário Multiplik*, da Idéias & Conceitos Indústria de Móveis, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvido pela designer Adriana Loer Pelicoli. (FONTOURA, 2006a, p. 194).....288
- Figura 307: 1º Prêmio do 5º Prêmio Indústria do XI Salão Design MOVELSUL Brasil 2008, para a *Linha de Móveis Entrelinhas*, da ML Magalhães, do Rio de Janeiro-RJ, desenvolvida pelos designers Diogo Lage Souza e Eduardo Cronemberger de Faria, Habto Design, da mesma cidade. (ESTRADA, 2008).....289

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Ranking dos Principais Exportadores Mundiais de Móveis. (IEMI, 2006a, p. 17).....	91
Gráfico 2: Produção Total do Setor / 1996. (GORINI, 2000, p. 37).....	96
Gráfico 3: Proporção das Exportações Brasileiras de Móveis em 1997. (GORINI, 2000, p. 63).....	101
Gráfico 4: Comércio Externo de Móveis. (IEMI, 2006a, p. 67).....	104
Gráfico 5: Pólos Produtores com Maior Ocorrência de Empresas Exportadoras. (IEMI, 2006a, p. 73).....	110
Gráfico 6: Evolução das Importações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997. (GORINI, 2000, p. 58).....	113
Gráfico 7: Evolução das Exportações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997. (GORINI, 2000, p. 58).....	114

Lista de Tabelas

Tabela 1: Empresas Participantes da Pesquisa e algumas Particularidades. (pesquisa de campo).....	40
Tabela 2: Principais Países Produtores e Consumidores de Móveis / 1996. (GORINI, 2000, p. 20; grifo nosso).....	86
Tabela 3: Evolução das Exportações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/95. (GORINI, 2000, p. 30; grifo nosso).....	87
Tabela 4: Evolução das Importações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/96. (GORINI, 2000, p. 31; grifo nosso).....	88
Tabela 5: Produção e Consumo Mundial de Móveis em 2005. (IEMI, 2006a, p. 14; grifo nosso).....	89
Tabela 6: Importação e Exportação Mundial de Mobiliário em 2005. (IEMI, 2006a, p. 16; grifo nosso).....	90
Tabela 7: Parque de Máquinas Instalado / 2005. (IEMI, 2006a, p. 48).....	93
Tabela 8: Canais de Distribuição por Tipo de Móvel. (IEMI, 2006a, p. 56; grifo nosso).....	95
Tabela 9: Empresas segundo sua Localização e Produtos Fabricados. (IEMI, 2006a, p. 38).....	97
Tabela 10: Empresas segundo sua Política de Produção. (IEMI, 2006a, p. 38).....	99
Tabela 11: Importação de Móveis em Volumes. (IEMI, 2006a, p. 62; grifo nosso).....	100
Tabela 12: Importação de Móveis em Valores. (IEMI, 2006a, p. 63; grifo nosso).....	100

Tabela 13: Principais Países de Origem das Importações Brasileiras. (IEMI, 2006a, p. 68; grifo nosso).....	100
Tabela 14: Evolução do Destino das Exportações Brasileiras de Móveis / 1997/90. (GORINI, 2000, p. 61; grifo nosso).....	101
Tabela 15: Exportação de Móveis em Valores. (IEMI, 2006a, p. 64; grifo nosso).....	102
Tabela 16: Exportação de Móveis em Volumes. (IEMI, 2006a, p. 64; grifo nosso).....	102
Tabela 17: Principais Países de Destino das Exportações Brasileiras. (IEMI, 2006a, p. 68; grifo nosso).....	103
Tabela 18: Distribuição das Empresas, do Pessoal Ocupado e do Valor Bruto da Produção Industrial por Tipo de Móvel. (GORINI, 2000, p. 39).....	105
Tabela 19: Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência. (GORINI, 2000, p. 39).....	105
Tabela 20: Os Grandes Números do Setor Moveleiro no Brasil. (IEMI, 2006a, p. 34).....	108
Tabela 21: Principais Pólos Moveleiros do Brasil. (GORINI, 2000, p. 46).....	109
Tabela 22: Colônias Primitivas e Municípios Atuais. (FROSI-MIORANZA <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 69).....	130
Tabela 23: Proveniência dos Italianos chegados no Rio Grande do Sul. (FROSI-MIORANZA <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 79).....	132
Tabela 24: Números da Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 11).....	139
Tabela 25: Empresas segundo o Tipo de Produto Fabricado. (IEMI, 2006b, p. 12).....	140
Tabela 26: Empresas segundo a Natureza dos Móveis Produzidos. (IEMI, 2006b, p. 13).....	140
Tabela 27: Empresas segundo o Tipo de Móvel Produzido. (IEMI, 2006b, p. 13).....	141
Tabela 28: Empresas segundo sua Política de Produção. (IEMI, 2006b, p. 14).....	141

Tabela 29: Distribuição das Empresas segundo seu Faturamento Mensal. (IEMI, 2006b, p. 17).....	142
Tabela 30: Regime de Trabalho. (IEMI, 2006b, p. 18).....	143
Tabela 31: Número de Funcionários. (IEMI, 2006b, p. 18-19).....	143
Tabela 32: Consumo de Matérias-Primas em 2005. (IEMI, 2006b, p. 20).....	144
Tabela 33: Origem das Matérias-Primas Consumidas. (IEMI, 2006b, p. 20).....	145
Tabela 34: Principais Pólos Produtores de Móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 22-23).....	146
Tabela 35: Exportação de Móveis em Valores. (IEMI, 2006b, p. 25).....	147
Tabela 36: Destino das Exportações de Móveis. (IEMI, 2006b, p. 27).....	148
Tabela 37: Cursos Oferecidos pela UFRGS. (INEP, 2008; UFRGS, 2008).....	149
Tabela 38: Cursos Oferecidos pela UFSM. (INEP, 2008; UFSM, 2008).....	150
Tabela 39: Cursos Oferecidos pela UFPEL. (INEP, 2008; UFPEL, 2008).....	150
Tabela 40: Cursos Oferecidos pela ULBRA. (INEP, 2008; ULBRA, 2008).....	150
Tabela 41: Cursos Oferecidos pela UNIRITTER. (INEP, 2008; UNIRITTER, 2008).....	151
Tabela 42: Cursos Oferecidos pela UNISINOS. (INEP, 2008; UNISINOS, 2008).....	151
Tabela 43: Cursos Oferecidos pela ESPM. (ESPM, 2008; INEP, 2008).....	152
Tabela 44: Cursos Oferecidos pela UNIFRA. (INEP, 2008; UNIFRA, 2008).....	152
Tabela 45: Cursos Oferecidos pela UCPEL. (INEP, 2008; UCPEL, 2008).....	152

Tabela 46: Cursos Oferecidos pela UPF. (INEP, 2008; UPF, 2008).....	152
Tabela 47: Cursos Oferecidos pela UNIJUI. (INEP, 2008; UNIJUI, 2008).....	153
Tabela 48: Cursos Oferecidos pela UCS. (INEP, 2008; UCS, 2008).....	153
Tabela 49: Cursos Oferecidos pela FEEVALE. (FEEVALE, 2008; INEP, 2008).....	154
Tabela 50: Cursos Oferecidos pela UNIVATES. (INEP, 2008; UNIVATES, 2008).....	154
Tabela 51: Curso Oferecido pela UNILASALLE. (INEP, 2008; UNILASALLE, 2008).....	154
Tabela 52: Cursos Oferecidos pelo IPA. (INEP, 2008; IPA, 2008).....	154
Tabela 53: Curso Oferecido pela FAE. (FAE, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 54: Cursos Oferecidos pela FSG. (FSG, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 55: Curso Oferecido pela FAI. (FAI, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 56: Curso Oferecido pela MONTSERRAT. (INEP, 2008; MONTSERRAT, 2008).....	155
Tabela 57: Cursos Oferecidos pela FURG. (FURG, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 58: Cursos Oferecidos pela UNIPAMPA. (INEP, 2008; UNIPAMPA, 2008).....	155
Tabela 59: Curso Oferecido pela UERGS. (INEP, 2008; UERGS, 2008).....	155
Tabela 60: Cursos Oferecidos pela PUCRS. (INEP, 2008; PUCRS, 2008).....	156
Tabela 61: Cursos Oferecidos pela URCAMP. (INEP, 2008; URCAMP, 2008).....	156
Tabela 62: Cursos Oferecidos pela UNICRUZ. (INEP, 2008; UNICRUZ, 2008).....	156

Tabela 63: Cursos Oferecidos pela UNISC. (INEP, 2008; UNISC, 2008).....	157
Tabela 64: cursos Oferecidos pela URI. (INEP, 2008; URI, 2008).....	157
Tabela 65: Dados do Setor Moveleiro. (MOVELSUL, 2007).....	200
Tabela 66: Características Gerais das Empresas, na Fase Inicial. (pesquisa de campo).....	247
Tabela 67: Características Gerais das Empresas, na Fase Atual. (pesquisa de campo).....	248
Tabela 68: Características do Desenvolvimento de Design nas Empresas. (pesquisa de campo).....	249
Tabela 69: Relação de 157 Empresas do Setor de Móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 34-41).....	290

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABIMÓVEL: Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário

APDESIGN: Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul

CGI-SIC: Centro Gestor de Inovação – Moveleiro – Sistema de Informações Competitivas

CNC: Controlador Numérico Computadorizado

CETEMO: Centro Tecnológico do Mobiliário

CETMAM: Centro Tecnológico da Madeira e do Mobiliário

DAU-MEC: Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação

ESDI: Escola Superior de Desenho Industrial

ESPM: Escola Superior de Propaganda e Marketing

FAE: Faculdade Anglicana de Erechim

FAI: Faculdade dos Imigrantes

FEEVALE: Centro Universitário Feevale

FENAVEN: Feira Internacional de Móveis

FENAVINHO: Feira Nacional do Vinho

FERVI: Fundação Educacional da Região dos Vinhedos

FETEP: Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa

FIMMA Brasil: Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira

FSG: Faculdade da Serra Gaúcha

FURG: Fundação Universidade Federal de Rio Grande

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IPA: Centro Universitário Metodista

MARGS: Museu de Arte do Rio Grande do Sul

MDF: *Medium Density Fiberboard* / Pannel de Fibras de Média Densidade

MDP: *Medium Density Particleboard* / Pannel de Partículas de Média Densidade

MERCOSUL: Mercado Comum do Sul

MONTSERRAT: Faculdade Montserrat

MOVELSUL Brasil: Feira de Móveis

MOVERGS: Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul

MOVESP: Associação das Indústrias de Mobiliário do Estado de São Paulo

MUMO: Museu Nacional do Móvel

PVC: *Polyvinyl Chloride* / Poli (Cloro de Vinila)

PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

P&D: Projeto & Desenvolvimento

RAIS: Relação Anual de Informações Sociais

SAC: Serviço de Atendimento ao Consumidor

SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SINDMÓVEIS: Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário

UCPEL: Universidade Católica de Pelotas

UCS: Universidade de Caxias do Sul

UERGS: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFPEL: Universidade Federal de Pelotas

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM: Universidade Federal de Santa Maria

ULBRA: Universidade Luterana do Brasil

UNICRUZ: Universidade de Cruz Alta

UNIFRA: Centro Universitário Franciscano

UNIJUI: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

UNILASALLE: Centro Universitário La Salle

UNIPAMPA: Fundação Universidade Federal do Pampa

UNIRITTER: Centro Universitário Ritter dos Reis

UNISC: Universidade de Santa Cruz do Sul

UNISINOS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UNIVATES: Centro Universitário Univates

UPF: Fundação Universidade de Passo Fundo

URCAMP: Universidade da Região da Campanha

URGS: Universidade do Rio Grande do Sul

URI: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Sumário

Introdução	37
1 Métodos e Técnicas	39
2 Brasil: Cultura e Industrialização	42
2.1 Grupos Sociais: Pluralidade de Identidades.....	42
2.1.1 Identidades Coletivas Sociais.....	44
2.2 Desenvolvimento da Cultura Brasileira.....	45
2.3 Códigos Culturais do Mobiliário no Brasil.....	57
2.4 A Industrialização no Brasil.....	75
2.5 Relação do Desenvolvimento Brasileiro com a Produção de Móveis.....	80
3 O Design e a Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul	82
3.1 A Indústria de Móveis no Brasil.....	82
3.1.1 Características Gerais do Setor Moveleiro.....	82
3.1.2 Panorama Internacional.....	83
3.1.3 Panorama do Mercado Brasileiro.....	92
3.1.3.1 Produção, consumo e emprego no Brasil.....	96
3.1.3.2 Principais pólos moveleiros no Brasil.....	108
3.1.3.3 Fatores de competitividade: matérias-primas, tecnologia, mão-de-obra e design.....	111
3.2 O Desenvolvimento do Estado e a Imigração.....	116
3.3 As Colonizações Alemã e Italiana.....	118
3.3.1 Os Alemães no Rio Grande do Sul.....	118
3.3.2 Os Italianos no Rio Grande do Sul.....	124

3.4 A Industrialização no Rio Grande do Sul.....	135
3.5 O Design, a Industrialização e o Comércio.....	136
3.6 A Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul.....	139
3.7 A Institucionalização do Design no Rio Grande do Sul.....	149
3.8 Os Profissionais de Design Sul-Rio-Grandenses e seus Escritórios.....	158
3.8.1 Bornancini, Petzold & Müller.....	158
3.8.1.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório.....	159
3.8.1.2 José Carlos Mário Bornancini.....	167
3.8.1.3 Nelson Ivan Petzold.....	168
3.8.1.4 Paulo de Tarso da Silveira Müller.....	168
3.8.1.5 Desenvolvimento de projetos no escritório.....	169
3.8.2 Tina e Lui Arquitetura e Design.....	170
3.8.2.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório.....	171
3.8.2.2 Desenvolvimento de projetos no escritório.....	181
3.8.3 Projeto 3 Design & Arquitetura.....	182
3.8.3.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório.....	184
3.8.3.2 Desenvolvimento de projetos no escritório.....	193
4 Pólos Moveleiros da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves e Flores da Cunha.....	196
5 Pesquisa de Campo.....	201
5.1 Única.....	201
5.2 Todeschini.....	206
5.3 Carraro.....	213
5.4 SCA.....	217
5.5 Bentec.....	220
5.6 Cinex.....	226
5.7 Difratelli.....	233
5.8 Resevila.....	236
5.9 Romanzza.....	241
5.10 Resumo da Pesquisa de Campo.....	246

6 Resultados e Discussão.....	250
Conclusão.....	255
Referências Bibliográficas.....	257
Apêndice A: Roteiro de Entrevista aplicado às Indústrias.....	267
Apêndice B: Roteiro de Entrevista aplicado aos Escritórios.....	270
Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Entrevistados dos Escritórios.....	273
Apêndice D: Roteiro de Entrevista aplicado às Associações.....	277
Apêndice E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Entrevistados das Indústrias.....	279
Apêndice F: Relação de todas as edições do Salão Design da Movelsul, com os respectivos cartazes e exemplos de móveis premiados, além do selo e de alguns móveis contemplados com o Prêmio Indústria.....	283
Anexo A: Relação de 157 Empresas do Setor de Móveis no Rio Grande do Sul.....	290
Anexo B: Prêmios, Seleção para Exposições, Homenagens e Outros.....	294

Introdução

Conforme a linha de pesquisa sobre “Design, Teoria e Crítica”, proposta pelo Mestrado em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o presente trabalho buscou contextualizar a produção moveleira da serra gaúcha, desde a fase de expansão da fabricação de móveis industrializados, a qual ocorreu a partir de meados do século XX, especialmente no que diz respeito ao design nessa área. A delimitação do tema caracterizou-se pelo estudo sobre as indústrias de móveis que se encontram nos pólos de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul, descrevendo o desenvolvimento de móveis industrializados nas últimas quatro décadas.

Considerou-se relevante a abordagem deste assunto porque o setor moveleiro na indústria sul-rio-grandense, especificamente em se tratando dos pólos mencionados, é reputado como um dos mais importantes do cenário brasileiro. Por isso, houve um estímulo de se evidenciar como se dá a elaboração de projetos da área. Buscou-se também dar continuidade aos trabalhos de iniciação científica desenvolvidos durante a graduação, sobre Design Brasileiro – Partes I e II –, realizados juntamente com os professores Carlos Eduardo Barichello e Edir Lúcia Bisognin, a fim de focar e aprofundar o assunto em termos regionais.

Pouco se sabe sobre o desenvolvimento de projetos de produtos nas indústrias moveleiras dos pólos de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. Por isso, objetivou-se levantar e analisar dados sobre o desenvolvimento de design na produção contemporânea desses pólos. Os objetivos específicos eram os de reconhecer características relevantes da história e da cultura locais; identificar as fases de transformações cruciais ocorridas nas indústrias dos pólos moveleiros citados, em relação ao desenvolvimento de produtos; analisar as conseqüências desse desenvolvimento no decorrer das últimas quatro décadas; e disponibilizar conhecimentos específicos aos profissionais de design e às indústrias, no Brasil, com o intuito de proporcionar subsídios sobre o desenvolvimento de projetos moveleiros que contribuam para a melhoria da qualidade profissional.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em fontes primárias e secundárias. O problema em questão pediu uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a

análise do desenvolvimento de design que se estabeleceu nas indústrias moveleiras dos pólos estudados. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo, onde a coleta de dados deu-se pela aplicação de entrevista, sendo esta de característica estruturada, com roteiro previamente estabelecido.

O primeiro capítulo descreveu os métodos e as técnicas utilizadas para o desenvolvimento das pesquisas bibliográfica e de campo. Os capítulos seguintes compuseram a fundamentação teórica, à medida que o capítulo 2, com o título “Brasil: Cultura e Industrialização”, abordou assuntos referentes ao desenvolvimento brasileiro de cunho social, cultural e industrial. O capítulo 3, “O Design e a Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul”, tratou sobre a indústria moveleira, vista em diferentes esferas, relacionadas aos panoramas internacional, nacional e, em particular, sul-rio-grandense; narrou o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, a imigração e a industrialização, esta ligada também à produção de móveis nesse Estado; além de se referir à institucionalização do design no Rio Grande do Sul e aos profissionais de design gaúchos e seus escritórios. Tal fundamentação encerrou-se no capítulo 4, com o foco nos pólos moveleiros da serra gaúcha, representados pelas cidades de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. No capítulo 5, o assunto sobre a pesquisa de campo foi desenvolvido, revelando todo o seu processo, com a descrição das empresas participantes, em termos gerais e em características específicas, estas relacionadas ao desenvolvimento de design. Na última parte, capítulo 6, os resultados da pesquisa foram apontados para, então, chegar-se às conclusões deste trabalho.

Dessa forma, os achados foram tratados com vistas a cumprir os objetivos mencionados inicialmente.

1 Métodos e Técnicas

Conforme consultas em Cruz e Ribeiro (2004), Gil (1999) e Lakatos e Marconi (1996), num primeiro momento, analisou-se o tema a partir de um levantamento preliminar de dados. Posteriormente, realizou-se pesquisa bibliográfica, fundamentada em fontes primárias, como livros, revistas e *sites* da internet, e fontes secundárias, representadas por dissertações de mestrado, para a elaboração da fundamentação teórica. Essa pesquisa partiu da relação entre a cultura e a industrialização brasileiras, desde a chegada dos portugueses ao Brasil; passando pela abordagem da indústria moveleira, vista em diferentes esferas, relacionadas aos panoramas internacional, nacional e, em particular, sul-rio-grandense; além de se referir à institucionalização do design no Rio Grande do Sul, bem como aos profissionais de design gaúchos e seus escritórios; para, então, enfatizar os pólos moveleiros da serra gaúcha, representados por Bento Gonçalves e Flores da Cunha.

O estudo foi realizado de forma qualitativa, analisando-se o desenvolvimento de design que se estabeleceu nas indústrias moveleiras dos pólos citados. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, e a coleta de dados deu-se pela aplicação de entrevista, com modelo no Apêndice A, a doze funcionários de nove empresas. Tal modelo de entrevista foi adaptado, como mostra o Apêndice B, para também ser aplicado a profissionais de design de três escritórios, localizados em Porto Alegre (dois: Bornancini, Petzold & Müller e Tina e Lui Arquitetura e Design) e Bento Gonçalves (um: Projeto 3 Design & Arquitetura), os quais prestam serviços a indústrias de móveis. No entanto, manteve-se o mesmo objetivo da entrevista anterior de se saber como ocorre o desenvolvimento de design, só que nos escritórios em relação a tais empresas. O resultado desse segundo levantamento foi incorporado à fundamentação teórica, no sentido de complementar a investigação. Os entrevistados dos escritórios assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual se encontra no Apêndice C. Outro roteiro de entrevista, exposto no Apêndice D, foi aplicado em associações de classe, como a MOVERGS e o SINDMÓVEIS, com o intuito de coletar dados sobre os pólos em questão. Na primeira, conseguiu-se material bibliográfico de grande valor para o trabalho; e na segunda, a entrevista foi respondida por *e-mail*. Cabe destacar que a elaboração do roteiro de entrevista tomou como base um questionário disponibilizado em Coutinho (2001, p. 96).

O instrumento de coleta de dados caracterizou-se pela entrevista estruturada e, segundo Lakatos e Marconi (1996), “o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”.

Para se chegar aos nomes das empresas que contribuíram com a pesquisa, utilizou-se a lista de expositores da MOVELSUL Brasil 2008, presente no *site* da feira, bem como o CD “Pólos Moveleiros: Bento Gonçalves-RS”, disponibilizado pelo *site* do Portal Moveleiro, que também contém uma listagem de indústrias moveleiras presentes no Rio Grande do Sul. Após essa fase, foram selecionadas algumas empresas que estão localizadas na cidade de Bento Gonçalves e em outros municípios da região, como Flores da Cunha. Em seguida, os *sites* de tais empresas foram analisados com o intuito de se observar aquelas que produzem móveis retilíneos residenciais, entre outros tipos, principalmente fabricados em madeira, o que definiu um total de doze indústrias para serem abordadas pela pesquisa de campo. Foram realizados contatos, tanto por telefone e por *e-mail*, quanto pessoalmente, com as seguintes indústrias: Única, Todeschini, Carraro, SCA, Bentec, Cinex, Bertolini, Cenci e Manfroi, de Bento Gonçalves; Resevila, Di Fratelli, Romanzza e Florense, de Flores da Cunha.

As empresas Bertolini, Cenci, Manfroi e Florense não demonstraram interesse em responder à pesquisa. Cabe destacar que a empresa Cinex fabrica produtos um pouco diferenciados das demais participantes, pois se referem a divisórias de ambientes, portas para móveis, entre outras peças, principalmente confeccionadas em alumínio e vidro.

Como mostra a tabela 1, em agosto de 2007, um piloto foi realizado com três indústrias de Bento Gonçalves a fim de se validar o roteiro de perguntas. Após a alteração ou a inclusão de questões no roteiro, esse foi novamente aplicado às mesmas empresas, em janeiro de 2008, mas principalmente focando nos itens modificados ou acrescentados. A empresa Carraro não demonstrou interesse em complementar as respostas dadas anteriormente. As seis outras empresas responderam ao roteiro atualizado. A obtenção das respostas ocorreu de maneiras diferentes: por entrevista pessoal à autora, degravada ou não, por *e-mail* ou por entrega das respostas em mãos, conforme data estabelecida. Aos entrevistados, foram solicitadas suas assinaturas que comprovariam o aceite de participação na pesquisa, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no Apêndice E. Dependendo do meio pelo qual se obteve as respostas, não foi possível colher a assinatura de todos os entrevistados, bem como alguns não quiseram assinar tal documento, mas aceitaram responder às perguntas.

Tabela 1 – Empresas Participantes da Pesquisa e algumas Particularidades

EMPRESAS PARTICIPANTES	CIDADE	PARTICIPANTES DO PILOTO	RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS	MEIO DE OBTENÇÃO DAS RESPOSTAS	TERMO ASSINADO	DATA
1. Única	Bento Gonçalves	Sim	Entrevistado A	Entrevista pessoal à autora	Sim	03/08/07

			Entrevistado B	<i>E-mail</i>	Não	17/01/08
2. Todeschini	Bento Gonçalves	Sim	Entrevistado C	Entrevista pessoal à autora, degravada	Sim	03/08/07
			Entrevistado D	Entrevista pessoal à autora	Sim	15/01/08
3. Carraro	Bento Gonçalves	Sim	Entrevistado E	<i>E-mail</i>	Não	01/08/07
4. SCA	Bento Gonçalves	Não	Entrevistado F	Em mãos	Sim	18/01/08
5. Bentec	Bento Gonçalves	Não	Entrevistado G	Em mãos	Não	18/01/08
6. Cinex	Bento Gonçalves	Não	Entrevistado H	<i>E-mail</i>	Sim (18/01/08)	28/02/08
			Entrevistado I	<i>E-mail</i>	Não	28/02/08
7. Di Fratelli	Flores da Cunha	Não	Entrevistado J	Entrevista pessoal à autora	Sim	16/01/08
8. Resevila	Flores da Cunha	Não	Entrevistado L	Entrevista pessoal á autora	Sim	16/01/08
9. Romanzza	Flores da Cunha	Não	Entrevistado M	<i>E-mail</i>	Não	21/02/08

Fonte: pesquisa de campo

2 Brasil: Cultura e Industrialização

No Brasil, em sua origem colonial, período situado no século XVI, alguns indivíduos da Europa, especificamente de Portugal, chegaram, em número reduzido, para explorar a área produtiva que o continente oferecia com o uso de mão-de-obra escrava, principalmente africana. Também provinham do exterior muitos recursos materiais. Assim, a colônia servia para enriquecer os que exploravam a atividade extrativa e a sua produção era destinada aos mercados externos. Em convivência com o português e o negro, havia ainda o índio nativo, o que resultou numa heterogeneidade, em que cada qual tinha um tipo de referência social.

2.1 Grupos Sociais: Pluralidade de Identidades

Conforme Ortiz (1986, p. 8), “a identidade nacional está profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro”. Portanto, a cultura brasileira decorre do sincretismo de diferentes manifestações identificadas como características brasileiras, mesmo sendo traduzidas como nacionais, têm peculiaridades regionais. Em diferentes momentos históricos, o Brasil é caracterizado pela pluralidade de identidades, formadas por diferentes grupos sociais, como se pode evidenciar a disparidade de aspectos regionais nas figuras 1, 2 e 3 (desenhos de Percy Lau), representados por costumes e tradições, como “gaúcho atirando o laço”; “vaqueiro do Nordeste com sua roupa de couro”; e “tipo de preta baiana, em trajes característicos e com seu tabuleiro”, respectivamente. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 60-61)



Figuras 1, 2 e 3: gaúcho, vaqueiro do nordeste e baiana, respectivamente. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 60-61)

As diferenças mais características, ligadas à diversidade de composição étnica, à variedade de meios físicos e a condições específicas de formação social, são as que se constatarem entre as populações do norte e do sul, e bastante acentuadas para se perceberem através de uma grande unidade de espírito e sentimentos. [...] O homem do norte é, com efeito, mais vibrátil, mais lírico e dramático; o do sul, mais comedido, mais positivo e realista; naquele, a preponderância de sensibilidade sobre a razão, o gosto da eloquência, dos gestos e atitudes ardentes; neste, um maior domínio dos nervos, uma sobriedade até a reserva, equilíbrio e moderação. O norte, escreve Jorge Amado, dando o seu depoimento sobre as duas populações, “parece muito mais lírico e misterioso; o sul, mais vertiginoso e progressista”. Mas, nessa paisagem humana em que avultam dois tipos tão nitidamente diferenciados – um, expansivo, inflamável, categórico nas afirmações, e o outro, retraído, prudente e conciliador –, destacam-se ainda novas diferenças, não só nas populações do centro-sul, mas entre estas e as do extremo sul, em que se elaborou um dos tipos mais característicos de nossa formação histórica e social. Embora tão próximos, o paulista, de uma discrição quase hostil, de tão reservada, com sua tendência à ação, empreendedor e tenaz; o mineiro, desconfiado até a dissimulação, prudente até o pessimismo, de um grande poder de plasticidade, de um claro bom-senso e de hábitos morigerados; e o carioca, com seu bom humor até a irreverência, seu senso do ridículo e seu gosto do bem-estar e dos prazeres da vida, se distinguem tão nitidamente que esses traços discriminativos já não passam despercebidos à observação superficial. De todos esses tipos sociais se diferencia, porém, o rio-grandense, o gaúcho propriamente dito, romântico e cavalheiresco, em que um vigoroso individualismo, o entusiasmo apaixonado e o ardor combativo se misturaram a uma sensibilidade afetiva e a uma natural generosidade para modelarem um tipo original, de acento áspero e rebelde, procedendo por contrastes de violência e de conciliações, de arrebatamentos autoritários e de sentimentalidade derramada, e amando tanto a arrogância dos gestos como a nobreza das atitudes. (AZEVEDO, 1996, p. 220-221)

De acordo com Escosteguy (2001, p. 139), tais identidades culturais resultam “de temas como identidade e cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade/pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo”, entre os mais importantes, sendo classe, raça, nação e gênero, consideradas “grandes identidades coletivas sociais”, segundo Stuart Hall, citado por Escosteguy (2001, p. 150). Alguns desses assuntos serão considerados a seguir.

2.1.1 Identidades Coletivas Sociais

O Brasil sofreu influências da civilização europeia durante o período em que foi colonizado, pois “a ‘superioridade’ [de tal] [...] civilização [...] [decorreu] das leis naturais que [orientaram] [...] a história dos povos”. Por isso que tal país faz parte do Terceiro Mundo, pois sempre conviveu em posição dominada diante do sistema internacional. A partir do momento em que a realidade nacional diferenciou-se da europeia, tem-se que ela adquiriu “novos contornos e peculiaridades”. Isto pode ser explicado por duas noções particulares que possibilitam o entendimento da especificidade social, as quais são o meio e a raça. (ORTIZ, 1986, p. 15)

O meio caracterizava-se por um país geograficamente diferente da região da Europa, onde a cultura europeia tinha dificuldades para se enraizar, as quais decorriam de fatores como diferenças de calor, umidade, entre outros. A compreensão da natureza e dos acidentes geográficos

esclarecia [...] os próprios fenômenos econômicos e políticos do país. Chegava-se, desta forma, a considerar o meio como o principal fator que teria influenciado a legislação industrial e o sistema de impostos, ou ainda que teria sido elemento determinante na criação de uma economia escravagista. (ORTIZ, 1986, p. 16)

Isso já demonstrava que o Brasil não poderia “ser mais uma ‘cópia’ da metrópole”. (ORTIZ, 1986, p. 16)

Já a problemática racial é mais abrangente, porque, conforme Ortiz (1986, p. 18), citando Sílvia Romero, é “a base fundamental de toda a história, de toda política, de toda estrutura social, de toda a vida estética e moral das nações’. A política de imigração desenvolvida no final do século [XIX] vem ainda reforçar a importância deste assunto”.

Segundo alguns intelectuais do século XIX, o Brasil da época colonial tornou-se um espaço de miscigenação entre o branco, o negro e o índio. O mestiço, então, passou a ser “mais do que uma realidade concreta”, o que exprimiu uma necessidade social, a qual caracterizou-se pela “elaboração de uma identidade nacional”. (ORTIZ, 1986, p. 20-21)

Seguindo o pensamento de Manuel Bonfim, ele considerou que a mistura racial foi “renovadora”, no sentido de que tenderia a reequilibrar os elementos negativos herdados do colonizador. Estes transmitiram qualidades nocivas que definiriam o caráter brasileiro, as quais são representadas pelo conservantismo e pela falta de espírito de observação. A primeira refere-se ao apego do colonizador às tradições, para que o mesmo possa assegurar o poder, e a segunda, à “incapacidade de se analisar e compreender a própria realidade brasileira”, o que levou, por exemplo, à conseqüente imitação do estrangeiro. Mas, segundo Ortiz (1986, p. 26),

não nos façamos porém grande ilusões. Dentro do pensamento positivista da época, Manuel Bonfim toma partido pelo progresso, isto é, pela civilização européia. O caráter “renovador” das culturas negra e índia não possui, como o da cultura portuguesa, as qualidades que possibilitam orientar o progresso no sentido da evolução da sociedade; entretanto tal afirmação se dá sem que se faça apelo às teorias racistas vigentes. Pelo contrário, todo o capítulo relativo ao cruzamento racial procura refutar tais teorias que predominavam junto à elite intelectual brasileira. Recusa-se dessa forma as qualidades de indolência, apatia, imprevidência atribuídas seja ao mestiço, seja aos negros ou índios.

Com a evolução histórica, a sociedade foi sofrendo transformações profundas, como passar “de uma economia escravista para outra de tipo capitalista, de uma organização monárquica para republicana, e que se busca, por exemplo, resolver o problema da mão-de-obra incentivando-se a imigração européia”. Outros fatores são considerados importantes, já nas primeiras décadas do século XX, como o processo de urbanização, o processo acelerado da industrialização, o desenvolvimento de uma classe média e o surgimento de um proletariado urbano. (ORTIZ, 1986, p. 38)

Conforme Ortiz (1986, p. 41), “a passagem do conceito de raça para o de cultura [...] [eliminou] uma série de dificuldades colocadas anteriormente a respeito da herança atávica do mestiço”, completando-se, então, de acordo com Gilberto Freyre,

os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Só que as condições sociais eram agora diferentes, a sociedade brasileira já não mais se encontrava num período de transição, os rumos do desenvolvimento eram claros e até um novo Estado procurava orientar essas mudanças.

Assim, a ideologia da mestiçagem difundiu-se “socialmente e se tornou senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional”. (ORTIZ, 1986, p. 41)

O que também se assistiu, nesse momento, foi uma transformação cultural profunda, pois se buscou “adequar as mentalidades às novas exigências de um Brasil ‘moderno’”. (ORTIZ, 1986, p. 43)

O mito das três raças fez com que os indivíduos da sociedade interpretassem as relações raciais que eles próprios vivenciavam, mas a construção de uma identidade nacional mestiça dificultou o discernimento entre as fronteiras da cor. Neste sentido, “o mito das três raças é [...] exemplar, ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais”. (ORTIZ, 1986, p. 44)

2.2 Desenvolvimento da Cultura Brasileira

Segundo Sodré (1999, p. 3-4), citando M. Rosental e P. Iudin, define-se cultura como o

conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história. A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem.

Durante os séculos XVI e XVII, a dificuldade de transmissão da cultura se deu pelo isolamento rural, pois existiam poucas cidades na época, caracterizadas por uma estrutura acanhada e por um desenvolvimento lento. Era nos latifúndios que a população concentrava-se, vivendo na dependência dos grandes proprietários de terras, e onde o artesanato desenvolvia-se.

As casas são rústicas, inclusive as dos senhores mais destacados, pesados os móveis, pobres as capelas, distinguindo-se apenas as fortificações. A casa típica, que marca a paisagem social, é a sede de engenho ou fazenda que, pelas dimensões enormes que suas múltiplas finalidades impõem, fica logo conhecida como *casa grande*; de “simplicidade rústica, de pedra e cal, com cobertura de palha ou de telha, e a varanda de tipo alentejano ou árabe”, apresentava “o aspecto de uma construção castrense”. A esse aspecto externo, acrescentava-se “a simplicidade rústica e a pobreza dos interiores”. Assim era em Pernambuco, mas também em São Paulo, onde, “as casas de pau-a-pique ou de taipa, de pedra e cal, cobertas a princípio de palha e, mais tarde, de telhas, quando esse tipo de cobertura já se havia difundido pelo litoral, são geralmente térreas”; os móveis são “simples e escassos”. (SODRÉ, 1999, p. 14)

Quanto à tarefa do ensino, esta se desenvolveu em dois planos, desempenhados pelas escolas de ler, escrever e contar, para crianças; e pelos colégios, para adolescentes. Nestes últimos, prevalecia o ensino jesuítico. Dessa forma, o primitivo sistema educacional destinava-se “a formar uma cultura básica, livre e desinteressada, sem preocupações profissionais”; ensino para poucos, difundido somente entre a elite colonial, além do desinteresse de muitos. Os homens de origem européia eram destinados a dirigir e a governar, pois demandavam conhecimentos. Já os negros e os índios eram considerados aptos apenas a desenvolver atividades físicas. Por esses e outros motivos, a cultura ainda não poderia ser considerada como “nacional”, mas começou a tomar forma a partir de uma nova orientação que se refletiu na literatura, nas artes, na técnica, na ciência e no pensamento. (AZEVEDO *apud* SODRÉ, 1999, p. 15)

As Ruínas de São Miguel Arcanjo, na figura 4, são exemplos de uma das várias missões espalhadas pelo território do Rio Grande do Sul, como também da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, as quais foram reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, em 1983. Esse conjunto missionário teve início em 1603. Conforme Campos (2007), nelas, “viveram milhares de índios guaranis catequizados [pelos padres jesuítas], num sistema de cooperação social que combinava o solidarismo e a reciprocidade da cultura guarani às inovações técnicas trazidas da Europa (como a escrita,

a imprensa e a metalurgia)”, além do “amplo projeto de conversão espiritual dos povos indígenas” pelos missionários.

Consta que a construção [da missão de São Miguel] foi iniciada em 1735 e encerrada dez anos depois, sob a condução do arquiteto italiano João Batista Primolli [...]. A igreja, toda em estilo renascentista, possui três naves [que tinham] [...] cinco altares dourados [...] cobertos de imagens de santos, em pedra e madeira, todas talhadas pelos próprios índios. (CHAGAS, 2002)



Figura 4: Ruínas de São Miguel Arcanjo. (CAMPOS, 2007)

Sobre manifestações artísticas que contribuíram de alguma forma para a construção de uma identidade nacional, têm-se a música e a dança, por exemplo. Além da música religiosa, mantida nas cerimônias de igreja e ligada à classe dominante, considerada por Azevedo (1996, p. 436) como a primeira manifestação da música artística brasileira, com Pe. José Maurício, surgiu, na segunda metade do século XVI, a música popular, de caráter indígena associado aos elementos culturais português e africano, com o predomínio das cantigas e dos batuques como constituintes das riquezas musicais brasileiras. (SODRÉ, 1999, p. 20-21)

Na primeira metade do século XVII, houve a construção da primeira cidade conforme traçado de um arquiteto, Pieter Post, a cidade de Mauricéia, mesmo que “à moda da Holanda”, numa ilha interligada por meio de uma ponte a Recife. Esse foi um período de manifestações holandesas no norte. (AZEVEDO, 1996, p. 427)

De acordo com Sodré (1999, p. 23-26), já no início da segunda metade do século XVIII, destacou-se o aparecimento da pequena burguesia, antes da burguesia propriamente dita. Tal camada contribuiu muito para o desenvolvimento intelectual da população, a qual formou o público para as artes, buscando a sua ascensão social diante de uma sociedade constituída por extremos, os senhores latifundiários e os escravos. Surgiu também, como uma nova atividade, a extração do ouro de mina, na região centro-sul, diferenciando-se da agricultura extensiva por não manter o trabalhador preso a um determinado local, como a produção de cana-de-açúcar já existente no nordeste. Quando se esgotava o veio aurífero,

os trabalhadores abandonavam tal lugar e passavam para outro. Como conseqüências da mineração, os indivíduos passaram a se realizar economicamente, o que provocou um crescimento demográfico considerável. Do aumento do poder aquisitivo, resultou o surgimento do mercado interno que, por sua vez, fez despontar a divisão do trabalho, aparecendo atividades de gêneros os mais variados e contribuindo também para o desenvolvimento do aparelho do Estado, ramificado “em milícias, órgãos de justiça, repartições fiscalizadoras e arrecadadoras, forças policiais e militares, hierarquia religiosa”. (SODRÉ, 1999, p. 26)

Em contrapartida, o ensino sofreu transformações que o impediram de se desenvolver devido à reforma pombalina, realizada pelo Marquês de Pombal, em 1759, que se caracterizou pela expulsão dos jesuítas, por conseqüência da crise política.

A reforme pombalina, [...] na segunda metade do século XVIII, teve um traço significativo: representou o ingresso do Estado na solução do problema; [...] a nova estrutura será mista, pertencendo um pouco à área privada, com outras Ordens nela concorrendo, e um pouco à área pública. [...] [As instituições] ocupa[m] as áreas mais desenvolvidas, no litoral, particularmente, e ainda no altiplano do interior mineiro. (SODRÉ, 1999, p. 28-29)

O ensino superior apareceu somente no fim da terceira década do século XIX. Mas, ainda na segunda metade do século XVIII, poucos eram os indivíduos que tinham o domínio do conhecimento especializado, principalmente os filhos-família (dos poderosos senhores) mantidos na Europa para estudos. Tais conhecimentos eram caracterizados por uma cultura humanística diferenciada dos problemas encontrados em seu ambiente de origem.

O que se destacou, entretanto, foi o plano relacionado às artes plásticas, essencialmente em Minas Gerais, onde se gerou uma arte com traços originais, como o barroco brasileiro, a partir do *rush* do ouro em Minas Gerais, de 1698 em diante (durante todo o período do século XVIII). Este movimento traduziu-se na torêutica, na escultura e na arquitetura religiosa, com os trabalhos excepcionais de artistas populares, como “Valentim da Fonseca e Silva – o grande Mestre Valentim – desenhista e entalhador; e Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho – artista plástico de mérito inconfundível”. (SODRÉ, 1999, p. 30)

Na terra das pedras preciosas – o maior centro mundial de produção do ouro na primeira metade do século XVIII, a ourivesaria, embora não tivesse tido o desenvolvimento que se podia esperar da abundância de metais preciosos que serviam de matéria aos artistas, foi uma das artes que mais floresceram apesar de todas as restrições opostas pela Metrôpole, preocupada exclusivamente com a arrecadação do ouro e a cunhagem das moedas. (AZEVEDO, 1996, p. 434)

Ainda conforme Sodré (1999, p. 30-31), tratando sobre o desenvolvimento peculiar de Minas Gerais, também surgiu um grupo de poetas, definida a qualificação do conjunto como “Escola Mineira”. “O documento político desses poetas são as *Cartas Chilenas*; o documento literário é a *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga”. Estes documentos

foram definidos como um “extraordinário avanço da expressão literária”, até aquele o momento.

Dessa forma, chegou ao Brasil, em 1808, afastando-se das guerras napoleônicas, a corte lusa do Príncipe D. João.

Conforme Azevedo (1996, p. 169),

ao processar-se, no tempo de D. João VI, o movimento de que resultou a independência da terra, proclamada em 1822 por D. Pedro I, pode-se dizer que o Brasil já estava unido e constituído. O fator moral da religião, o trabalho de penetração e infiltração do território, o contato e a mistura das populações a que deu lugar, a unidade fundamental de costumes e tradições, a unidade de língua que se estabeleceu e os conflitos com a Metrópole, haviam, de fato, plasmado, no solo conquistado e possuído em comum, todos esses elementos que constituem, ligando meios e tipos sociais diferentes, a solidariedade orgânica e moral de uma nação.

Segundo Sodré (1999, p. 32-33), quanto à classe culta, houve um interesse cada vez maior em se instruir, tanto da camada intermediária quanto, em parte, da classe dos senhores (“pelo menos como motivo de ostentação”), como “exigência utilitária ou como distinção de classe”. Com isso, houve um aumento de ministrantes de aulas. Generalizou-se o uso de instrumentos musicais, tais como o cravo e o piano, sendo este muito aprimorado, principalmente por mulheres da classe superior. Em torno de tais instrumentos, “desenvolviam-se as relações sociais nos interiores domésticos”. Como exemplo, na figura 5, tem-se o piano americano “de mesa [...] produzido pela fábrica norte-americana Galé e montado dentro de móvel construído em jacarandá-da-baía”. (BORGES, 2007, p. 71)



Figura 5: *Piano americano*; século XIX. (BORGES, 2007, p. 71)

O governo joanino também impulsionou a cultura no sentido de desenvolver levantamentos sobre as variedades de plantas e animais, dentro das ciências da natureza. Outras teorias surgiram em relação à etnologia, à geografia, à antropologia cultural, à economia, à climatologia e à engenharia, sendo esta última somente concretizada com a criação da

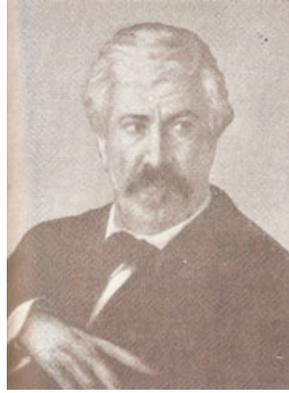
Escola de Engenharia de São Paulo, em 1893, quando houve uma maior exigência da sociedade por esse campo.

Com a abolição do regime da escravidão [em 1888] e o advento da República, em 1889, as novas instituições determinaram a expansão liberal do ensino geral ou comum, de grau primário, cuja história, tão apagada no Império, começa a desenvolver-se nos Estados, sob o influxo dos ideais democráticos, e se assinala não somente por um notável crescimento quantitativo como também pela introdução, no ensino elementar, de novas formas e novos métodos de educação. Se, por um lado, a maior difusão do ensino primário, confiado aos Estados pela Constituição de 91, foi um progresso sensível da evolução liberal e democrática, por outro lado, o governo federal, republicano, reservando-se o direito de legislar sobre o ensino secundário e superior enquanto abandonava aos Estados a educação popular, estabelecia nessa distribuição de funções uma hierarquia de valores, contrária aos ideais em nome dos quais se constituiu. Ao mesmo tempo, porém, que, partindo da periferia política e, sobretudo, de São Paulo, de Minas e do Distrito Federal, se intensificava esse movimento de reorganização do ensino geral pela base – estágio preparatório de uma democratização da cultura –, o ensino secundário que é também, pela sua natureza, de cultura geral, começava a perder lentamente, através de sucessivas reformas, o caráter de “ensino de classe”, que ainda subsistiu, no entanto, sem o mesmo vigor e sem o mesmo brilho, durante os 40 anos da primeira fase do período republicano. (AZEVEDO, 1996, p. 713-714)

A partir desse momento, ocorreu um “crescimento numérico das unidades escolares”. Mesmo assim, o analfabetismo ainda permaneceu presente entre a população. (AZEVEDO, 1996, p. 714-715)

Outras atividades destacadas nesse período foram as fundações de escolas de artes e de ofícios. Com elas, houve a contratação de mestres estrangeiros, como a missão artística francesa que constituiu o grupo da Academia de Belas Artes que só passou a funcionar em 1826. Mesmo assim, tanto as atividades científicas quanto as artísticas desenvolviam-se lentamente. (SODRÉ, 1999, p. 33-34)

Algumas personalidades gaúchas contribuíram com o desenvolvimento das artes e do ensino no Brasil, como Manuel de Araújo Porto Alegre, Barão de Santo Ângelo (Rio Pardo, Rio Grande do Sul, 29/11/1806 – Lisboa, 29/12/1879). Ele foi “poeta e pintor, professor e primeiro diretor brasileiro da Academia Imperial de Belas-Artes”, na figura 6, retrato de Pedro Américo, foto Carlos. Outra personalidade foi Rivadávia Correia (Rio Grande do Sul, 9/7/1860 – Petrópolis, Rio de Janeiro, 9/2/1920), “que promoveu a Lei Orgânica do ensino (decreto de 5 de abril de 1911), de um radicalismo sectário, refletindo a orientação positiva então dominante no Rio Grande do Sul”, na figura 7. (AZEVEDO, 1996, encartes entre p. 712-713 e entre p. 612-613, respectivamente)



Figuras 6 e 7: Manuel de Araújo Porto Alegre (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 712-713) e Rivadávia Correia (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 612-613), respectivamente.

Houve também a liberação da imprensa no país, em 1808, e com isso foi “lançado o primeiro jornal, impressos os primeiros livros, organizada a primeira biblioteca destinada ao público, criados os primeiros cursos superiores, principalmente aqueles destinados à formação de quadros militares”. Foi nesse meio que a população passou a difundir em impressos sua insatisfação em relação ao sistema colonial de dominação. O desenvolvimento da imprensa também fez florescer a literatura, com o Romantismo. (SODRÉ, 1999, p. 34-35)

Cantar ou descrever belezas naturais ou virtudes do indígena era, ao mesmo tempo, realizar a consagração do que era nosso, sem ferir as normas da classe dominante, sem lhe contestar a dominação. O indianismo, por isso mesmo, é antiluso e ensaia, com Alencar, a reação lingüística, inviável naquele tempo. Se as letras românticas chegam ao público, particularmente pela via do folhetim, adotam e alcançam sucesso ainda pela via do teatro, desde aquele que busca tocar as notas do sentimento, com os dramas, até o que busca tocar as notas do riso, com a comédia de costumes, em que encontra destacado lugar a obra de Martins Pena. (SODRÉ, 1999, p. 45-46)

Surgiu o jornalismo político, os cursos jurídicos e, por conseqüência desses, as Faculdades de Filosofia. Sobre aqueles que se formavam em Direito, não só exerciam a sua profissão, como também se dedicavam “às letras, ao jornalismo, à política, ao magistério, sem falar nas funções públicas”. Assim, no século XIX, padres e letrados ocuparam cargos políticos, acompanhados, à certa distância, pelos militares. Em tal século, ocorreram várias crises econômicas, como o declínio da mineração, e viu-se a ascensão da produção cafeeira. Foi nesse período também que as mulheres e os estudantes alcançaram mais liberdade social, formando o público que acompanhava as atividades culturais. Aos poucos, o clero foi afastando-se das áreas das letras e da política, até que desapareceu e distanciou os religiosos do povo. (SODRÉ, 1999, p. 38)

Ainda na segunda metade do século XIX, fatores como o crescimento da população, o aumento da produção cafeeira, a ampliação das linhas ferroviárias, demonstraram o

“avanço de uma economia que chegava ao limite, dentro da estrutura e do regime vigente”. (SODRÉ, 1999, p. 47-48)

Assim, na passagem do século XIX para o século XX, o Brasil era representado sob dois aspectos, sendo uma das faces voltada para o desenvolvimento do litoral, ainda ligada às influências do exterior; e a outra, relacionada à pureza original do interior, onde estava o Brasil verdadeiro. Depois de várias reformas impostas pela política, como a Religiosa, a Eleitoral, a Militar, a Abolição e a República, padeceu o marasmo sobre todos os campos da cultura.

Após a Primeira Guerra Mundial, esse período de transição cedeu lugar a novas forças que começavam a crescer tanto na área da cultura quanto na da política. Com o fim dessa Guerra, a industrialização pôde se desenvolver na área que antes era dominada pelas importações de produtos e, por conseqüência, os lucros começaram a ficar no Brasil. Na política, com os militares, contestava-se o dominante por intermédio do Tenentismo, enquanto que na cultura, com os artistas, principalmente os escritores, contestava-se o mesmo por meio do Modernismo. Esses movimentos representavam aspectos revolucionários, de busca pela mudança, provindos da burguesia, juntamente com a pequena burguesia e a classe proletária. (SODRÉ, 1999, p. 54-56)

Sobre o Modernismo, este movimento artístico teve seu momento expressivo na Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, realizado por “revolucionários nas artes, embora tão conservadores” como os demais tradicionalistas, implantando a multiplicidade de critérios e técnicas divergentes, na busca pelo terreno comum do entendimento. Como exemplos de representantes, têm-se, na pintura, Anita Malfati, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari; e na escultura, Victor Brecheret entre tantos outros. Também nesse período começou uma reação à arquitetura colonial, iniciada principalmente com Lúcio Costa, quando as construções passaram a ter formas mais simplificadas, com linhas retas e verticais, feitas em cimento armado. (AZEVEDO, 1996, p. 456-461)

Como quer que seja, uns e outros não somente desenvolveram um admirável esforço para simplificar as formas (processo de despojamento do supérfluo) e adaptar cada vez mais os elementos estruturais à sua função e os edifícios à sua destinação social (racionalismo), como também, orientando-se para a pesquisa da unidade ótica, conseguiram despertar o gosto dos conjuntos homogêneos, onde a casa e a paisagem, e, no interior, os menores detalhes (decoração, móveis, tapetes, cortinas), constituíssem um conjunto estritamente estabelecido. É, porém, com Oscar Niemeyer, os irmãos Roberto (Marcelo, Milton e Maurício), Rino Levi e Afonso E. Reidy que esse movimento não só se consolidou e se expandiu, como também, pelas obras que suscitou, de sentido profundamente renovador, pôde projetar a arquitetura brasileira no plano internacional. (AZEVEDO, 1996, p. 462)

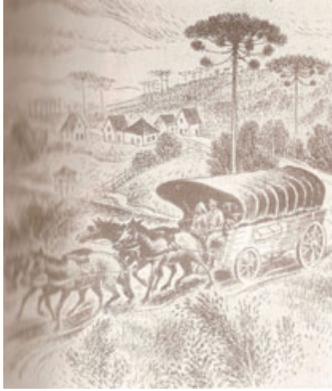
Tanto nas artes plásticas quanto no campo das letras, neste em menor proporção, evidenciou-se a mistura de influências externas e internas, mas essencialmente a busca pela originalidade da cultura brasileira. (SODRÉ, 1999, p. 56-59)

Com a Revolução de 1930, segundo Sodré (1999, p. 63), houve uma “aceleração no desenvolvimento das relações capitalistas e, conseqüentemente, no crescimento quantitativo e qualitativo da burguesia e do proletariado”, mas com muita desigualdade e lentidão ainda presentes no campo. Quando aconteceram os momentos “de desenvolvimento mais acelerado, [...] ocorreram as grandes entradas de imigrantes”, com suas influências dos países de origem. (SODRÉ, 1999, p. 67)

Mas é possível distinguir, na imigração brasileira, três fluxos, principalmente: o de 1888 a 1897, que assinala a liquidação do escravismo e o advento do cafezal do colono; o de 1906 a 1914, menos intenso e marcando novo lance da ascensão cafeeira na produção e na exportação, ampliando o mercado de trabalho e as trocas internas; e o de 1920 a 1930, encerrado com as conseqüências da crise mundial de 1929. No total, entraram no Brasil 4,5 milhões de pessoas, 34% de italianos, 30% de portugueses, 12% espanhóis. (SODRÉ, 1999, p. 67)

Conforme Azevedo (1996, p. 67-70), além das imigrações italiana, portuguesa e espanhola, citadas anteriormente, ainda houve as correntes imigratórias alemãs, como também a chegada de semitas, árabes, sírios, japoneses, franceses, belgas e poloneses. As figuras 8 e 9 exemplificam traços da colonização germânica no sul do Brasil, região esta formada pelos Estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, com “colonos utilizando-se de uma carreta, tipicamente européia, para sua locomoção”. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129, respectivamente)

A mistura ou caldeamento de raças heterogêneas, não antagônicas, é um fato normal, não só útil, mas indispensável à evolução étnica do povo brasileiro. Não é um problema, mas antes a solução natural, o cruzamento dos vários povos e nacionalidades que entraram na composição étnica do povo e que, sob esse aspecto, só viriam constituir problemas quando se manifestassem inassimiláveis, formando ou tendendo a formar colônias maciças, envolvendo para suas origens como quistos no organismo nacional. [...] Certamente, se não se podem determinar com precisão os elementos de cuja mistura, em cada uma das regiões, resultou o povo brasileiro e discernir com nitidez, nessa população, todas as diferenças étnicas, já se distingue no brasileiro – um mediterrâneo, de sangue misturado, na variedade de seus subtipos – um tipo nacional único a que imprimiram caracteres próprios, vigorosamente marcados, os agrupamentos primitivos, fundados sobre o parentesco material e desenvolvidos pela longa coabitação do mesmo território, pela comunidade de língua e pelas crenças comuns que se seguiram e caracterizaram a nossa civilização. (AZEVEDO, 1996, p. 69-71)



Figuras 8 e 9: traços da colonização germânica no sul do Brasil. (AZEVEDO, 1996, encartes entre p. 60-61 e entre p. 128-129, respectivamente)

E, dessa forma, “fundem-se povos de etnias e culturas diferentes e, na medida em que se reestratificam as populações, os imigrantes, a princípio deslocados, e seus descendentes aclimatam-se, tomam consciência de seus interesses e de sua força e fazem valer seus direitos”. (AZEVEDO, 1996, p. 185)

Paralelamente aos acontecimentos decorrentes do desenvolvimento capitalista, existiam as deformações representadas, por exemplo, pelo analfabetismo. O Estado tinha responsabilidade apenas com o ensino primário, hoje ensino fundamental, enquanto que o ensino médio ficou sob o comando das instituições privadas, as quais deram a tal ensino um caráter comercial, com conseqüente enfraquecimento da qualidade educacional, o que dificultou o acesso dos alunos ao ensino superior.

O surgimento das Universidades foi tardio, as quais foram criadas somente na primeira metade do século XX, prevalecendo ainda o ensino em favor das atividades profissionais mais tradicionais (advogados, médicos, dentistas, farmacêuticos). Mas a sociedade já sentia a necessidade e fazia novas exigências universitárias, isso como conseqüência da ampliação da divisão do trabalho. Logo, a proliferação dessas instituições, até mesmo com o aparecimento de algumas particulares, de custo muito caro, juntamente com ascensão capitalista, cedeu lugar àquelas fundamentadas em pesquisa científica e também àquelas de teor técnico e de aplicação prática, ligadas às indústrias e ao setor público.

Conforme Mota (2007), houve a existência efêmera de algumas universidades, como

a de Manaus, criada em 1909, no auge da prosperidade do ciclo da borracha e extinta, em 1926, com a decadência dessa atividade econômica; a de São Paulo, criada em 1911 e extinta em 1917; a do Paraná, criada em 1912 e extinta em 1915. Por fim, em 1920, quando o Rei Alberto da Bélgica se encontrava num navio a caminho do Brasil, para propiciar a concessão do título de Doutor Honoris Causa ao soberano, um decreto federal criou a Universidade do Rio de Janeiro¹, reunindo três escolas: Medicina, Direito e Politécnica.

¹ Esta, por sua vez, foi reorganizada em 1937, quando passou a ser chamada de Universidade do Brasil.

Porém, em que pesem as experiências anteriores, de fato, a primeira universidade brasileira a funcionar como tal foi a Universidade de São Paulo, instituída em 1934 enquanto projeto acadêmico e institucional completo.

Segundo Ortiz (1994, p. 38-42), a partir dos anos de 1940, por intermédio de uma sociedade urbano-industrial que começava a se formar, surgiu a cultura de massa, principalmente pela ascensão do rádio e do cinema e pelo aumento do mercado de publicações, como jornais, revistas e livros. A radionovela foi o principal produto popular em destaque na época.

Já nos anos de 1950, os intelectuais desse período insistiam sobretudo na idéia que a cultura significava um vir a ser, tudo aquilo que estava por ser feito, como também privilegiavam a ação social. Tais intelectuais também queriam demonstrar que o Brasil deveria estimular uma consciência nacional por meio do desenvolvimento.

A partir desse momento, a questão nacional impõe-se por intermédio, como exemplos, da reivindicação do cinema sobre a implantação de uma indústria cinematográfica nacional, a revalorização dos temas brasileiros pelo teatro, as tradições populares regionais sobressaíram-se, entre outras. Embora essas manifestações fossem simbólicas, elas recuperaram uma identidade nacional que se encontrava harmoniosamente fixada no nível do imaginário. Foi também nesse período que surgiram a televisão e a publicidade, e esta técnica desenvolvida precisamente para a promoção da venda dos produtos. Com a evolução, a televisão tornou-se, então, o gênero massivo mais importante, em nível de Brasil, com destaque para as telenovelas. Outras manifestações anunciaram a contemporaneidade, como a fundação do Museu de Arte de São Paulo (1947), do Museu de Arte Moderna de São Paulo (criação: 1948; inauguração: 1949), do Teatro Brasileiro de Comédia (1948), e da Bienal de Artes Plásticas de São Paulo (1951), como também da criação da Vera Cruz (indústria cinematográfica, em 1949). “Mas, sobretudo, esta contemporaneidade corresponde a mudanças importantes na esfera da cultura popular de massa”, tendo como exemplos, o 1º Encontro dos Empresários do Livro (1948); a fixação de normas-padrão para o funcionamento das agências de publicidade (1949); a criação da TV Tupi (1950); a introdução da fotonovela no Brasil (1951); a mudança no decreto sobre propaganda no rádio (1951); a criação da 1ª Escola de Propaganda (Cásper Líbero, 1951); a criação da TV Paulista (1952); a criação da TV Record (1953); o lançamento da revista *Manchete* (1953). Assim, os meios massivos acabaram unificando os padrões de consumo e proporcionaram uma visão nacional. (ORTIZ, 1994, p. 42-68)

Sobre o golpe militar de 1964, marco na história brasileira, diz Ortiz (1986, p. 80-81) que,

na verdade, o golpe possui um duplo significado: por um lado ele se define por sua dimensão essencialmente política, por outro aponta para transformações mais profundas que se realizam no nível da economia. Os economistas mostram que a partir do governo de Juscelino se instaura uma segunda revolução industrial no Brasil na medida em que o capitalismo atinge formas mais avançadas de produção. 64 é visto, tanto pelos economistas quanto pelos cientistas políticos, como momento de reorganização da própria economia

brasileira que cada vez mais se insere no processo de internacionalização do capital. O golpe militar tem evidentemente um sentido político, mas ele encobre também mudanças econômicas substanciais que orientam a sociedade brasileira na direção de um modelo de desenvolvimento capitalista bastante específico. Tal modelo, geralmente descrito através de seus traços genéricos, concentração de renda, crescimento do parque industrial, criação de um mercado interno que se contrapõe a um mercado exportador, desenvolvimento desigual das regiões, concentração da população em grandes centros urbanos, reorganiza a sociedade brasileira como um todo. O processo de 'modernização' adquire assim uma dimensão sem precedente.

Essas transformações atingiram também outras esferas governamentais, como a da cultura. "Pode-se afirmar que, no período em que a economia brasileira cria um mercado de bens materiais, tem-se que, de forma correlata, se desenvolve um mercado de bens simbólicos que diz respeito à área da cultura". Seguindo o pensamento do autor,

a noção de mercado simbólico emerge no momento em que a esfera cultural adquire uma autonomia em relação ao mundo material. Habermas vai localizar este momento no início da sociedade burguesa, quando os homens, individualizados e universalizados, trocam no mercado seus produtos materiais. No entanto, o que caracteriza o mercado cultural pós-64 é o seu volume e a sua dimensão. Nos anos 30 as produções culturais eram restritas e atingiam um número reduzido de pessoas. Hoje elas são cada vez mais diferenciadas e atingem um grande público consumidor; isto confere ao mercado cultural uma dimensão nacional que ele não possuía anteriormente. (ORTIZ, 1986, p. 81-82)

Durante o período de 1964 a 1980, ocorreu uma formidável expansão, em nível de produção, de distribuição e de consumo de bens culturais, inclusive com incentivo cultural, juntamente com o apoio subsidiado pelo Estado. Mesmo que este, segundo Ortiz (1994, p. 113-114), estivesse representado por uma política repressora e ditatorial, reorientou a economia, trazendo "conseqüências imediatas, pois, paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado interno de bens materiais, [...] [fortaleceu] o parque industrial de produção de cultura e o mercado de bens culturais".

Nesse momento, buscou-se a conservação do patrimônio para assegurar a perenidade da cultura brasileira, excepcionalmente com o auxílio do Estado. Mas, infelizmente, no período após 1979, ocorreu uma crise econômica no Brasil que comprometeu o desenvolvimento de uma política de cultura. Uma das saídas foi a implantação das ações comunitárias, principalmente junto às comunidades, visando a sua conscientização quanto à valorização do patrimônio cultural. Outro fato específico, exemplificado por Ortiz (1994, p. 125), foi o declínio de espectadores no cinema a partir da década de 1980, sofrido pela concorrência de outras formas de lazer, tais como "a televisão comercial, a cabo, e o videocassete, além de formas alternativas de lazer, representadas pelo turismo, pelos passeios, pelo automóvel", também quanto ao "preço das entradas, o fechamento dos cinemas de bairro, sua concentração nos centros urbanos em zonas servidas por uma maior estrutura de lazer, como restaurantes e shopping centers", etc.

Nos anos de 1970 e 1980, despontaram-se certos confrontos entre rural/urbano, popular/erudito, Europa-Estados Unidos/América Latina, universal/local, etc. Jesús Martín-Barbero, citado por Escosteguy (2001, p. 155), diz que

ao colocar as fronteiras desses termos em xeque, foi possível confrontar-se com outra *verdade cultural* desses países [da América Latina, como é o caso do Brasil]: a mestiçagem, que não é somente fenômeno racial do qual viemos, mas trama contemporânea de modernidade e descontinuidades culturais, de formações sociais e estruturas de sentimento, de memórias e imaginários que remexem o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo.

Mais especificamente durante a década de 1980, observou-se um deslocamento em direção à importância do mercado e seu poder na estruturação e constituição das identidades, desbancando a influência do Estado, destacada em outros períodos no processo de consumo. A noção de popular passou a ser visada com outra terminologia, centrada na ideia de consumidor-cidadão.

Conforme Escosteguy (2001, p. 142), “a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento”.

Assim, viu-se que os universos simbólicos ordenam a história dos homens, e essas manifestações caracterizam tanto a cultura brasileira quanto os próprios bens materiais produzidos em nível nacional, as quais sempre buscaram a autenticidade como elemento primordial de representação.

2.3 Códigos Culturais do Mobiliário no Brasil

Segundo Borges (2007, p. 16), o que se tem como registro sobre as moradias, por volta de 1500, quando os portugueses chegaram à nova terra, está descrito na carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel, o qual relatou que tais habitações “eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam”. Sobre a rede, o seu nome “foi adotado pelos portugueses pela semelhança às redes de pesca, mas os indígenas a chamavam de ‘ini’”.

Os primeiros portugueses que desembarcaram no Brasil acabavam por se utilizar dos equipamentos indígenas, pois não traziam muitos pertences. Além da rede,

outros equipamentos [foram] incorporados ao uso cotidiano, como as esteiras, muitas vezes feitas de folhas de palmeiras, que eram utilizadas como apoio às refeições, para o

descanso ou para o assento durante o trabalho; o jirau, espécie de cama suspensa, composto por estacas fincadas no chão sobre as quais se armava um trançado de palmeira ou couro de animal, onde se podia deitar. Estruturas elevadas do solo que serviam para acondicionar os utensílios da casa também eram denominadas jirau. (BORGES, 2007, p. 16-17)

Já no início do século XVII, os colonizadores trouxeram alguns baús, canastras, cadeiras e arcas. Estas últimas eram uns dos poucos móveis da casa, servindo “para guardar os pertences dos moradores, como roupas, louças e documentos”. (BORGES, 2007, p. 17)

Com o aumento do poder aquisitivo, os senhores de engenho, ligados à cana-de-açúcar, por exemplo, puderam investir nas sedes de suas fazendas, inclusive na aquisição de mobílias, as quais vinham da metrópole ou eram fabricadas por exímios artesãos portugueses. Sobre essa atividade desenvolvida na colônia, aliavam-se

os equipamentos e o modo de fazer indígena, a mão-de-obra escrava africana, as necessidades e os conhecimentos portugueses aos materiais existentes na terra. O resultado foi uma produção bastante híbrida e funcional, que supria as necessidades dos colonos, uma vez que o acesso aos móveis europeus continuava difícil e custoso para a maioria da população. [...] Inicialmente executados em canela, cedro e, depois, em vinhático, jacarandá e outras madeiras de lei, que variavam de acordo com a região em que eram produzidos, os móveis desse período se caracterizavam por serem reprodução de peças lusas, muitas delas com características do estilo **Manuelino**, geralmente “reproduzido em madeira mais grossa, em maiores proporções e mais rústico que seus modelos originais”. (CANTI *apud* BORGES, 2007, p. 17-18)

Surgiram também móveis derivados de modelos italianos e germânicos, como o *Escabelo* (pequeno banco), na figura 10.



Figura 10: *Escabelo*, século XVII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 26)

Cabe destacar o desenvolvimento da arquitetura, dentre outras áreas, em Minas Gerais, com traços originais representativos do barroco brasileiro, decorrente do *rush* do ouro nessa região que ocorreu de 1698 em diante e perdurou durante todo o século XVIII.

Retomando o assunto específico sobre Minas Gerais, introduzido no item 2.2, no qual mencionou-se sobre o barroco brasileiro, aqui particularmente sobre a arquitetura, de acordo com Roger Bastide, citado por Azevedo (1996, p. 430), “a hipertrofia da ornamentação interior em relação à parte arquitetônica [...] [ocorria porque] ‘a igreja só podia ornamentar-se à medida que as riquezas aumentavam; mas, como então o exterior já estava feito, o barroco só podia triunfar no interior’”, contrastando com a solidez rude das casas-grandes nos engenhos ou com os sobrados das cidades.

A austeridade arquitetônica das mansões coloniais, em que tão fielmente se exprimiu a simplicidade do meio social, corresponde ao seu interior, de salas amplas e hospitaleiras, de paredes nuas e de mobiliário pesado, que imprimem a todo o conjunto esse caráter sóbrio até a severidade e essa estabilidade tranqüila em que repousa o regime da família patriarcal. Na velha casa colonial cujas paredes raramente eram ornadas de quadros artísticos – o que já havia surpreendido os holandeses –, o mobiliário de luxo, trabalhado em Jacarandá ou em cedro, ainda no século XVIII quando começou a dominar o estilo D. João V, de influência francesa, mantém a robustez excessiva de carpintaria e a ornamentação vigorosa, exigidas pela solidez arquitetônica das habitações urbanas, de uma poderosa construção, em que a economia agrícola e a paisagem social fizeram prevalecer as grandes formas simples e em que o arcabouço vale mais do que a decoração. (AZEVEDO, 1996, p. 436)

Especificamente sobre o mobiliário, ainda na primeira metade do século XVIII, houve a

transição entre o estilo **Nacional-Português** e [...] [o] **Barroco**, [...] [este representado por] ricos entalhes, curvas, recortes e o uso de pintura com diversos motivos em armários, baús etc. No mesmo período, teve início em Portugal o estilo **D. João V**, que chegou à colônia com certo atraso e não teve grande aceitação entre os colonos. (BORGES, 2007, p. 18-19)

As figuras 11 e 12 são exemplos de móveis característicos do barroco mineiro, sendo o segundo acrescido de influências neoclássicas, além de ter superado a arca “devido às vantagens que suas amplas prateleiras internas apresentavam para a guarda de documentos, louças, objetos e, mais tarde, roupas. [Tal armário era] usado no século 17 nas igrejas e conventos, [e] no século 18 tornou-se comum nas casas”. (BORGES, 2007, p. 40)



Figuras 11 e 12: *Arca policromada* e *Armário*, respectivamente; século XVIII, Minas Gerais. (BORGES, 2007, p. 36 e 40, respectivamente)

Sobre a *Poltrona de couro com pregaria*, na figura 13, “é um exemplar do estilo Nacional-Português, de características austeras, com influência renascentista. A ornamentação no couro gravado do encosto é rica e identificada como indo-portuguesa”. Já as figuras 14 e 15, são exemplos de móveis no estilo D. João V. (BORGES, 2007, p. 33)



Figura 13: *Poltrona de couro com pregaria*, século XVIII. (BORGES, 2007, p. 33)



Figuras 14 e 15: *Poltrona D. João V* (BORGES, 2007, p. 34) e *Cama com cartela* (BORGES, 2007, p. 43), respectivamente; século XVIII, Brasil.

Ainda sobre aspectos característicos do barroco mineiro, o mobiliário nas residências era simples nas formas, sendo dobrável e desmontável para facilitar o transporte em função da constante troca de lugar que a extração do ouro exigia, ocupando pouco espaço nas viagens, como a *Cadeira de campanha*, na figura 16, dobrável e de execução popular. O exemplar *Arca-banco*, na figura 17, era para sacristia ou para alpendre. Outros exemplos são os bancos, principalmente usados pela população de baixa renda, os quais correspondem às figuras 18 e 19. O primeiro banco demonstra uma lição de simplicidade construtiva, pois os “quatro pés com inclinação de cavalete são encaixados diretamente na tábua horizontal cortada a enxó”. O segundo, *Banco Bandeirante*, possui um “inteligente sistema estrutural sem qualquer emenda aparente, denotando leveza, flexibilidade e

resistência”. Já os móveis das igrejas, como arcazes, armários e credencias, eram robustos e adornados com muito luxo. (BORGES, 2007, p. 52)

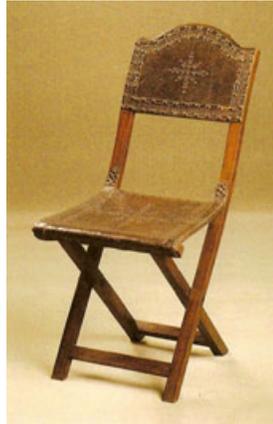


Figura 16: *Cadeira de campanha*, século XVIII, Atibaia, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 32)



Figura 17: *Arco-banco*, século XVIII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 35)



Figuras 18 e 19: *Banco* (BORGES, 2007, p. 52) e *Banco Bandeirante* (BORGES, 2007, p. 53), respectivamente; século XIX, sendo o primeiro de Ilhabela, São Paulo.

As casas abastadas receberam camas com ricos entalhes nas cabeceiras, preguiceiros, mesas, mesas de encostar e belos armários pintados. As madeiras mais utilizadas eram o

vinhático, o jacarandá-da-baía e a cabiúna. Esses móveis eram feitos sob encomenda, projetados por mestres portugueses e por seus aprendizes negros. (BORGES, 2007, p. 19)

Com a vinda da corte lusa do Príncipe D. João para o Brasil, em 1808, associada à abertura dos portos e à assinatura de tratados comerciais, conforme Santos (1995, p. 15-17), ocorreu uma diminuição das importações de peças portuguesas. Em contrapartida, houve um aumento da chegada de móveis dos mais variados estilos europeus, o que passou a influenciar a produção local com sua complexidade, além da busca em se desenvolver móveis industrializados.

Cabe destacar, ainda no século XIX, a importância dos Liceus de Artes e Ofícios, os quais, além de produzirem mobília em madeira, formavam artesãos qualificados.

Da segunda metade do século XVIII até o início do século XIX, surgiram os estilos D. José I e D. Maria I. O primeiro desenvolveu-se em Portugal e teve grande aceitação no Brasil. Exemplos desse estilo são representados pelas figuras 20 e 21, as quais apresentam móveis com suaves linhas sinuosas como referências do rococó francês. Já quanto ao estilo D. Maria I, este abrangeu a classe alta, representado na figura 22, onde o móvel possui características neoclássicas, como também na figura 23, com uma cama rústica do artesanato popular, de referências neoclássicas simplificadas.



Figuras 20 e 21: *Preguiceiro* (BORGES, 2007, p. 41) e *Mesa D. José I* (BORGES, 2007, p. 45), respectivamente; século XVIII, Brasil, sendo o primeiro da Bahia.



Figuras 22 e 23: *Mesa D. Maria I* (BORGES, 2007, p. 47) e *Cama rústica* (BORGES, 2007, p. 42), respectivamente; final do século XVIII, sendo o primeiro móvel da Bahia e o segundo de Ilhabela, São Paulo.

Importaram-se também outros móveis e, posteriormente, seus estilos foram copiados no Brasil. Alguns exemplos são os estilos vindos da França, como o Diretório e o Império. Este último está representado nas figuras 24 e 25. Esses móveis demonstram influências da Antiguidade clássica. Cabe destacar que, na segunda figura, encontra-se um exemplar que pertenceu à Imperatriz Teresa Cristina Maria. Já da Inglaterra, vieram os estilos Adam, Sheraton e Regência, os quais manifestaram-se no decorrer do século XIX. Exemplo do estilo Regência está representado na figura 26 pela *Cadeira de bordar*, cuja “estrutura traz referências do estilo Neoclássico inglês, Regência, [e] [...] seu assento baixo é adequado ao uso pelas bordadeiras”. Já a figura 27 exemplifica o estilo Sheraton (nome de seu criador), “uma adaptação do estilo Neoclássico inglês [...] que buscava simplicidade e praticidade”. (BORGES, 2007, p. 60 e 57, respectivamente)



Figuras 24 e 25: *Poltrona* (BORGES, 2007, p. 59) e *Cama Império* (BORGES, 2007, p. 63), respectivamente; século XIX, sendo o segundo móvel da cidade do Rio de Janeiro.



Figura 26: *Cadeira de bordar*, século XIX. (BORGES, 2007, p. 60)



Figura 27: *Canapé Sheraton brasileiro*, século XIX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 57)

Com as fundações de escolas de artes e de ofícios, houve a contratação de mestres estrangeiros, tendo como exemplo, a missão artística francesa, já citada no item 2.2. Essa missão francesa introduziu no Brasil o estilo Neoclássico, “em voga na Europa desde o final do século 18, o que transformou os exteriores e interiores das residências mais abastadas”. Tal estilo não foi muito difundido entre as camadas inferiores da população. Na mesma época, “em Pernambuco, surgiu um estilo de mobiliário com fortes influências brasileiras, que ficou conhecido como **Beranger** ou Pernambucano”, exemplificado nas figuras 28 e 29. (BORGES, 2007, p. 20)

O estilo Beranger ficou assim conhecido

por ter sido desenvolvido pelo marceneiro francês Julien Beranger, que em 1816 se radicou no Recife e teve seu trabalho continuado pelo filho Francisco, até 1857. Apesar da forte influência européia e de misturar elementos do Rococó e do estilo francês Império, cria uma linguagem própria pelo entalhe na madeira [...] com motivos ornamentais da fauna e da flora brasileiras e pelo uso da palhinha. (BORGES, 2007, p. 54)



Figuras 28 e 29: *Aparador* (BORGES, 2007, p. 54) e *Canapé Beranger* (BORGES, 2007, p. 55), respectivamente.

Ainda na segunda metade do século XIX, fatores como o crescimento da população, o aumento da produção cafeeira, a ampliação das linhas ferroviárias, favoreceram o avanço da economia, assunto já citado no item 2.2. Tais fatores, entre outros, contribuíram para o florescimento da produção moveleira no Brasil.

[Os] ambientes [...] apresentavam-se agora ricamente decorados – salas de jantar com suas mesas e cadeiras de espaldar alto, salas de visitas com canapés de palhinha e o piano para os sarais e encontros familiares. [...] A madeira, abundante no país, era a principal matéria-prima. Os avanços técnicos e científicos empreendidos durante o período da Revolução Industrial permitiram, nos anos de 1890, o surgimento da Companhia de Móveis Curvados que produzia, em larga escala, móveis que seguiam os modelos do austríaco **Michel Thonet** (1796-1871), que desenvolvera a técnica de vergar madeira maciça usando vapor, na década de 1830,

com um exemplar na figura 30. (BORGES, 2007, p. 21)



Figura 30: *Cadeira Thonet*, c. 1860. (BORGES, 2007, p. 61)

Conforme Borges (2007, p. 21), o que se destacou na passagem do século XIX para o século XX foi o movimento decorativo Art Nouveau, na arquitetura e nas artes plásticas, com um exemplo de mobiliário na figura 31.

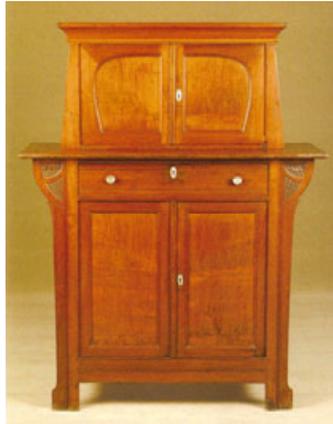


Figura 31: *Armário Art Nouveau*, século XX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 91)

Foi um marco de ruptura dos valores estéticos em voga até então, um passo para o movimento moderno. No Brasil, difundiu-se rapidamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, nas fachadas e interiores de edificações públicas e privadas. Com o surto da indústria da borracha, o Amazonas e o Pará também foram contagiados pelo Art Nouveau, importando materiais e modelos direto da Europa.

Os ambientes completaram-se de móveis, “a sala de recepção apresentava sofás e cadeiras estofadas; na sala de jantar, acompanhando a mesa de refeições estava a cristaleira, ostentando louças inglesas, enquanto diversos aparadores se espalhavam pelos cantos”. (BORGES, 2007, p. 21)

Durante o século 20, houve diversos estudos sobre o desenho e a funcionalidade do móvel. As preocupações com o desenho e a arquitetura passaram a influenciar a produção moveleira, a organização dos espaços e os programas das casas. O grande desafio da produção industrial era a criação de peças que fossem acessíveis ao grande público, logo deveriam ter seu custo reduzido. A cama patente (1915), projeto de Celso Martinez Carrera (1884-1955), de desenho simples, confeccionada em madeira vergada e produzida em larga escala, marcou o início deste século. (BORGES, 2007, p. 22)

A simplicidade de linhas da *Cama Patente* favoreceu a passagem da produção artesanal para a produção seriada. O projeto desse móvel, exemplificado na figura 32, foi “patenteado por seu criador e fabricante, precursor da produção moveleira seriada no país. [...] O design mostra influências dos móveis Thonet, da Áustria”. (BORGES, 2007, p. 93)

Pode-se

considerar o *design* desta cama, um verdadeiro manifesto a favor da modernidade e da funcionalidade no móvel, que trouxe alterações profundas em termos de projeto, da

execução, dos processos construtivos, da comercialização, do consumo e dos padrões do gosto no setor. (SANTOS, 1995, p. 33)



Figura 32: *Cama Patente*, c. 1915, Araraquara, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 92)

Já a empresa Cimo foi considerada a maior indústria de móveis da América Latina, representada na figura 33 por uma cadeira de escritório, onde a altura do assento é regulável. “Com uma linha diversificada, produzida em grande escala, [a empresa] controlava todo o processo, desde o plantio de árvores [...] até a entrega dos móveis”. (BORGES, 2007, p. 79)



Figura 33: *Cadeira Cimo*, c. 1920, Rio Negrinho, Santa Catarina. (BORGES, 2007, p. 79)

Um dos expoentes da modernização da cultura brasileira foi a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, no início dos anos de 1920. Mário de Andrade (1893-1945) pôs em prática os princípios desse movimento, colaborando, de maneira singular, com o móvel brasileiro. Mesmo com influências do Art Déco, prenunciou novos padrões estéticos para o mobiliário. Outros colaboradores, no mesmo período, foram Flávio de Rezende Carvalho (1899-1973), Gregori Warchavchik (1896-1972), Cassio M'Boi (1896-1986), Lasar Segall (1891-1957) e Theodor Heuberger (1898-1987).

Foram também momentos importantes, a fundação da Bauhaus, por Walter Gropius, na Alemanha, a qual “tinha por finalidade formar uma nova geração de arquitetos integrados com os modernos meios de produção, preparando profissionais capazes de imprimir qualidade estética e construtiva aos produtos industriais”; e o movimento Art Déco, na França, o qual “surgiu impulsionado pelos movimentos decorativos do início do século e pela indústria, combinando o uso de metal, madeira e couro”, com linhas puras e sem ornamentos, como mostra a poltrona, na figura 34, de John Graz (1891-1980), expoente de tal estilo, onde este móvel foi reeditado nos anos de 1980 com base num rascunho deixado por Graz. Todos esses marcos refletiram suas características nos produtos brasileiros. (BORGES, 2007, p. 22)



Figura 34: *Poltrona John Graz*, c. 1940, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 82)

Mas foi “a partir de 1930, com a emergência da arquitetura moderna [...], [que se] configurou [...] um conjunto de fatores que desempenhou importante papel no processo de modernização da mobília brasileira”, principalmente em nível de desenho, mesmo ainda com a predominância da produção artesanal. (SANTOS, 1995, p. 21)

Durante as Grandes Guerras, a produção nacional teve de ser incrementada, pois as importações ficaram prejudicadas, e foi só a partir dos anos de 1940 que puderam ser notados móveis com características brasileiras mais evidentes. Foi nessa década que os primeiros designers conferiram personalidade às peças criadas a partir de materiais nacionais e produção local. [...] Nos anos de 1950, o estímulo desenvolvimentista influenciou a produção moveleira e diversas indústrias foram criadas, principalmente em São Paulo. Desde então, esse ramo cresceu, conquistou um grande público e ramificou-se em diferentes segmentos que até a atualidade atendem desde às camadas populares, com preços acessíveis e em larga escala, até às abastadas, com peças exclusivas, assinadas por designers famosos, que se transformaram em espécies de obras de arte. (BORGES, 2007, p. 22)

A busca pela originalidade brasileira não quer dizer que o mobiliário deixou de receber influências externas, mas, a estas, associaram-se elementos nacionais, como

os tecidos, as fibras naturais e o uso de outros materiais da terra. Conseqüentemente, esses elementos acabaram amortecendo o reflexo da importação de idéias, trazendo maior autonomia para a produção do móvel e caracterizando obras significativas elaboradas dentro de um marco estilístico que respondeu mais adequadamente às nossas condições. (SANTOS, 1995, p. 22)

Conforme Santos (1995, p. 51), foi nesse período de 1930 a 1960 que partiu de São Paulo e do Rio de Janeiro a maioria das iniciativas modernas em relação ao mobiliário, bem como a implantação do desenho industrial no Brasil.

No Rio de Janeiro, como havia, em grande parte, investimentos em obras públicas, o que mais se desenvolveu foi a produção de móveis de escritório, bem como para o interior das residências projetadas pelos arquitetos locais. Essa geração de arquitetos, os quais fizeram trabalhos de design, era representada por Lucio Costa, líder do grupo, Affonso Reidy, Alcides da Rocha Miranda, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer. O primeiro e o último citados “fomentaram, sobremaneira, o surgimento do novo estilo de móveis, que se consolidou por completo nos anos 60, sendo, então, gradativamente absorvido pela indústria”. Esse estilo foi representado por exemplares modernos. Outros ainda foram Artur Lício Pontual (1935-1972), Carlos Benvenuto Fongaro (1915-1986), Joaquim Tenreiro (1906-1992; figura 35), Sérgio Roberto dos Santos Rodrigues (1927; figura 36), Sérgio Bernardes, Bernardo Figueiredo e Aida Boal (1930). (SANTOS, 1995, p. 52)



Figura 35: *Poltrona de embalo*, de Joaquim Tenreiro, c. 1947, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 83)



Figura 36: *Poltrona Mole*, de Sérgio Rodrigues, 1957, Curitiba, Paraná. (BORGES, 2007, p. 84)

Já em São Paulo, cidade reconhecida como o maior pólo industrial do Brasil, era onde se concentravam os recursos tecnológicos para a produção do móvel moderno. Além de Gregori Warchavchik como destaque dos anos de 1920, já citado, cabe assinalar, a partir de 1930, a contribuição de Oswaldo Arthur Bratke, João Batista Vilanova Artigas (1915-1985), Rino Levi (1901-1965) e Henrique Ephim Mindlin (1911-1971). Seguindo a carreira desses profissionais, surgiram Lívio Abramo (desenhista), Francisco Rebolo Gonsales (1903-1980), José Zanine Caldas (1919-1999; figura 37), Paulo Mendes da Rocha (1928; figura 38), entre outros. Houve também a atuação de “uma geração de arquitetos formados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo a partir de fins dos anos de 1950”, como Júlio Roberto Katinsky, Abrahão Sanovicz, entre outros profissionais que contribuíram para com o desenho industrial. (SANTOS, 1995, p. 72)



Figura 37: *Bar Z – 10-8*, de José Zanine Caldas, 1950, São José dos Campos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 94)



Figura 38: *Cadeira Paulistano*, de Paulo Mendes da Rocha, 1957, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 85)

A partir do final da década de 1940, houve uma preocupação maior em conjugar “o espírito moderno do despojamento e simplicidade ao uso de nossos materiais” e às condições de produção vigentes nessa época, tanto artesanal quanto semi-industrial ou industrial. Buscavam assegurar “ao móvel então produzido uma qualidade universal e artisticamente elaborada, o que alterou de maneira significativa o aspecto do mobiliário brasileiro”. Assim, buscou-se a utilização de formas orgânicas, ao contrário do período antecedente representado por aspectos mais estáticos, o que permitiu maior conforto e, conseqüentemente, melhor ajuste ao corpo do usuário. Também se acentuou o uso de fibras naturais e tecidos rústicos (lona, couro e chita, como exemplos), representantes dos materiais nativos, além de madeira compensada ao invés de maciça. Tais características refletiram-se nas obras de Joaquim Tenreiro, agora ainda mais envolvido com o móvel moderno, Lina Bo Bardi (1914-1992), Giancarlo Piretti e Bernard Rudofsky (1905-1988). Nota-se a presença de profissionais estrangeiros no Brasil que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento do mobiliário nacional. (SANTOS, 1995, p. 81)

Na década de 1950, segundo Santos (1995, p. 103), ocorreu a “consolidação e [a] diversificação do móvel moderno [...], chegando aos dias atuais”. A rápida industrialização, com a produção em série, juntamente com a ascensão dos meios de comunicação de massa

contribuíram para difundir [tal] [...] móvel [...], [como também] o uso dos novos materiais, a aceitação de novas formas, padrões e tendências na decoração dos interiores [...]. A produção em série e a comercialização através de canais de venda mais populares – como grandes magazines – foram fatores importantes para a legitimação e difusão do desenho moderno.

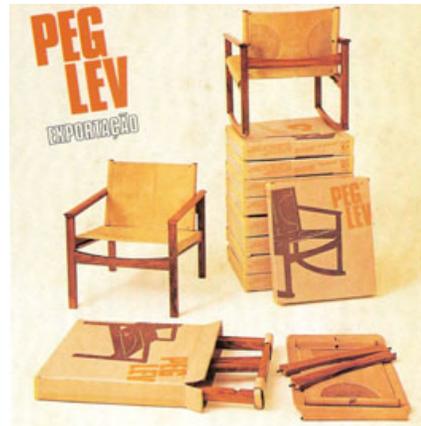
Sobre a variedade de materiais, passaram a ser produzidos móveis de plástico, cromados, além da utilização de materiais sintéticos. A partir desse momento, nas décadas de 1950 e 1960, começaram as preocupações com a preservação ambiental, com a modulação e com

a própria funcionalidade dos móveis. Mesmo assim, alguns profissionais ainda seguiram os padrões clássicos, tomando como modelo o trabalho de Joaquim Tenreiro.

A partir de 1960, especificamente, a efervescência da arte e da cultura brasileira, como consequência das mudanças de caráter político-social que ocorreram nessa década, refletiu-se também no mobiliário, mesmo que de forma sutil, a qual envolvia a questão nacional-popular.

Em nível de desenho industrial notamos maior ênfase no uso dos materiais brasileiros, maior preocupação com as formas do móvel vernacular do país e, no limite, a própria produção em série visava atender a um consumidor mais popular; enfim, o móvel se orientou por um certo “estilo nacional”. (SANTOS, 1995, p. 124)

Assim, o móvel enriqueceu-se “com os elementos nativos e, em consequência disso, produziu-se, em certos momentos de plenitude criadora, um móvel com formas originais, mais condizente com nossas condições e expressivo do caráter brasileiro”, o que o colocou em evidência diante do cenário internacional. Nessa fase, o trabalho mais significativo cabe a Sérgio Roberto dos Santos Rodrigues, agora ainda mais intenso em relação à questão do nacionalismo, seguido de Michel Arnoult (1922-2005; figuras 39 e 40), Norman Westwater e Abel de Barros Lima (Mobília Contemporânea), Carlo e Ernesto Hauner (Móveis Artesanal e Mobilínea), Karl Heinz Bergmiller (1928; Escriba), Geraldo de Barros (Hobjeto), Leo Seincman (1919; Probjeto), Ricardo Arrastia, José Serber (1933-1988), entre outros. (SANTOS, 1995, p. 124)



Figuras 39 e 40: *Cadeira Peg Lev*, de Michel Arnoult, 1968, da cidade de São Paulo (BORGES, 2007, p. 86); e *Catálogo Mobília Contemporânea*, de móveis vendidos desmontados (LEAL, 2002, p. 102); respectivamente.

Nos anos de 1970 e 1980,

a produção é eclética e apresenta várias vertentes: o móvel de autor, assinado, com canais de venda e faixa de clientela próprios; o móvel de massa, que inundou o mercado para consumo popular, sem preocupações com o *design*; o móvel reciclado, um certo *revival* da mobília do passado, em que cópias e obras verdadeiras coexistem em antiquários e lojas

de móveis usados, em geral. Além disso, devemos salientar uma categoria de móveis que cresceu significativamente no mercado nos anos 70, embora tenha sofrido certo desaquecimento na década de 80: os móveis institucionais, destinados principalmente a escritórios, lugares públicos, bibliotecas, auditórios, museus e hospitais. (SANTOS, 1995, p. 155)

Nesse meio, surgiu um grupo de arquitetos e designers representado por Adriana Adam (1946), Carlos Lichtenfels Motta (1952; figura 41), Freddy van Camp (1946), Fúlvio Nanni Júnior (1952-1995), Maurício dos Santos Azeredo (1948; figura 42), Oswaldo Mellone (1945), entre outros.



Figura 41: *Cadeira São Paulo*, de Carlos Motta, 1982, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 86)



Figura 42: *Banco Ressaquinha*, de Maurício Azeredo, 1988, Pirenópolis, Goiás. (BORGES, 2007, p. 89)

Para o final do século XX, surgiu uma geração de profissionais que passou a trabalhar

a partir do expressivo desenvolvimento tecnológico que [vinha] [...] afetando o *design* de mobília [...] em termos da matéria-prima, das técnicas para produção e das novas metodologias no âmbito do projeto, incluindo-se aqui as potencialidades trazidas pela informatização. (SANTOS, 1995, p. 168)

Nesse período, foram produzidas peças, tanto seriadas quanto únicas, com mistura de diversas matérias-primas ou de madeiras brasileiras, que estimularam o mercado do móvel contemporâneo. Cabe destacar a colaboração de Reno Bonzon (1954; figura 43), Claudia Moreira Salles (1956; figura 44), Etel Carmona (figura 45), Fernando Jaeger (1956), Luciano Devià, Marcelo Ferraz (1955; figura 46), Marcelo Suzuki (1956), entre tantos outros.



Figura 43: *Cadeira Gaivota*, de Reno Bonzon, 1988, Ubatuba, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 88)



Figura 44: *Carrinho de chá Nômade*, de Claudia Moreira Salles, 1993, Valinhos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 95)



Figura 45: *Cadeira Jecker*, de Etel Carmona. (FIORI, 2002)



Figura 46: *Cadeira Girafa*, de Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki, 1987. (BORGES, 2007, p. 87)

2.4 A Industrialização no Brasil

Conforme Niemeyer (1998, p. 48),

a produção de cultura material brasileira tem origem no artesanato indígena, cujo universo era limitado à cestaria, à cerâmica utilitária, à pintura corporal, à arte plumária e à utilização da madeira para um pequeno leque de aplicações (canoas, remos, arcos, flechas, bancos, esteios de ocas).

Já as atividades manufatureiras, representadas pelas “charqueadas, os curtumes, a cordaria, a cerâmica [...] e a construção naval”, eram restringidas pelo mercantilismo colonial imposto pelos ingleses. Tais produções atendiam somente às necessidades dos núcleos rurais, os quais forneciam a matéria para a “produção de tecidos, objetos de couro

e madeira, incluindo móveis e peças para equipamentos de trabalho”; e dos centros urbanos, realizadas em estabelecimentos manufatureiros. A indústria de ferro em Minas Gerais, por exemplo, mesmo sofrendo com a oposição oficial, desenvolvia-se em menor escala na “produção de pequenos instrumentos de trabalho e utensílios”, habilidade essa trazida pelos escravos. (NIEMEYER, 1998, p. 49)

Do século XVII ao século XVIII,

a ausência quase completa de indústrias, a rotina da monocultura e da exploração industrial do açúcar e o caráter elementar das atividades de comércio, não criando necessidades de especialização profissional, nem exigindo trabalho tecnológico de mais alto nível, contribuíram, como outros fatores, para desvalorizar as funções manuais e mecânicas, exercidas por artesãos, escravos e libertos. (AZEVEDO, 1996, p. 276)

A partir de 1808, conforme a Exposição dos 180 Anos da Indústria Brasileira (2007), houve a abertura dos portos às nações amigas para todos e para qualquer gênero, fazendas e mercadorias. Com o fim do Pacto Colonial, além da liberação da profissão de tipógrafo, também foi instituído um alvará que passou a admitir o estabelecimento de fábricas e manufaturas, anulando a legislação de 1785, promulgada por D. Maria I, a qual proibia a instalação de fábricas e ordenava o fechamento das existentes. Em 1809, houve a isenção de impostos alfandegários para matérias-primas destinadas a manufaturas. Mesmo assim, no século XIX, a indústria brasileira progredia lentamente, ainda baseada em moldes rudimentares. Dessa forma,

as atividades no campo industrial, [...] continuavam ainda reduzidas aos engenhos de açúcar, à extração do ouro, nas Minas Gerais, e a pequenas indústrias, com seus núcleos e concentrações de artífices. A indústria que repontara, com o apoio do braço escravo, no fabrico do açúcar, no século XVII, e na exploração do ouro, no século XVIII, empreendida em larga escala, mas segundo os velhos processos importados pelos portugueses, pode-se dizer que estava ainda, no século XIX, no período crepuscular, menos que na antemã, vegetando na rotina e na tradição. (AZEVEDO, 1996, p. 725)

Ainda segundo a Exposição dos 180 Anos da Indústria Brasileira (2007), outros poucos produtos explorados eram algodão, fumo, feijão, café, derivados do gado, como o couro, e madeira, esta para a construção e reparo de barcos. Nesse mesmo período inicial do século XIX, surgiram as primeiras siderúrgicas e as fábricas têxteis.

Sobre D. Pedro II, este

foi grande incentivador da adoção de inovações tecnológicas, independente do país que as elaborasse. Coube a ele trazer para o Brasil os selos postais e o telefone, por exemplo. Entusiasta, acreditava serem as feiras (nacionais ou internacionais) importante meio de divulgação da produção industrial brasileira. O catálogo da primeira feira de produtos industriais no Brasil, aberta em 1861 na Escola Central, expressa com precisão o desenvolvimento do país naquele momento. Ali estão máquinas, prensas, ornamentos em ferro fundido para acabamento arquitetônico, mobiliário doméstico e para escritórios, artigos

de couro, vidro e cerâmica, produtos têxteis, agrícolas e muitos outros, testemunhando o esforço do empresariado brasileiro em nos aproximar dos avanços tecnológicos dos países desenvolvidos. (180 ANOS DA INDÚSTRIA BRASILEIRA, 2007)

Uma “figura singular que, de 1850 a 1870, procurou por todas as formas inculcar no meio brasileiro um espírito industrial, promovendo a construção de estradas de ferro, portos, fábricas e estaleiros”, foi Visconde de Mauá (Arroio Grande, Rio Grande do Sul, 28/12/1813 – Petrópolis, Rio de Janeiro, 21/10/1889), na figura 47. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129)

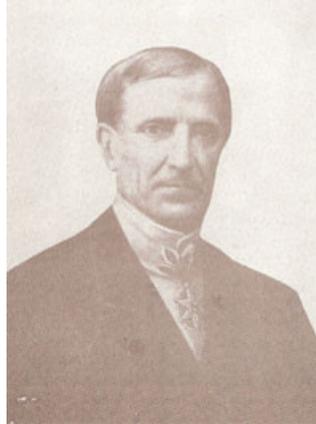


Figura 47: Visconde de Mauá, de origem sul-rio-grandense. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129)

Mas, segundo Azevedo (1996, p. 180),

o grande impulso que tomou a imigração mediterrânea; a prosperidade que se instalou no sul, com a monocultura latifundiária, baseada no trabalho livre, e permitiu a inversão de capitais brasileiros na indústria; o afluxo em maior escala, do capital estrangeiro, e as próprias crises do café, de que resultou, entre outros efeitos, o transbordamento, dos campos para as cidades, do excessit de colonos, tudo isto concorreu vigorosamente para determinar, a partir de 1920, o maior surto industrial que registra a história econômica do país. Transforma-se a fisionomia social no Rio de Janeiro, nos grandes centros do planalto e em algumas regiões do norte e do sul, em Pernambuco e no Rio Grande; e o desenvolvimento das indústrias, o progresso dos novos meios de transportes e os fenômenos de concentração urbana não só agem diretamente sobre os hábitos de vida, a mentalidade e a própria moralidade dos grupos, mas produzem um [sic] corrente econômica poderosa, geradora de um espírito de associação de que as comunidades urbanas, já mais condensadas e de vida mais intensa, não foram senão uma de suas múltiplas manifestações.

Tais transformações não fizeram com que o Brasil retomasse “as formas comunitárias dos tempos primitivos”, ao passo que a renovação da cultura, conforme Gilberto Freyre, passou a se caracterizar, ao mesmo tempo, de forma “personalista e socialista, universalista e regionalista”. (AZEVEDO, 1996, p. 746)

No início do século XX, de acordo com a Exposição dos 180 Anos da Indústria Brasileira (2007), foi registrada a existência de 200 fábricas têxteis (1913) e de 110 usinas hidrelétricas (1919), como o exemplo da barragem da Usina Hidrelétrica de Estreito, situada no Rio Grande, município de Pedregulho, divisa entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais, na figura 48. Também inaugurou-se a telefonia entre Rio de Janeiro e São Paulo (1915); mais siderúrgicas eram fundadas; foi inaugurado o Correio Aéreo Brasileiro (1920); fundação das primeiras rádios em Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, como também houve a instalação da Ford no Brasil, e com ela a primeira linha de montagem de veículos automotores da América Latina, na figura 49 (no início da década de 1920). Ainda foi registrada a existência de 47.956 km de estradas de rodagem (1926), com o exemplo da rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo e Belo Horizonte, em vista parcial, na figura 50; e via-se o progresso da aviação (1927). Em 1920, foi realizado um

recenseamento dos setores industriais mais importantes no país mostrando os seguintes percentuais: produtos alimentares (32,9); têxtil (27); roupas e calçados (8,2); química e farmácia (5,7); bebidas (4,7); fumo (3,6); metalurgia (3,4); minerais não metálicos (2,7); couros e peles (2,5); mobiliário (1,4); e edição e serviços (0,8).

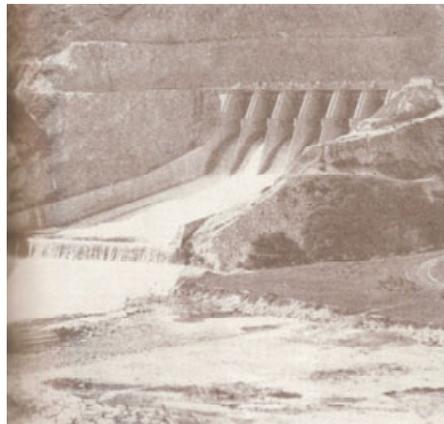


Figura 48: barragem da Usina Hidrelétrica de Estreito, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157)

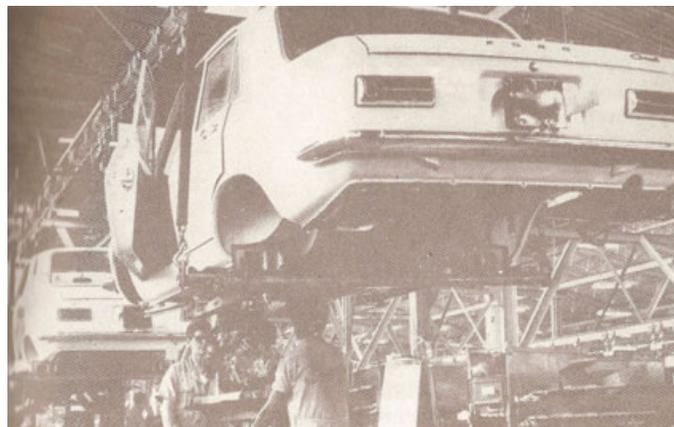


Figura 49: linha de montagem dos automóveis *Corcel* na fábrica Ford, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157)



Figura 50: rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo e Belo Horizonte, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157)

No decorrer das décadas de 1920 e 1930, a Inglaterra perdeu sua hegemonia para a Alemanha e os Estados Unidos. Este país, após a Segunda Guerra Mundial, passou a ter mais influência sobre o Brasil, na medida em que aumentou a “importação de produtos de consumo [bem como de técnicas e soluções, em geral, menos eficazes]. Com isso houve uma estagnação da indústria nacional”. (NIEMEYER, 1998, p. 52)

O Governo de Getúlio Vargas tomou diversas iniciativas no sentido de equipar o país com indústria de base, como a exploração de minérios, a fabricação de aviões e seus motores, entre outras. (180 ANOS DA INDÚSTRIA BRASILEIRA, 2007)

Em meados do século XX, viu-se o desenvolvimento de áreas industriais ligadas à produção, principalmente, dos meios de transporte, como o automóvel e o avião; das rodovias, as quais aproximaram cada vez mais as cidades; dos meios de comunicação; além da eletricidade e do aço. Tal desenvolvimento industrial teve como impulso o apoio do projeto governamental de Juscelino Kubitschek, em 1955, sendo

alguns de seus fundamentos o ingresso de capital estrangeiro e a importação de tecnologias. [...] O Estado atuaria economicamente (pela concessão de capital), politicamente (no plano ideológico) e culturalmente (no domínio da técnica e do conhecimento), criando condições para expansão da iniciativa privada. A intervenção governamental corresponderia a uma redistribuição de papéis, na qual a divisão adequada de tarefas favoreceria a cooperação e não a concorrência entre os setores privado e público. A emancipação econômica estaria atrelada à garantia da soberania nacional, dentro de um nacionalismo desenvolvimentista em que o país, alinhado ao bloco ocidental, encontraria, dentro da ordem, o caminho do progresso. (NIEMEYER, 1998, p. 52-53)

Assim, de acordo com Niemeyer (1998, p. 57),

nos anos 50-60, o Brasil passava por um período de transição no qual havia que se criar as condições sociais para que a indústria firmasse posição como um importante setor da economia, permitindo a modernização capitalista do país. Para isso, havia também a necessidade da afirmação de uma “unidade nacional” através da valorização de nossas fontes históricas, étnicas e culturais.

Foi nesse ambiente, de busca pela modernidade, pelo progresso e por um futuro melhor, que floresceu a produção industrial moveleira no Brasil, assunto desenvolvido a partir do capítulo 3.

2.5 Relação do Desenvolvimento Brasileiro com a Produção de Móveis

Todas as transformações, de cunho social, político, econômico, artístico e educacional, no decorrer de mais de cinco séculos, propiciaram o desenvolvimento brasileiro, mesmo entre influências externas negativas, que retardaram tal progresso em várias etapas da história; ou positivas, que orientaram a busca pelo original, pelo nacional. No Brasil, viu-se, em muitos momentos, desde o período colonial, com os portugueses, os escravos africanos e os índios nativos, até as várias levas de imigrantes que no país chegaram, a mistura de diversas raças, com suas peculiaridades correspondentes aos seus países de origem, mas, que, aos poucos, foram contribuindo para a formação de uma sociedade de caráter brasileiro.

Com o aparecimento da burguesia entre a elite e a pobreza, notou-se a ascensão das relações capitalistas, com o conseqüente aumento do poder aquisitivo e a valorização da instrução educacional e das artes, destacando-se também a evolução da arquitetura que, por sua vez, revelou maiores preocupações com o seu interior, principalmente, quanto ao mobiliário. Outros fatores são considerados importantes, já nas primeiras décadas do século XX, como o processo de urbanização e o surgimento de um proletariado urbano. Tais características contribuíram para o desenvolvimento da industrialização, ainda mais depois da Segunda Guerra Mundial, em diversas áreas, incluindo a produção moveleira.

Particularmente sobre o ensino, este promoveu, desde o século XIX, o surgimento das faculdades e, mais tarde, das universidades, as quais atingiram os conhecimentos ligados à prática e à técnica, possibilitando a criação de novos cursos, como o próprio Design, nas mais variadas regiões do Brasil, já em meados do século XX.

Quanto à cultura de massa, viu-se o desenvolvimento de meios e técnicas que contribuíram para a propagação de informações, costumes, modismos, entre outras características, que influenciaram a vida das pessoas nos quatro cantos do país. Por exemplo, a importância da

televisão, a qual tem como fator principal a divulgação da informação por intermédio da imagem, onde inclusive a publicidade passou a investir, promovendo produtos.

Dessa forma, foram abordados assuntos que contribuíram com o desenvolvimento brasileiro como um todo, particularmente sobre aqueles que incentivaram o progresso da industrialização e que, conseqüentemente, fizeram ascender a produção moveleira no Brasil.

Cabe destacar ainda que as imigrações decorrentes da Alemanha e da Itália, principalmente, que se instalaram no Rio Grande do Sul, fomentaram o desenvolvimento da industrialização na região e a produção de móveis, isso já no início do século XX. Nessa época, passaram a se sobressair algumas cidades da serra gaúcha, de colonização italiana, que, hoje, são consideradas pólos moveleiros do Brasil, com várias indústrias de renome, como é o caso de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. Essas cidades serão objetos do enfoque principal deste trabalho. Tais assuntos podem ser conferidos a partir do item 3.2.

3 O Design e a Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul

Neste capítulo, buscou-se destacar assuntos relacionados ao design e à indústria moveleira, partindo da caracterização da indústria de móveis no Brasil, para, então, explanar sobre o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul. Salientam-se as influências das colonizações alemã e italiana, a industrialização em si relacionada ainda ao design e ao comércio, a indústria moveleira, a institucionalização do design e os principais escritórios de design integrantes do cenário sul-rio-grandense.

3.1 A Indústria de Móveis no Brasil

Sobre a indústria de móveis no Brasil, foram abordados assuntos referentes às características gerais desse setor e aos panoramas internacional e do mercado brasileiro.

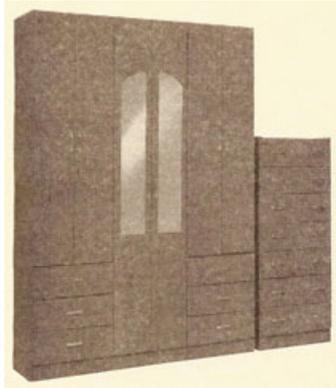
3.1.1 Características Gerais do Setor Moveleiro

De acordo com Gorini (2000, p. 14),

a indústria de móveis caracteriza-se pela reunião de diversos processos de produção, envolvendo diferentes matérias-primas e uma diversidade de produtos finais, e pode ser segmentada, principalmente, em função dos materiais com que os móveis são confeccionados (madeira, metal e outros), assim como de acordo com os usos a que são destinados (em especial, móveis para residência e para escritório). Além disso, devido a aspectos técnicos e mercadológicos, as empresas, em geral, são especializadas em um ou dois tipos de móveis, como, por exemplo, de cozinha e banheiro, estofados, entre outros.

Sobre os móveis de madeira, os quais representam a maioria da produção, podem ser segmentados em móveis retilíneos, com formas mais simples e lisas, confeccionados em aglomerados e/ou compensados, como ilustra a figura 51; e em móveis torneados, com formas retas associadas às curvilíneas e presença de detalhes, produzidos em madeira

maciça ou MDF (Medium Density Fiberboard / Painel de Fibras de Média Densidade), na figura 52; características correspondentes à década de 1990.



Figuras 51 e 52: móveis com design retilíneo, geralmente de aglomerado; e móveis de madeira maciça que misturam formas retas e torneadas; respectivamente. (GORINI, 2000, p. 15)

Alguns fatores que influenciam a demanda por móveis são, por exemplo, “o nível de renda da população, [...] o comportamento de alguns setores da economia [como a construção civil], [...] as mudanças no estilo de vida da população, os aspectos culturais, o ciclo de reposição, o investimento em marketing [...], entre outros”. (GORINI, 2000, p. 14)

Entre os fatores de competitividade da indústria de móveis, alguns serão tratados especificamente no item 3.1.3.3, como: tecnologia, “novas matérias-primas, design, especialização da produção, [e] estratégias comerciais e de distribuição [...]”. A dinâmica das inovações baseia-se, principalmente, naquelas que se referem ao produto, através do aprimoramento do design e da utilização de novos materiais”. (GORINI, 2000, p. 14)

3.1.2 Panorama Internacional

De acordo com Gorini (2000, p. 16), para incrementar a produtividade da indústria moveleira, como também para aumentar a flexibilização dos processos de produção, houve a introdução de novos equipamentos automatizados que proporcionaram uma diversificação de tipos de produtos. Esses passaram a ser fabricados em série, distanciando-se dos meios artesanais. Outro fator caracterizou-se pelo aumento de produtores de subsistemas para móveis, fornecedores de pequenas e médias empresas, que vendem suas peças para grandes indústrias, as quais são especializadas em desenvolver a produção final, como ocorre na Europa e nos Estados Unidos. Neste último país, por exemplo, “o mercado para componentes está em constante crescimento, cabendo destacar o expressivo incremento do consumo de molduras de madeira [figura 53]: de 1,3 milhão de m³ em 1990 para 2,6 milhões de m³ em 1996”. (GORINI, 2000, p. 21)

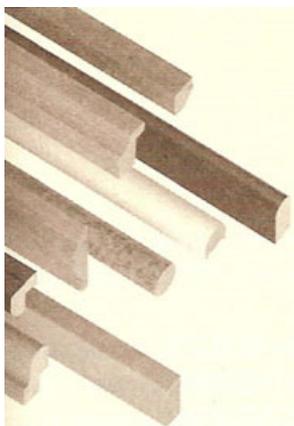


Figura 53: molduras de madeira. (GORINI, 2000, p. 21)

Quanto aos materiais, neste panorama, as indústrias têm buscado implementar matérias-primas na sua produção, como foi o caso do MDF, identificado na figura 54, e outros “materiais para revestimento e novas madeiras reflorestáveis”, como o pínus e o eucalipto. Com o proveito de tecnologias modernas, tem se eliminado a maioria dos empecilhos proporcionados por essas madeiras menos nobres, e as suas aplicações estão se tornando uma tendência, em função do estímulo pelo uso de madeiras de reflorestamento conseqüente da consciência ambiental atual. Sobre o eucalipto, por exemplo, esta madeira está sendo utilizada “em países como Nova Zelândia, Austrália, Chile, entre outros, para a confecção de móveis”. Já “na Malásia, Indonésia, Filipinas e Ceilão, [...] [começaram] a surgir móveis feitos de seringueira”. Tal variedade tem proporcionado a mistura de diferentes materiais num mesmo móvel, como ilustra a figura 55. Além da madeira, há o uso de metais, vidro, pedras e couro, o que barateia o custo final e mantém o nível de qualidade do móvel. É o que acontece com “o sofisticado design do móvel italiano”, o qual busca a distinção por meio da exclusividade. Como exemplo, a figura 56. (GORINI, 2000, p. 16)

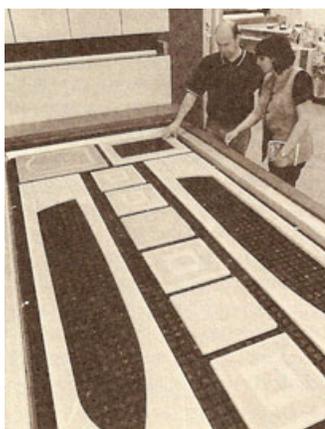
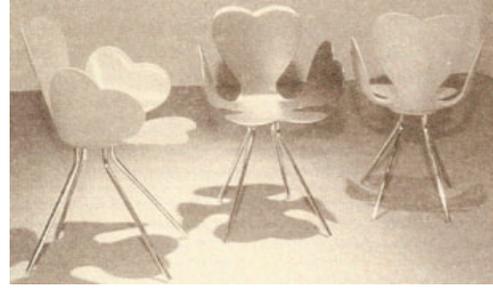


Figura 54: peças em MDF. (GORINI, 2000, p. 18)



Figuras 55 e 56: móvel italiano com combinação de diferentes materiais (GORINI, 2000, p. 28), e cadeiras com design italiano (GORINI, 2000, p. 18), respectivamente.

Sobre tais transformações, elas

tiveram grande influência sobre o mercado consumidor, colaborando para a sua expansão. A massificação do consumo ocorreu em muitos segmentos da indústria moveleira, especialmente no de móveis lineares (retilíneos) confeccionados a partir de painéis de madeira reconstituída, [...] [os quais] vêm perdendo a característica de bens duráveis,

à medida que os preços finais foram reduzidos, característica considerada “como um importante fator de competitividade no setor”. Outras transformações: mudança no estilo de vida da sociedade moderna, a qual busca maior funcionalidade e conforto; facilidades de montagem (exemplo na figura 5), em que o próprio usuário pode executá-la, barateando o custo do produto, como também do frete; e utilização de materiais ecologicamente corretos, como madeiras de reflorestamento. É o que ocorre nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. (GORINI, 2000, p. 16-17)



Figura 57: móveis desmontáveis. (GORINI, 2000, p. 18)

Já outros países, como Taiwan, especializaram-se

em segmentos do mercado [...] [como os de] móveis em metal, com maior valor agregado, em pequenos volumes e grande diversidade de estilos. Nesse segmento, a obtenção de patentes para novos estilos é mais fácil quando a comparação é feita com os móveis de madeira, que possuem maior número de estilos já patenteados. (GORINI, 2000, p. 17)

O maior produtor mundial de móveis é representado pelos Estados Unidos (31%), seguido pela Alemanha (12%) e Itália (10%), dados de 1996. “Os mercados consumidores mais importantes também se concentram nos países desenvolvidos, cabendo destacar Estados Unidos, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Japão e Espanha, responsáveis por mais de 80% do consumo mundial”, conforme a tabela 2. (GORINI, 2000, p. 19)

Quanto à produção da União Européia, “Alemanha, Itália, França e Reino Unido [na figura 58] respondem por mais de 70% do valor total”. (GORINI, 2000, p. 24)

Tabela 2 – Principais Países Produtores e Consumidores de Móveis / 1996

PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES E CONSUMIDORES DE MÓVEIS – 1996					
PAÍS	CONSUMO APARENTE (US\$ Milhões)	%	PRODUÇÃO (US\$ Milhões)	%	
Estados Unidos	58.739	37,7	48.660	31,2	
Alemanha	19.177	12,3	18.414	11,8	
França	12.112	7,8	7.502	4,8	
Itália	11.921	7,7	16.368	10,5	
Reino Unido	10.052	6,5	7.502	4,8	
Japão	6.927	4,4	-	-	
Espanha	6.559	4,2	4.092	2,6	
Subtotal	125.487	80,6	102.538	65,8	
Outros	30.242	19,4	53.191	34,2	
Total	155.729	100,0	155.729	100,0	

Fonte: STCP/Stagliorio, UNSO/ITC; ITTO/ITC, Internet: www.ib.br/furniture-eu/statistics/eu-stat.htm.
Elaboração: BNDES

Fonte: GORINI, 2000, p. 20 (grifo nosso)

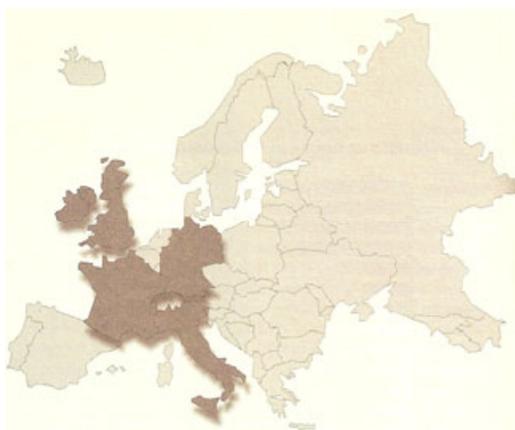


Figura 58: em destaque, os seguintes países: Alemanha, Itália, França e Reino Unido. (GORINI, 2000, p. 24)

Sobre as exportações mundiais de móveis, Itália, Alemanha e Estados Unidos somavam, em 1995, mais de 40% do mercado, como pode ser observado na tabela 3. A Itália é o maior país exportador, “que exibe o menor grau de dependência em relação ao comércio exterior de móveis, sendo competitiva em todos os segmentos desse mercado, [...] [e] seu grande sucesso deve-se ao design, [...] à qualidade de seus móveis [e] [...] ao preço

competitivo de seus produtos”. Nota-se a concentração do mercado exterior de móveis nos países desenvolvidos. Como conseqüência do “déficit crescente no comércio exterior de muitos desses países [...], tem [se] aberto um espaço significativo para a penetração das exportações dos países em desenvolvimento, [...] como China, Taiwan, Malásia, México e Indonésia”, os quais somaram 15% das exportações, como também o próprio Brasil passou a ingressar nesse mercado, com 0,8%, dados de 1995. (GORINI, 2000, p. 29)

Tabela 3 – Evolução das Exportações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/95

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE MÓVEIS SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES – 1993/95						
(Em US\$ Milhões)						
PAÍSES	1993	%	1994	%	1995	%
Itália	5.797	17	6.735	20	8.366	21
Alemanha	4.090	12	4.356	13	4.882	12
Estados Unidos	3.309	10	3.729	11	3.806	9
Canadá	1.693	5	2.180	6	2.620	7
Dinamarca	1.599	5	1.786	5	2.160	5
França	1.649	5	1.808	5	2.080	5
China	1.083	3	1.496	4	1.765	4
Taiwan	1.840	5	1.800	5	1.764	4
Bélgica	1.409	4	1.499	4	1.622	4
Suécia	850	2	1.014	3	1.391	3
Subtotal: 10 Maiores	23.319	68	26.403	77	30.456	76
Polónia	581	2	895	3	1.338	3
Reino Unido	916	3	1.109	3	1.338	3
Espanha	553	2	729	2	1.036	3
Países Baixos	877	3	878	3	959	2
Malásia	566	2	769	2	916	2
México	659	2	851	2	897	2
Indonésia	676	2	784	2	866	2
Áustria	651	2	715	2	817	2
Suíça	629	2	646	2	778	2
Hong Kong	569	2	709	2	770	2
TOTAL	29.996	87	34.488	100	40.171	100

Fontes: Csil - Centre for Industrial Studies (Milano), em Abimóvel, e Consultoria Jaakko Poyry.

Fonte: GORINI, 2000, p. 30 (grifo nosso)

Até 1980, os países em desenvolvimento apenas forneciam madeira bruta para os desenvolvidos, ocorrendo, assim, o mercado internacional de produtos acabados somente entre estes últimos. A partir de então, aqueles países investiram na sua produção para competir no comércio mundial, por meio de produtos com valor agregado, ou seja, móveis finalizados. Como exemplo, tem-se o caso de Taiwan, país que “apresenta uma estrutura produtiva apoiada em [...] matérias-primas [...] [como o] metal”, com exemplo de móvel na figura 59. “Entre os principais produtos comercializados internacionalmente, destacam-se cadeiras e mesas para escritório”, na figura 60. (GORINI, 2000, p. 33)



Figuras 59 e 60: móvel de Taiwan desenvolvido em metal, e cadeiras e mesas para escritório, respectivamente. (GORINI, 2000, p. 33)

Quanto às importações, Estados Unidos, Alemanha, Japão, França e Reino Unido somam mais de 60%, como mostra a tabela 4.

Tabela 4 – Evolução das Importações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/96

EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE MÓVEIS SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES – 1993/96 (Em US\$ Milhões)								
PAÍSES	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%
Estados Unidos	6.905	23	8.290	24	9.128	23	10.200	24
Alemanha	5.007	17	5.715	16	6.584	17	6.846	16
Japão	1.933	7	2.677	8	3.155	8	3.453	8
França	2.474	8	2.738	8	3.206	8	3.378	8
Reino Unido	1.614	5	1.746	5	1.915	5	2.209	5
Canadá	1.740	6	1.912	5	1.985	5	1.951	5
Bélgica	1.340	5	1.546	4	1.776	5	1.859	4
Países Baixos	1.458	5	1.611	5	1.738	4	1.841	4
Suíça	1.386	5	1.544	4	1.857	5	1.826	4
Austria	1.100	4	1.245	4	1.455	4	1.596	4
Subtotal: 10 Maiores	24.957	84	29.024	83	32.799	83	35.159	83
Federação Russa	451	2	997	3	1.157	3	1.244	3
Hong Kong	791	3	967	3	997	3	1.055	2
Suécia	617	2	764	2	850	2	751	2
Itália	537	2	582	2	699	2	740	2
Noruega	447	2	506	1	611	2	651	2
Espanha	436	1	509	1	555	1	630	1
México	446	2	613	2	449	1	582	1
Cingapura	287	1	370	1	447	1	512	1
Dinamarca	294	1	359	1	443	1	473	1
Austrália	280	1	346	1	370	1	423	1
Total	29.543	100	35.037	100	39.377	100	42.220	100

Fontes: Csil - Centre for Industrial Studies (Milano), em Abimóvel, e Consultoria Jaakko Poyry.

Fonte: GORINI, 2000, p. 31 (grifo nosso)

No que se refere aos tipos de móveis comercializados, em média mais de 30% do valor das importações mundiais são assentos e cadeiras, ficando o restante para móveis diversos.

Ademais, a participação dos móveis de madeira gira em torno de 40% do total das importações, móveis de metal 8%, móveis de plástico 1% e móveis de outras matérias-primas 3%. Cabe destacar, ainda, que partes de madeira e outras matérias-primas têm um peso significativo: em torno de 9% do total das importações. (GORINI, 2000, p. 32)

“No caso do Japão, destacam-se as importações de móveis de outras matérias-primas, como bambu, vime e junco”, com um exemplo de móvel importado na figura 61. (GORINI, 2000, p. 33)



Figura 61: móvel em materiais diversos importado pelo Japão. (GORINI, 2000, p. 33)

Nos últimos dez anos, de acordo com IEMI (2006a, p. 13-17), a indústria moveleira passou por grandes transformações, com “crescimento anual médio de 9%”. Cabe destacar os Estados Unidos, onde a produção de 31,2% passou para 21,3%; o consumo de 37,7% para 28,6%; a exportação de 9% para 3,6%; e a importação de 24% para 28,6%. Já a China tornou-se “o maior fornecedor do mercado americano”, onde a exportação passou de 4% para 16,8%, assumindo o primeiro lugar no ranking dos principais países exportadores de móveis, desbancando a Itália para o segundo lugar. O Brasil tem como produção 2,3%, consumo 2%, exportação 1,2% e importação 0,2% (em 2005). Os exemplos dados podem ser verificados na comparação das tabelas 2, 3 e 4, de 1995/1996, com as tabelas 5 e 6, de 2005, a seguir, quanto à produção e ao consumo, e quanto à importação e à exportação mundial do mobiliário, respectivamente. Há também o mapa, figura 62, que “ilustra a concentração da produção nas diferentes regiões do planeta”. O gráfico 1 mostra “o ranking dos principais exportadores mundiais de móveis”.

Tabela 5 – Produção e Consumo Mundial de Móveis em 2005

Produção e consumo mundial de móveis em 2005 (US\$ milhões)
Global production and consumption of furniture in 2005 (US\$ million)

Regiões/principais países produtores <i>Main producing regions/countries</i>	Produção (US\$ milhões)	Part. %	Consumo (US\$ milhões)	Part. %
	<i>Production (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>	<i>Consumption (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>
Europa / Europe	104.639	38,8%	103.912	38,0%
União Européia / European Union	102.628	38,0%	99.579	36,4%
Noruega e Suíça / Norway and Switzerland	2.011	0,7%	4.333	1,6%
Leste Europeu e Rússia / Eastern Europe and Russia	6.150	2,3%	6.390	2,3%
Ásia e Pacífico / Asia and Pacific	75.764	28,1%	60.445	22,1%
China / China	37.965	14,1%	24.993	9,1%
Japão / Japan	12.356	4,6%	15.511	5,7%
Outros / Others	25.443	9,4%	19.941	7,3%
Oriente Médio e África / Middle East and Africa	3.448	1,3%	4.336	1,6%
América do Norte / North America	72.191	26,7%	91.383	33,4%
Estados Unidos / United States	57.371	21,3%	78.243	28,6%
Canadá / Canada	11.723	4,3%	10.784	3,9%
México / Mexico	3.097	1,2%	2.356	0,9%
América do Sul / South America	7.800	2,9%	6.918	2,5%
Brasil / Brazil	6.314	2,3%	5.474	2,0%
Outros / Others	1.486	0,6%	1.444	0,5%
Total / Total	269.992	100,0%	273.384	100,0%

Fonte: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI - Source: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 14 (grifo nosso)

Tabela 6 – Importação e Exportação Mundial de Mobiliário em 2005

Importação e exportação mundial de mobiliário em 2005 (US\$ milhões)
Global imports and exports of furniture in 2005 (US\$ million)

Regiões/principais países produtores <i>Main producing regions/countries</i>	Importação (US\$ milhões)	Part. %	Exportação (US\$ milhões)	Part. %
	<i>Imports (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>	<i>Exports (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>
Europa / Europe	42.649	50,8%	43.376	54,2%
União Européia / European Union	39.335	46,9%	42.384	52,9%
Noruega e Suíça / Norway and Switzerland	3.313	4,0%	992	1,2%
Leste Europeu e Rússia / Eastern Europe and Russia	2.623	3,1%	2.383	3,0%
Ásia e Pacífico / Asia and Pacific	8.927	10,6%	23.793	29,7%
China / China	479	0,6%	13.451	16,8%
Japão / Japan	3.660	4,4%	506	0,6%
Outros / Others	4.788	5,7%	9.836	12,3%
Oriente Médio e África / Middle East and Africa	1.673	2,0%	785	1,0%
América do Norte / North America	27.771	33,1%	8.579	10,7%
Estados Unidos / United States	23.765	28,3%	2.893	3,6%
Canadá / Canada	3.478	4,1%	4.417	5,5%
México / Mexico	528	0,6%	1.269	1,6%
América do Sul / South America	270	0,3%	1.152	1,4%
Brasil / Brazil	154	0,2%	994	1,2%
Outros / Others	116	0,1%	158	0,2%
Total / Total⁽¹⁾	83.912	100,0%	80.068	100,0%

Fonte: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI
Nota: (1) Não inclui colchões.

Source: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI
Note: (1) Does not include mattresses.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 16 (grifo nosso)

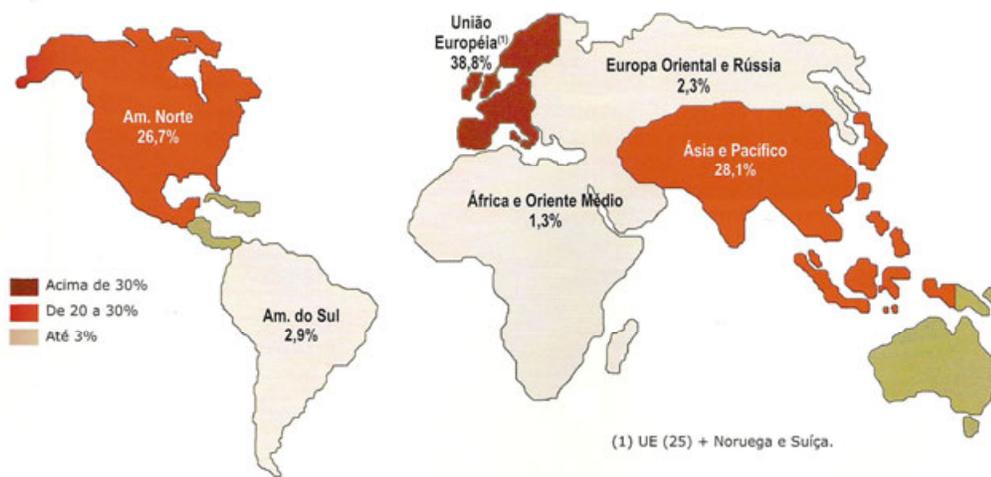
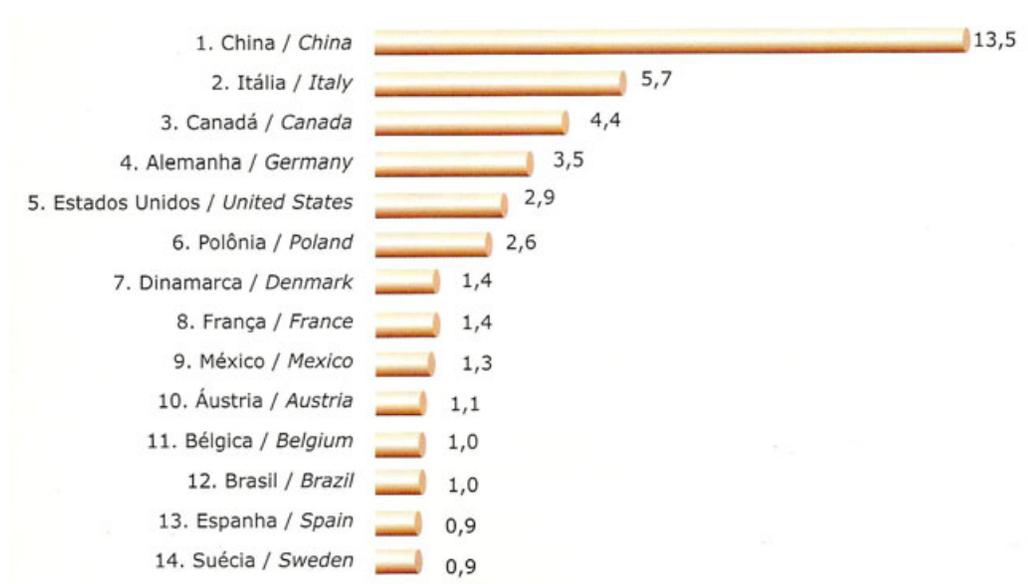


Figura 62: concentração da produção em diferentes regiões do planeta. (IEMI, 2006a, p. 13)

Gráfico 1 – Ranking dos Principais Exportadores Mundiais de Móveis



Fonte: IEMI, 2006a, p. 17

No caso dos Estados Unidos, tal país exporta pouco, já que produz

internamente pouco para os padrões de consumo local (apesar de ainda serem o país de maior produção, em todo o mundo). Com a globalização, grandes empresas americanas, decidiram transferir suas fábricas para países que oferecessem custos menores de produção. No caso particular da indústria do mobiliário, áreas que reunissem o fácil acesso às matérias-primas (principalmente a madeira), e baixos custos de mão-de-obra. (IEMI, 2006a, p. 22)

Quanto à União Européia, quando somados os 25 países que a compõem,

supera os EUA e se qualifica como maior mercado produtor, consumidor, importador e exportador do mundo. Sua participação vai de 37% do consumo mundial, a 38% da produção, 47% das importações e 53% das exportações. É hoje, portanto, o maior palco do mercado moveleiro mundial [como foi observado nas tabelas 5 e 6]. (IEMI, 2006a, p. 26)

Já o mercado da América do Sul, resume-se ao mercado brasileiro, que é representante de “cerca de 81% da produção sul americana, 57% das importações, 86% das exportações e 79% do consumo”. (IEMI, 2006a, p. 30)

3.1.3 Panorama do Mercado Brasileiro

Segundo Alievi e Vargas (2002, p. 178-180), o desenvolvimento da indústria de móveis no Brasil ocorreu de acordo com as oscilações da economia brasileira, passando por momentos de “excepcional crescimento [...] [ou] de acentuada retração em termos de produção e emprego”. Entre as décadas de 1920 e 1940, “o crescimento do setor foi significativo, particularmente no segmento de móveis de madeira”; quando também houve um aumento do número de pessoal ocupado de 270%. A partir da década de 1970, o setor moveleiro “passou por um importante ciclo de modernização impulsionado pelo crescimento acelerado do mercado interno”, além de “um aumento considerável no emprego industrial”, “apesar da redução significativa no número de estabelecimentos”. Somente após o desenvolvimento interno, houve a busca pelas vendas no mercado externo, iniciada na década de 1980. Nesse período, mesmo com a revolução na microeletrônica, apenas algumas empresas líderes do setor de móveis puderam adquirir máquinas com CNC (Controlador Numérico Computadorizado), pelo menos para algumas etapas do processo produtivo, pois, com a contração do mercado interno, as empresas brasileiras não tinham capacidade de investimento. Mas, a partir da década de 1990, ocorreu o “processo de modernização do setor moveleiro no Brasil”, como consequência da “busca de novos canais de comercialização no mercado externo, aliada ao processo de abertura da economia brasileira”. Tais características implicaram “mudanças significativas tanto na estrutura produtiva, como nas estratégias de inovação adotadas em diferentes segmentos da indústria nacional, [...] [cabendo destacar] uma redução significativa nos custos de importação de bens de capital que incentivou a gradativa substituição da produção doméstica de máquinas e equipamentos”.

No Brasil, ainda há um contraste entre a maioria de indústrias “desatualizadas tecnologicamente e com baixa produtividade” e a minoria com máquinas de alta tecnologia, geralmente importadas da Itália e da Alemanha. Mas lentamente esse perfil vem mudando ao longo dos anos, principalmente a partir da década de 1990. (GORINI, 2000, p. 34)

A pesquisa realizada pelo IEMI (2006a, p. 48) revela que

o parque de máquinas utilizado pela indústria do mobiliário pode ser considerado como bastante novo pelos padrões internacionais, já que a idade média dos equipamentos é de

8,4 anos, inferior aos da Itália (com média de 12 anos) e Estados Unidos (9,6 anos), mas inferior ao da indústria chinesa de Guangdong, onde a idade média é 7,5 anos,

como mostra a tabela 7.

Tabela 7 – Parque de Máquinas Instalado / 2005

Parque de máquinas instalado - 2005 <i>Installed machine park - 2005</i>						
Máquinas instaladas <i>Machines installed</i>	Total (2005) <i>Total (2005)</i>	Distribuição das máquinas por faixa de idade <i>Distribution of machines by age bracket</i>				
		Até 2 anos <i>Up to 2 years</i>	3 a 5 anos <i>3 to 5 years</i>	6 a 10 anos <i>6 to 10 years</i>	10 a 15 anos <i>10 to 15 years</i>	+ de 15 anos <i>+ than 15 years</i>
Serrar / Saw						
Destopadeira / Buzz saw	3.674	7,2%	35,1%	32,7%	14,4%	10,6%
Serra circular / Circular saw	12.632	3,7%	25,5%	39,0%	15,6%	16,3%
Seccionador / Panel saw	1.379	13,0%	35,5%	34,8%	8,7%	8,0%
Esquadrejadeira / Sliding table saw	8.972	4,9%	25,3%	37,7%	19,8%	12,3%
Perfiladeira esquadrejadeira <i>Sliding table shaper saw</i>	1.073	15,3%	21,6%	36,0%	18,0%	9,0%
Serra de fita / Band saw	9.458	1,7%	20,4%	34,3%	21,5%	22,1%
Outras de serrar / Other saws	1.946	13,1%	35,2%	24,6%	20,5%	6,6%
Lixar / Sand						
Lixadeira de cinta/banda larga <i>Wide belt sander</i>	9.259	5,9%	33,9%	37,6%	11,7%	11,0%
Lixadeira de bordas / Edge sander	3.143	7,1%	43,2%	32,8%	12,0%	4,9%
Lixadeira calibradora / Calibrating sander	625	5,9%	44,1%	32,4%	11,8%	5,9%
Outras lixadeiras / Other sanders	6.461	24,3%	38,0%	21,1%	13,4%	3,3%
Fazer espigas/ranhuras/fresas/etc – Makes spikes/grooves/angles/etc						
Respigadeira / Router	2.419	3,3%	27,3%	41,3%	19,0%	9,1%
Tupia / Shaper	10.699	4,5%	26,5%	36,4%	17,9%	14,7%
CNC / CNC	710	13,7%	34,3%	31,4%	17,6%	2,9%
Perfiladeira / Sliding table shaper	610	0,0%	43,1%	21,6%	23,5%	11,8%
Desengrossadeira / Planer	7.206	2,8%	22,1%	37,6%	17,4%	20,2%
Desempenadeira / Trowel	8.323	2,0%	19,3%	38,1%	18,0%	22,5%
Plaina 4 faces / 4 side planer	1.909	11,2%	32,0%	34,9%	17,2%	4,7%
Outras máquinas / Other machines	995	22,2%	18,5%	38,9%	5,6%	14,8%
Colar / Glue						
Coladeira de bordas / Edge gluer	2.114	13,7%	36,6%	34,6%	7,2%	7,8%
Outras de colar / Other gluers	502	18,2%	41,8%	29,1%	7,3%	3,6%
Furar / Drill						
Furadeira múltipla / Multiple drill	4.422	13,2%	34,5%	39,0%	6,6%	6,6%
Outras furadeira / Other drills	13.368	7,9%	29,6%	29,2%	18,5%	14,8%
Montar / Assemble						
Mesa/prensa de montagem <i>Assembly table/press</i>	7.759	8,8%	24,9%	38,3%	14,7%	13,1%
Outros tipos / Other types	2.694	15,5%	23,3%	40,1%	12,9%	8,2%
Outras / Others						
Diversas / Diverse	9.898	8,4%	29,2%	37,7%	12,3%	12,4%
Total de máquinas / Total machines	132.253	8,4%	29,2%	35,5%	14,6%	12,2%

Fonte: IEMI - Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 48

Outro fator pode ser representado pela “elevada verticalização da produção doméstica”, em função de existirem poucas empresas que produzem “partes, componentes e produtos semi-acabados para móveis”, o que aumenta os custos industriais. (GORINI, 2000, p. 34)

Cabe destacar ainda a grande informalidade existente no país, [...] [o que] gera ineficiência em toda a cadeia industrial, dificultando, por exemplo, a introdução de normas técnicas que

atuariam na padronização dos móveis, assim como das suas partes e componentes intermediários. (GORINI, 2000, p. 34)

Algumas dificuldades, exemplificadas a seguir, impedem uma maior “difusão de novas matérias-primas, [...] como as madeiras reflorestáveis, em que o país teria grandes vantagens competitivas pela dimensão das florestas plantadas”:

- a) fácil acesso às florestas nativas;
- b) carência de fornecedores experientes no plantio especializado, assim como no processamento primário e secundário da madeira (essas últimas etapas exigem elevados investimentos na secagem e corte);
- c) baixos investimentos no projeto e no design moveleiro, gerando pequena demanda da indústria por novos materiais;
- d) inexistente interação da indústria moveleira com o consumidor final, prejudicando a identificação de novas tendências de mercado. (GORINI, 2000, p. 34)

Sobre as madeiras de eucalipto e de pínus (como as espécies *Eucalyptus grandis* e *Eucalyptus cloeziana*, *Pinus taeda* e *Pinus elliotti*, boas para produção de móveis, conforme IBAMA e UNB, 2007, e MARTO, 2006, respectivamente), essas ainda encontram empecilhos para serem adotadas no setor moveleiro, no que se refere ao seu plantio e processamento, mas há uma busca permanente pela inclusão, cada vez mais significativa, dessas madeiras na indústria moveleira. Já o MDF, o qual passou a ser produzido no Brasil desde 1997, tem alcançado a maior parte do mercado, principalmente as grandes empresas, pois oferece vantagens como a “queda dos índices de refugo; da frequência e custo de manutenção; menores custos de transporte, decorrentes do menor peso do produto final; além do aumento da velocidade operacional”. (GORINI, 2000, p. 35)

Esses investimentos em matérias-primas têm, por conseqüências, o aumento da produtividade e da qualidade do produto final, bem como a redução do preço do mesmo frente ao consumidor. “A distribuição e a assistência técnica são áreas que também podem melhorar muito no Brasil”. (GORINI, 2000, p. 35)

A figura 63, a seguir, “resume a estrutura da cadeia produtiva da indústria de móveis no Brasil”. (IEMI, 2006a, p. 32)

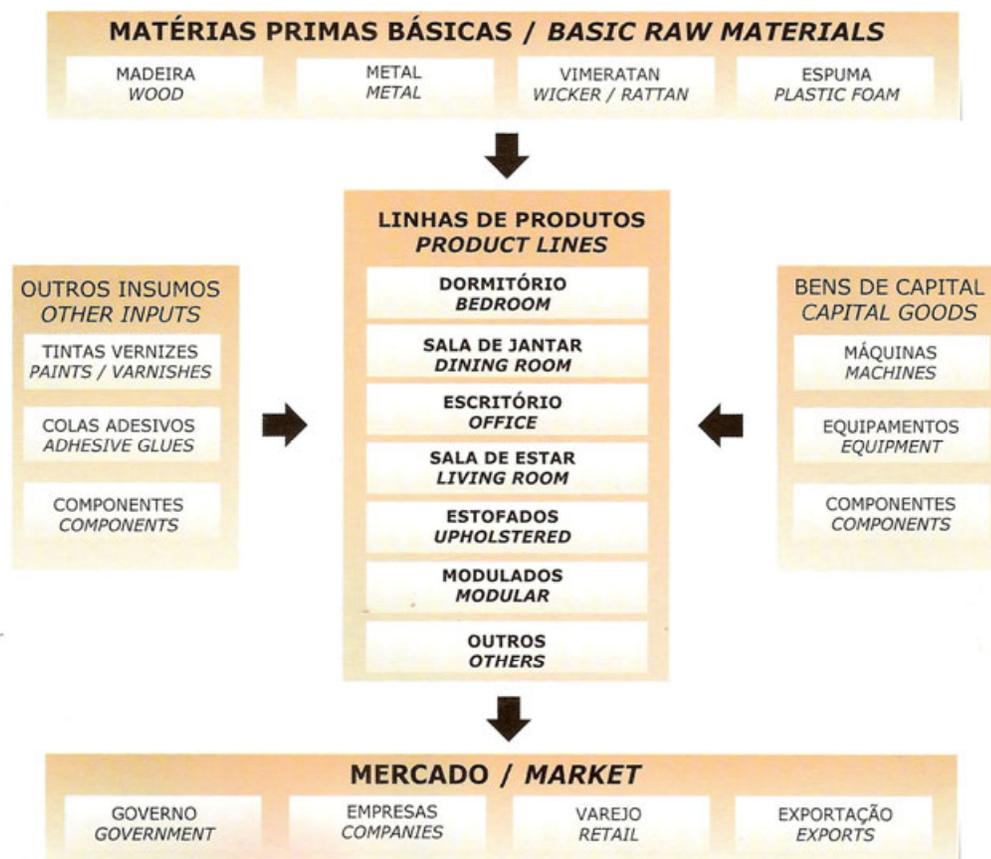


Figura 63: estrutura da cadeia produtiva da indústria moveleira no Brasil. (IEMI, 2006a, p. 32)

Sobre a distribuição, os principais canais correspondem às lojas especializadas e às lojas de departamentos, conforme IEMI (2006a, p. 56), na tabela 8.

Tabela 8 – Canais de Distribuição por Tipo de Móvel

Canais de distribuição por tipo de móvel <i>Channels of distribution by furniture type</i>				
Canais de distribuição <i>Channels of distribution</i>	Por tipo de móvel / By type of furniture			
	Residenciais <i>Home</i>	Escritórios <i>Office</i>	Total Móveis <i>Total Furniture</i>	Colchões <i>Mattresses</i>
Lojas especializadas <i>Specialized stores</i>	31,4%	37,6%	33,0%	33,4%
Lojas de departamento <i>Department stores</i>	31,8%	30,9%	30,1%	40,4%
Na fábrica (sob desenho) <i>In-Factory (by design)</i>	11,3%	6,4%	10,6%	2,4%
Lojas próprias/franquias <i>Own/franchised stores</i>	4,8%	8,1%	4,7%	1,9%
Atacado / Wholesale	1,9%	3,9%	2,9%	4,2%
Mercado Corporativo/Governamental <i>Corporate/Government Market</i>	1,9%	0,6%	1,9%	0,1%
Hipermercados <i>Hypermarkets</i>	1,1%	0,3%	1,0%	-
Outros mercados internos <i>Other domestic markets</i>	0,3%	1,4%	0,6%	-
Educação / Education	0,3%	0,3%	0,4%	0,2%
Exportação / Exports	15,2%	10,5%	14,8	17,4%
Total / Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

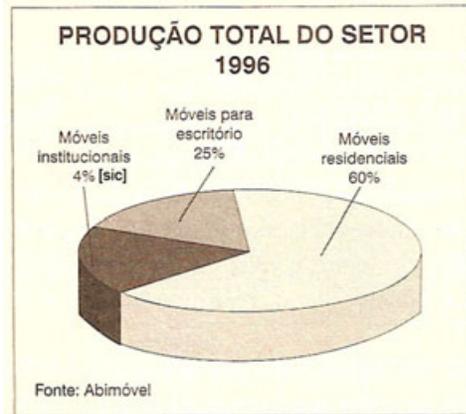
Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 56 (grifo nosso)

3.1.3.1 Produção, consumo e emprego no Brasil

Quanto à industrialização moveleira no Brasil, os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul (mais dados sobre este Estado podem ser verificados nos itens 3.1.3.2 e 3.6), Santa Catarina e Paraná, são responsáveis por 82% da produção, sendo “São Paulo e Rio Grande do Sul, segundo a ABIMÓVEL [Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário], responsáveis, respectivamente, por 42% e 18%”. Do total da produção, os móveis residenciais são os mais fabricados (60%), seguidos dos móveis para escritório (25%) e móveis institucionais (15%), estes “para escolas, consultórios médicos, hospitais, restaurantes, hotéis e similares”, conforme o gráfico 2. (GORINI, 2000, p. 36)

Gráfico 2 – Produção Total do Setor / 1996



Fonte: GORINI, 2000, p. 37

Sobre o porte das indústrias brasileiras, a classificação ocorre

em função do número de empregados, considerando como base a Lei 7.256 de 1984, utilizada pelo SEBRAE para classificar as empresas industriais em microempresas – até 19 empregados, pequenas – de 20 a 99 empregados, médias – de 100 a 499 empregados e grandes empresas com mais de 500 empregados. (SONAGLIO, 2006, p. 56)

Do total dos estabelecimentos registrados, as micro e pequenas empresas são a maioria, somando 88%, com “33% do emprego total e apenas 16% do valor bruto da produção industrial”; 12% correspondem às empresas de porte médio, com “60% do emprego total e em torno de 75% do valor bruto da produção”. (GORINI, 2000, p. 36)

A produção nacional supre praticamente quase toda a necessidade de consumo do país, e “os principais centros consumidores são as regiões Sul e Sudeste”. Também é nessas regiões que se concentra o maior número de indústrias moveleiras, como mostra a tabela 9, a qual revela os produtos fabricados pelas empresas segundo a sua localização, e o mapa, na figura 64, dados de 2005. Já a tabela 10 apresenta as empresas segundo sua política de produção. (GORINI, 2000, p. 36)

Tabela 9 – Empresas segundo sua Localização e Produtos Fabricados

Empresas segundo sua localização e produtos fabricados
Companies according to location and products manufactured

Regiões e Pólos <i>Regions and Centers</i>	Escritório <i>Office</i>	Dormitório <i>Bedroom</i>	Jantar <i>Dining Room</i>	Estar <i>Living Room</i>	Estofados <i>Upholstered</i>	Modulados <i>Modular</i>	Outros <i>Others</i>	Colchões <i>Mattresses</i>
Norte /Nordeste <i>North / Northeast</i>	21,4%	42,9%	21,4%	21,4%	14,3%	21,4%	28,6%	15,6%
Sudeste <i>Southeast</i>	25,9%	58,7%	23,4%	19,9%	14,4%	26,4%	28,4%	25,9%
Sul <i>South</i>	29,9%	52,4%	36,6%	28,7%	26,8%	20,7%	23,2%	23,3%
Centro-Oeste <i>Midwest</i>	28,6%	71,4%	28,6%	14,3%	14,3%	28,6%	28,6%	0,0%
Total / Total	27,5%	55,7%	29,0%	23,6%	19,7%	23,8%	26,2%	100,0%
Número de empresas⁽¹⁾⁽²⁾ Number of companies⁽¹⁾⁽²⁾	3.874	7.857	4.093	3.326	2.777	3.362	3.691	295

Fonte: IEMI

Nota: (1) Respostas múltiplas.

(2) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI

Note: (1) Multiple answers.

(2) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 38

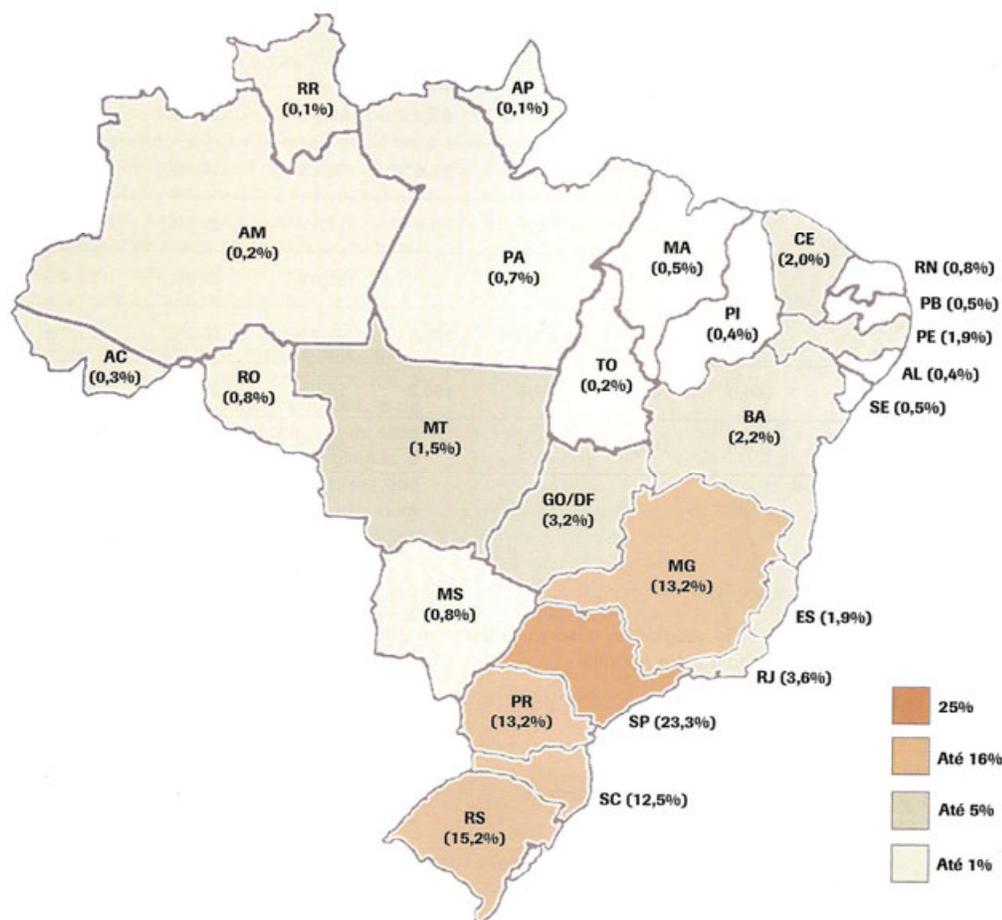


Figura 64: concentração das empresas por região e Estado do país. (IEMI, 2006a, p. 42)

Tabela 10 – Empresas segundo sua Política de Produção

Empresas segundo sua política de produção Companies according to production policy					
Regiões e Pólos Regions and Centers	Prod. Em Série Production in Series	Prod. Sob Desenho Production as per Design	Prod. de Partes Production of Parts	Montagem de Partes Assembly of Parts	Base Base
Norte/Nordeste North / Northeast	45,5%	77,3%	0,0%	0,0%	1.583
Sudeste / Southeast	51,5%	58,7%	6,4%	2,1%	6.023
Sul / South	63,5%	51,1%	9,6%	5,6%	5.743
Centro-Oeste / Midwest	57,1%	57,1%	0,0%	0,0%	757
Total / Total⁽¹⁾⁽²⁾	7.942	7.998	1.016	480	14.106
Participação % % Participation	56,3%	56,7%	7,2%	3,4%	100,0%

Fonte: IEMI
Nota: (1) Respostas múltiplas.
(2) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI
Note: (1) Multiple answers.
(2) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 38

As importações reduziram 11% em termos de volumes, como mostra a tabela 11, e cresceram 9% em valores, na tabela 12, de 2000 a 2005, de acordo com IEMI (2006a, p. 62-63), respectivamente.

Tabela 11 – Importação de Móveis em Volumes

Importação de móveis em volumes (em toneladas) <i>Furniture imports in volume (in tons)</i>						
Importações brasileiras de móveis (em toneladas) <i>Brazilian furniture imports (in tons)</i>						
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / <i>Seats</i>	23.905	24.131	18.699	17.055	21.423	23.619
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	2.379	1.906	984	1.061	1.391	1.959
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	1.508	1.918	1.068	558	744	891
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	2.456	1.809	1.004	693	726	1.089
Partes de móveis <i>Furniture parts</i>	1.701	1.727	1.132	645	1.326	996
Colchões / <i>Mattresses</i>	1.650	1.200	1.538	963	1.198	1.477
Total / Total	33.599	32.691	24.424	20.977	26.808	30.029

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 62 (grifo nosso)

Tabela 12 – Importação de Móveis em Valores

Importação de móveis em valores (em US\$ 1.000) <i>Furniture imports in values (in US\$ 1,000)</i>						
Importações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000) <i>Brazilian furniture imports (in tons)</i>						
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / <i>Seats</i>	115.169	117.935	94.515	88.499	127.630	138.453
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	8.140	5.636	3.716	3.327	3.808	6.422
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	5.276	4.606	2.990	2.514	1.555	3.378
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	5.337	3.554	1.694	1.212	1.354	2.103
Partes de móveis <i>Furniture parts</i>	6.398	4.622	3.036	2.237	3.285	3.594
Colchões / <i>Mattresses</i>	5.743	4.317	3.685	2.305	3.189	5.242
Total / Total	146.063	140.670	109.637	100.094	140.821	159.191

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 63 (grifo nosso)

“Entre os principais países de origem das importações brasileiras de móveis e colchões em 2005, destacam-se os Estados Unidos, com cerca de 30% do total, seguido da Alemanha, com 22%, e França com 12%”, como mostra a tabela 13. (IEMI, 2006a, p. 67)

Tabela 13 – Principais Países de Origem das Importações Brasileiras

Principais países de origem das importações brasileiras
Main countries of origin for Brazilian imports

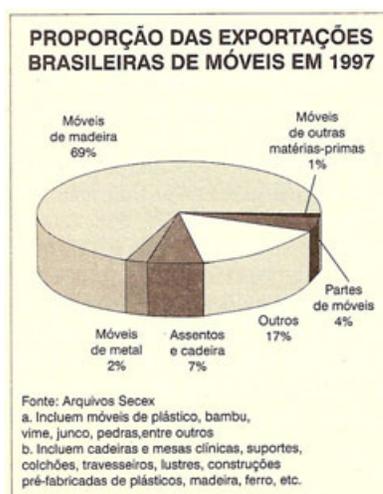
Origem das importações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000) <i>Origin of Brazilian furniture imports (in US\$ 1,000)</i>						
Países / Countries	2003	Partic (%) Share (%)	2004	Partic (%) Share (%)	2005	Partic (%) Share (%)
1. Estados Unidos / <i>United States</i>	26.647	26,6	44.207	31,4	46.973	29,5
2. Alemanha / <i>Germany</i>	27.682	27,7	31.488	22,4	34.595	21,7
3. França / <i>France</i>	12.029	12,0	22.552	16,0	19.575	12,3
4. Espanha / <i>Spain</i>	8.288	8,3	9.502	6,7	12.326	7,7
5. Itália / <i>Italy</i>	7.151	7,1	5.207	3,7	8.739	5,5
6. China / <i>China</i>	1.941	1,9	4.026	2,9	8.568	5,4
7. Polônia / <i>Poland</i>	417	0,4	3.290	2,3	3.966	2,5
8. Japão / <i>Japan</i>	2.163	2,2	3.373	2,4	3.790	2,4
9. Argentina / <i>Argentina</i>	3.446	3,4	2.515	1,8	3.107	2,0
10. Uruguai / <i>Uruguay</i>	1.574	1,6	1.739	1,2	2.902	1,8
11. Suíça / <i>Switzerland</i>	438	0,4	1.767	1,3	2.519	1,6
12. Suécia / <i>Sweden</i>	278	0,3	903	0,6	1.532	1,0
Sub-total / Sub-total	92.055	91,9	130.570	92,7	148.592	93,4
Outros / <i>Others</i>	8.040	8,1	10.251	7,3	10.599	6,6
Total / Total	100.094	100,0	140.821	100,0	159.191	100,0

Fonte: SECEX/IEMI - Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 68 (grifo nosso)

Sobre as exportações, os móveis brasileiros mais exportados são confeccionados em madeira, conforme o gráfico 3; enquanto que os países que absorvem esses produtos estão relacionados na tabela 14.

Gráfico 3 – Proporção das Exportações Brasileiras de Móveis em 1997



Fonte: GORINI, 2000, p. 63

Tabela 14 – Evolução do Destino das Exportações Brasileiras de Móveis / 1997/90

EVOLUÇÃO DO DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS – 1997/90 (Em US\$ Mil FOB)									
Países	1997	1996	1995	1994	1993	1992	1991	1990	Taxa Média Anual
EUA	64.612	60.103	73.740	56.279	39.854	28.504	21.251	18.504	20%
França	55.362	40.566	33.000	31.287	28.085	15.242	3.254	1.151	74%
Argentina	53.795	40.597	28.315	42.057	28.093	15.270	2.486	382	103%
Alemanha	47.348	63.458	58.059	43.074	74.733	32.157	11.543	4.441	40%
Holanda	44.595	35.553	33.833	20.002	10.906	2.895	1.369	1.011	72%
Reino Unido	31.037	26.983	22.294	19.089	11.776	5.630	2.396	965	64%
Uruguai	13.609	12.589	12.540	14.829	11.155	3.701	731	624	55%
Paraguai	6.269	5.805	5.540	3.493	2.904	1.517	699	476	45%
Chile	6.002	6.058	3.163	2.650	2.751	1.414	735	598	39%
Martinica	5.978	6.021	8.578	7.041	5.463	1.972	639	50	98%
Porto Rico	4.936	4.268	4.755	6.296	7.099	5.959	5.028	5.917	-3%
Guadalupe e Deps.	4.632	6.083	7.490	6.965	4.912	563	36	1	253%
Suécia	4.556	4.253	1.307	1.122	1.974	2.466	1.585	1.122	22%
Bolívia	3.457	2.732	3.218	3.696	3.259	2.040	1.711	1.367	14%
México	836	731	582	5.628	5.052	2.226	2.830	450	9%
Subtotal	347.025	315.798	296.413	263.508	238.016	121.557	56.292	37.058	38%
Outros	43.570	35.527	33.907	25.103	28.179	19.509	12.527	6.659	31%
Total	390.595	351.325	330.319	288.611	266.195	141.066	68.819	43.717	37%

Fonte: Arquivos Secex.

Fonte: GORINI, 2000, p. 61 (grifo nosso)

De 2000 a 2005, houve um aumento nas vendas externas em 103%, em termos de valores, enquanto que o volume aumentou em torno de 71%, como ilustram as tabelas 15 e 16, respectivamente.

Tabela 15 – Exportação de Móveis em Valores

Exportação de móveis em valores (em US\$ 1.000) <i>Furniture exports in values (in US\$ 1,000)</i>						
Exportações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000) <i>Brazilian furniture exports (in US\$ 1,000)</i>						
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / Seats	74.138	78.512	77.598	109.263	187.963	211.477
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	15.050	14.842	7.948	12.526	15.005	17.698
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	372.084	354.165	410.586	502.045	683.777	700.240
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	2.355	2.482	1.676	2.859	4.550	4.562
Partes de móveis / Furniture parts	23.916	33.339	37.024	39.830	53.031	59.837
Colchões / Mattresses	6.812	6.436	3.227	3.481	6.384	8.628
Total / Total	494.355	489.776	538.058	670.005	950.710	1.002.443

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 64 (grifo nosso)

Tabela 16 – Exportação de Móveis em Volumes

Exportação de móveis em volumes (em toneladas)
Furniture exports in volume (in tons)

Exportações brasileiras de móveis (em toneladas) <i>Brazilian furniture exports (in tons)</i>						
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / <i>Seats</i>	24.107	25.555	21.373	29.399	46.591	48.017
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	8.056	7.674	5.365	8.643	8.989	8.105
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	243.338	245.584	266.803	352.359	458.957	417.623
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	779	906	673	1.373	1.761	1.508
Partes de móveis / <i>Furniture parts</i>	20.282	25.199	28.524	32.700	35.361	32.532
Colchões / <i>Mattresses</i>	1.384	1.463	907	984	1.615	1.744
Total / Total	297.948	306.380	323.645	425.458	553.273	509.529

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 64 (grifo nosso)

Nas exportações nacionais, os móveis de madeira são representados, em maior proporção, pelos residenciais, incluindo cozinhas e dormitórios, e são exportados, principalmente, para países europeus; assentos e cadeiras (inclusive as giratórias) são exportados para os Estados Unidos, especialmente; e os móveis de metal e de plástico, com pequena participação, são exportados, principalmente, para países do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul); dados estes de 1997. (GORINI, 2000, p. 60-62)

Segundo IEMI (2006a, p. 67), “os Estados Unidos absorvem quase 40% das vendas externas brasileiras, seguido da França com 10%, Reino Unido com 7% e Argentina com 5%. A União Européia, com cerca de 30% é o segundo maior destino das exportações brasileiras de móveis”, como revela a tabela 17, em termos de móveis e colchões, dados de 2005. Sobre o destino das exportações do Brasil, cabe destacar que houve um aumento significativo (em US\$ 1.000) dessas operações comerciais, em relação aos Estados Unidos, França, Reino Unido e Argentina, como pode ser observado na relação entre a tabela 14, de 1997, e a tabela 17, de 2005.

Tabela 17 – Principais Países de Destino das Exportações Brasileiras

Principais países de destino das exportações brasileiras
Main countries of origin for Brazilian imports

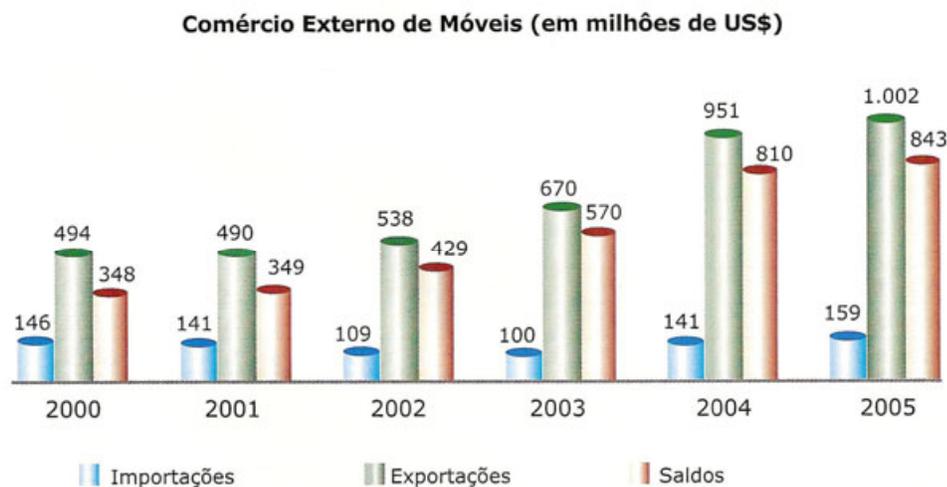
Destino das exportações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000) <i>Origin of Brazilian furniture imports (in US\$ 1,000)</i>						
Países / Countries	2003	Partic (%) Share (%)	2004	Partic (%) Share (%)	2005	Partic (%) Share (%)
1. Estados Unidos / United States	265.121	39,6%	372.138	39,1%	391.151	39,0%
2. França / France	80.637	12,0%	94.854	10,0%	96.136	9,6%
3. Reino Unido / United Kingdom	61.313	9,2%	92.759	9,8%	74.959	7,5%
4. Argentina / Argentina	14.606	2,2%	36.157	3,8%	50.561	5,0%
5. Espanha / Spain	15.411	2,3%	31.612	3,3%	38.564	3,8%
6. Alemanha / Germany	31.453	4,7%	41.747	4,4%	38.243	3,8%
7. Países Baixos / Netherlands	33.292	5,0%	37.798	4,0%	35.686	3,6%
8. Chile / Chile	14.463	2,2%	25.848	2,7%	31.106	3,1%
9. Porto Rico / Puerto Rico	12.628	1,9%	16.412	1,7%	19.135	1,9%
10. Canadá / Canada	9.841	1,5%	15.395	1,6%	19.037	1,9%
11. México / Mexico	12.048	1,8%	16.349	1,7%	17.178	1,7%
12. Angola / Angola	2.978	0,4%	9.684	1,0%	13.814	1,4%
13. Irlanda / Ireland	12.702	1,9%	11.052	1,2%	13.109	1,3%
14. Uruguai / Uruguay	6.522	1,0%	9.991	1,1%	12.140	1,2%
15. Venezuela / Venezuela	2.767	0,4%	6.251	0,7%	9.897	1,0%
Sub-total / Sub-total	575.780	86,0%	818.043	86,1%	860.715	85,9%
Outros / Others	94.225	14,0%	132.667	13,9%	141.727	14,1%
Total / Total	670.005	100,0%	950.710	100,0%	1.002.443	100,0%

Fonte: SECEX/IEMI - Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 68 (grifo nosso)

O gráfico 4, a seguir, “apresenta a evolução da Balança Comercial do segmento, incluindo móveis e colchões”. (IEMI, 2006a, p. 67)

Gráfico 4 – Comércio Externo de Móveis



Fonte: IEMI, 2006a, p. 67

As tabelas 18 e 19, a seguir, correspondem, respectivamente, à classificação da indústria de móveis segundo as matérias-primas mais utilizadas, em relação ao número de empresas

e de pessoal ocupado e ao valor bruto da produção; e às “principais características do segmento de móveis de madeira para residência”. (GORINI, 2000, p. 38)

Tabela 18 – Distribuição das Empresas, do Pessoal Ocupado e do Valor Bruto da Produção Industrial por Tipo de Móvel

DISTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS, DO PESSOAL OCUPADO E DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR TIPO DE MÓVEL						
SEGMENTO	NÚMERO DE EMPRESAS	TOTAL DO PESSOAL OCUPADO/ NÚMERO DE EMPRESAS	TOTAL DO PESSOAL OCUPADO	NÚMERO DE EMPRESAS (%)	TOTAL DO PESSOAL OCUPADO (%)	VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL (%)
INDÚSTRIA DE MÓVEIS						
Madeira (incluindo vime e junco)	12.519	154.744	12,4	91,0	83,0	72,1
Metal	534	16.319	30,6	3,9	8,8	12,1
Plástico	103	2.595	25,2	0,7	1,4	1,3
Montagem e Acabamento	42	344	8,2	0,3	0,2	0,1
Subtotal	13.198	174.002	13,2	95,9	93,3	85,6
ARTEFATOS DO MOBILIÁRIO						
Colchoaria	348	8.926	25,6	2,5	4,8	12,5
Persianas	43	2.945	68,5	0,3	1,6	1,8
Subtotal	391	11.871	30,4	2,8	6,4	14,3
Não Classificados	170	594	3,5	1,2	0,3	0,1
Total	13.759	186.467	13,6	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Censo Industrial 1985.

Fonte: GORINI, 2000, p. 39

Tabela 19 – Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO SEGMENTO DE MÓVEIS DE MADEIRA PARA RESIDÊNCIA					
TIPO DE MÓVEL	PRODUÇÃO	MATÉRIA-PRIMA PREDOMINANTE	PORTE DAS EMPRESAS	PRINCIPAL MERCADO CONSUMIDOR	GRAU DE TECNOLOGIA
Torneado	Seriada	Madeira de reflorestamento, especialmente serrado de pinus	Médias e grandes	Exportação	Alto
	Sob encomenda	Madeiras de lei, em especial serrado de folhosas	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e alta	Baixo, quase artesanal
Retilíneo	Seriada	Aglomerado	Médias e grandes	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Alto
	Sob encomenda	Compensado e aglomerado	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Médio

Fonte: Estudo da Competitividade. Elaboração: BNDES.

Fonte: GORINI, 2000, p. 39

Conforme Gorini (2000, p. 40),

no segmento de móveis sob encomenda, cabe mencionar a presença de uma multiplicidade de micro e pequenas empresas, em geral marcenarias, cuja matéria-prima básica é a madeira compensada conjugada com madeiras nativas. Seus equipamentos e instalações são quase sempre deficientes e ultrapassados – o que gera muitas imprecisões nas medidas – e o trabalho ainda é predominantemente artesanal. São empresas, em sua maioria, integradas, que detêm, inclusive, o processamento primário da madeira com que trabalham. Seu produto final destina-se predominantemente ao mercado doméstico. [...] No segmento de móveis seriados, principalmente os retilíneos, encontramos as empresas mais modernas, que produzem em grande escala, utilizando redes atacadistas nacionais como distribuidores [figura 65]. Os móveis retilíneos seriados são lisos, sem detalhes sofisticados de acabamento e com desenho simples de linhas retas, [com processo produtivo simplificado, ao contrário do adotado para produção de móveis torneados seriados, esta com mais etapas]. Cabe destacar, por exemplo, os móveis tradicionais para quarto e cozinha, que se destinam à parcela da população com menor poder aquisitivo.

Exemplos de indústrias que desenvolvem esses móveis retilíneos seriados são a Carraro e a Todeschini, ambas instaladas no Rio Grande do Sul.



Figura 65: móveis seriados distribuídos por redes atacadistas nacionais. (GORINI, 2000, p. 41)

Ultimamente, o que tem se destacado são os móveis retilíneos seriados modulares que se adequam mais aos ambientes por permitirem uma variação de composições. Por isso, eles também podem ser chamados de móveis personalizados, produzidos, por exemplo, pela Florense (RS), SCA (RS), Pastore (ES) e Rudnick (SC). Essa linha de móveis retilíneos seriados modulares disseminou-se pelas classes média e alta.

Ainda sobre móveis para residência, destacam-se aqueles feitos em metal, “conjugado com outras matérias-primas, como madeira, vidro, entre outros”, produzidos por empresas de grande porte, em função da “complexidade dos processos produtivos”, como a metalurgia. Tem-se, como exemplo, a Móveis Itatiaia, especializada em cozinhas de aço, como mostra a figura 66. (GORINI, 2000, p. 42)

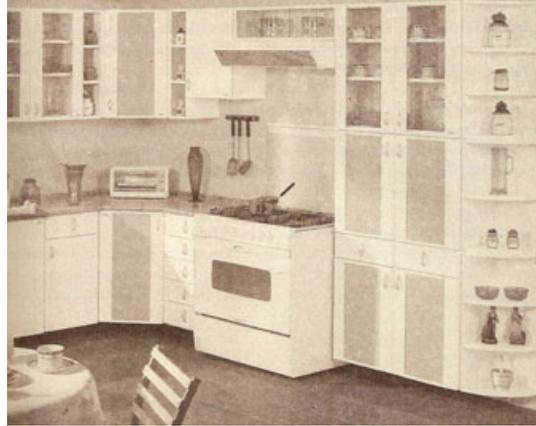


Figura 66: cozinha de aço da Móveis Itatiaia (MG). (GORINI, 2000, p. 43)

Quanto aos móveis para escritório,

a especialização da produção é grande, ou seja, há poucas linhas de produtos numa mesma unidade industrial, como, por exemplo, empresas especializadas na produção de cadeiras giratórias - produto bastante sofisticado tecnologicamente -, cabendo destacar nesse segmento a empresa Giroflex [com a cadeira na figura 67],

a qual obteve um faturamento de US\$ 63 milhões e detinha 25% do mercado nacional em 1997.(GORINI, 2000, p. 42)



Figura 67: cadeira da Giroflex. (GORINI, 2000, p. 43)

Mas a tendência é o fornecimento da linha completa dos produtos aos usuários, o que evidencia a horizontalização da produção por meio da terceirização de serviços nesse segmento, além da preocupação com a qualidade e os serviços pós-venda. Também nessa área, houve a entrada de empresas estrangeiras, especialmente com a associação destas a empresas nacionais, como a união da Giroflex à Irwin Seating, e da Teperman à Herman Miller.

Até o ano de 2000, a indústria brasileira de móveis mantinha em torno de 10 mil micro, 3 mil pequenas e 500 médias empresas, de capital totalmente nacional. Dados correspondentes ao ano de 2005, quanto à indústria moveleira no Brasil, estão representados na tabela 20.

Tabela 20 – Os Grandes Números do Setor Moveleiro no Brasil

Indústrias / Industries ⁽¹⁾	14,4 mil / 14.4 thousand
Empregos / Jobs	227,6 mil funcionários / 227.6 thousand employees
Produção / Production	309,0 milhões de peças (29 milhões de colchões) 309.0 million pieces (29 million mattresses)
Vendas / Sales	R\$ 17,0 bilhões (R\$ 1,6 bi em colchões) R\$ 17.0 billion (R\$ 1.6 bi in mattresses)
Exportações / Exports	US\$ 1,0 bilhão / US\$ 1.0 billion
Investimentos / Investments	R\$ 330,0 milhões / R\$ 330.0 million

Nota: (1) Não inclui empresas sem empregados. – **Note:** (1) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 34

3.1.3.2 Principais pólos moveleiros no Brasil

O Estado de São Paulo é considerado o maior produtor de móveis no Brasil, e 80% de sua produção refere-se a móveis para escritório. Possui uma diversidade de empresas na região metropolitana e, segundo Ferreira, no “Nordeste Paulista, que reúne os pólos de Mirassol e Votuporanga”. (FERREIRA *apud* GORINI, 2000, p. 44)

Já o Rio Grande do Sul é considerado o segundo produtor brasileiro, cuja produção concentra-se no pólo de Bento Gonçalves, sendo este “voltado principalmente para a fabricação de móveis retilíneos seriados”. Esses produtos destinam-se especialmente ao mercado interno, representando 9% da produção nacional, e “os móveis residenciais (principalmente de cozinha e dormitórios) e para escritório representam, respectivamente, 65% e 15% da produção local”, em âmbito estadual. Ademais, o Estado do Rio Grande do Sul possui em torno de

2,8 mil empresas - somente cem de maior porte [...] -, sua produção é comercializada predominantemente no mercado doméstico: 18% no próprio Estado e 75% em outras unidades da Federação. Somente 7% do valor da produção é exportado, representando, no entanto, uma parcela de 25% do total das exportações nacionais: depois de Santa Catarina, é o maior estado exportador. (GORINI, 2000, p. 44)

Entre as maiores empresas, destacam-se Carraro, Todeschini, Única, Bertolini, SCA e Florense.

No item 3.6, a seguir, serão aprofundados assuntos sobre a indústria moveleira no Rio Grande do Sul.

Como terceiro produtor moveleiro do Brasil, destaca-se o Estado de Santa Catarina, com sua produção concentrada no pólo de São Bento do Sul, também especializado em móveis

residenciais, “direcionados, em sua maior parte, para o mercado de exportação”, correspondendo quase 40% do total das exportações nacionais. (GORINI, 2000, p. 45)

Exemplos de outros pólos de importância no cenário brasileiro encontram-se “no Ceará, na Bahia (Recôncavo, Feira de Santana e Teixeira de Freitas) e no Paraná (Guarapuava)”. (GORINI, 2000, p. 45)

As indústrias moveleiras de pequeno porte, responsáveis principalmente pela produção de móveis sob medida, realizam a venda diretamente ao consumidor ou por intermédio de um designer ou um arquiteto. As demais comercializam seus produtos por meio de lojas de departamentos e/ou lojas exclusivas do ramo.

A seguir, a tabela 21 apresenta algumas características dos principais pólos moveleiros do Brasil, segundo suas localizações, número de empresas e empregos que abrangem, principais mercados e produtos desenvolvidos.

Tabela 21 – Principais Pólos Moveleiros do Brasil

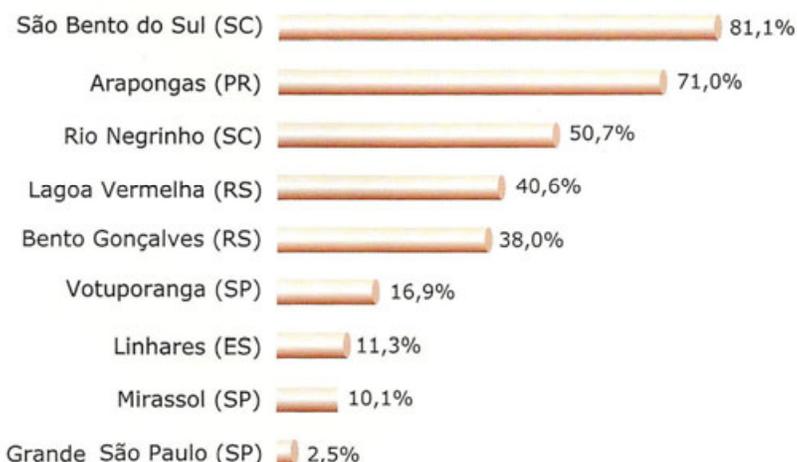
PRINCIPAIS PÓLOS MOVELEIROS DO BRASIL					
PÓLO MOVELEIRO	UF	Nº DE EMPRESAS	EMPREGOS	PRINCIPAIS MERCADOS	PRINCIPAIS PRODUTOS
Ubá	MG	153	3.150	MG, SP, RJ e BA	Cadeiras, dormitórios, salas, estantes e móveis sob encomenda
Bom Despacho e Martinho Campos	MG	117	2.000	MG	Cadeiras, dormitórios, salas, estantes e móveis sob encomenda
Linhares e Colatina	ES	130	3.000	SP, ES e BA	Móveis retilíneos (dormitórios, salas) e móveis sob encomenda
Arapongas	PR	145	5.500	Todos os estados	Móveis retilíneos, estofados, de escritório e tubulares
Votuporanga	SP	350	7.000	Todos os estados	Cadeiras, armários, estantes, mesas, dormitórios, estofados e móveis sob encomenda em madeira maciça
Mirassol, Jaci, Bálsamo e Neves Paulista	SP	80	3.000	SP, MG, RJ, PR e NE	Cadeiras, salas, dormitórios, estantes e móveis sob encomenda em madeira maciça
Tupã	SP	54	700	SP	Mesas, racks, estantes, cômodas e móveis sob encomenda
São Bento do Sul e Rio Negrinho	SC	210	8.500	Exportação, PR, SC e SP	Móveis de pinus, sofás, cozinhas e dormitórios
Bento Gonçalves	RS	130	7.500	Todos os estados e exportação	Móveis retilíneos, móveis de pinus e metálicos (tubulares)
Lagoa Vermelha	RS	60	1.800	RS, SP, PR, SC e exportação	Dormitórios, salas, móveis de pinus, estantes e estofados

Fontes: STCP/Staglorio Consultoria; Associação da Indústria de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs); Sindicato das Indústrias de Móveis de Arapongas; Sindicato das Indústrias da Madeira e do Mobiliário de Linhares; Sindicato da Indústria do Mobiliário e Marcenaria do Estado do Paraná; Ferreira (1997a e 1997b); e Gazeta Mercantil (29.01.98).
Elaboração: BNDES.

Fonte: GORINI, 2000, p. 46

A cidade de São Bento do Sul (SC) corresponde ao pólo moveleiro com o maior número de empresas exportadoras, com 81,1%, seguida de Araponga (PR) com 71%, e Rio Negrinho (SC) com 50,7%, como mostra o gráfico 5, dados estes de 2005.

Gráfico 5 – Pólos Produtores com Maior Ocorrência de Empresas Exportadoras

Pólos produtores com maior ocorrência de empresas exportadoras

Fonte: IEMI, 2006a, p. 73

3.1.3.3 Fatores de competitividade: matérias-primas, tecnologia, mão-de-obra e design

Neste item, foram abordados os principais fatores de competitividade que correspondem ao universo da produção moveleira, relativos a matérias-primas, tecnologia, mão-de-obra e design.

Matérias-primas

Segundo Gorini (2000, p. 47), das principais matérias-primas que vêm sendo utilizadas pela produção moveleira no Brasil, especialmente a partir da década de 1990, destacam-se:

- madeiras reflorestadas, como pínus e eucalipto e várias madeiras de lei, como mogno, cerejeira, imbuia, cedro, cedrinho, virola e sucupira;
- segundo a Jaakko Poyry Consultoria, o consumo nacional de madeira serrada nativa da Amazônia é da ordem de 7,4 milhões de m³ (incluindo outros setores como construção civil), enquanto o de madeira serrada de pínus está em torno de 4,4 m³;
- compensados, chapas duras e painéis de madeira aglomerada – os painéis de MDF já são utilizados por expressivo número de empresas de grande e médio portes (o consumo nacional de painéis aglomerados alcançou 1,4 milhão de m³ em 1997);
- diversos revestimentos: lâmina de madeira, papéis, laminados plásticos, PVC [*Polyvinyl Chloride* / Poli (Cloro de Vinila)], tintas e vernizes, tecidos, entre outros.

Sobre as madeiras reflorestáveis, o uso desta matéria-prima tem sido uma alternativa diante das restrições ambientais em relação à extração e utilização das madeiras nativas, além do

custo baixo daquelas em relação a estas e também das vastas áreas disponíveis para o plantio, o que pode tornar o Brasil bastante competitivo no mercado internacional. Como já mencionado, as madeiras reflorestáveis mais cultivadas neste país são o eucalipto e o pínus. Este último tem seus fornecedores concentrados, principalmente, nos Estados do Paraná e de Santa Catarina.

De acordo com Gorini (2000, p. 50),

já são encontrados alguns móveis confeccionados em eucalipto no mercado interno, como, por exemplo, na estrutura interna de estofados, cômodas e armários, nas laterais de gavetas e na fabricação de jogos de mesas. Entretanto, a madeira pode ser utilizada em muitas outras aplicações, desde a forma aparente, como madeira maciça - já que o eucalipto tratado admite tingimento e verniz, aproximando-se do padrão mogno - até em lâminas nobres revestindo painéis. Esta é uma tendência que deverá crescer e introduzir mudanças significativas no perfil da indústria brasileira de móveis.

Como exemplos de empresas que desenvolvem desde o plantio até o fornecimento dessas madeiras têm-se a Aracruz, a Flosul, a Klabin e a CAF Santa Bárbara.

Quanto ao consumo de matérias-primas, segundo IEMI (2006a, p. 51), para a produção de móveis de madeira, usa-se 59% de madeira serrada, 26% de pinus e 33% de “madeira de lei”. Sobre as madeiras industrializadas, correspondentes a 41% da demanda de matérias-primas, a utilização mais significativa refere-se a chapas de MDF (20%) e a aglomerados (17%). Já as chapas de fibras duras não ultrapassam 5% do consumo total de madeiras. Na produção de móveis de metal, utiliza-se 62% em tubos e 38% em chapas. No segmento de vime, ratan e semelhantes, o primeiro material citado corresponde a 80% do consumo, “quase todo de origem nacional”, ficando o restante com ratan e semelhantes, “quase sempre importados”.

Além desses produtos, o mercado consome cerca de 7,95 milhões de metros cúbicos de espumas, na produção de colchões e estofados, e de outros artigos em quantidades pequenas e variáveis, como inox, vidros, cerâmicas, cortiças, etc., cuja demanda varia bastante, em função do estilo em voga.

Tecnologia

No Brasil, as máquinas modernas, como as das figuras 68 e 69, para o setor moveleiro, são, geralmente, importadas de países como a Itália e a Alemanha, conforme mostra a evolução no gráfico 6, pois a produção desses equipamentos em nível nacional para linhas integradas ainda não alcançou o padrão tecnológico desses países (o que não acontece com as linhas não-integradas, em que os equipamentos são predominantemente nacionais), cujos aparelhos oferecem melhor produtividade, precisão e qualidade. São exemplos de importadoras, “a maioria das médias e grandes empresas de São Bento do Sul e Bento Gonçalves”, como também “as grandes empresas de móveis de escritório de São Paulo”, as

quais investem em tecnologia de última geração, como as CNCs, além do “treinamento da mão-de-obra e [do] [...] desenvolvimento de capacidade gerencial” adotados por essas indústrias de São Paulo. Essas máquinas de tecnologia de ponta predominam na produção de móveis retilíneos, que é mais contínua. Já no segmento de móveis torneados e para escritório ainda existe a relação dessas máquinas modernas com equipamentos antigos. (GORINI, 2000, p. 52)

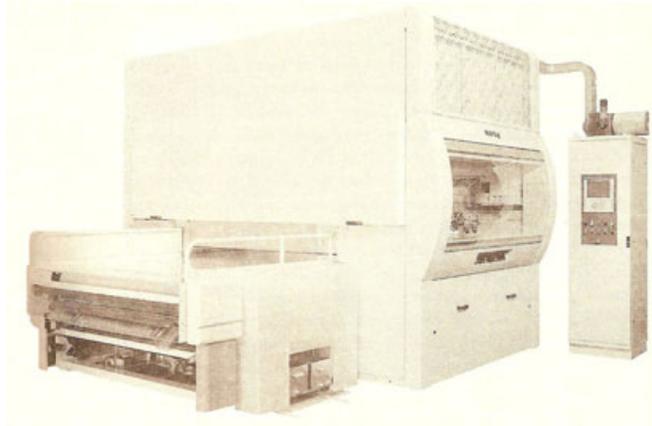


Figura 68: máquina importada com tecnologia de ponta. (GORINI, 2000, p. 41)

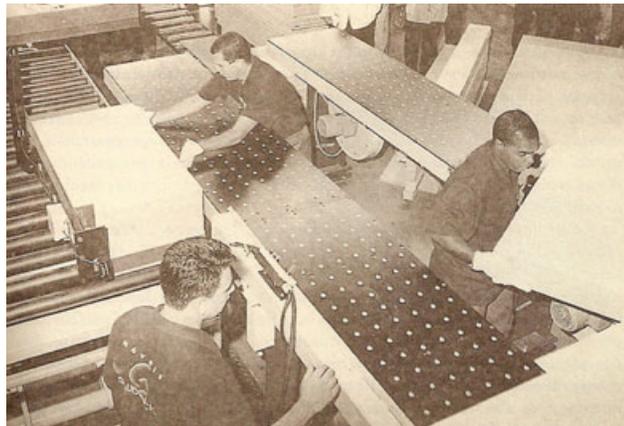
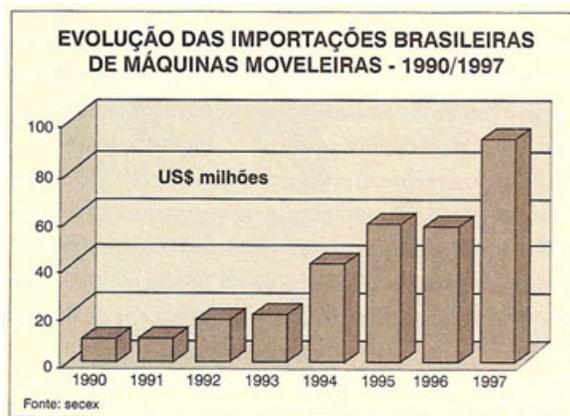


Figura 69: empresa com modernização do parque industrial. (GORINI, 2000, p. 49)

Gráfico 6 – Evolução das Importações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997



Fonte: GORINI, 2000, p. 58

Em contraposição, as exportações de maquinário têm declinado, conforme o gráfico 7.

Gráfico 7 – Evolução das Exportações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997



Fonte: GORINI, 2000, p. 58

Em 2005, de acordo com IEMI (2006a, p. 54), o setor de móveis investiu 65,8% do total na aquisição de novos equipamentos, 29% nas instalações e apenas 5% no treinamento de pessoal e processos.

Centros de formação de mão-de-obra e desenvolvimento de tecnologias

Conforme Gorini (2000, p. 53),

os principais centros destinados à formação de mão-de-obra e ao desenvolvimento tecnológico da indústria moveleira no Brasil estão localizados em alguns dos principais pólos moveleiros, todos geridos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), destacadamente:

- FETEP (Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa), de São Bento do Sul (Santa Catarina) → foi instituída pelas empresas moveleiras deste pólo, em 1975, e passou a ser

gerida pelo Senai a partir de 1995, oferecendo cursos profissionalizantes ligados à indústria, curso técnicos de 2º e 3º grau (em parceria com a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina) que atendem tanto indústrias moveleiras quanto metalúrgicas da região, além de oferecer assistência técnica e convênios tecnológicos a elas;

- CETEMO (Centro Tecnológico do Mobiliário), de Bento Gonçalves (Rio Grande do Sul) → fundado em 1983, oferece os mesmos tipos de cursos da FETEP, mas em convênio com a Universidade de Caxias do Sul (UCS) e com o Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário (SINDMÓVEIS). Este centro criou o Núcleo Nacional de Apoio ao Design, no âmbito do Programa Brasileiro de Design, em funcionamento desde 1997. Cabe ainda destacar os convênios com empresas, tendo como exemplos a Masisa e a Flosul, para o desenvolvimento de produtos e também de matérias-primas alternativas como o eucalipto, o cinamomo, a grevilha e a uva-japão, entre outras, além de convênios internacionais com o Canadá e a Espanha;
- CETMAM (Centro Tecnológico da Madeira e do Mobiliário), de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba (Paraná) → fundado há pouco tempo, possui atividades semelhantes aos centros citados anteriormente, mantendo convênio com o Estado alemão de Baden (Wurttemberg).

Design

Segundo Gorini (2000, p. 55), a competitividade da indústria moveleira também pode ser fomentada, além da eficiência dos processos produtivos, por meio do design, no que se refere à qualidade, conforto, facilidade de montagem e, principalmente, por fatores relacionados à inovação dos produtos, como emprego de novos materiais, novos tipos de acabamento, diminuição do uso de insumos (materiais e energéticos), queda do número de partes e peças envolvidas num determinado produto e redução do tempo de fabricação. “Ou seja, design é mais que um avanço na estética, pois significa também o aumento da eficiência global na fabricação do produto, incluindo práticas que minimizem a agressão ao meio ambiente”. Mesmo assim, no Brasil, “ainda predominam cópias modificadas dos modelos oferecidos no mercado internacional”, pois poucas indústrias investem num setor de design para o desenvolvimento de projetos. Muitas vezes, como no caso das exportações, o design é imposto pelas importadoras. (GORINI, 2000, p. 55)

Como incentivos ao design, há as iniciativas governamentais propostas pelo Programa Brasileiro do Design, como também o Programa São Paulo Design e o Madeira em Design (este desenvolvido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA e pelo SENAI/DF). Estes últimos exemplos desenvolvem um trabalho de classificação das diferentes espécies de madeiras, bem como as regiões de ocorrência, entre outras pesquisas.

Entretanto, de acordo com Gorini (2000, p. 56),

é consenso que o design não avançará no Brasil se não se tornar parte integrante e forte das estratégias do setor privado. Além disso, no setor moveleiro, em que predominam pequenas e médias empresas, a formação de redes e centros regionais de design e o incentivo à cooperação tornam-se imprescindíveis, uma vez que a pequena empresa, muitas vezes, não pode ter o seu próprio departamento de design, mas poderia, em um esforço coletivo, ter mais capacidade de melhorar o desenho de seus produtos.

3.2 O Desenvolvimento do Estado e a Imigração

Segundo Boni e Costa (1984, p. 16-17), os portugueses passaram a se interessar pela margem oriental do rio Uruguai quando perceberam que nessa região havia a possibilidade “de contrabando de prata e de ouro, bem como o aprisionamento do gado das campinas”, no início do século XVII. Nesse período, já se somavam 500 mil indivíduos, em estado primitivo de civilização, de três grupos indígenas distintos, os quais são representados pelo grupo Gê que habitava “os campos de cima da serra e suas florestas” e que hoje se encontram na região do Alto Uruguai; o Guarani, o qual se espalhou no “litoral marítimo e às margens dos grandes rios, [...] [como também foi] o principal grupo das reduções”, restando hoje poucos indivíduos; e o Pampeano (ou Charrua), grupo que se estendeu pelos pampas gaúcho e uruguaio, “assimilados como peões [sic] de estância”.

Os indígenas, então, passaram a ser catequizados por jesuítas pelo sistema de reduções, o qual era fechado aos brancos e de onde “saíam determinados impostos para a coroa”, assunto esse introduzido no item 2.2. A primeira redução em solo gaúcho, São Borja, foi fundada em 1682, já “no segundo período de atividade missionária. Em 25 anos, surgiram outras seis reduções”, como mostra a figura 70, as quais foram definindo até extinguírem-se no início do século XIX. Assim,

nas reduções imprimiram-se os primeiros livros do Brasil, fundiu-se o primeiro bronze, descobriu-se o segredo do plantio da árvore do mate. Esculpiram-se estátuas, levantaram-se monumentos dos quais até hoje temos ruínas, aperfeiçoaram-se instrumentos, representou-se teatro e, acima de tudo, provou-se que é possível constituir uma civilização baseada em outros princípios que não o da exploração do homem pelo homem. (BONI e COSTA, 1984, p. 18)

Conforme Boni e Costa (1984, p. 25), a política de colonização foi dividida em três períodos, principalmente em relação ao Rio Grande do Sul:

- a) a promoção da colonização (1808-1830);
- b) a supressão da colonização devido à estabilização do sistema escravocrata (1830-1848);
- c) incentivo à imigração – não à colonização – como forma de substituir a mão-de-obra africana (1848-1889).

A intenção do governo, promovendo a imigração, visava, entre outros motivos já citados, ao branqueamento da raça, isso como consequência do racismo da época, entre outras causas; a defesa nacional, quando, após a independência, houve a necessidade da organização de um exército; a criação de uma indústria nativa; e a abolição gradual da escravidão. Conforme Flores (2004, p. 27), outro interesse era também de “ocupar vazios demográficos, notadamente na fronteira sulina”.

Assim,

enviados do governo dirigiram-se então à Europa, procurando angariar imigrantes. Ofereciam-se aos candidatos, entre outras coisas: viagem paga até a colônia, lote rural gratuito, assistência médica, sustento por certo período, auxílio financeiro, sementes e animais, liberdade religiosa e naturalização imediata,

o que não foi cumprido a rigor. (BONI e COSTA, 1984, p. 27)

Em 1824, então, colonos alemães chegaram à Província do sul, fato considerado como marco inicial da colonização no Brasil. A necessidade de mão-de-obra nos latifúndios monocultores e, paralelamente, a crise sócio econômica da Itália promoveram a entrada, no Brasil, de imigrantes italianos, somente em 1875.

3.3 As Colonizações Alemã e Italiana

3.3.1 Os Alemães no Rio Grande do Sul

Os primeiros alemães instalaram-se na região da atual cidade de São Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos, e se espalharam pela região da planície e ao longo dos rios que desembocam no rio Guaíba, conforme a figura 71. “Em 150 anos de imigração, devem chegar a um total de cerca de 310 mil os alemães entrados no Brasil”. As colônias alemãs são, atualmente, as cidades chamadas de Bom Princípio, Canoas, Dois Irmãos, Novo Hamburgo, Panambi, Taquara, Padre Eterno, Sapiranga, Picada Verão, Bom Princípio, Caí, Montenegro, Nova Petrópolis, Estrela, Lajeado, Teutônia, Santa Cruz, Agudo, São Lourenço do Sul, entre outras, totalizando 142 colônias alemãs no Rio Grande do Sul. (BONI e COSTA, 1984, p. 37)

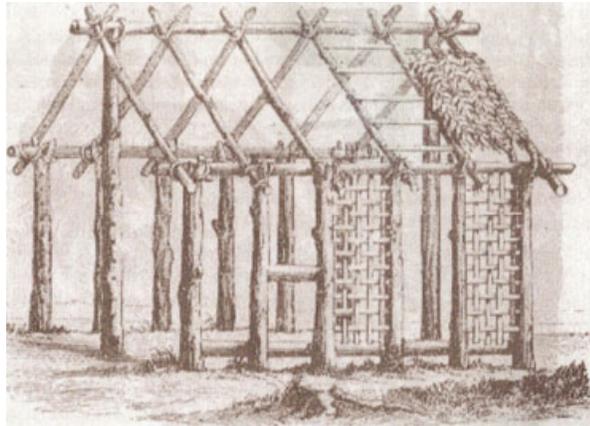


Figura 72: técnica de construção de casa ensinada pelo agente Hörmeyer. (FLORES, 2004, p. 20)



Figura 73: casa em enxaimel em dois blocos distintos, embora já existisse o fogão Berta; interior de Venâncio Aires, 1917. (FLORES, 2004, p. 124)



Figura 74: *Casa Haas* em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1876. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33)



Figura 75: *Casa Grün* em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34)

Já na arquitetura urbana despontaram alguns profissionais, como,

em 1858, [Felipe] von Normann, responsável pela construção do Theatro São Pedro [na figura 76]. Porto alegre reuniu um grupo teuto bem sucedido economicamente, surgindo arquitetura de influência alemã em residências e em edifícios públicos. Assim, Theo Wiederspahn projetou a atual sede dos correios e Telégrafos, o MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul), o Banco Safra (antigo Cine Guarany), o Centro de Cultura Mário Quintana (ex-hotel Majestic), o edifício Ely, com escritórios comerciais, e do Shopping Total (ex-Brahma). Otto Menchen construiu a Alfândega de Porto Alegre, além de elegantes residências nos bairros Menino Deus e Moinhos de Vento. Simão Gramlich construiu a catedral de Santa Cruz do Sul [na figura 77], a matriz de Venâncio Aires [na figura 78] e o prédio do atual Núcleo de Cultura local [na figura 79] [(construções em estilo neogótico)]. Rudolf Ahrons, com requisitado escritório de engenharia, produziu entre 1910-20, construções particulares e para o governo (Banco da Província). José Lutzenberger construiu a igreja São José “dos alemães”, tendo sido também excelente aquarelista. [...] Entre os escultores ressaltam Miguel e João Vicente Friedrich (pai e filho), além de Adlof, que adornaram residências, edifícios públicos e monumentos lapidares. (FLORES, 2004, p. 125-126)



Figura 76: Teatro São Pedro em Porto Alegre. (FLORES, 2004, p. 126)



Figura 77: Catedral de Santa Cruz do Sul, 1927-1939. (FLORES, 2004, p. 46)

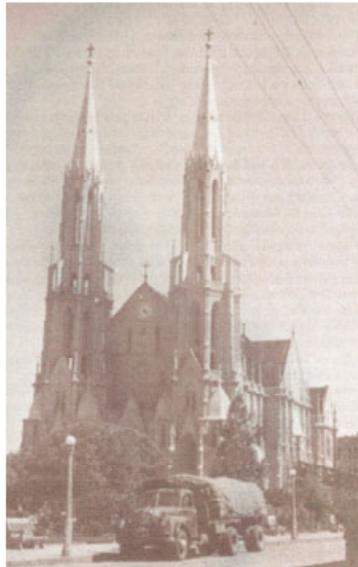


Figura 78: Matriz de Venâncio Aires. Iniciada em 1929, recebeu as torres em 1950. (FLORES, 2004, p. 108)



Figura 79: “Núcleo de Cultura de Venâncio Aires [...], 1929”. (FLORES, 2004, p. 128)

A colonização alemã também contribuiu para o surgimento da indústria sul-rio-grandense. Na primeira metade do século XIX, começou a se manifestar o trabalho artesanal, representado, como exemplo, por curtumes, fábrica de sabão, firma de lapidação de pedras semipreciosas, fábrica que desenvolvia trabalhos com crinas e chifres, entre outros. (BONI e COSTA, 1984, p. 40)

O artesanato, enquanto fornecedor de objetos para a vida local, foi muitas vezes de uma técnica rudimentar, quando instalado em zona rural. [...] A produção resultante, à medida em que foi entrando em concorrência com produtos vindos da cidade, tendeu a desaparecer. Entrementes, o artesanato de transformação de produtos agrícolas desenvolveu-se mais e, por vezes, deu origem a fábricas. [...] Contudo não foram geralmente agricultores os pioneiros da indústria, e sim representantes de firmas, ou comerciantes que acumularam capital. Os setores mais característicos da atividade industrial alemã foram o couro (curtume e calçados), a metalurgia, a tecelagem, a impressão, a fabricação de cigarros e cerveja. [...] Foi [...] [o comerciante] quem impôs preço aos produtores rurais, retendo com isso para si a mais-valia dos produtos, tirando, pois, da agricultura o acúmulo inicial de capital que mais tarde haveria de possibilitar a instalação de indústrias na região [Rio Grande do Sul]. Para tanto, contava também com o mercado consumidor de Porto Alegre – e resto do Estado, quando não do país – cujo abastecimento ficou, sem concorrência, em mãos alemãs durante muito tempo. [...] Se se puder demonstrar que o artesanato primitivo ou conhecimentos trazidos da Europa entraram com a mão-de-obra semi-qualificada [sic], comprova-se então, no caso, o que Seyfert afirma com relação à colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim. [...] Esta fase de industrialização precisa, enfim, ser enquadrada dentro das novas condições oferecidas pela Província e depois pelo Estado – mesmo pelo Brasil – quando se evoluiu para formas mais complexas de produção, as quais compreendiam, entre outras coisas, uma forte proteção alfandegária, a melhora das comunicações, a produção de energia e a implantação de uma rede bancária. (BONI e COSTA, 1984, p. 41-42)

De acordo com Flores (2004, p. 97), as zonas de mata, onde se assentaram muitos colonos, ofereciam madeira em abundância, material que, com o tempo, passou a ser valorizado,

tanto que foi exportado para o Uruguai e para a Argentina. A partir desse momento, surgiram

primitivas carpintarias [que] evoluíram para fábricas de móveis. A primeira fábrica de móveis a utilizar o “sistema vienense”, de madeira vergada a vapor, foi a de João Gerdau, em 1903, que vingou até a década de 1970, prosseguindo os móveis de madeira vergada, de renome nacional.

Quanto à educação, havia um grande número de analfabetos na Província e o que prevalecia ainda, entre os imigrantes alemães, era a língua de origem. Havia desinteresse pela criação de escolas por parte das autoridades, pois o ensino, na época, era destinado apenas à elite e não à população da zona rural, menos favorecida. Então, os colonos começaram a construir suas próprias escolas, mesmo que a instrução educacional não fosse considerada relevante nessa sociedade. Havia dificuldades para custear as despesas de manutenção e também para pagamento de professores. Em meados do século XIX, a solução encontrada foi a contribuição de sacerdotes católicos e de pastores protestantes europeus em relação às atividades educacionais. Com essa nova situação, a sociedade já se encontrava mais diversificada. Assim, as escolas particulares alemãs foram crescendo e ofereciam à população teuto-brasileira quase duas vezes mais vagas do que as escolas públicas para a população gaúcha. Entretanto, muitas medidas foram tomadas contra as colônias alemãs e contra outras etnias, pois as autoridades temiam, por exemplo, manifestações políticas. Percebiam a preservação consistente da língua e da cultura germânica, o que propiciou o fechamento de escolas e de outras instituições, como clubes, “a fim de evitar o surgimento de nacionalismos espúrios entre os imigrantes”. Outra alternativa encontrada pelas autoridades foi a criação de colônias mistas, já no final do século XIX. (BONI e COSTA, 1984, p. 66)

Segundo Flores (2004, p. 85), “o governo rio-grandense positivista, implantado no início da República, passou a combater o analfabetismo de 74%”, estimulando a rede de escolas públicas com o intuito pró-nacionalização, por meio do ensino do português, geografia e história do Brasil.

3.3.2 Os Italianos no Rio Grande do Sul

Na década em que os italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, 1870, este estado já tinha quadruplicado sua população provincial, ficando em torno de 440 mil pessoas. A maioria localizava-se na Depressão Central, no Litoral e na Campanha, e 1/6 dessa população total residia na zona de colonização alemã. Como as terras planas do Estado já estavam ocupadas, sobram para os italianos e para os poloneses os terrenos acidentados da serra, como retrata a figura 80, com floresta selvagem e animais desconhecidos. Os primeiros “apenas trouxeram roupas e algumas ferramentas: enxadas, foice e facão, para os trabalhos agrícolas”. (ZANCANARO *apud* COSTA, 1974, p. 101)



Figura 81: casa de madeira, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33)



Figura 82: *Casa da Ovelha*, em madeira e construída pelos imigrantes italianos, 1917. (MOVELSUL, 2007)

Houve também a construção de casas de pedra (figuras 83 e 84). Após a primeira década de estabelecimento nas terras gaúchas, surgiram, em maior abundância,

as casas de tijolos domésticos secados ao sol [...], de tijolos domésticos cozidos, de boa textura e, finalmente, de tijolos industrializados em olarias. Interessantes foram os exemplares de casas mistas, com paredes de pedra e madeira, ou com paredes de tijolos e madeira e, às vezes, numa conjugação de pedras, tijolos e madeiras. Geralmente a parte térrea, correspondente ao porão, no caso das construções mistas, era de pedra e madeira, deixando-se o tijolo e a madeira para as paredes do espaço domiciliar. [...] As coberturas das diferentes residências foram, genericamente, no início, coberturas de tabuinhas [...], tiradas de toras de pinus araucária, serradas curtas, e rachadas manualmente e, depois, aplainadas [...]. As coberturas de telhas de canal ou de telhas francesas e as coberturas de zinco foram posteriores às primeiras décadas. [...] Os pisos ou assoalhos das casas eram do mesmo tipo de tábuas que as das paredes externas, porém mais consistentes e trabalhadas. [...] Para portas [figura 85] e janelas faziam-se aberturas de madeiras especiais, construídas, também, com tábuas comuns e presas à construção por dobradiças

de ferro, trabalhadas manualmente ou por dobradiças de couro cru. O vidro das aberturas apareceu mais tarde. Para fechaduras foram tradicionais as tramelas de madeira, quer para as janelas quer para as portas. (BONI e COSTA, 1984, p. 141-142)



Figura 83: casa de pedra, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34)



Figura 84: casa construída pelos imigrantes italianos. (MOVELSUL, 2007)



Figura 85: portas de madeira esculpida (1ª e 2ª) e talhada (3ª), final do século XIX. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)

No início, as casas coloniais “conservavam a cor natural de seus materiais”. Mais tarde, passou-se a utilizar a caiação, “pintura de cal derretido em água, com cola extraída da fervura de uma variedade de cactos, abundantes em toda a região italiana”. Da mesma maneira evoluíram as construções das capelas. (BONI e COSTA, 1984, p. 142-143)

Sobre os móveis internos de madeira, com exemplos nas figuras 86, 87, 88 e 89, conforme Costa (1974, p. 41 e 102),

eram fabricados a [sic] mão e beneficiados através de navalhas polidoras. As mesas constavam de uma ou duas tábuas de maior largura. [...] Usavam-se bancos de madeira que qualquer um sabia fabricar. Os que possuíam [sic] maior habilidade fabricavam cadeiras, tipo colonial, revestidas de palhas de massegas [sic]. [...] Com o tempo, estas [sic] peças foram substituídas por móveis mais trabalhados.



Figura 86: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)



Figura 87: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)



Figura 88: cadeira de balanço, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)

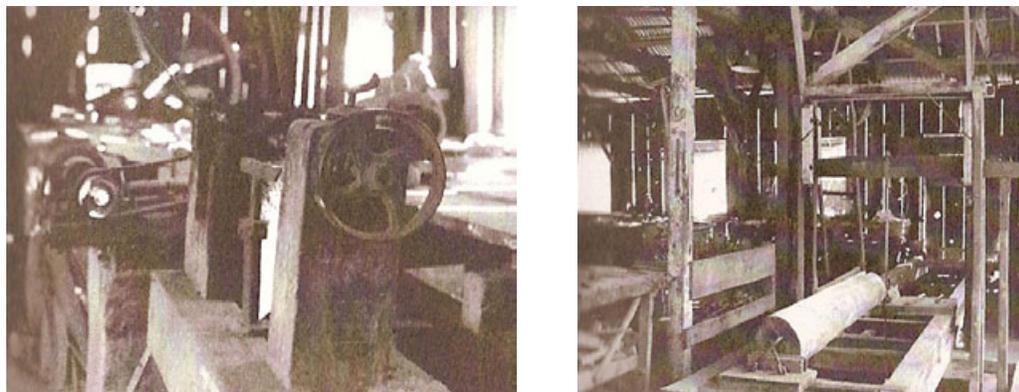


Figura 89: cadeiras, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)

Complementando, Fontoura (2006a, p. 20-21) relata que

foi preciso beneficiar a madeira por meio do falquejo, isto é, pela operação de reduzir a quadrados ou retângulos as seções circulares das toras de madeira ou da rachadura e do serramento à mão por meio do sistema de estaleiro. O acabamento era efetuado por meio da plaina e de ferramentas como o spiolador,

tendo, como exemplos, as máquinas para a manufatura de móveis, bem como as instalações das marcenarias, nas figuras 90 e 91.



Figuras 90 e 91: exemplos das instalações de marcenarias e de suas máquinas para a manufatura de móveis. (FONTOURA, 2006a, p. 19 e 21, respectivamente)

Outras características desse período eram conseqüências da revolução industrial:

havia já estradas-de-ferro, rede telegráfica, um sistema bancário incipiente e uma organizada navegação fluvial, com barcos a vapor. A Província, embora basicamente marcada pela pecuária, contava já com uma grande produção agrícola, proveniente principalmente das colônias alemãs. A modernização fazia-se sentir também no domínio das letras e na importância que o ensino começava a ganhar na consciência de muitas autoridades. Politicamente, estavam curadas as feridas separatistas provocadas pela Guerra dos Farrapos e o governo voltava a investir em obras públicas na região da Campanha; a Guerra do Paraguai estava há pouco concluída quando aportaram os primeiros italianos, as campanhas do Prata eram fatos do passado, e a escravidão, proibida nas colônias, agonizava na Província. (BONI e COSTA, 1984, p. 62-63)

Das colônias primitivas, surgiram os municípios atuais, conforme a tabela 22:

Tabela 22 – Colônias Primitivas e Municípios Atuais

COLÔNIA PRIMITIVA	MUNICÍPIOS ATUAIS
Colônia Caxias	Caxias do Sul Flores da Cunha Farroupilha São Marcos
Dona Isabel	Bento Gonçalves
Conde d'Eu	Garibaldi Carlos Barbosa
Antônio Prado	Antônio Prado
Alfredo Chaves	Veranópolis Nova Prata Nova Bassano Cotiporã
Guaporé	Guaporé Muçum Serafina Correa Casca
Encantado	Encantado Nova Bréscia

Fonte: FROSI-MIORANZA *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 69

Os imigrantes que chegaram da Itália eram provenientes do norte desse país, como mostra o mapa na figura 92, região que foi a mais atingida pela crise econômica no momento da unificação e pelo desemprego decorrente da industrialização, exemplificada na figura 93, entre outros motivos. Quanto à proveniência, tem-se a percentagem segundo a tabela 23.



Figura 92: a Itália e suas regiões. (BONI e COSTA, 1984, p. 242)

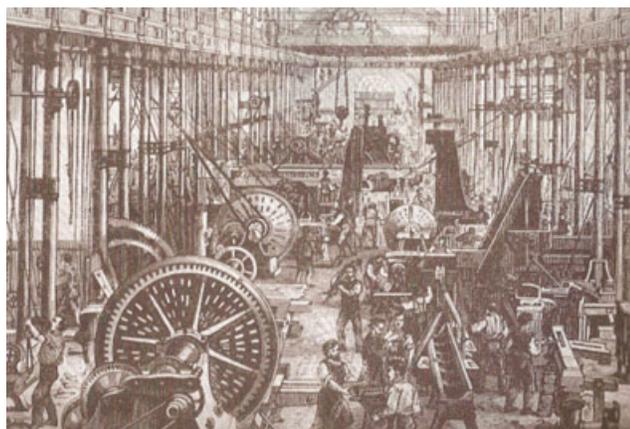


Figura 93: a industrialização na Europa, a qual ampliou a substituição de mão-de-obra, gerou o desemprego e estimulou a imigração para o Brasil. (FLORES, 2004, p. 16)

Tabela 23 – Proveniência dos Italianos chegados no Rio Grande do Sul

Imigrantes	Porcentagem
Vênetos	54%
Lombardos	33%
Trentinos	7%
Friulanos	4,5%
Outros	1,5%
TOTAL	100%

Fonte: FROSI-MIORANZA *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 79

A maioria dos italianos dizia-se agricultor para poder entrar no Brasil, já que o interesse do governo era por trabalhadores dessa área. Mas, na verdade, muitos deles gostariam de exercer a profissão que desenvolviam na Itália. Alguns já eram aceitos como artífices, comerciantes, etc. Dessa forma, logo após a fundação das colônias, tanto as famílias italianas como as alemãs, tornavam-se auto-suficientes. “O trabalho tornou-se para o colono, o segredo da fortuna, causa do progresso e prova de honorabilidade. [...] Paralela à ideologia do trabalho corria uma maneira diferente de conduzir-se economicamente: gastava-se o menos possível”. Com isso, algumas famílias enriqueceram. (BONI e COSTA, 1984, p. 85)

Como no caso das colônias alemãs,

o quadro sócio-cultural das colônias italianas do RS não era um prolongamento da Itália (...), como também não constituía um perigo político (...). Era simplesmente uma expressão natural, espontânea dos valores culturais dos imigrantes, favorecida pelo isolamento. (MANFROI *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 118)

Depois de supridas as necessidades de consumo caseiro, os excedentes eram disponibilizados para o mercado regional e nacional. Suas produções eram caracterizadas pelo cultivo do trigo, vinho e milho, não que esses produtos nunca tivessem sido cultivados anteriormente no Rio Grande do Sul, mas destacou-se pela larga escala, sendo a produção de vinho a mais importante e perdura até hoje de acordo com as atualizações necessárias para o seu progresso.

Foi por meio da carreta de quatro rodas, puxada por mulas, cavalos e bois, como mostra a figura 94, que

os carreteiros levavam o progresso e criavam a primeira forma de interação sócio-cultural entre as comunidades. [...] Durante cerca de meio século, foi o único veículo de transporte na zona colonial. Sobre o velho traste, hoje desaparecido, viajavam os gêneros, os cereais, os instrumentos, as mudanças, os produtos industriais, os artigos de comércio e o próprio homem. (BONI e COSTA, 1984, p. 172-173)



Figura 94: “colonos em mutirão conduzem à serraria pesado [sic] toro [sic] de madeira-de-lei. Interior de Venâncio Aires”. (FLORES, 2004, p. 102)

Já os tropeiros eram representados por aqueles que percorriam distâncias mais longas e faziam negócios de compra e venda ou de troca de mercadorias. Os balseiros faziam o transporte pelos rios.

Aqueles colonos que se dirigiam para a vila, depois para a cidade, como Caxias do Sul, cidade já com a presença de fábricas, onde o progresso industrial e a vida urbana passaram a atrair a mão-de-obra, buscavam trabalhar como artífices, já que essa região era carente desse tipo de profissional. Aos poucos, os artesãos iam aumentando suas fortunas enquanto prestavam serviços àqueles indivíduos ligados à pecuária, atividade que formava a base econômica da maioria dos municípios da região. Os artesãos, os quais exerciam tarefas como ferreiros, alfaiates, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, entre outras, tiveram um aumento em número mais significativo a partir do final da Segunda Guerra Mundial.

A partir da segunda metade do século XX, “com o crescimento do comércio e da indústria, a mão-de-obra rural passou a ser exigida, seguindo-se o êxodo rural incontrolável”. (BONI e COSTA, 1984, p. 178)

Cabe destacar que,

sem negar a importância dos conhecimentos técnicos trazidos pelos imigrantes, e mesmo sabendo de sua vontade de vencer ao chegar à América, não se pode contudo esquecer o acúmulo de capital, dentro do Rio Grande do Sul, que possibilitou o surto de industrialização no eixo entre Porto Alegre e Caxias do Sul e beneficiou diretamente a região das primitivas colônias italianas. (BONI e COSTA, 1984, p. 185)

Os imigrantes italianos entravam no Brasil declarando-se agricultores, o que facilitava seu ingresso neste país, mas muito deles jamais trabalharam nas lides rurais, eram artesãos. Eles possuíam “conhecimentos de técnicas industriais rudimentares”. (BONI e COSTA, 1984, p. 214)

Segundo Boni e Costa (1984, p. 215),

o surto industrial da colônia italiana, como o gaúcho e o brasileiro, não está ligado a invenções, ao uso de técnicas avançadas desconhecidas. Trata-se, isto sim, do emprego de técnica já dominada há décadas em países industrializados. Reproduziu-se, na região, o que já se havia visto na Europa e que, na maior parte dos casos, não exigia maiores conhecimentos, nem investimentos muito elevados. Depoimentos pessoais e históricos de firmas falam de viagens ao exterior para a aquisição de máquinas; de correspondência com outros países, informando-se sobre técnicas; de imitação simplificada e adaptada, e mesmo de aplicação prática do que se lia em manuais. [...] Com isso evidencia-se a função de substituição de importações, que assumiu a indústria brasileira em seu conjunto, bem como os nexos de dependência que desde o início a uniram a outros países capitalistas.

Em função do acúmulo de capital na região colonial italiana, o mesmo pôde ser reinvestido “nos ramos vinícola, madeireiro, tritícola e de produtos suínos”. (BONI e COSTA, 1984, p. 216)

Como exemplo, a cidade de Caxias do Sul, em 1892, já possuía várias serrarias, moinhos, ferrarias, marcenarias, sapatarias, alfaiatarias, entre tantos outros empreendimentos, atividades que se transformaram em indústrias e se originaram algumas do comércio e outras do artesanato. Gallo, citado por Boni e Costa (1984, p. 217), diz que

o artesanato rural de transformação de gêneros - chamado por Gallo de “indústria doméstica” - visando à exportação, teve que competir com a empresa capitalista e foi liquidado. Já o trabalho artesanal de ferreiros, serralheiros, funileiros etc., voltado à satisfação de necessidades da colônia, cresceu até a primeira guerra mundial, para depois manter-se estagnado, devido à concorrência de produtos estrangeiros, que lhe tiraram boa parte do mercado urbano. [...] Às vésperas da segunda guerra, durante e após ela, é que tais firmas passam a crescer e tomam o formato de indústrias modernas. O lento crescimento foi devido, pois, ao baixo grau de inserção no mercado nacional, o que só se superou na década de 40. Nestas firmas, o processo de acúmulo de capital não esteve ligado à empresa comercial, mas proveio da poupança interna, dentro do próprio estabelecimento. A inserção no mercado nacional propiciou a este capital a possibilidade de uma rápida reprodução. E posteriormente, [...] surge o financiamento bancário e a redefinição do modelo industrial brasileiro.

Os colonos não davam muita importância ao ensino, pois consideravam que era possível adquirir bens apenas por meio do trabalho, sem a necessidade da instrução educacional, quadro que foi mudando com o tempo, quando começaram a surgir as primeiras escolas. Inicialmente, eram construídas ao lado da capela, local onde acontecia a vida social dos imigrantes. Tais instituições eram promovidas por religiosos de várias etnias de imigrantes, durante todo século XIX e início do século XX, e as aulas também eram ministradas por frades e freiras estrangeiros ou por filhos de imigrantes que seguiram a carreira eclesiástica. Mais tarde, começavam a surgir centenas de formados, filhos de colonos, os quais passaram a se integrar na vida pública e em profissões liberais, tais como em setores técnicos e na política. Os religiosos “passaram também a construir e administrar hospitais”. (BONI e COSTA, 1984, p. 116)

“Em 1950, cerca de 60 congregações religiosas trabalhavam no Estado, e seus estabelecimentos educacionais foram surgindo por toda a parte, culminando com a ereção de uma Universidade Católica em Porto Alegre”. (BONI e COSTA, 1984, p. 199)

3.4 A Industrialização no Rio Grande do Sul

Conforme Boni e Costa (1984, p. 211), no século XIX, a industrialização passou a se desenvolver principalmente na zona de colonização alemã e, mais tarde, na italiana, isso por consequência de um acúmulo de capital e pela existência de um mercado consumidor nessas áreas, as quais se localizavam distante do centro do país. Já na campanha, ao contrário, nunca se “conseguiu acumular o capital necessário para o financiamento de um projeto industrial”, pois havia pouca densidade demográfica, além da produção extensiva (pecuária tradicional). Mesmo no século XX, “quando se pensou em partir para a construção de frigoríficos, os campos descapitalizados necessitaram de recursos do exterior”.

No final do século XVIII, na região de Pelotas, devido à localização do único porto marítimo gaúcho, surgiu a indústria saladeira com a produção do charque, o qual era exportado para o centro do país e para outros países.

É ponto pacífico que o capital acumulado nas charqueadas possibilitou o surgimento de indústrias em Pelotas e Rio Grande. Nesta localidade, em 1874, surgiu o que se pode chamar de primeira fábrica gaúcha, a “União Fabril”, tendo como proprietários os alemães Vater e Rheingantz. A localização junto ao porto, fez com que as indústrias riograndinas estivessem desde cedo em contato com o resto do país, o que as levou a disputar mercado com outras concorrentes. Devido a isto [sic], sobreviveram naquela localidade as indústrias de maior porte e que, desde logo, partiram para uma maior especialização. Até 1920, Rio Grande foi um pólo industrial mais importante que Porto Alegre. [...] Nesta cidade, porto e confluência da produção da zona colonial, as primeiras indústrias surgiram mais no fim do século, tendo como proprietários indivíduos de origem alemã. Eram, geralmente, firmas de menor porte, e voltadas mais para satisfazer às necessidades regionais. As dificuldades de transporte protegiam-nas da concorrência de outros centros, e seu mercado baseava-se fundamentalmente no poder aquisitivo da zona de colonização. (BONI e COSTA, 1984, p. 212)

Há controvérsia sobre como surgiu a indústria sul-rio-grandense. Alguns autores defendem que ela se desenvolveu a partir do artesanato realizado pelos imigrantes; outros dizem que o artesanato foi liquidado antes mesmo do surgimento da industrialização, quando passou a perder espaço perante a importação de bens de indústrias estrangeiras.

Com isto [sic], salienta-se a importância do comerciante nos primórdios da colonização e no início da industrialização. Sua “casa de negócio” diferia muito de uma firma comercial moderna, assemelhando-se mais a um misto de super-mercado [sic], banco, transportadora e manufatura de produtos agropecuários. Na casa de negócio o colono encontrava tudo o de que necessitava, provindo da grande cidade, ou mesmo do exterior, e a ela entregava sua produção, já que as dificuldades de transporte impediam-no de levá-la até os centros consumidores. [...] As grandes firmas comerciais acabavam localizando-se em Porto Alegre, ou ao menos tendo lá uma filial. Muitas tinham linhas de navegação e quase todas, suas tropas de transporte. [...] “O intercâmbio comercial gerou acúmulo de capital nas mãos dos comerciantes, proporcionando condições de investimentos em empreendimentos comerciais ainda maiores e em indústrias. Dinastias econômicas germano-rio-grandenses, como Trein, Ritter, Renner, Mentz, Bromberg, Dreher, Sperb, etc., originaram-se em atividades comerciais e instalaram fábricas importantes posteriormente”. (MOURE *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 213)

Já segundo Delhaes-Guenther, citado por Boni e Costa (1984, p. 214), o qual desenvolveu um histórico sobre as indústrias teuto-brasileiras no Estado, constatou que os comerciantes não foram os únicos a partirem para a industrialização, defendendo que houve quatro grupos fundadores, representados por “artesãos nascidos no Brasil; [...] empresários que trouxeram da Europa conhecimentos artesanais ou industriais; [...] empresários que adquiriram conhecimentos no ramo devido ao comércio interno ou externo; [...] [e] empresários sem nenhum conhecimento no ramo”.

3.5 O Design, a Industrialização e o Comércio

Segundo Norberto José Pinheiro Bozzetti (2004, p. 32), os antecedentes históricos do design gaúcho foram representados, num primeiro momento, pela necessidade de nativos e imigrantes, mesmo que pouco preparados, em criar soluções próprias em pequenas produções, referentes a ferramentas (figura 95), mobiliário (figuras 96, 97, 98 e 99) e acessórios diversos. Com as colonizações mais recentes, era evidente o predomínio de padrões alemães e italianos, além de influências estéticas francesas e espanholas, desde o fim do século XIX e início do século XX.



Figura 95: ferramentas dos imigrantes italianos. (FONTOURA, 2006a, p. 16)



Figuras 96, 97 e 98: móveis produzidos pelas imigrações alemã e italiana no sul do Brasil. (MCB, 2007)



Figura 99: detalhe de um móvel. (FONTOURA, 2006a, p. 23)

Já no período entre as duas Guerras Mundiais (1919 a 1939), a indústria gaúcha começou a se desenvolver, buscando soluções para produtos realizadas, muitas vezes, por “práticos”, os quais viviam num círculo artístico formado pelas Escolas de Belas Artes, juntamente com as influências européias daquele tempo.

No decorrer das décadas de 20, 30, 40 e 50, do século XX, houve uma relativa consolidação da indústria no Rio Grande do Sul, a qual, além de soluções estéticas, buscava soluções técnicas, conforme ocorria a evolução tecnológica produtiva no mundo desenvolvido. A partir da expansão da comunicação por meios como o cinema, o rádio, as revistas e, mais tarde, a televisão, a informação chegava a todos os lugares e estimulava a imaginação de muitos.

Com os obstáculos decorrentes das Guerras Mundiais, como as dificuldades financeiras e de importação, as fábricas da época defendiam-se com a construção de máquinas por elas desenvolvidas. Mesmo com limitações de todo tipo, a criatividade local tratou de gerar produtos viáveis naquelas condições técnicas. “Essa demanda por uma criatividade local, focada na tecnologia possível, conduziu à formação de um pólo de Design, nas escolas técnicas e na engenharia”. (BOZZETTI, 2004, p. 33)

As correntes que, no Brasil, influenciaram os designers, a partir da década de 1950, foram os modelos norte-americano e europeu: aquele com a decoração do tipo “pé de palito” em móveis, por exemplo; e este com a predominância das características da Bauhaus e de outras escolas tradicionais. Assim, houve um relativo distanciamento entre os profissionais de criação, em que o diretor de arte passou a manter um estilo mais americanizado, e o designer, mais europeizado.

O mercado, no início dos anos de 1960, era um pouco resistente diante dessa nova profissão que surgia. Algumas indústrias copiavam os produtos de outros países, ou os profissionais das mesmas, como os próprios donos ou os chefes das famílias fundadoras, bem como alguns contratados, muitos sem qualquer formação específica, desenvolviam e adaptavam projetos de produtos. Ainda havia aquelas empresas que contavam com o serviço de designers (ou desenhistas industriais), assim se identificavam, mas acabavam trabalhando junto à engenharia e projetavam em função da tecnologia disponível. Porém, outras indústrias buscavam inovar por meio do trabalho de bons designers. E estes, providos de conhecimentos teóricos e de um bom nível de comunicação, passaram a divulgar e propagar a sua profissão.

Após a abertura das indústrias para esse novo profissional, este passou a analisar as melhores oportunidades para que seu projeto se concretizasse.

Conhecendo melhor o seu cliente e sua concorrência, identificando tendências do mercado, estudando as características do problema a resolver, alguns Designers [...] ousaram propor inovações em negócios e em empreendimentos, chegando a causar mudanças de rumo que afetaram positivamente a vida de algumas empresas gaúchas. (BOZZETTI, 2004, p. 39-40)

Diante do cenário econômico gaúcho, o setor que mais investia no design era o privado, ligado ao comércio e à indústria. Essas áreas buscavam fortalecer suas marcas. As indústrias procuravam sempre aumentar sua produtividade e, conseqüentemente, o seu

porte como empresa, de pequeno para médio, de médio para mais, mesmo que, nesse período inicial da segunda metade do século XX, ainda não existiam empresas gaúchas que pudessem ser chamadas de grandes. Mas com o desenvolvimento progressivo que vinham alcançando, passaram a arriscar em outras regiões do Brasil e até em outros países. O designer, além da própria elaboração do projeto de produto, por exemplo, acabava também por se envolver com outras atividades ligadas à geração de embalagens, marcas, *stands* em exposições, sinalizações e outras. No comércio, por sua vez, nos anos de 1970, começaram a emergir redes de lojas, como também houve o surgimento dos primeiros hipermercados e, logo, dos *shopping centers* (ou centros comerciais, como eram chamados na época). Nesse setor de serviços, o designer também encontrou o seu lugar e, assim, o design passou a fluir mais naturalmente no Rio Grande do Sul.

3.6 A Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, a origem da indústria moveleira ocorreu, principalmente, na região da serra gaúcha, onde estão localizados os municípios formados pela colonização italiana, como já mencionado.

Com o conhecimento e a tradição dos imigrantes, iniciou-se a produção de móveis de forma artesanal e voltada para o consumo próprio. A partir da década de vinte, já se encontravam estabelecidas pequenas empresas moveleiras que produziam seus produtos sob encomenda, ainda em pequena escala, pois a demanda no período era muito incipiente. A produção em escala industrial apresenta significativo incremento a partir da década de cinquenta, quando se verificam a ampliação da produção e a implantação de novas empresas que já comercializavam seus produtos no mercado estadual. O auge do crescimento da indústria é verificado no decorrer das décadas de sessenta e setenta, com a implantação de um número significativo de novas empresas na região da Serra Gaúcha. [...] Cabe destacar que o controle do capital das empresas moveleiras gaúchas continua sendo na sua totalidade nacional. (ALIEVI e VARGAS, 2002, p. 190)

Na tabela 24, conforme IEMI (2006b, p. 11), pode-se observar os números da indústria de móveis no Rio Grande do Sul, dados de 2005. Cabe destacar que as vendas correspondiam “a 3,1% das receitas brutas da indústria de transformação do estado”. Já quanto ao emprego, esse segmento abrigava “4,9% do total de trabalhadores alocados no setor industrial do estado”. Estes números mostram que a “indústria sul rio grandense [sic] de móveis [...] possui uma importância ainda mais significativa na economia do seu estado, do que o setor moveleiro nacional na economia do país”.

Tabela 24 – Números da Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul

Indústrias / Industries ⁽¹⁾	2.205 unidades / 2,205 units
Empregos / Jobs	28.930 funcionários / 28,930 employees
Produção / Production	58,7 milhões de peças (309 mil colchões) 58.7 million pieces (309 million mattresses)
Vendas / Sales	R\$ 3,2 bilhões (R\$ 14,1 milhões em colchões) R\$ 3.2 billion (R\$ 14.1 million mattresses)
Exportações / Exports	US\$ 272,9 milhões / US\$ 272.9 million
Investimentos / Investments	R\$ 58,8 milhões / R\$ 58.8 million
Nota: (1) Não inclui empresas sem empregados. Note: (1) Does not include companies without employees.	

Fonte: IEMI, 2006b, p. 11

Até 2005, o Rio Grande do Sul possuía 2.205 empresas moveleiras, incluindo fabricantes de colchões. E 365 dessas indústrias são responsáveis pela fabricação de partes componentes, cuja produção refere-se à “necessidade de se aproveitar a capacidade de produção de máquinas muito modernas, que do contrário, seriam sub-utilizadas”. As tabelas 25, 26, 27 e 28 complementam tais dados, enquanto relacionam as empresas moveleiras com o tipo de produto fabricado, com a natureza dos móveis produzidos, com o tipo de móvel produzido e com a sua política de produção, respectivamente. Acredita-se que a redução na capacidade de compra do mercado interno seja um dos motivos da queda na produção moveleira que ocorre em certos momentos. Do contrário, quando há “uma melhoria na renda média das famílias, [isso pode ocorrer] como consequência de um abrandamento na política macroeconômica do governo, tida como bastante provável para um ano eleitoral”, por exemplo. (IEMI, 2006b, p. 12-15)

Tabela 25 – Empresas segundo o Tipo de Produto Fabricado

Empresas segundo o tipo de produto fabricado Companies according to type of product produced			
Fabricantes Manufacturers	Rio Grande do Sul	Brasil Brazil	R. Gde. Sul / Brasil R. Gde. Sul / Brazil
Móveis de Madeira Wood Furniture	1.727	11.990	14,4%
Móveis de Metal Metal Furniture	188	1.097	17,1%
Móveis Estofados Upholstered Furniture	144	928	15,5%
Outros Móveis Other Furniture	130	91	142,9%
Móveis total Total Furniture	2.189	14.106	15,5%
Colchões Mattresses	16	295	5,4%
Total Geral^{(1) (2)} Overall Total^{(1) (2)}	2.205	14.401	15,3%
Fonte: IEMI Nota: (1) Considera para efeitos de classificação, o produto preponderante na produção. (2) Não inclui empresas sem empregados.		Source: IEMI Note: (1) For classification purposes, the most prominent product in production. (2) Does not include companies without employees.	

Fonte: IEMI, 2006b, p. 12

Tabela 26 – Empresas segundo a Natureza dos Móveis Produzidos

Empresas segundo a natureza dos móveis produzidos <i>Companies according to type of furniture produced</i>						
Natureza do móvel produzido <i>Type of Furniture Produced</i>	Frequência <i>Frequency</i>		Idade média (anos) <i>Average Age (years)</i>	Nº unid fabris (média) <i># of factory units (average)</i>	Área construída (média/m²) <i>Constructed Area (average/m²)</i>	Funcionários (média) <i>Employees (average)</i>
	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>				
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	1.727	78,3%	13	1	4.367	20,3
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	188	8,5%	16	1	1.555	17,5
Móveis estofados <i>Upholstered Furniture</i>	144	6,5%	19	1	2.671	7,6
Outros móveis <i>Other Furniture</i>	130	5,9%	20	1	1.325	5,8
Colchão <i>Mattresses</i>	16	0,7%	14	1	2.173	9,1
Total / Total ⁽¹⁾	2.205	100%	-	-	-	-
Média / Average	-	-	16,9	1,0	3.470,2	16,1

Fonte: IEMI
Nota: (1) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI
Note: (1) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006b, p. 13

Tabela 27 – Empresas segundo o Tipo de Móvel Produzido

Empresas segundo o tipo de móvel produzido <i>Companies according to type of furniture produced</i>				
Produtores <i>Producers</i>	Rio Grande do Sul		Brasil / Brazil	
	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>
Escritório / Office	712	32,3%	3.874	18,4%
Dormitório / Bedroom	1.080	49,0%	7.857	13,7%
Sala de jantar / Dining Room	827	37,5%	4.093	20,2%
Sala de estar / Living Room	643	29,2%	3.326	19,3%
Estofados / Upholstered Furniture	528	24,0%	2.777	19,0%
Móveis modulados / Modular furniture	275	12,5%	3.362	8,2%
Outros móveis / Other Furniture	368	16,7%	3.691	10,0%
Colchão / Mattresses	16	0,7%	295	2,0%
Total / Total ⁽¹⁾⁽²⁾	2.205	100,0%	14.401	15,3%

Fonte: IEMI
Nota: (1) Respostas múltiplas.
(2) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI
Note: (1) Multiple answers.
(2) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006b, p. 13

Tabela 28 – Empresas segundo sua Política de Produção

Empresas segundo sua política de produção <i>Companies according to production policy</i>				
Política de produção <i>Production policy</i>	Rio Grande do Sul		Brasil / Brazil	
	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>
Produção em série <i>Serial production</i>	1.470	67,2%	7.942	56,3%
Produção sob desenho <i>Customized production</i>	1.103	50,4%	7.998	56,7%
Produção de partes <i>Production of Parts</i>	275	12,6%	1.016	7,2%
Montagem de partes <i>Assembly of Parts</i>	138	6,3%	480	3,4%
Total⁽¹⁾⁽²⁾⁽³⁾	2.189	100,0%	14.106	100,0%

Fonte: IEMI
Nota: (1) Respostas múltiplas.
(2) Não inclui os produtores de colchões.
(3) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI
Note: (1) Multiple answers.
(2) Does not include mattress producers.
(3) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006b, p. 14

“Distribuindo-se as empresas por faixa de faturamento, é possível verificar que o setor é formado principalmente por empresas de pequeno e médio porte (como aliás em todo mundo). É assim que 79% delas faturam até R\$ 1,2 milhões/mês”, como mostra a tabela 29. Tais empresas “trabalham basicamente em um único turno e raramente rodam mais de 8 horas por turno. No todo, o parque sul riograndense [sic] opera à razão de 8hs [sic] e 20m por dia”, tabela 30. Quanto ao

número de funcionários utilizados [este] cresceu 5% em 2004%, mas perdeu cerca de 16% em 2005, do que resultou uma diminuição de 12% no número de empregos oferecidos, no período 2003 a 2005. Em torno de 87% da força de trabalho é utilizada nas áreas produtivas das empresas, cerca de 12% na administração, enquanto pouco menos de 2% dos funcionários, respondem pelas vendas. É verdade que em apoio à equipe de vendedores próprios, as empresas mantêm cerca de 3.200 representantes comerciais, número que cresceu ligeiramente em 2005 (um aumento de 2,6% sobre o ano anterior),

tabela 31. (IEMI, 2006b, p. 17-18)

Tabela 29 – Distribuição das Empresas segundo seu Faturamento Mensal

Distribuição das empresas segundo seu faturamento mensal <i>Distribution of companies according to monthly earnings</i>				
Faixas de faturamento (em R\$) <i>Earnings Brackets in (in R\$)</i>	Distribuição / Distribution			
	Mov. resid. <i>Home Furniture</i>	Mov. de escrit. <i>Office Furniture</i>	Colchões <i>Mattresses</i>	Total <i>Total</i>
Até 120 mil/mês <i>Up to 120 thousand/month</i>	43,2%	46,6%	62,5%	44,4%
De 121 a 600 mil/mês <i>From 121 to 600 thousand/month</i>	32,4%	20,0%	25,0%	28,7%
De 601 a 1,2 milhão/mês <i>From 601 to 1.2 million/month</i>	5,4%	6,7%	-	5,6%
De 1,21 a 6,0 milhões/mês <i>From 1.21 to 6.0 million/month</i>	12,2%	20,0%	12,5%	14,8%
De 6,1 a 10,0 milhões/mês <i>From 6.1 to 10.0 million/month</i>	2,7%	6,7%	-	3,7%
Acima de 10,0 milhões/mês <i>Over 10.0 million/month</i>	4,1%	-	-	2,8%
Total / Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: IEMI - Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 17

Tabela 30 – Regime de Trabalho

Regime de trabalho <i>Work regime</i>		
Turnos / Shifts	Empresas / Companies	Horas Trabalhadas / Hours worked
1	91,0%	8,4
2	7,9%	17,0
3	1,1%	24,0
Média / Average	-	8,3

Fonte: IEMI - Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 18

Tabela 31 – Número de Funcionários

Número de funcionários <i>Number of employees</i>			
Área de trabalho / Work area	2003	2004	2005
Produção / Production	29.060	30.346	25.187
Administração / Administration	3.209	3.489	3.351
Vendedores próprios / Own sales force	431	512	392
Representantes comerciais / Sales representatives	2.990	3.164	3.245
Total do setor / Total for sector⁽¹⁾	32.700	34.347	28.930
Total de móveis / Total furniture	31.921	33.521	28.114
Total de colchões / Total mattresses	779	826	816

Fonte: IEMI
Nota: (1) Os representantes comerciais não estão incluídos.

Source: IEMI
Note: (1) The sales representatives are not included.

Área de trabalho / <i>Work area</i>	Distribuição / <i>Distribution</i>		
	2003	2004	2005
Produção / <i>Production</i>	88,9%	88,3%	87,0%
Administração / <i>Administration</i>	9,8%	10,2%	11,6%
Vendedores próprios / <i>Own sales force</i>	1,3%	1,5%	1,4%
Representantes comerciais / <i>Sales representatives</i>	9,1%	9,2%	11,2%
Total do setor / <i>Total for sector</i>	100,0%	100,0%	100,0%
Total de móveis / <i>Total furniture</i>	97,6%	97,6%	97,2%
Total de colchões / <i>Total mattresses</i>	2,4%	2,4%	2,8%

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Área de trabalho / <i>Work area</i>	Evolução / <i>Evolution</i>		
	2003	2004	2005
Produção / <i>Production</i>	100,0	104,4	86,7
Administração / <i>Administration</i>	100,0	108,7	104,4
Vendedores próprios / <i>Own sales force</i>	100,0	118,8	90,9
Representantes comerciais ^(*) / <i>Sales representatives^(*)</i>	100,0	105,8	108,5
Total do setor / <i>Total for sector</i>	100,0	105,0	88,5
Total de móveis / <i>Total furniture</i>	100,0	105,0	88,1
Total de colchões / <i>Total mattresses</i>	100,0	106,0	104,7

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 18-19

Sobre o consumo de matérias-primas, como revela a tabela 32, quanto ao segmento de móveis de madeira, 59% corresponde ao uso de madeira serrada, sendo 30% de pinus e 29% de “madeira de lei”; 41% equivale a madeiras industrializadas, sendo 22% de MDF e 16% de aglomerado; e não mais que 3% de chapas de fibras duras. No segmento de móveis de metal, 66% refere-se à utilização de tubo, ficando o restante com as chapas (34%). No grupo dos móveis de vime, ratan e semelhantes, o primeiro material corresponde a 80% do consumo total (“quase que só de origem nacional”), ficando o restante com ratan e semelhantes (“quase sempre importados”). Já a tabela 33 mostra a origem dessas matérias-primas consumidas.

Além desses produtos, o mercado consome cerca de 1,84 milhões de metros cúbicos de espumas, na produção de colchões e estofados, e de outros artigos em quantidades pequenas e variáveis, como inox, vidros, cerâmicas, cortiças, etc., cuja demanda varia bastante, em função da moda momentânea. (IEMI, 2006b, p. 19)

Tabela 32 – Consumo de Matérias-Primas em 2005

Consumo de matérias-primas em 2005 Raw material consumption in 2005						
Tipo de móvel produzido Type of Furniture Produced	Unid. Units	Consumidores Consumers	% %	Consumo médio Average Consum.	Consumo Total Total Consum.	% %
Chapas de aglomerado Sheets of particleboard	m ³	319	22,6%	892,0	284.542	16,2%
Chapas de fibra dura Sheets of hard fiber	m ³	342	24,2%	157,9	53.999	3,1%
Chapas de MDF Sheets of MDF	m ³	888	62,9%	443,0	393.379	22,4%
Madeira maciça Hardwood	m ³	501	35,5%	1.005,2	503.615	28,7%
Pinus / Pinus	m ³	251	17,8%	2.071,9	520.056	29,6%
Madeira / Wood	m³	1.412	100,0%	1.243,3	1.755.591	100,0%
Chapas de metal Sheets of metal	tons	570	80,7%	14,5	8.289	33,6%
Tubos de metal Tubes of metal	tons	136	19,3%	120,2	16.345	66,4%
Metal / Metal	tons	706	100,0%	34,9	24.633	100,0%
Vime, ratan e semelhantes Wicker, rattan and similar	tons	45	100,0%	85,9	3.866	100,0%
Espuma / Foam	m³	569	100,0%	3.230,2	1.837.988	100,0%

Fonte: IEMI - Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 20

Tabela 33 – Origem das Matérias-Primas Consumidas

Origem das matérias-primas consumidas Raw material consumption in 2005		
Matéria-prima Raw Material	Origem (%) / Origin (%)	
	Nacional / Domestic	Importada / Imported
Madeira maciça / Hardwood	100,0%	-
Pinus / Pinus	91,3%	8,7%
Aglomerado / Particleboard	93,9%	6,1%
Chapa de fibra dura / Sheets of hard fiber	100,0%	-
MDF / MDF	94,9%	5,1%
Chapa metálica / Sheets of metal	100,0%	-
Tubo metálico / Tubes of metal	95,0%	5,0%
Plástico / Plastic	100,0%	-
Vime/ratan/semelhantes Wicker/Rattan/Similar	100,0%	-
Espuma / Foam	85,4%	14,6%

Fonte: IEMI - Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 20

Na tabela 34,

é apresentada uma relação dos municípios com a maior concentração de empresas e empregados no estado, segundo registros oficiais da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho e Emprego), ordenados segundo o número de pessoal ocupado,

enquanto que “o mapa [na figura 100] [...] ilustra a distribuição geográfica dos principais pólos produtores do estado, onde se destacam as regiões de Bento Gonçalves, Grande Porto Alegre e Lagoa Vermelha”. (IEMI, 2006b, p. 22-23)

Tabela 34 – Principais Pólos Produtores de Móveis no Rio Grande do Sul

Municípios <i>Townships</i>	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>	Empregados <i>Employees</i>	% <i>%</i>
Bento Gonçalves	272	12,3%	7.246	25,0%
Flores da Cunha	87	3,9%	3.000	10,4%
Caxias do Sul	149	6,8%	2.431	8,4%
Gramado	120	5,4%	2.253	7,8%
Garibaldi	61	2,8%	1.419	4,9%
Dois Irmãos	10	0,5%	1.080	3,7%
Lagoa Vermelha	47	2,1%	957	3,3%
Canela	54	2,4%	807	2,8%
Porto Alegre	115	5,2%	743	2,6%
Farroupilha	40	1,8%	739	2,6%
Nova Prata	17	0,8%	712	2,5%
São Marcos	23	1,0%	553	1,9%
Antonio Prado	22	1,0%	547	1,9%
Veranópolis	32	1,5%	452	1,6%
Erechim	31	1,4%	430	1,5%
Gravataí	24	1,1%	369	1,3%
Novo Hamburgo	54	2,4%	358	1,2%
Parai	19	0,9%	353	1,2%
Bom Princípio	16	0,7%	349	1,2%
Três de Maio	17	0,8%	300	1,0%

Continua / Continue

Continuação / Continuation

Municípios <i>Townships</i>	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>	Empregados <i>Employees</i>	% <i>%</i>
Passo Fundo	36	1,6%	299	1,0%
Lajeado	32	1,5%	269	0,9%
Campo Bom	11	0,5%	263	0,9%
Santa Cruz do Sul	25	1,1%	212	0,7%
Canoas	26	1,2%	196	0,7%
São Leopoldo	29	1,3%	192	0,7%
Venâncio Aires	14	0,6%	170	0,6%
Alvorada	19	0,9%	165	0,6%
Nova Petrópolis	17	0,8%	157	0,5%
Teutonia [sic]	13	0,6%	142	0,5%
Santa Maria	33	1,5%	139	0,5%
Sarandi	9	0,4%	131	0,5%
Torres	12	0,5%	125	0,4%
Arroio do Meio	16	0,7%	118	0,4%
Encantado	11	0,5%	111	0,4%
Santo Ângelo	10	0,5%	111	0,4%
Santo Cristo	12	0,5%	97	0,3%
Carlos Barbosa	7	0,3%	92	0,3%
Feliz	11	0,5%	88	0,3%
Viamão	9	0,4%	85	0,3%
Santa Rosa	14	0,6%	83	0,3%
Outros / Others	629	28,5%	587	2,0%
Total / Total	2.205	100,0%	28.930	100,0%

Fonte: RAIS / IEMI – Source: RAIS / IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 22-23

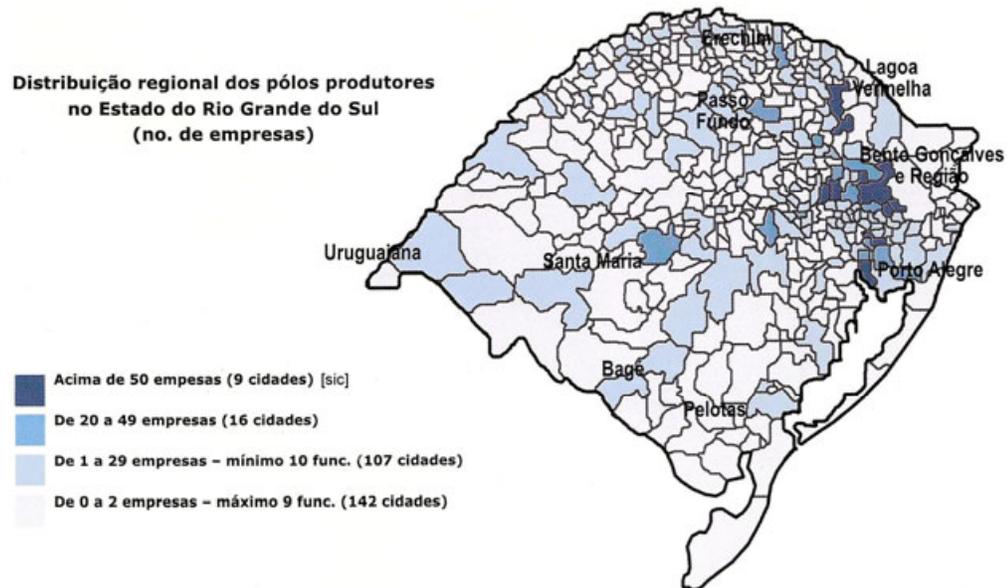


Figura 100: distribuição regional dos pólos produtores de móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 23)

Segundo IEMI (2006b, p. 25),

o Rio Grande do Sul é o segundo maior estado exportador de móveis do País. Em 2005, as exportações dos moveleiros gaúchos representaram cerca de 27% do total das exportações brasileiras de móveis e colchões. [...] Dentre as principais linhas exportadoras, assim como no restante do país, o grande destaque da pauta são os móveis de madeira, que correspondem a quase 80% dos valores exportados pelo estado.

Pode-se observar a evolução das exportações na tabela 35, quanto ao tipo de móvel, bem como o destino das mesmas na tabela 36.

Tabela 35 – Exportação de Móveis em Valores

Exportação de móveis em valores (em US\$ 1.000) <i>Furniture exports in values (in US\$ 1,000)</i>			
Exportações de móveis 2005 (em US\$ 1.000) <i>Furniture exports in 2005 (in US\$ 1,000)</i>			
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	Brasil <i>Brazil</i>	Rio Grande do Sul <i>Rio Grande do Sul</i>	% sobre o Brasil <i>% over Brazil</i>
Assentos / Seats	211.477	38.375	18,1%
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	17.698	9.266	52,4%
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	700.240	213.195	30,4%
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	4.562	1.709	37,5%
Partes de móveis <i>Furniture parts</i>	59.837	9.455	15,8%
Colchões / Mattresses	8.628	865	10,0%
Total / Total	1.002.443	272.865	27,2%

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 25

Tabela 36 – Destino das Exportações de Móveis

Destino das exportações de móveis <i>Destination of Furniture Exports</i>						
Destino das exportações de móveis (em US\$ 1.000) <i>Destination of furniture exports (in US\$ 1,000)</i>						
País / Country	2003	Partic (%) <i>Share (%)</i>	2004	Partic (%) <i>Share (%)</i>	2005	Partic (%) <i>Share (%)</i>
1. Estados Unidos / <i>United States</i>	52.661	28,7%	82.741	29,7%	74.571	27,3%
2. Reino Unido / <i>United Kingdom</i>	32.912	17,9%	49.535	17,8%	35.676	13,1%
3. Chile / <i>Chile</i>	9.536	5,2%	16.449	5,9%	17.349	6,4%
4. Argentina / <i>Argentina</i>	7.759	4,2%	13.778	4,9%	16.145	5,9%
5. Espanha / <i>Spain</i>	4.584	2,5%	10.835	3,9%	14.903	5,5%
6. França / <i>France</i>	9.548	5,2%	10.796	3,9%	10.167	3,7%
7. Países Baixos / <i>Netherlands</i>	2.758	1,5%	5.284	1,9%	8.081	3%
8. Uruguai / <i>Uruguay</i>	3.519	1,9%	6.014	2,2%	7.252	2,7%
9. Alemanha / <i>Germany</i>	4.831	2,6%	6.183	2,2%	6.329	2,3%
10. México / <i>Mexico</i>	5.757	3,1%	6.422	2,3%	6.281	2,3%
11. Porto Rico / <i>Puerto Rico</i>	4.028	2,2%	5.659	2%	6.050	2,2%
12. Irlanda / <i>Ireland</i>	4.334	2,4%	5.728	2,1%	5.694	2,1%
13. Panamá / <i>Panama</i>	6.332	3,4%	7.410	2,7%	5.358	2%
14. Angola / <i>Angola</i>	1.324	0,7%	4.060	1,5%	4.913	1,8%
15. Canadá / <i>Canada</i>	2.839	1,5%	3.128	1,1%	4.527	1,7%
16. Emirados Árabes / <i>Arab Emirates</i>	2.563	1,4%	3.604	1,3%	3.978	1,5%
17. Equador / <i>Ecuador</i>	1.643	0,9%	2.476	0,9%	3.728	1,4%
18. Guatemala / <i>Guatemala</i>	2.478	1,4%	3.425	1,2%	2.696	1,0%
19. Namíbia / <i>Namibia</i>	3.165	1,7%	4.120	1,5%	2.562	0,9%
20. Costa Rica / <i>Costa Rica</i>	1.755	1,0%	2.526	0,9%	2.016	0,7%
Subtotal / Subtotal	164.326	89,5%	250.170	89,7%	238.275	87,3%
Outros / <i>Others</i>	19.238	10,5%	28.656	10,3%	34.590	12,7%
Total / Total	183.564	100,0%	278.826	100,0%	272.865	100,0%

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 27

No Anexo A, encontra-se uma relação de 157 empresas moveleiras situadas no Rio Grande do Sul, segundo seu município, o tipo do móvel produzido, o tipo da matéria-prima utilizada, o ano de fundação, o número de funcionários e se exporta seus produtos.

3.7 A Institucionalização do Design no Rio Grande do Sul

Segundo Bozzetti (2004, p. 33), quanto à institucionalização do design no Rio Grande do Sul, “no início dos anos 60, a Faculdade de Arquitetura da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] [...], única do gênero no Rio Grande do Sul, já estava consolidada e se transformara no principal centro gaúcho de estudos das integrações forma-função e arte-técnica”. Nessa época, o desenho industrial, como era preferencialmente chamado, tinha encontrado espaço referente ao design de produto, essencialmente de mobiliário, e ao design gráfico, com ênfase em cartazes e embalagens, dentro da própria arquitetura.

Na década de 1970, houve a criação da disciplina Desenho de Publicidade, mais tarde chamada Comunicação Visual, no Centro de Artes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a qual propiciou, já no início da década de 1980, a instalação do Curso de Comunicação Visual, depois Desenho Industrial, pioneiro no ensino acadêmico do design no sul do país. (BOZZETTI, 2004, p. 52)

Após esse período, considerando até os dias de hoje, houve uma nova proliferação de faculdades, agora calcadas, por exemplo, em fatores mercadológicos como a localização da demanda para o ensino superior, vinculada a economias locais e regionais perfeitamente identificadas. Tal proliferação decorreu da emergência do tema design e da liberação dos conteúdos curriculares, com conseqüente abertura de variadas habilitações e ênfases. (SILVA, 2004, p. 90-91)

A seguir, foram listadas algumas instituições de ensino do Rio Grande do Sul, conforme os Cursos de Design e áreas afins.

Tabela 37 – Cursos Oferecidos pela UFRGS

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 1934)			
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO
- Engenharia Civil (1896) - Engenharia de Materiais (1994) - Engenharia de Produção (2000)	- Engenharia	- Engenharia – Civil; de Minas, Metalúrgica e Materiais; e de Produção	- Engenharia – Civil; de Minas, Metalúrgica e Materiais; e de Produção
- Artes Visuais (1910)	- Artes	- Artes Visuais	- Artes Visuais

- Arquitetura e Urbanismo (1946)	- Arquitetura	- Arquitetura - Planejamento Urbano e Regional	- Arquitetura
- Comunicação Social – Jornalismo, Propaganda e Publicidade, e Relações Públicas (1952)	-	- Comunicação e Informação	- Comunicação e Informação
- Design – Design de Produto e Design Visual (2006)	-	- Design (2007)	-

Fontes: INEP, 2008; UFRGS, 2008

Tabela 38 – Cursos Oferecidos pela UFSM

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria, 1960)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Engenharia Civil (1962)	-	- Engenharia – de Produção (1974) e Civil (1994)
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1972)	-	- Comunicação (2005)
- Desenho e Plástica (1979)	-	- Artes Visuais (2006)
- Artes Visuais – Desenho e Plástica (Bacharelado e Licenciatura Plena) (2007)	-	-
- Desenho Industrial – Programação Visual (1980), e Projeto de Produto (2005)	- Design para Estamparia (1988)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1992)	-	-

Fontes: INEP, 2008; UFSM, 2008

Tabela 39 – Cursos Oferecidos pela UFPEL

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas (Pelotas, 1969)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Artes – Artes Visuais, e Desenho e Computação Gráfica (Licenciatura: 1978)	- Artes	-
- Artes Visuais – Escultura, Gravura e Pintura (Bacharelado: 1960), e Design Gráfico (2003)	- Gráfica Digital (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1978)	-	- Arquitetura e Urbanismo (2008)
- Engenharia Industrial Madeireira (2005)	-	-

Fontes: INEP, 2008; UFPEL, 2008

Tabela 40 – Cursos Oferecidos pela ULBRA

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil (Canoas, 1964)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Arquitetura e Urbanismo (1974)	- Arquitetura – Gestão e Desenvolvimento de Projetos	-

- Engenharia Civil (1988)	- Engenharia – Civil, e de Produção	- Engenharia
- Engenharia de Plásticos (1993)		
- Design (1988)	- Design de Produto - Animação e Modelagem Digital 3D	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1992)	-	-
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (2003)	- Arte Contemporânea e Ensino da Arte	-
- Tecnologia em Fotografia – Tecnológico de Produção Cultural e Design (2003)		
- Tecnologia em Design de Embalagem (2003)		
- Tecnologia em Design de Produto – Tecnológico de Produção Cultural e Design (2003)	-	-
-Tecnologia em Design de Interiores (2004)		
- Tecnologia em Produção Audiovisual (2004)		
- Tecnologia em Design Gráfico (2006)		

Fontes: INEP, 2008; ULBRA, 2008

Tabela 41 – Cursos Oferecidos pela UNIRITTER

UNIRITTER – Centro Universitário Ritter dos Reis (Porto Alegre, 1971)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Arquitetura e Urbanismo (1976)	- Arquitetura e Urbanismo – Arquitetura de Interiores (2001) e Urbanismo Contemporâneo (2008)
- Design – Design de Produto, Design Gráfico(2002), e Design de Moda (2007)	- Design – Design de Produto, e Design Gráfico e Informação (2006)

Fontes: INEP, 2008; UNIRITTER, 2008

Tabela 42 – Cursos Oferecidos pela UNISINOS

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo, 1969)			
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
- Arquitetura e Urbanismo (1972)	- Arquitetura Comercial	-	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas (1973), Realização Audiovisual (2003) e Comunicação Digital (2004)	- Cinema	- Comunicação	- Comunicação
- Engenharia – Civil (1977), e de Produção (1984)	-	- Engenharia – Civil, e de Produção e Sistemas	-

- Tecnologia em Jogos Digitais (2004)	-	-	-
- Design (2007)	- Design – Estratégico, e Gráfico – Identidade Visual do Sistema-produto	- Design	-
-Gestão de Projetos (2008)	-	-	-

Fontes: INEP, 2008; UNISINOS, 2008

Tabela 43 – Cursos Oferecidos pela ESPM

ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing (Porto Alegre, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (2000)	-
- Design – Comunicação Visual com ênfase em Marketing (2003)	- Marketing e Design de Moda
-	- Gestão de Projetos

Fontes: ESPM, 2008; INEP, 2008

Tabela 44 – Cursos Oferecidos pela UNIFRA

UNIFRA – Centro Universitário Franciscano (Santa Maria, 1998)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Design – Design de Produto (1999)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2003)	-
- Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda (2003)	- Comunicação e Projetos de Mídia
-	- Gestão de Produtos

Fontes: INEP, 2008; UNIFRA, 2008

Tabela 45 – Cursos Oferecidos pela UCPEL

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas (Pelotas, 1960)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1960)	- Ciências da Comunicação (2007)
- Engenharia Civil (1968)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1991)	-
- Tecnologia em Design de Moda (2007)	-

Fontes: INEP, 2008; UCPEL, 2008

Tabela 46 – Cursos Oferecidos pela UPF

UPF – Fundação Universidade de Passo Fundo (Passo Fundo, 1968)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Educação Artística – Artes Plásticas (1974)	- Arteterapia	-
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (2005)	- Artes Visuais – Poéticas Bidimensionais	-
- Engenharia Civil (1994)	- Engenharia de Produção e Manufatura	- Engenharia – Infra-estrutura e Meio Ambiente
- Arquitetura e Urbanismo (2000)	- Arquitetura de Interiores	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda (2000), e Radialismo	- Comunicação Organizacional	-

- Tecnologia em Produção do Vestuário (2002)	- Desenvolvimento de Produto de Moda	-
-	- Design Gráfico e Mídias	-

Fontes: INEP, 2008; UPF, 2008

Tabela 47 – Cursos Oferecidos pela UNIJUI

UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, 1985)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Educação Artística – Artes Plásticas (Licenciatura Plena, 1985)	-
- Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura Plena, 2001)	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1995)	-
- Engenharia Civil (1997)	- Qualificação e Controle de Processos de Fabricação - Engenharia de Projetos Industriais
- Design (2000) – Design Gráfico e Design do Produto (2003)	-

Fontes: INEP, 2008; UNIJUI, 2008

Tabela 48 – Cursos Oferecidos pela UCS

UCS – Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul, 1967)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Comunicação Social – Relações Públicas (1971), Jornalismo (1992), e Publicidade e Propaganda (1999)	-	-
- Educação Artística – Artes Plásticas (1973)	- Arteterapia (2007)	-
- Engenharia (1977) – Engenharia de Materiais (2003), e Engenharia de Produção (2000)	-	- Materiais (2004)
- Tecnologia em Moda e Estilo (1992)	-	-
- Tecnologia em Produção Moveleira (1994)	-	-
- Tecnologia em Polímeros (1996)	-	-
- Tecnologia em Produção Joalheira (2003)	-	-
- Arquitetura e Urbanismo (1996)	-	-
- Design de Produto (2001)	-	-
- Design Gráfico (2007)	-	-
- Fotografia (Curso Seqüencial) (2003)	-	-
- Paisagismo (Curso Seqüencial) (2005)	-	-
- Arquitetura de Interiores (Curso Seqüencial) (2006)	-	-

- Tecnologias Digitais (2005)	
Fontes: INEP, 2008; UCS, 2008	

Tabela 49 – Cursos Oferecidos pela FEEVALE

FEEVALE – Centro Universitário Feevale (Novo Hamburgo, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Artes Visuais – Licenciatura Plena e Bacharelado (1968)	- Arte-Educação – Arte, Ensino e Linguagens Contemporâneas (1999)
- Ensino de Arte na Diversidade (2002)	- Poéticas Visuais – Gravura, Fotografia e Imagem Digital (2000), e Pintura, Desenho e Instalação - Processos Híbridos (2002)
- Arteterapia (2003)	- Arteterapia (2001)
- Comunicação Social – Relações Públicas (1970), Publicidade e Propaganda (1998) e Jornalismo (1999)	-
- Design – Design de Produto e Design Gráfico (1999)	-
- Design de Moda e Tecnologia (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2000)	-
- Gestão da Produção (2001)	- Gestão Estratégica de Produção (2002)
- Engenharia de Produção (2001) – Calçados e Componentes (2002)	- Qualidade de Produtos e Processos (2005)
- Curso Superior de Tecnologia em Jogos Digitais (2008)	-

Fontes: FEEVALE, 2008; INEP, 2008

Tabela 50 – Cursos Oferecidos pela UNIVATES

UNIVATES – Centro Universitário Univates (Lajeado, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Engenharia da Produção (2001)	-
- Comunicação social – Publicidade e Propaganda (2001)	-
- Comunicação Social – Jornalismo (2002)	-
- Comunicação Social – Relações Públicas (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2003)	-
- Design – Design Gráfico (2005)	-
-	- Dança, Corpo e Arte

Fontes: INEP, 2008; UNIVATES, 2008

Tabela 51 – Curso Oferecido pela UNILASALLE

UNILASALLE – Centro Universitário La Salle (Canoas, 1998)	
GRADUAÇÃO	
- Tecnologia em Design de Produto (2008)	

Fontes: INEP, 2008; UNILASALLE, 2008

Tabela 52 – Cursos Oferecidos pelo IPA

IPA – Centro Universitário Metodista (Porto Alegre)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social (2005) – Publicidade e Propaganda (ênfase em Marketing) e Jornalismo (ênfase em Gestão da Comunicação)	- Comunicação e Turismo – Comunicação Estratégica, Jornalismo de Mídias Digitais e Propaganda e Produção Cultural
- Engenharia Civil (2006)	-

- Engenharia da Produção (2006)	
- Arquitetura e Urbanismo (2006)	-
- Design de Moda (2006)	-

Fontes: INEP, 2008; IPA, 2008

Tabela 53 – Curso Oferecido pela FAE

FAE – Faculdade Anglicana de Erechim (Erechim)	
GRADUAÇÃO	
- Design (2007) – Projeto de Produto	

Fontes: FAE, 2008; INEP, 2008

Tabela 54 – Cursos Oferecidos pela FSG

FSG – Faculdade da Serra Gaúcha (Caxias do Sul, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Design (2007) – Projeto de Produto e Design Gráfico	- Design Estratégico e de Produto
-	- Inovação e Criatividade
-	- Engenharia da Produção
-	- Gestão Estratégica da Comunicação

Fontes: FSG, 2008; INEP, 2008

Tabela 55 – Curso Oferecido pela FAI

FAI – Faculdade dos Imigrantes (Caxias do Sul)	
GRADUAÇÃO	
- Design (2005) – Decoração de Interiores	

Fontes: FAI, 2008; INEP, 2008

Tabela 56 – Curso Oferecido pela MONTSERRAT

MONTSERRAT – Faculdade Montserrat (Caxias do Sul)	
GRADUAÇÃO	
- Design (2006) – Interiores	

Fontes: INEP, 2008; MONTSERRAT, 2008

Tabela 57 – Cursos Oferecidos pela FURG

FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande (Rio Grande, 1969)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Engenharia Civil (1972)	-	-
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (1977)	- Artes Visuais	-
-	- Aplicações para Web	- Modelagem Computacional

Fontes: FURG, 2008; INEP, 2008

Tabela 58 – Cursos Oferecidos pela UNIPAMPA

UNIPAMPA – Fundação Universidade Federal do Pampa (Bagé)	
GRADUAÇÃO	
- Engenharia Civil (2006)	
- Engenharia de Produção (2006)	
- Comunicação Social (2006) – Jornalismo e Publicidade e Propaganda	

Fontes: INEP, 2008; UNIPAMPA, 2008

Tabela 59 – Curso Oferecido pela UERGS

UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 2001)
--

GRADUAÇÃO
- Engenharia em Processos e Biotecnologia (2002)
- Engenharia em Sistemas Digitais (2002)
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (2002)
Fontes: INEP, 2008; UERGS, 2008

Tabela 60 – Cursos Oferecidos pela PUCRS

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 1948)			
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
- Comunicação Social – Jornalismo (1952), Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1967)	- Comunicação Social (1985) - Imagem Publicitária (2005) - Moda, Consumo e Comunicação (2006)	- Comunicação Social (1994)	- Comunicação Social (1999)
- Engenharia Civil (1960) - Engenharia de Produção (2003)	- Produção Civil (2008)	- Engenharia e Tecnologia de Materiais (2001)	- Engenharia e Tecnologia de Materiais (2007)
- Arquitetura e Urbanismo (1996)	- Expressão Gráfica (2004) - Arquitetura e Patrimônio Arquitetônico (2006) - Arquitetura e Paisagística (2007)	-	-
- Produção Audiovisual – Cinema e Vídeo (2004)	-	-	-
-	- Espaço Litúrgico e Arte Sacra (2007)	-	-

Fontes: INEP, 2008; PUCRS, 2008

Tabela 61 – Cursos Oferecidos pela URCAMP

URCAMP – Universidade da Região da Campanha (Bagé, 1989)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Educação Artística – Artes plásticas (Licenciatura Plena) (1961)	- Artes Visuais na Educação – Construção e Reconstrução da Imagem
- Licenciatura em Artes Visuais (1997)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1990)	-
- Engenharia Civil (1992)	-
- Comunicação Social (1996) – Jornalismo e Publicidade e Propaganda	-

Fontes: INEP, 2008; URCAMP, 2008

Tabela 62 – Cursos Oferecidos pela UNICRUZ

UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta (Cruz Alta, 1988)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1996)	- Comunicação e Mídia (2007)
- Arquitetura e Urbanismo (1997)	- Arquitetura Comercial (2008)

Fontes: INEP, 2008; UNICRUZ, 2008

Tabela 63 – Cursos Oferecidos pela UNISC

UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul (Santa Cruz do Sul, 1993)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda (1994), Relações Públicas (1996) e Radialismo – Produção em Mídia Audiovisual (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1999)	-
- Engenharia de Produção (2003)	-
- Engenharia Civil (2007)	-
-	- Gestão da Produção

Fontes: INEP, 2008; UNISC, 2008

Tabela 64 – cursos Oferecidos pela URI

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (Erechim, 1992)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Engenharia Civil (1993)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2001)	- Arquitetura e Tecnologia do Espaço Construído
-	- Arte e Cultura: Linguagens na Educação
-	- Gestão da Produção

Fontes: INEP, 2008; URI, 2008

Observa-se que foram apresentadas as principais faculdades, centros universitários e universidades do Rio Grande do Sul. A maioria dessas instituições, em torno de dezenove, possuem Curso de Design, com habilitações em Design de Produto, Design Gráfico, Design de Moda e Design de Interiores, estas duas últimas em ocorrência menor. Como já mencionado, o primeiro Curso de Design do Estado surgiu na UFSM, no início da década de 1980. No final dessa década, tal curso foi criado também na ULBRA e, somente a partir do final da década de 1990, houve a proliferação da abertura de Cursos de Design nas mais variadas instituições. Isso revela que somente a partir de meados da década de 1980 é que surgiram profissionais qualificados com essa graduação no mercado sul-rio-grandense.

Quanto às especializações, cabe destacar que tais cursos ligados ao design, dos mais variados gêneros, começaram a ser oferecidos somente na primeira década de 2000, com exceção para o primeiro curso de pós-graduação em Design de Estamparia, criado pela UFSM, no final da década de 1980.

Em nível de mestrado, recentemente, a UFRGS e, em seguida, a UNISINOS, criaram seus Cursos de Design.

Cabe destacar que algumas das instituições citadas, em torno de onze, implantadas no Rio Grande do Sul na primeira metade e início da segunda metade do século XX, já ofereciam cursos de graduação relacionados a artes, engenharia, arquitetura e comunicação social, antes da instalação de Cursos de Design no Estado. Como não havia graduados em design na região, o que passou a ocorrer somente a partir da década de 1980, indivíduos formados em outras áreas, como as mencionadas, eram os profissionais que desempenhavam o desenvolvimento de design no Estado. Observa-se que, mesmo após a proliferação de Cursos de Design no Rio Grande do Sul, até os dias de hoje, os egressos não foram

inseridos efetivamente nas indústrias moveleiras, conforme os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo, desenvolvida no capítulo 5. Há poucos designers formados e estudantes de design presentes nessas empresas.

Ainda no Rio Grande do Sul, foi criada a Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul (APDesign),

uma entidade sem fins lucrativos que congrega e representa profissionais e estudantes das diversas áreas de atuação do design gráfico, de produtos, têxtil, de embalagens, jóias, ponto de venda, identidade visual corporativa, sinalização, entre outras. [...] [Tal] entidade foi fundada em 09 de Janeiro de 1987, com o nome de Associação dos Profissionais em Desenho Industrial do Rio Grande do Sul. [...] [Durante algum tempo, a associação] teve suas ações interrompidas e, em 18 de Novembro de 1995, foi reativada já com a denominação atual. (APDESIGN, 2008)

Já a Rede Gaúcha de Design (RGD), fundada em 3 de dezembro de 2004,

é uma associação sem fins lucrativos [...] com o propósito de criar junto ao meio empresarial do Rio Grande do Sul uma política de investimentos em design. A RGD atua na coordenação e promoção de ações de conteúdo inovador na área do design, priorizando a implementação de projetos de alta visibilidade, contribuindo para elevar a competitividade do setor e o padrão de vida da sociedade brasileira, através da divulgação, da promoção e da articulação da oferta de serviços de design. (RGD, 2008)

Tal instituição tem como associados a APDesign, o SEBRAE, o SENAI, a FEEVALE, a UNISINOS e a UNIVATES.

3.8 Os Profissionais de Design Sul-Rio-Grandenses e seus Escritórios

3.8.1 Bornancini, Petzold & Müller

De forma inusitada, em 1951, José Carlos Mário Bornancini (1923-2008) e Nelson Ivan Petzold (1931) conheceram-se, quando o segundo prestou vestibular para o curso de Arquitetura da Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul - URGs (atual UFRGS) e acabou perdendo a vaga. “Inconformado, [Petzold] procurou um dos professores da banca examinadora e provou que a solução apresentada por ele também estava correta”. O erro foi admitido pelo professor José Carlos Bornancini. (CORRÊA, 2005, p. 9)

Anos mais tarde, no início da década de 1960, Bornancini e Petzold começaram a trabalhar juntos na área de projeto de produto. Os primeiros trabalhos em Desenho Industrial foram realizados junto às Metalúrgicas Wallig e Jackwal. Na década de 1970, até meados dos anos de 1980, seus trabalhos foram compartilhados com o colega da Escola de Engenharia, Henrique Orlandi Júnior, que, após algum tempo, interrompeu sua atividade para se dedicar

a negócios da família. A carreira da parceria possuiu dois momentos: um antes do escritório e outro depois do escritório. No início, Bornancini e Petzold dividiam o seu tempo entre os compromissos didáticos e os trabalhos para as indústrias, sendo estes, ora feitos em casa, ora realizados dentro das próprias empresas. Essa maneira de trabalhar diferenciava-se dos outros escritórios porque a dupla tinha um posto central nessas fábricas, onde reuniam as atividades. Desde 1992, passaram a contar com a colaboração de Paulo de Tarso da Silveira Müller (1951). Em 1994, a associação foi formalizada no escritório Bornancini, Petzold & Müller, localizado em Porto Alegre-RS, desenvolvendo produtos, embalagens, catálogos e marcas. As atividades do escritório foram encerradas em 2007.

Como seus trabalhos são fortemente vinculados “ao uso de novas tecnologias industriais, [desenvolveram] [...] mais de [...] [quinhentos] produtos em diversos segmentos da indústria, de computadores a tratores, de tesouras a garrafas térmicas, passando por móveis, fogões, elevadores, brinquedos”, eletrodomésticos e utilidades domésticas, possuindo entre esses cerca de duzentas patentes. (FAI, [2008?])

Bornancini e Petzold desenvolveram projetos, em certos momentos com Henrique Orlandi Júnior, em outros com Paulo Müller, para empresas como o Grupo Gerdau, Arcil Ar Condicionado, Hercules – Fábrica de Talheres, Perfumaria Memphis, Cia. Geral de Indústrias, Plásticos Mapla, Condicionadores de Ar Arcon, Conservas Ritter, Jimo, Refrigeração Springer, Corsan Cia. RG Saneamento, Springer Carrier do Brasil, Massas Coroa, Eberle, Massey Ferguson, Edisa Informática, Mat-Inset, Elevadores Sûr (Thyssen Krupp), Borrachas Mercur, Termolar, Equipamentos Cinematográficos IEC, Mercur Publicidade, Estofados Esplêndidos, Trorion Gaúcha, Ferramentas Ferrisan, Metalmo Aramados, Valisère, Forjas Taurus, Zivi Cutelaria, Móveis Todeschini, Coza Utilidades Plásticas, O. Mustad & Son Brasil, entre muitas outras. (BORNANCINI, 2004, p. 68)

Suas obras têm presença assegurada nas exposições e publicações de design das últimas décadas, o que pode ser verificado no Anexo B, segundo os prêmios, seleção para exposições, homenagens, entre outros destaques conferidos ao escritório.

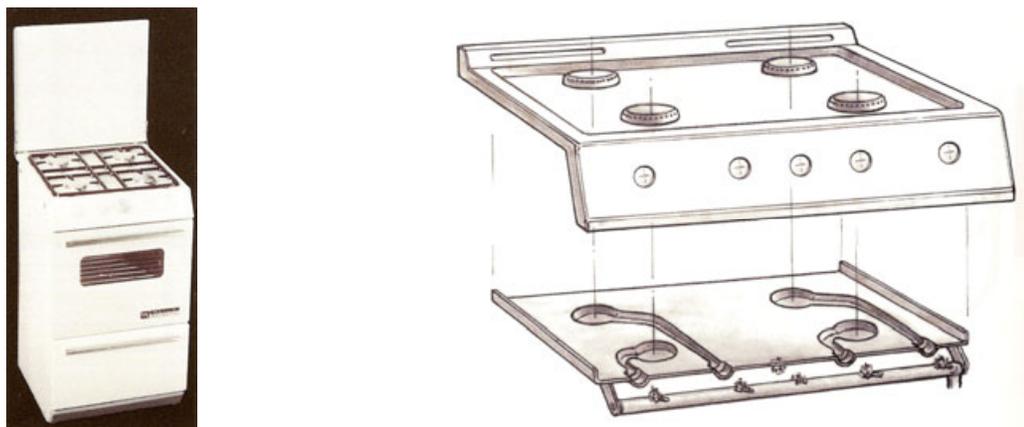
3.8.1.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório

A seguir, foram selecionados alguns exemplos de produtos projetados como propostas inovadoras para as mais variadas empresas.

Fogão Nordeste Wallig

Este produto (figura 101) possuía quatro queimadores superiores (figura 102) constituídos por um circuito impresso, estampado numa única operação, enquanto o seu corpo tinha uma estrutura monocoque. Uma fábrica foi construída em Campina Grande (PB),

exclusivamente para sua produção. Tal produto constituiu-se no carro-chefe de vendas da Wallig.



Figuras 101 e 102: *Fogão Nordeste Wallig*, 1959 (LEAL, 2002, p. 136); e sistema dos queimadores (CORRÊA, 2005, p. 6); respectivamente.

Proposta Inovadora para a Todeschini

Com base no aconselhamento de Bornancini e de Petzold, em 1968, a Todeschini passou a produzir móveis modulares, quando percebeu a necessidade de mudar o foco da fábrica, com a decadência do uso do acordeão, produto desenvolvido até tal momento, o que pode ser evidenciado na evolução das figuras 103, 104, 105 e 106. Com isso, tal indústria gaúcha transformou-se numa empresa respeitada no Brasil e no exterior.



Figura 103: fábrica de acordeões, 1939. (TODESCHINI, [2006?])



Figura 104: cozinhas modulares, década de 1970. (TODESCHINI, [2006?])



Figura 105: *Coleção Natural Life*, 2006. (TODESCHINI, [2006?])

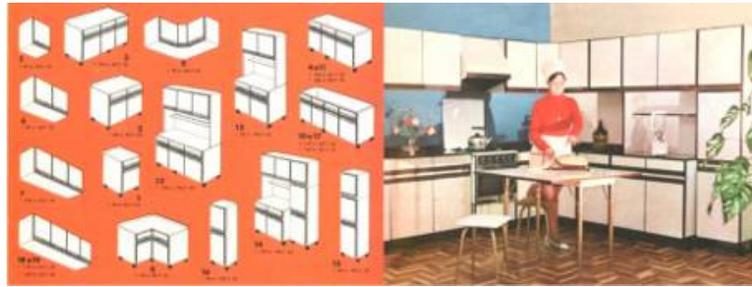


Figura 106: cozinha modulada da Todeschini, 1968. (coleção de Nelson Petzold)

Colheitadeira de grãos da Massey Ferguson

Para esta colheitadeira (figuras 107 e 108), foi desenvolvida “uma nova proposta construtiva para o depósito de grãos”, o que facilitou a fabricação da mesma. “Várias das soluções apresentadas neste modelo foram adotadas [pelas fábricas da empresa] [...] no exterior, inclusive na matriz canadense”. (CORRÊA, 2005, p. 8)



Figuras 107 e 108: *Colheitadeiras de grãos*, da Massey Ferguson, 1974. (coleção de Nelson Petzold; CORRÊA, 2005, p. 8; respectivamente)

Modelo Winner da Forjas Taurus

Para a Forjas Taurus, Bornancini desenvolveu o modelo de arma *Winner* (figura 109) para competição de tiro ao alvo de classe internacional. Pesquisaram-se detalhes como o mecanismo do produto, o importante sistema de mira e a sua ergonomia. Tal projeto foi elogiado, inclusive, pela revista americana *S.W.A.T.*, especializada em armas.



Figura 109: modelo *Winner*, da Forjas Taurus. (MARRA e SOUZA, 1997)

Talher Camping e Conjunto Comer Brincando Zivi-Hercules

O *Talher Camping* (figura 110) é um conjunto composto por garfo e colher cujos cabos “encaixam-se no cabo da faca, conformado como bainha, para maior compactação”. Foram “fabricados em aço inoxidável; a faca [era] [...] laminada para aumentar a dureza da lâmina e seu fio [era] [...] dotado de serrilha para melhor corte”. (ADP, [2006 ou 2007])

A receptividade do *Talher Camping* foi grande não só nos alvos pretendidos, [como] acampamentos, pescarias, escotismo, vida ao ar livre em geral, mas também [...] como talher auxiliar em churrasqueiras, nos pertences de adolescentes e mesmo [em] refeitórios. Foram produzidos [...] mais de 1.000.000 de conjuntos. Sua produção foi interrompida somente em 2000. (ADP, [2006 ou 2007])

Quanto ao *Conjunto Comer Brincando* (figura 111), constituiu-se em talheres para crianças, personalizados na “princesinha colher”, no “príncipe garfinho” e no “cão faquinha”. Foram vendidos mais de 2,5 milhões de conjuntos.



Figuras 110 e 111: *Talher Camping*, 1974 (CSPD, [200-]); e *Talheres Comer Brincando* (EXPRESSÃO, 2005); ambos da Zivi-Hercules, respectivamente.

Tesouras Ponto Vermelho Mundial

A coleção de tesouras Ponto Vermelho [figura 112], de 1982, [evoluiu] [...] da Tesoura Multiuse, da Mundial, [...] [e tem como] marca [...] a bucha vermelha de nylon na articulação. [Com] tesouras mais resistentes, leves, baratas e ecológicas, [esta coleção] têm doze modelos com lâminas de aço inox e cabos de polipropileno,

com versões para canhotos e destros. Já o modelo das *Tesouras Softy* (figuras 113 e 114), também da linha *Ponto Vermelho*, “foi [dotado] [...] de anéis macios nos olhais, que suavizam o contato dos dedos com” os mesmos. (RATHSAM, 2002, p. 28)



Figura 112: *Tesoura Ponto Vermelho*, da Mundial, 1982. (ADP, [2006 ou 2007])



Figuras 113 e 114: *Tesoura Softy* (BORNANCINI, 2004, p. 66); e modelos de *Tesouras Softy*, 1993 (ALMANAQUE, 2004); da Mundial, respectivamente.

Tesoura de cozinha Ponto Vermelho Mundial

A *Tesoura de cozinha Ponto Vermelho* (figuras 115) possuía vários aspectos de inovação, como ser desmontável para facilitar a sua limpeza, fio serrilhado, dispositivo para corte de ossos, espaço serrilhado entre os cabos para afrouxar tampas roscadas ou quebrar nozes e abridor de garrafas. O projeto também levou em consideração aspectos ergonômicos, como o tamanho da mão da mulher brasileira. (UNB, [200?])



Figura 115: *Tesoura de cozinha Multiuse*, da Mundial. (LEAL, 2002, p. 136)

Conjunto de Facas Laser Mundial

Este conjunto (figura 116) era formado por facas de cinco modelos diferentes, e suas “lâminas de aço inox [tinham] [...] micro-serrilhas e os cabos [eram] [...] de polipropileno preto”. (RATHSAM, 2002, p. 25)



Figura 116: *Conjunto de Facas Laser Mundial*, de 1983. (LEAL, 2002, p. 137)

Modelos Supertermo da Termolar

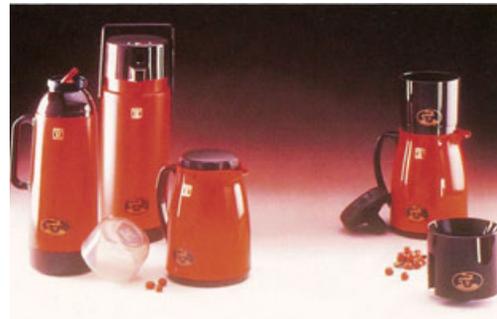
O recipiente isotérmico (figura 117) foi projetado “para ter alta resistência, grande capacidade [...] [três ou cinco litros] e [boa] conservação da temperatura da bebida, [...] destinada a situações de lazer ao ar livre. [Acabou sendo adotado] [...] por trabalhadores rurais de todo o” Brasil e vendeu mais de um milhão de unidades. No segundo modelo (figura 118), como exemplo, para servir a bebida era necessário apenas girar a tampa, sem a necessidade de retirá-la, podendo servir em qualquer direção. (RATHSAM, 2002, p. 27)



Figuras 117 e 118: *Supertermo Automático*, 1980 (UNB, [200-]); e *Supertermo*, 1975 (CORRÊA, 2005, p. 7); da Termolar, respectivamente.

Conjuntos de merendeiras e de garrafas e bules térmicos da Termolar

Abaixo, têm-se alguns exemplos de conjuntos de merendeiras e garrafas térmicas com motivos infantis para uso escolar (figura 119), e também um conjunto de garrafas e bules térmicos (figura 120), ambos projetados pelos designers para a Termolar.



Figuras 119 e 120: conjuntos de merendeiras e de garrafas (LEAL, 2002, p. 136); e bules térmicos (LEAL, 2002, p. 138); da Termolar, respectivamente.

Garrafas térmicas da Termolar

A *Garrafa térmica automática Magic Pump* (figura 121) tem como principal característica não pingar após servir. Serve grande volume com um acionamento suave da bomba, possui ampola dupla de vidro espelhado internamente, com alto vácuo entre as paredes, e suas partes plásticas são de polipropileno. Outros exemplos de garrafas térmicas desenvolvidas pelos designers para a Termolar podem ser conferidos nas figuras 122 e 123. (ADP, [2006 ou 2007])



Figuras 121, 122 e 123: *Garrafa Térmica Magic Pump*, 1999 (IAB-RS, 2000); *Garrafa Térmica R-Evolution*, 1999 (RATHSAM, 2002, p. 26); e *Garrafa Perfeita* (BORNANCINI, 2004, p. 61); da Termolar, respectivamente.

Borrachas Mercur

Na figura 124, modelos de borrachas da *Coleção Art Collection*, da Mercur, enquanto que a figura 125 destaca o modelo *Ying-Yang*.



Figuras 124 e 125: *Borrachas Mercur Art Collection*, 2002 (ARCO WEB, [200-]); e *Ying-Yang* (LEAL, 2002, p. 136); respectivamente.

Sobre as *Borrachas Pedagógicas Toy* (figuras 126 e 127), além de apagar, elas possuem “um formato exclusivo que permite a construção de [inúmeros volumes geométricos] [...]”. [Elas] [...] são coloridas (rosa, verde e amarela) e podem ser encontradas em embalagens de 12 ou 20 unidades”. (MERCUR, 2003)



Figuras 126 e 127: objeto construído com as *Borrachas Pedagógicas Mercur Toy*, 2003 (MERCUR, 2003); e detalhe das borrachas (CORRÊA, 2005, p. 9); respectivamente.

Escorredor de louça da Coza

Tal produto (figura 128)

tem superfície curva que não deixa a água acumular. Ao contrário dos tradicionais escorredores, que geralmente são feitos com espaços reservados, [esta] [...] peça não possui espaços específicos, o que dá mais liberdade de uso, além de não restringir e otimizar o espaço. Possui ainda uma [parte] [...] de apoio que é fácil de desmontar, agilizando a limpeza. Pode ser utilizado para vários formatos de pratos e serve de descanso auxiliar para diferentes tipos de louças como talheres, panelas e copos. (REVISTA SIM, [200-])



Figura 128: *Escorredor de louça da Coza*, 2005. (REVISTA SIM, [200-])

3.8.1.2 José Carlos Mário Bornancini



Figura 129: José Bornancini. (APDESIGN, 2006)

Quando José Bornancini ainda era estudante secundário, um empresário de uma indústria metal-mecânica, ao conhecer alguns dos desenhos e modelos reduzidos de aviões feitos por ele, orientou-o a abandonar a tradição médica de sua família para optar pelo estudo de engenharia.

Assim, em 1946, Bornancini formou-se engenheiro civil pela Escola de Engenharia da URGs. Durante muitos anos, teve participação ativa na carreira acadêmica, como

“professor da disciplina de Desenho à mão livre na Escola de Engenharia e” também da disciplina de Desenho Geológico no curso de formação de Geólogos, na UFRGS.

[Bornancini] foi fundador da Cadeira de Desenho Técnico da Escola de Engenharia da PUCRS. Colaborou também na Escola de Engenharia Industrial da Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC]. Membro da Comissão do DAU-MEC [Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação], foi um dos escolhidos para reformular o currículo mínimo dos Cursos de Desenho Industrial

no Brasil, em 1978. (BORNANCINI, 2004, p. 56)

Cabe destacar que esse currículo mínimo foi implantado pela Secretaria de Educação Superior em 1987.

É “Sócio Honorário da [APDesign] [...] desde a [...] fundação [da mesma] – privilégio de alguns poucos designers com relevante atuação na área –, e suas criações fizeram parte da exposição Expoentes do Design, realizada em 2005 em comemoração aos 10 anos da” Associação. No final de 2006, “a entidade instituiu o Prêmio Bornancini” em sua homenagem, prêmio que foi conferido aos vencedores do Salão APDesign. (APDESIGN, 2006)

3.8.1.3 Nelson Ivan Petzold



Figura 130: Nelson Petzold. (IAB-RS, 2000)

Nelson Petzold formou-se arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, em 1956. No início da década de 1960, deixou o escritório de arquitetura do qual era sócio e passou a se dedicar às atividades didáticas na Faculdade de Arquitetura e na Escola de Engenharia da UFRGS para onde foi levado por Bornancini. Foi professor do Curso de Engenharia de Operações da PUCRS. É Sócio Honorário da APDesign e da Associação dos Antigos Alunos da UFRGS. (IAB-RS, 2000)

3.8.1.4 Paulo de Tarso da Silveira Müller



Figura 131: Paulo Müller. (MÜLLER, 2004, p. 168)

Paulo Müller formou-se arquiteto pela UNISINOS. Também é escultor autodidata, especialista em Design de Produtos e mestre em Comunicação Social pela PUCRS. Leciona na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUCRS e foi coordenador do Núcleo de Design de Produto da APDesign.

3.8.1.5 Desenvolvimento de projetos no escritório

Segundo Nelson Petzold (2008), geralmente as firmas é que procuravam os serviços da parceria, apresentando problemas para serem resolvidos. A partir disso, observa-se, então, que os trabalhos calcavam-se, principalmente, em renovação ou em mudanças necessárias nos produtos existentes.

Após a solicitação de um projeto, discutia-se muito o assunto entre os sócios, e a idéia, então, surgia desse esforço e de muito trabalho “lápis e papel”, tarefa inicial considerada por Petzold insubstituível, em que nem o computador, dependência atual dos designers, resiste a uma comparação. Depois dos primeiros esboços, os parceiros realizavam contato com a engenharia (quando a empresa tinha engenharia) ou com a própria produção, para que eles desenvolvessem o projeto final, sempre com trabalho em equipe. No início da parceria, nas décadas de 1960 e 1970, existia uma dificuldade muito grande de se fazer protótipos, produzidos, muitas vezes, dentro da própria fábrica, por empresas terceirizadas, ou pelos próprios profissionais de design. Esses protótipos ajudavam, e muito, na decisão da diretoria em aprovar a proposta e, conseqüentemente, em aceitar a execução da ferramenta. Essa, por sua vez, principalmente do tipo para injeção, era uma empresa do Uruguai que fabricava, conforme os desenhos desenvolvidos pelas indústrias.

As características relacionadas ao design que eram consideradas pelos parceiros dependiam da complexidade do produto e do seu uso. Petzold citou o exemplo da tesoura, a qual exige uma dose maior de preocupação ergonômica do que para se projetar uma borracha.

Como as indústrias buscavam soluções para os seus problemas, geralmente a parceria não realizava pesquisa de mercado, pois tais problemas já tinham sido identificados por pesquisas. Mas em alguns casos, quando a empresa não tinha pessoal especializado nessa

área ou não tinha como contratar serviços, os parceiros chegaram a desenvolver pesquisa de mercado e, inclusive, corrigiram alguns rumos de pesquisa.

Para Petzold, algumas influências de modelos estrangeiros decorreram, principalmente, do contato com o arquiteto austríaco Eugen Steinhof, que conviveu, na época da docência, com José Bornancini, além da admiração pelos trabalhos do francês Raymond Loewy.

As restrições tomadas no desenvolvimento dos projetos ligavam-se à elaboração de um produto sempre melhor e mais barato do que o da concorrência, dentro da sua faixa de uso. Um exemplo dado por Petzold para complementar este assunto, foi sobre a comparação entre um Celta e outros carros presentes no mercado, visto que um Celta não pode concorrer com um Vectra, mas pode ser o melhor, comparando-o a um Uno e a outros modelos da mesma categoria de carro popular.

A aprovação do produto pelo cliente estava sujeita à exaustão de variados testes para se atingir a conclusão do projeto de maneira satisfatória, o que dependia das complexidades tecnológicas. Depois que o produto já estava no mercado, os sócios acompanhavam o nível de aceitação dos usuários, geralmente por intermédio de relatórios disponibilizados pelas próprias indústrias.

Concluindo a entrevista, Nelson Petzold disse que o design é uma maneira de simplificar e tornar mais agradável a vida das pessoas.

3.8.2 Tina e Lui Arquitetura e Design

Em 1974, as irmãs gêmeas Maria Cristina Cuervo de Azevedo Moura e Ana Luísa Cuervo Lo Pumo formaram-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFRGS. Desde 1990, as arquitetas formalizaram suas atividades no escritório Tina e Lui Arquitetura e Design, instalado numa casa tombada em Porto Alegre-RS, inicialmente, em parceria com Newton Ulrich, engenheiro civil. No início da década de 2000, este se desligou da sociedade para se dedicar à engenharia. Logo, começou a colaborar com os trabalhos a arquiteta Débora Eichenberg, que, atualmente, encontra-se afastada do escritório, residindo nos Estados Unidos. As irmãs e sócias (figura 132) atuam no desenvolvimento de produtos para a área moveleira, consultorias na área de design em conjunto com artesanato, arquitetura de interiores residenciais e comerciais, “realização de cursos e projetos voltados ao aprimoramento e profissionalização de novos designers e artesãos”. (HABITART, 2008)



Figura 132: Tina e Lui. (coleção do escritório)

Em entrevista pessoal à autora, Ana Luísa Lo Pumo (2008), com pós-graduação em Projeto de Produto (PUCRS; curso extinto) e docente na pós-graduação de Arquitetura de Interiores (UNIRITTER), relatou que o motivo pelo qual ela e seus sócios resolveram abrir um escritório foi o de formalizar a empresa para entrar no ramo da indústria. Também perceberam que havia um mercado crescente de design, mesmo ainda com a relutância de algumas indústrias em compreender e aceitar o design como algo que gerasse competitividade e que agregasse valor ao produto.

No início, os três sócios integraram uma equipe com mais duas funcionárias, sendo uma estagiária de arquitetura e uma secretária. Hoje, as duas sócias contam com os serviços de duas arquitetas, uma estagiária de arquitetura e uma secretária.

Algumas das primeiras empresas moveleiras, às quais o escritório prestou serviços, foram a Grandelar (RS) e a Garda Estofados (RS). Desenvolveram também projetos para Millenium Móveis (RS), Vimoso Móveis (RJ), Innovare (RS), Centenário Móveis (RS), Tok & Stok (SP), Dall Móveis (PR), Goulart Móveis (RS), Odorata Móveis (MT), entre outras. Atualmente, o escritório desenvolve móveis de diversos itens de linhas residenciais para indústrias como a Móveis Schuster (RS), a Saccaro Móveis (RS) e o Empório Beraldin (SP).

As arquitetas já participaram de muitas palestras e mostras, bem como receberam diversos prêmios em concursos regionais e nacionais, com alguns produtos destacados a seguir, relativos a móveis.

3.8.2.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório

Cadeira e Mesa Senta Bags

A *Cadeira e Mesa Senta Bags* (figura 133) recebeu o 1º Prêmio – Móvel para utilização em serviço, do II Salão Design Movelsul 1990, o 1º Prêmio – Móvel para exterior e lazer, do

Prêmio Movesp 1990 (Associação das Indústrias de Mobiliário do Estado de São Paulo), e foi selecionada para o Prêmio Museu da Casa Brasileira, também em 1990, sendo o primeiro sediado em Bento Gonçalves-RS e os outros eventos em São Paulo-SP. Este conjunto de móveis foi desenvolvido pelas arquitetas para a Grandelar, de Bento Gonçalves-RS, o qual vem acompanhado de uma bolsa para facilitar o transporte. Sua estrutura compõe-se de aço tubular e as superfícies de lona, para o assento e o encosto, e de madeira, para a mesa.



Figura 133: *Cadeira e Mesa Senta-Bags*, 1990. (FONTOURA, 2006a, p. 58)

Cômoda 2 em 1

A *Cômoda 2 em 1* (figura 134) recebeu o 1º Prêmio – Móvel para área íntima, do IV Salão Design Movelsul 1994. Esse produto, composto por dois móveis acoplados (mesa e gaveteiro), possui uma combinação de funções, as quais atendem diferentes fases da criança. A primeira função refere-se à chamada fase bebê, quando “a mesa com mais altura serve como trocador [...]. Com o crescimento da criança, a separação dos móveis proporciona uma mesa para os estudos da criança, adaptando-se a ela, pois passa a ter menor altura”. Tal móvel é confeccionado em MDF e possui combinação lúdica quanto às cores, na aplicação gráfica e nos puxadores em forma de bichinhos. (FONTOURA, 2006a, p. 80)



Figura 134: *Cômoda 2 em 1*, 1994. (FONTOURA, 2006a, p. 80)

Sofá Berço

O *Sofá Berço* (figura 135) recebeu duas premiações, no mesmo evento, como Menção Honrosa – Zona íntima e 1º Prêmio IBAMA de Madeiras Alternativas, do V Salão Design Movelsul 1996. Também foi vencedor do Prêmio Joaquim Tenreiro – Mobiliário residencial, oferecido pelo Museu da Casa Brasileira, em 1996. Esse móvel, em madeira tauari, também contempla várias etapas do crescimento da criança. Quando berço, possui uma regulagem com dois estágios na altura da cama. Tirando-se as grades, as quais podem formar uma estante ou uma mesa de estudos, o móvel transforma-se em cama ou sofá.



Figura 135: *Sofá Berço*, 1996. (FONTOURA, 2006a, p. 106)

Linha Minuano

Os móveis da *Linha Minuano* (figura 136), projetados para a Móveis Schuster, de Santo Cristo-RS, possuem acabamentos em tauari e pintura automotiva branca, além de revestimento em couro *Rodeo*.



Figura 136: *Linha Minuano*, 1997. (coleção do escritório)

Sofá Soma

O *Sofá Soma* (figura 137), desenvolvido para a Garda Estofados, de Porto Alegre-RS, recebeu o Prêmio Nacional de Design do Mobiliário – Certificado de Boa Forma, oferecido pela Fenaven 1997 (Feira Internacional de Móveis), em São Paulo-SP. Tal estofado é formado por módulos de madeira com espumas de densidades variadas e revestimento em tecido ou camurça.



Figura 137: *Sofá Soma*, 1997. (coleção do escritório)

Pufe

O *Pufe*, na figura 138, de estrutura em madeira com espumas e revestimento em tecido, também foi projetado para a Garda Estofados. Abaixo do assento, há uma gaveta, onde podem ser guardadas revistas, jornais e outros objetos.



Figura 138: *Pufe*, 1997. (coleção do escritório)

Linha Imigrante

A *Linha Imigrante* (figuras 139, 140 e 141), desenvolvida para a Móveis Schuster, caracteriza-se pela combinação da madeira com tiras de couro, as quais foram inseridas no assento das cadeiras. Essa linha foi vencedora do Prêmio Joaquim Tenreiro, oferecido pelo Museu da Casa Brasileira, em 2000.



Figura 139: *Linha Imigrante*, 2000. (coleção do escritório)



Figura 140: *Linha Imigrante*, 2000. (coleção do escritório)



Figura 141: *Linha Imigrante*, 2000. (coleção do escritório)

Berço Ovinho

O *Berço Ovinho*, na figura 142, de estrutura em alumínio e trançado de junco natural, foi desenvolvido para a Vimoso, do Rio de Janeiro-RJ, em 2001.



Figura 142: *Berço Ovinho*, 2002. (coleção do escritório)

Linha Ana Rech

A *Linha Ana Rech* (figuras 143 e 144), desenvolvida para a Saccaro Móveis, de Ana Rech-RS, em 2001, é composta por móveis com estrutura de alumínio e trançado em junco sintético.



Figuras 143 e 144: móveis da *Linha Ana Rech*, 2001. (coleção do escritório)

Linha Telaio

A *Linha Telaio* (figuras 145 e 146), desenvolvida para a Saccaro Móveis, recebeu o Prêmio Nacional de Design do Mobiliário – Menção Honrosa, oferecido pelo Salão Abimóvel 2003 (antiga Fenaven), em São Paulo-SP. Os móveis desta linha são confeccionados em madeira tauari tingida e em trançado de junco.



Figuras 145 e 146: móveis da *Linha Telaio*, 2003. (coleção do escritório)

Mesa Terra Nativa

A *Mesa da Linha Terra Nativa*, na figura 147, de madeira tauari e detalhes em lâminas de outros tipos de madeira, foi projetada para a Habitat, de Porto Alegre-RS, em 2003.



Figura 147: *Mesa da Linha Terra Nativa*, 2003. (coleção do escritório)

Linha Botequim

A *Linha Botequim* (figura 148), desenvolvida para a Tok & Stok, de São Paulo-SP, foi selecionada para o Prêmio Museu da Casa Brasileira, em 2003, e também recebeu o Prêmio IBAMA de Madeiras Alternativas, do IX Salão Design Movelsul 2004. Esta linha

“é composta de armário, cadeiras, mesa e suporte para bandeja. A mesa apresenta um recipiente para guardar jogos, bastando levantar um dos tampos, cujo orifício central funciona como pega. A linha tem sutil apelo à brasilidade com tratamento cromático e formal na base da bandeja, no encosto da cadeira e na porta do armário. Observe-se a base escura dos pés, criando um diferencial formal”. (FONTOURA, 2006a, p. 167)



Figura 148: *Linha Botequim*, 2004. (FONTOURA, 2006a, p. 167)

Mesa da Terra

A *Mesa da Terra* (figura 149), desenvolvida pela arquiteta Ana Luísa para a Odorata Móveis, de Cuiabá-MT, foi premiada com o 2º lugar no Concurso Design da Terra, 3ª edição, sediado em Cuiabá-MT, no ano de 2007.



Figura 149: *Mesa da Terra*, 2005. (FONTOURA, 2007)

Mesa Visconde

Em 2006, as arquitetas receberam o prêmio de Menção Honrosa do X Salão Design Movelsul Brasil 2006, com a *Mesa Visconde* (figura 150), desenvolvida para a Saccaro, de Ana Rech-RS. Tal produto “é uma homenagem ao personagem Visconde de Sabugosa, de Monteiro Lobato, introduzindo a trama com palha e sabugo de milho no rebaixo espelhado do móvel”. Essa trama é confeccionada por jovens carentes portadores de transtornos mentais, os quais são assistidos pelo Centro de Atenção Psicossocial “Nossa Casa”, de São Lourenço do Sul-RS. (FONTOURA, 2006b)

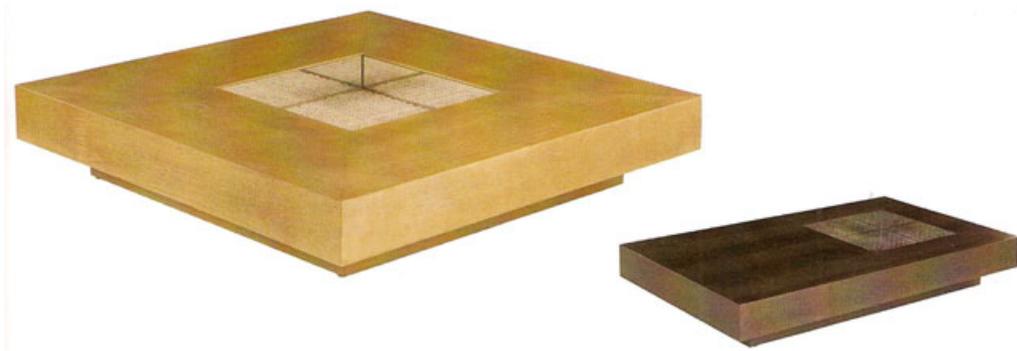


Figura 150: dois modelos da *Mesa Visconde*, 2006. (FONTOURA, 2006a, p. 175)

Mesa Gamela

Este móvel (figura 151) é elaborado artesanalmente a partir de um bloco de madeira garapeira. Tal produto é comercializado pela Saccaro Móveis.



Figura 151: *Mesa Gamela*, 2006. (coleção do escritório)

Poltrona Manta

A *Poltrona Manta* (figura 152) possui um revestimento composto por matérias-primas expressivas do artesanato regional, tais como casca de bananeira desidratada, couro tramado em tear manual ou couro recortado e tramado. Tal produto foi desenvolvido para a Saccaro Móveis, em 2006.



Figura 152: *Poltrona Manta*, 2006. (coleção do escritório)

Poltrona Mantô

A *Poltrona Mantô* (figura 153), confeccionada em madeira amapá e com revestimento em fibra de bananeira ou trama de couro. Também foi desenvolvida para a Saccaro Móveis, em 2006.



Figura 153: *Poltrona Mantô*, 2006. (coleção do escritório)

3.8.2.2 Desenvolvimento de projetos no escritório

Segundo Ana Luísa Lo Pumo (2008), geralmente, são os clientes que tomam a iniciativa de procurar pelo escritório, pois ela acredita que isso é fruto da exposição do Tina e Lui na mídia. Os anos de experiência dela e da Tina Moura, os vários prêmios recebidos e por terem participado de várias mostras Casa Cor RS, são razões que destacam a posição dessas profissionais como arquitetas de interiores e, por isso, o trabalho delas é muito solicitado. Apenas no início da carreira, as irmãs buscaram fazer contato com os clientes. Geralmente, os pedidos requerem o desenvolvimento de produtos novos.

O desenvolvimento dos projetos parte de um *briefing* exposto pela indústria para, então, a equipe do escritório começar a desenhar esboços. Após uma proposta definida, já aprovada pela indústria, realiza-se o desenho técnico em aberto, feito no Auto Cad, para que o pessoal da produção, juntamente com os setores de engenharia e de design (se estes existirem na empresa), tenham a liberdade de fazer alguma adaptação. Além disso, as arquitetas escolhem os acabamentos, os tecidos, se necessários, entre outros detalhes. Depois dessa fase, produz-se o protótipo para ser realizada a última revisão pelas arquitetas. Às vezes, a indústria investe em maquinário novo porque está acreditando que o produto vai dar certo. Conforme Pumo, quase sempre as apresentações de propostas são feitas de maneira mais artística, à mão, com recortes, montagens, inclusive em cartolina, por exemplo, o que, para ela, deixa a apresentação mais humanizada e facilita a compreensão do conceito do produto. Há casos em que o protótipo é desenvolvido em fábricas de parceiros do escritório Tina e Lui, sendo levado, após seu término, até a indústria, como modelo para os clientes.

Ainda de acordo com Lui Lo Pumo, a característica mais importante de um produto revela-se na novidade. Ele tem que ter algo de novo, “tem que ter um diferencial”, além das preocupações de aproveitamento de material, de sustentabilidade e de preço. A arquiteta

também acredita que “o produto, hoje, não é só um produto, ele tem que contar uma história, ele tem que ter conteúdo, tem que emocionar; eu não gosto de desenhar só por desenhar”. Outra característica, lembrada por Pumo, muito utilizada nos projetos desenvolvidos pelo seu escritório, é representada pela multifuncionalidade aplicada ao produto, quando este possui várias utilidades.

O pessoal do Tina e Lui não realiza pesquisa de mercado, mas troca idéias com os fabricantes. O escritório mantém assinaturas de diversas revistas, inclusive importadas. As arquitetas realizam muitas viagens nacionais e internacionais para visitar feiras e mostras. E todas essas informações, seja de modelos estrangeiros ou nacionais, o que possui uma certa unidade, segundo Pumo, colhidas por meio do olhar, vão influenciar os novos projetos.

O Tina e Lui Arquitetura e Design não acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais, mas mantém contato com os lojistas, os quais repassam observações feitas pela clientela, bem como suas próprias opiniões.

Concluindo a entrevista, Lui Lo Pumo disse que o design é uma ferramenta que dá seqüência às idéias que nascem do conhecimento do profissional. Com esse recurso, busca-se suprir necessidades, inclusive a emocional, além, de possibilitar uma adequação eficaz do produto ao homem.

3.8.3 Projeto 3 Design & Arquitetura

Desde setembro de 1993, o escritório Projeto 3 Design & Arquitetura, em Bento Gonçalves-RS, atua nas áreas da arquitetura e da construção civil, do design gráfico e do design de produto. Esta última envolve-se na criação de “móveis, máquinas e equipamentos, acessórios em plástico, alumínio, metal e metacrilato para móveis, design na área de iluminação para ambientes e especificamente para instalação em móveis com produção seriada”. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Inicialmente, à frente do comando do escritório, estavam três arquitetos, Daniel Camera, Fernando Sperotto e André Sperotto, os dois primeiros na figura 154. Pouco tempo depois da formação da sociedade, o último citado desligou-se dela para abrir uma empresa de móveis em São Paulo. Em entrevista pessoal à autora, Daniel Camera (2008), arquiteto (UNISINOS) e pós-graduado em design (UCS), relatou que ele e seus sócios resolveram abrir um escritório porque perceberam que havia um mercado crescente de design. Isso fez com que os próprios se especializassem na área, além da experiência que já possuíam em decorrência de terem trabalhado junto à indústria moveleira, tendo, como exemplos, os anteriores empregos do entrevistado, junto do Senai Cetemo (com a empresa Madecenter Móveis), da Móveis e Decorações Rizzi, da Metalúrgica Bertolini e da Telasul.



Figura 154: Daniel Camera e Fernando Sperotto. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008b)

Algumas das primeiras empresas moveleiras, em que o escritório prestou serviços, foram a Mobel, a Telasul e a Dell Anno, sendo as duas últimas do grupo Única. Outro trabalho interessante, destacado por Camera, foi o projeto para a Solare no desenvolvimento de cabines de bronzamento, quando, então, ele e seu sócio tiveram contato com matérias-primas diferentes, como fibras, e ainda lidaram com a parte elétrica do equipamento. Entre os produtos desenvolvidos no período inicial do escritório, cabe mencionar uma linha infantil de móveis, estantes (como chamavam na época) para uma linha de *home theater*, camas em aço e outros móveis mais populares. Até hoje, foram realizados em torno de 5.000 projetos para mais de 70 empresas. Atualmente, a equipe está envolvida com projetos de dez empresas, em média, ligados à área do design, o que corresponde a 80% do serviço total do escritório, com os 20% restantes relacionados à arquitetura e à construção civil. No que diz respeito ao design, a relação entre o escritório e as empresas se dá de maneira fixa, por projeto ou por *royalties*, dependendo da necessidade e do interesse do cliente.

Os dois sócios já integraram uma equipe de até oito funcionários, mas, hoje, esta se compõe por seis pessoas: uma delas é funcionária contratada com formação em arquitetura e as demais, estagiárias, com duas estudantes de arquitetura e três de design, as quais seguem um cronograma de trabalho, cumprindo datas para cada etapa. O que Daniel Camera sente falta no seu escritório é de um setor comercial, que facilitasse a prospecção e o contato com os clientes, pois o que acontece, no entanto, é o contrário: os clientes é que procuram os serviços do escritório. Outra meta dele e do seu sócio consiste em vender para as empresas produtos já definidos, com um conceito de mercado, de vendas, entre outros fatores.

Hoje, o escritório desenvolve móveis de todos os itens de linha residencial e móveis institucionais, entre outros, para indústrias como a Carraro, a Dell Anno, a D'itália e a Sademi Móveis; mais especificamente, cozinhas de aço para a Telasul, entre outros tipos de móveis; além de luminárias padrão, projetam luminárias específicas para móveis de

empresas como a Todeschini, a Dell Anno e a Criare, produzidas e comercializadas pela OMS Luz; desenvolvem projetos para indústrias de outros estados (Paraná) e países (Chile e Alemanha). Há seis anos, a parceria montou uma empresa como uma ramificação do próprio escritório, a Open Design que, por exemplo, fabrica em torno de oito a dez produtos exclusivos para a Tok & Stok. Pela excelência de seus projetos, o escritório já teve produtos selecionados em concursos nacionais, com alguns deles premiados, o que pode ser observado a seguir, entre outros exemplos.

3.8.3.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório

Cozinha de Aço com Portas de “ABS”

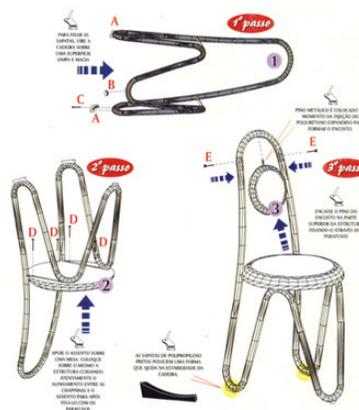
A *Cozinha de Aço com Portas de “ABS”* (figura 155) é inovadora no sentido da montagem dos módulos, além do valor estético agregado pela forma das partes frontais dos mesmos. Tal produto foi selecionado para a segunda etapa do VI Salão Design Movelsul 1998, Bento Gonçalves-RS.



Figura 155: *Cozinha de Aço com Portas de “ABS”*, 1998. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Cadeira Telasul

A *Cadeira Telasul* (figura 156) constitui-se de apenas uma barra contínua tubular de aço, onde se encaixam o encosto e o assento, e ainda com três apoios em contato com o chão. A cadeira é embalada num conjunto de quatro unidades. Este produto foi desenvolvido para a Telasul, de Garibaldi-RS, e selecionado para a segunda etapa do VII Salão Design Movelsul 2000, Bento Gonçalves-RS.



Figuras 156 e 157: *Cadeira Telasul*, 1999. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Cabine de Bronzeamento

Este produto (figura 158) foi desenvolvido para a Solare, de Bento Gonçalves-RS, com o intuito de proporcionar bronzeamento artificial.



Figura 158: *Cabine de Bronzeamento*, 2000. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Cama da Linha Ange Gardie

A *Cama da Linha Ange Gardie* (figura 159), da Telasul, de Garibaldi-RS, possui detalhes de aço forjado à mão, com acabamentos diversos, feitos à mão também, o que agregou valor ao móvel.



Figura 159: *Cama da Linha Ange Gardie*, 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Cama Mitzrael

Durante o desenvolvimento deste projeto, para a Telasul, de Garibaldi-RS, o escritório procurou agregar valor ao móvel (figura 160) por meio da combinação do aço cromado com detalhes em madeira. A *Cama Mitzrael* foi selecionada para a segunda etapa do IX Salão Design Movelsul 2004.



Figura 160: *Cama Mitzrael*, 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Mutábil

Este produto (figura 161) da Mobil Móveis, de Bento Gonçalves-RS, é modular e permite que o usuário o monte conforme sua necessidade. Tal móvel recebeu o prêmio de Menção Honrosa, categoria Indústria, do VIII Salão Design Movelsul 2002.



Figura 161: *Mutábile*, 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Luminária de Coluna

A *Luminária de Coluna* (figura 162) compõe-se de madeira com cúpula de tecido. Projeto desenvolvido para a Open Design, de Bento Gonçalves-RS.



Figura 162: *Luminária de Coluna*, 2002. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008c)

Poltrona Ômega

À *Poltrona Ômega* (figura 163), de estofado, foram agregados outros materiais, como o vidro, por exemplo, além de uma luminária que pode ser utilizada para leitura. Tal produto, fabricado pela Ômega Estofados, foi selecionado para a segunda etapa do VII Salão Design Movelsul 2002.



Figura 163: *Poltrona Ômega*, 2002. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Móvel Multiuso

O produto, na figura 164, desenvolvido para a Della Serra Móveis, de Bento Gonçalves-RS, direciona-se ao público jovem, e o destaque é a utilização de cores (pintura automotiva Laca). Tal característica é vista como um diferencial da empresa.



Figura 164: *Móvel Multiuso*, 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Pé para Linha Office

Este acabamento (figura 165) para estantes e mesas é injetado em material plástico, servindo, para estes móveis, de apoio ao chão, com destaque para a sua forma. Tal produto foi desenvolvido para a Plastibento, de Bento Gonçalves-RS.

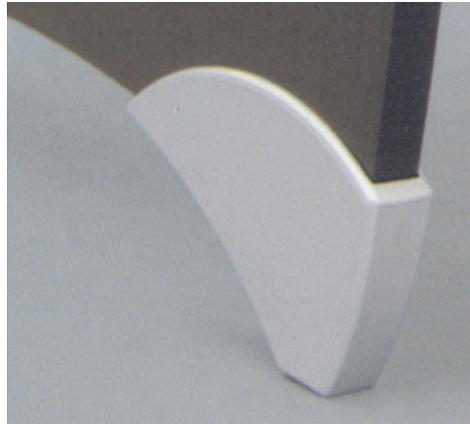


Figura 165: pé para *Linha Office*, 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Mesa de Jantar 3012 e Cadeiras 3041

Este conjunto de jantar (figura 166) da Open Design, de Bento Gonçalves-RS, está voltado a um público que tem gosto refinado, porém quer um produto que possua um valor médio de mercado.



Figura 166: *Mesa de Jantar 3012 e Cadeiras 3041*, 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Cozinha de Aço Applauso

O projeto da *Cozinha de Aço Applauso* (figura 167) para a Telasul, de Garibaldi-RS, foi concebido em dois anos, pois houve um estudo minucioso antes de o produto ser lançado no mercado, com investimentos altíssimos, como a construção de uma fábrica nova só para a fabricação do mesmo. Os componentes da cozinha são muito versáteis e o móvel compõe-se de vários módulos.



Figura 167: *Cozinha de Aço Applauso*, 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Home Theater

O *home theater*, da figura 168, foi elaborado com o objetivo de valorização dos equipamentos eletrônicos, segundo Daniel Camera. Tal produto, produzido pela Notável Móveis, de Ampére-PR, foi premiado na Feira de Chapecó-SC, com o segundo lugar na categoria Móveis para Estar, em 2004.



Figura 168: *Home Theater*, 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Linha Office

A *Linha Office* (figura 169), para escritório, compõe-se de vários módulos, em que a versatilidade destaca-se. Tal linha é fabricada pela Arvy, de Bento Gonçalves-RS.



Figura 169: *Linha Office*, 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Cabine de Banho

A *Cabine de Banho* (figura 170) projetada para a Solare, de Bento Gonçalves-RS, possui recursos de jatos especiais d'água, de som e de sauna.



Figura 170: *Cabine de Banho*, 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Rack com Metacrilato

Este rack, na figura 171, produzido pela Open Design, de Bento Gonçalves-RS, utiliza-se do metacrilato e faz com que este material seja o atrativo principal do móvel.



Figura 171: *Rack com Metacrilato*, 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Cozinha Telasul Projetos

Este produto (figura 172) partiu do projeto anterior de cozinha de aço da Telasul, de Garibaldi-RS, e tem como diferencial a utilização da caixa dos módulos em aço e as portas em madeira.



Figura 172: *Cozinha Telasul Projetos*, 2005. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Strong

A linha de móveis *Strong* (figura 173), da Telasul, de Garibaldi-RS, foi desenvolvida para exportação, visando o mercado americano. Os móveis de tal linha têm estrutura em aço e tampos feitos em madeira maciça. Os vários módulos são utilizados em oficinas ou garagens.



Figura 173: *Linha Strong*, 2006. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a)

Linha Steel

A *Linha Steel* da Telasul (figura 174), de Garibaldi-RS, é composta por vários módulos com rodízios, que podem ser suspensos por meio de apoios em paredes, características que proporcionam versatilidade. “Manufaturado em chapas de aço curvada e vazada, tem acabamento em pintura com epóxi pó texturizado, compõe-se com planos de vidro colorido”. Recebeu o 1º Prêmio do 4º Prêmio Indústria do X Salão Design Movelsul 2006. (FONTOURA, 2006a, p. 194)



Figura 174: *Linha Steel*, 2006. (FONTOURA, 2006a, p. 194)

3.8.3.2 Desenvolvimento de projetos no escritório

O Projeto 3 Design & Arquitetura, geralmente, desenvolve produtos novos, cerca de 90% do total de serviços, enquanto que o restante, 10%, refere-se a alterações em produtos já existentes. Daniel Camera citou um exemplo relativo à D'Itália, a qual possui um mix de produtos com mais de 200 tipos. Quando a equipe começou a trabalhar com essa empresa,

verificou-se que vários produtos de linha necessitavam de ajustes. Às vezes, quando algum produto é lançado, considera-se normal fazer algum ajuste, em função do preço ou do mercado.

O desenvolvimento dos projetos ocorre de maneiras diferentes, dependendo da estrutura e do tamanho da indústria para a qual são feitos. Segundo Daniel Camera, o escritório trabalha com empresas que possuem de três a 700 funcionários. Por pretenderem atender uma necessidade de mercado ou ampliar a sua gama de produtos, certas empresas contratam o escritório já no momento em que resolvem comprar uma linha de máquinas, por exemplo. Então, o escritório presta consultoria sobre qual seria o melhor processo e, conseqüentemente, o melhor equipamento para se fabricar o produto desejado. Depois, a equipe realiza uma pesquisa em termos de preço, de materiais, de mercado, para, dessa forma, criar e desenvolver conceitualmente o produto, trabalhando juntamente com representantes, lojistas e com a própria indústria, os quais possuem conhecimento sobre a área comercial, pois sabem o que os clientes compram. Mas Camera salienta que o pessoal envolvido com a criação procura não se limitar à questão produtiva, relativa a máquinas que a empresa tem, pois, “às vezes, [...] o diferencial do produto é um detalhe que é difícil de ser copiado”, o que ocorre quando a empresa pode adquirir uma máquina específica para tal serviço. Posteriormente, o projeto é apresentado ao cliente, por meio de *renders* e vídeos desenvolvidos no 3D Studio. Neste momento, define-se o produto ou a linha que vai ser lançada, ou seja, momento de aprovação pela indústria, pelo setor comercial e/ou pela direção; realiza-se o detalhamento técnico por intermédio do Auto Cad, além do manual de montagem, para, então, o cliente produzir os protótipos. Às vezes, o escritório constrói maquetes para apresentação, mas isso gera custos a mais para a empresa, dependendo, assim, da necessidade ou do pedido do cliente. É mais vantajoso para a empresa desenvolver o protótipo, em escala real, dentro da própria fábrica, juntamente com a equipe do escritório, a qual determina os tamanhos das peças, o aproveitamento das chapas, as cores, entre outros fatores. Em seguida, a empresa realiza um piloto, colocando o produto ou uma linha de produtos no mercado, sendo toda esta etapa também acompanhada pelo escritório, o qual desenvolve os catálogos e *folders* para divulgação, bem como a sugestão de preço.

O principal “objetivo do escritório [...] é criar um produto que venda”, relata Daniel Camera, pois isso está muito além de se “criar um produto que seja belo, ou [...] com uma [função] diferente”. O que importa, realmente, é que o produto corresponda às características do nicho selecionado pela empresa, para que o torne competitivo em tal campo. Quando perguntado se há influências de modelos estrangeiros nos projetos, Camera confirma a existência de

influência estrangeira, principalmente da Europa, porém, a indústria moveleira vê o design como uma ferramenta para gerar negócio. E as empresas que exportam, procuram fazer o

produto [conforme] [...] as necessidades de cada país, deixando-se levar pelas tendências de cada um.

As restrições relacionadas ao desenvolvimento dos projetos estão ligadas às limitações do tamanho de chapas, do comprimento de tubos, do maquinário, entre outras.

O Projeto 3 Design & Arquitetura não acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais, mas possui algum contato com os lojistas, pois acredita que se o produto vende, isso já demonstra uma certa satisfação dos consumidores. Para vender bem o produto, este nem precisa ser o ideal (pode ser simples, para classes C e D), se a empresa possui um nome forte, parceiros e contatos importantes, maquinário que produz em alta velocidade, ter sempre produtos à pronta-entrega, como exemplo, a Carraro.

Daniel Camera revela que o prazo para o desenvolvimento dos projetos vem diminuindo muito, em função da concorrência no mercado. Quando o cliente quer o desenvolvimento de uma linha nova de móveis, o prazo para finalização do projeto leva de três a quatro meses; “agora, se é uma linha que a empresa já trabalha, [o tempo se reduz a] [...] uma semana”, confirma Camera. Se o desenvolvimento do projeto passa por todas as etapas, precisa-se, no mínimo, de quinze dias, e no máximo, 90 dias. Uma experiência diferente das demais, descrita pelo entrevistado, refere-se ao projeto das cozinhas de aço para a Telasul, pois, como se tratava de um projeto especial, com investimentos altíssimos, desenvolvimento de matrizes, entre outros fatores, precisou-se de dois anos para a conclusão do mesmo.

Concluindo a entrevista, Camera disse que o design é imprescindível à indústria, como qualquer outro setor a ela é, pois possui variadas ferramentas que agregam um diferencial ao produto, além de ser a “força maior de expressão da empresa”, apresentando o que a mesma está propondo e qual é o seu conceito. As indústrias moveleiras, por exemplo, estão buscando incluir ou ampliar o setor de design na sua cadeia produtiva, além de estarem facilitando a aproximação do pessoal de cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação em design, para que, cada vez mais, se garanta o sucesso de seus produtos frente ao mercado.

4 Pólos Moveleiros da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves e Flores da Cunha

De acordo com Fontoura (2006a, p. 18-19), foi por meio do Rio Guaíba, afluente da Lagoa dos Patos, a qual, conseqüentemente, tem ligação com o Oceano Atlântico, que parte da imigração alemã e italiana chegou a diferentes locais do Rio Grande do Sul. Como já visto, os alemães instalaram-se nos vales; os italianos, nas serras, região nordeste do Estado. Enquanto tais imigrações chegavam, acontecia a Revolução Farroupilha (1835-1845), destacando a participação de Bento Gonçalves Dias; e a Guerra do Paraguai (1865-1870), evidenciando Duque de Caxias.

Como já mencionado, com a nova lei de imigração, pós-Revolução Farroupilha, os italianos tinham que trabalhar para o governo (abertura de estradas) como pagamento pelo título das terras, onde, juntamente com seus filhos brasileiros, construíram suas casas e seus móveis, criaram os seus animais e plantaram lavouras para seu sustento, como também para a produção de vinho. Esta última foi uma das atividades que rendeu capital para que os mesmos investissem em pequenas oficinas que, posteriormente, transformaram-se em indústrias.

Segundo Fontoura (2006a, p. 22), o marco do início do século XX, precisamente em 1905, foi a abertura de uma fábrica por Pietro Maragno. A chegada da energia elétrica em 1923, e a instalação do 1º Batalhão Ferroviário (hoje em Mafra, Santa Catarina), favoreceram o crescimento da economia e, conseqüentemente, a passagem “da comercialização por encomenda para a padronização do modelo e produção seriada em pequena escala”.

Segundo Celi “Cica” de Freitas (2008), coordenadora do Salão Design / SINDMÓVEIS, em função da “vocação metal mecânica [sic] da região, [isto] influenciou o setor que se caracterizou muito na primeira fase industrial pelas ‘copas’, [...] [com] estrutura tubular, tampos em madeira aglomerada ou compensada, revestida de [...] laminados plásticos”. Com o tempo, esses produtos, já abrangendo dormitórios, salas e cozinhas, passaram a ser fabricados em painéis de aglomerado revestido, além de madeira maciça de cerejeira. “Surgiram também, muitas fábricas de conjuntos estofados”.

A produção de móveis em escala industrial começou em 1955, na cidade de Bento Gonçalves, com a iniciativa de Felice Barzenski. Em 1968, A Barzenski S.A. iniciou a fase

de automação com a importação de máquinas da Alemanha e da Itália, instalou extensões da empresa no Paraná e tornou-se a pioneira na exportação para o Chile e Uruguai.

Como instrumento de sua cultura, os italianos trouxeram o acordeão para o Brasil, e a produção deste na serra gaúcha também proporcionou o desenvolvimento da indústria moveleira. Por exemplo, tem-se a história da fábrica de Arcodeões Todeschini, que tinha como fundador Luiz Matheus Todeschini. Com a mudança de hábitos culturais, como o surgimento do *rock'n roll*, da guitarra e do violão, a produção de acordeões declinou, o que fez tal fábrica encomendar uma solução aos designers José Bornancini e Nelson Petzold, em meados da década de 1960. A Todeschini, então, passou a fabricar cozinhas moduladas, o que a transformou numa empresa respeitada no Brasil e no exterior, atualmente. O mesmo aconteceu à Indústria de Acordeões, instalada por Vitório Gava em 1948, e que passou a produzir móveis torneados a partir de 1971.

De acordo com Freitas (2008), “nos anos de 88 e 89, [...] despontou o pinus maciço [...], e a exportação [...] começou a agitar o setor moveleiro”, que passou a se dirigir não só para a América Latina, mas também para o mundo inteiro. Ainda em relação às exportações, termos como “Qualidade, Produtividade, Tecnologia, Recursos Humanos, Competitividade, Globalização, Terceirização, etc.”, entraram na pauta das discussões empresariais, além da busca pela redução de custos em tecnologia e produtividade, e da reengenharia das indústrias.

Em 1977, foi realizada a I Mostra do Mobiliário de Bento Gonçalves no Parque de Exposições da Feira Nacional do Vinho (FENAVINHO), o que, além de capital brasileira da uva e do vinho, tornou Bento Gonçalves no maior pólo moveleiro do Rio Grande do Sul, que é reconhecida pela sua gastronomia e pelas paisagens naturais.

Exceto quanto às edições de 1977 e 1979, a partir de 1982, “o evento bienal se repete ininterruptamente nos anos pares até hoje”. Com o lançamento de novos produtos, passou-se a ver o design como um fator de competitividade, diferenciação e inovação. Tal característica instigou a criação do Salão Design em 1988, que ocorre juntamente com a chamada, desde então, MOVELSUL (Feira de Móveis). Exemplos da importância do design para a indústria foram o já citado projeto dos designers Bornancini e Petzold para a Móveis Todeschini; a contratação de vários designers pela Móveis Pozza, prestando serviços à empresa, atividade chamada hoje de Consultoria em Design; e a compra de uma linha completa de móveis pela Barzenski. (FONTOURA, 2006a, p. 24)

No Apêndice F, foram relacionadas todas as edições do Salão Design da Movelsul, com os respectivos cartazes e exemplos de móveis premiados, sendo selecionados, em maioria, aqueles desenvolvidos por designers sul-rio-grandenses. Em seguida, foram apresentados o selo e alguns móveis contemplados com o Prêmio Indústria, lançado em 2000, que teve como finalidade aumentar a participação das indústrias no Salão Design e também para aproximá-las do design.

Em 1993, “outra novidade foi a separação entre os móveis e as máquinas, equipamentos e acessórios, criando-se a FIMMA Brasil [Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira]”, que passou a ocorrer nos anos ímpares, intercalada com a MOVELSUL. A primeira é promovida pelo SINDMÓVEIS, e a segunda, pela Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (MOVERGS). Esta, por sua vez, em 2000, incorporou a palavra “Brasil”, passando a se chamar MOVELSUL Brasil, pelo amplo alcance que conquistou diante da região, do país e do mundo. Tais feiras ocorrem no Parque de Eventos, na figura 175, com área de 53.788m². (FONTOURA, 2006a, p. 77)



Figura 175: Parque de Eventos, em Bento Gonçalves. (MOVELSUL, 2007)

Cabe destacar que o SINDMÓVEIS, fundado em 1977, com 130 empresas associadas,

atua no sentido de obter melhores condições de desenvolvimento para o setor. Mantém contatos e convênios com organizações e entidades de vários países, como Estados Unidos, Alemanha, Itália, França e México, no sentido de expandir o comércio internacional de móveis. (ALIEVI e VARGAS, 2002, p. 195)

Já a MOVERGS, fundada em 1987, com 230 empresas associadas, tem como

objetivo central [...] desenvolver e representar o setor moveleiro, facilitando o acesso às informações e às novas tecnologias. Esta associação representa as empresas do setor em comissões de instituições públicas como SEBRAE/Export, Programa Brasileiro de Design, Programa Gaúcho de Design e junto à Secretaria Estadual de Desenvolvimento e Assuntos Internacionais por meio da Câmara Setorial Moveleira. (ALIEVI, 2002, p. 194)

Conforme Freitas (2008),

novos tempos são chegados e o setor consciente disto [sic], sabe que o período de investir em fábricas faraônicas, dos anos 70, já passou, igualmente o deslumbramento tecnológico dos anos 80. Agora, os investimentos são direcionados ao fator humano, o maior patrimônio de uma empresa.

Com isso, as prioridades passaram a ser educação e tecnologia apropriadas. Como consequência, houve a criação do Curso Superior de Tecnólogo em Produção Moveleira,

em 1994, numa parceria entre SINDMÓVEIS, MOVERGS, SENAI-CETEMO, e UCS-FERVI (Fundação Educacional da Região dos Vinhedos), sendo o primeiro no Brasil; e a aplicação de técnicas produtivas japonesas, européias e americanas nas empresas do pólo, técnicas conhecidas em visitas nesses países por empresários de Bento Gonçalves.

O CGI-SIC [Centro Gestor de Inovação – Moveleiro – Sistema de Informações Competitivas] é o maior projeto que recebe apoio do governo do Estado, desde 2001, quando tiveram início diversas ações envolvendo projetos de desenvolvimento em design, aproveitamento de resíduos, apoio à exportação e capacitação empresarial, englobando de uma forma geral a região da serra, inclusive Bento Gonçalves. (FREITAS, 2008)

Esse núcleo de instituições específicas de apoio reflete a cultura associativa e empreendedora existente no arranjo moveleiro da Serra Gaúcha, revelando que a trajetória de desenvolvimento da indústria nessa região possui “laços culturais e valores compartilhados que contribuíram para o surgimento de importantes formas de articulação entre os diferentes atores que integram este arranjo produtivo”. (ALIEVI e VARGAS, 2002, p. 206)

Atualmente, as empresas do pólo de Bento Gonçalves produzem, em sua maioria, móveis seriados, principalmente com foco em planejados, como a Todeschini, a Dell Anno, a Bertolini/Eviva, a SCA, a Carraro/Criare, entre outras. Ainda de acordo com Freitas (2008),

destacam-se também empresas de médio e pequeno porte com forte atuação em mercados considerados de “baixa renda” ou direcionados para públicos específicos, como utilitários para o lar e remanescentes em móveis de pinus. [...] O maquinário utilizado vai desde os mais rústicos e manuais até os mais modernos, utilizados por empresa de ponta e comprados, principalmente, nos pólos europeus, como Alemanha, Espanha e Itália. As principais matérias-primas são aglomerado, MDF e alguma coisa em madeira reflorestada. O “cartel” dos fabricantes destes produtos dificulta, sobremaneira, a competitividade, com aumentos de preços geralmente sem motivo, baseados apenas no incremento do consumo. A concentração de fornecedores, também nos itens de embalagem, especialmente papelão, é um empecilho a mais, no entanto, novas alternativas, às vezes com a importação, têm sido uma constante dentro da área de suprimentos das empresas. Fatores cambiais têm causado muitas dificuldades para as empresas do pólo de Bento Gonçalves, cujo foco principal é o mercado externo, aliado a uma falta de política estadual como ocorre em outros estados. No entanto, as empresas buscam novos nichos e novos diferenciais em seus produtos, como matérias-primas alternativas, design diferenciado, entre outros.

Segundo Henrique Bertolini, atual presidente do SINDMÓVEIS, em entrevista para o *Jornal do Comércio* (2008), por conta da defasagem cambial, “muitas empresas, antes exclusivamente voltadas ao mercado externo, passarão a ter maior presença no Brasil”. Como consequência disso,

haverá maior oferta de produtos, o que pode repercutir em redução de preços dos móveis. Isso já está acontecendo, com tendência de consolidar-se fortemente em 2008. Todas as empresas terão de agir no sentido de investir em inovação, competitividade e alternativas

de novas matérias-primas para fazer frente a este novo momento. Mas o mercado interno tem condições de absorver a ociosidade decorrente do menor volume de exportações.

Outra questão, citada por Bertolini (JORNAL DO COMÉRCIO, 2008), é o investimento de empresas estrangeiras no Brasil, como China, Índia e países europeus, e as empresas nacionais moveleiras, “além de inovar em design e no uso de matérias-primas alternativas, [...] [deverão] investir em automação para ganhar em produtividade”. Mesmo com este último investimento, o número de funcionários se manterá estável.

Em 2004, conforme Carla S. Schmitz (2004), foi instaurado um projeto para a criação do Museu Nacional do Móvel (MUMO), em Bento Gonçalves, com a

finalidade de promover, preservar, divulgar e realizar ações em todas as áreas representativas do universo do móvel e demais manifestações culturais da região, estado e país. Além disso, [...] destacar os principais fatos que marcaram a ascensão do móvel, bem como ressaltar a evolução da indústria moveleira no âmbito nacional, com ênfase no pólo moveleiro gaúcho.

Segundo dados disponibilizados pela MOVELSUL,

o setor moveleiro representa atualmente no Brasil 1,3% do PIB. No Rio Grande do Sul, onde se concentra o maior número de empresas (2.205), o setor representa 3,1% do PIB do Estado. [Este] é o segundo maior [...] produtor de móveis do Brasil, representando 25% da produção nacional e mais de 28% da exportação,

como ilustra a tabela 65. (MOVELSUL, 2007)

Tabela 65 – Dados do Setor Moveleiro

Dados do Setor Moveleiro			
	Brasil	Rio Grande do Sul	Bento Gonçalves
Empresas	14.401	2.205	265
Empregos Diretos	227.648	28.930	8.500
Faturamento do Setor	R\$ 14,1 bilhões	R\$ 3,5 bilhões	R\$ 1,20 bilhões
Exportações do Setor	U\$ 1,0 bilhão	U\$ 269 milhões	U\$ 76,82 milhões
Fonte	Abimóvel SECEX	Movergs SECEX	Sindmoveis SECEX

Fonte: MOVELSUL, 2007

5 Pesquisa de Campo

Como já mencionada no capítulo Métodos e Técnicas, a pesquisa de campo foi realizada nas cidades de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul, totalizando nove empresas participantes. A seguir, cada indústria moveleira foi descrita, segundo informações disponibilizadas pelos entrevistados, como também pelos *sites*, catálogos e *folders*, de maneira a revelar as principais características dessas empresas, em termos de estrutura, produção, produtos, comercialização, entre outras, além de abordar o assunto sobre como ocorre a atuação em desenvolvimento de design nas mesmas. Tais dados serão analisados e criticados no capítulo 6. Cabe destacar ainda que um resumo das descrições das indústrias encontra-se nas tabelas 66, 67 e 68, no item 5.10.

5.1 Única – Dell Anno, Favorita e Telasul

Em entrevista pessoal à autora, realizada em Bento Gonçalves-RS, em 03 de agosto de 2007, com duração de 40 minutos, além de mais 50 minutos para apresentação da fábrica e do *show room*, o entrevistado A², engenheiro e supervisor de engenharia da empresa há três anos e nove meses, até então, relatou que, desde 1977, a Única já atuava no mercado, mas com o nome de Móveis Pozza. Em 1985, os acionistas da Grendene e da Telasul compraram 67% da empresa, com o restante ficando para a Pozza. Nesse ano, houve a mudança de nome para Única Indústria de Móveis S.A., a qual está dividida em três linhas distintas: Dell Anno, Favorita e Telasul. A primeira é responsável pela produção de móveis planejados de melhor qualidade, característica esta presente também nos acessórios. Já na segunda citada, a diferença, em relação à Dell Anno, está na utilização de acessórios mais simples. A Telasul produz móveis em aço. No início, a empresa, localizada em Bento Gonçalves, tinha 500 funcionários e fabricava produtos populares, como cozinhas, de aglomerado bruto (sem revestimento), com um total de produção de 300 a 400 módulos por dia. O maquinário utilizado compreendia serras circulares, requadradeiras, bordatrizes,

² Trabalhou, anteriormente, como instrutor no SENAI.

furadeiras múltiplas e de bancada. A fábrica era dividida por setores como de acabamento (pintura laca), marcenaria, montagem, embalagem e expedição (os móveis saíam da fábrica já montados), com funcionários especializados para cada setor. Os produtos eram vendidos para lojas de departamentos (isto é, lojas que vendem, entre outros tipos de produtos, móveis) e lojas multimarcas nacionais (isto é, lojas que vendem um tipo de produto, por exemplo, móveis, porém de marcas diferentes).

Atualmente, as instalações estão dez vezes maiores que as originais, como mostra a figura 176, as quais comportam a Dell Anno e a Favorita. O número de funcionários, porém, reduziu de 500 para 442. Houve a modernização do parque fabril com a aquisição de maquinário de ponta, como seccionadoras. Cabe destacar que o parque industrial da Telasul localiza-se em Garibaldi-RS.



Figura 176: instalações da Única, as quais comportam a Dell Anno e a Favorita. (DELL ANNO, 2008)

Os tipos de produtos que estão no mercado hoje são representados por cozinhas (figura 177), dormitórios (figuras 178 e 179), *home theater* (figura 180), *home office* (figura 181), banheiros (figura 182), áreas de serviço (figura 183) e arquitetura comercial, tendo como exemplo o salão de beleza na figura 184, cujos móveis são fabricados em MDF, MDP (Medium Density Particleboard / Painel de Partículas de Média Densidade), chapa de fibra e laminados decorativos, sendo produzidos 5.000 módulos por dia, com capacidade de produção de até 8.000 módulos, no caso da Dell Anno e da Favorita. Alguns produtos são terceirizados, como os acessórios (puxadores, dobradiças), por exemplo. Além de abranger o mercado interno, os mesmos móveis são exportados, com diferença apenas nas medidas, para Estados Unidos, Espanha, Portugal, Inglaterra, Dubai, Peru, México, Uruguai, Panamá, Colômbia, Venezuela e República Dominicana. Os principais canais de comercialização da Favorita e da Telasul são as lojas de departamentos e lojas multimarcas; da Dell Anno são as lojas franqueadas (isto é, lojas que vendem produtos de uma só marca e pagam uma franquia por isso), com mais de 300 lojas no Brasil. Os fatores que fazem o sucesso do

produto da Dell Anno, de acordo com o entrevistado A, são a marca, a propaganda e o estilo; já, da Favorita e da Telasul, são o preço e a qualidade do produto.



Figura 177: *Cozinha Ferrara*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])



Figura 178: *Dormitório Quebec*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])



Figura 179: *Dormitório Voglio e Alumínio*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])



Figura 180: *Home theater Mandorla e Voglio*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])



Figura 181: *Home office Branco e Preto*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])



Figura 182: *Banheiro Rosa*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])



Figura 183: *Área de serviço Vivere e Metalic*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])



Figura 184: *Salão de beleza*, da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?])

Em entrevista respondida por *e-mail* à autora, em 17 de janeiro de 2008, quanto ao design na empresa, o entrevistado B, graduado em Design de Produto (UCS) e cursando especialização em Estratégias em Design (UCS), o qual trabalha, desde 2003, na Única, como analista de desenvolvimento de produtos, disse que

as dificuldades maiores são em demonstrar às pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento, que tudo que está sendo criado é embasado através de pesquisas de mercado, feiras e tendências mundiais, pois [...] dentro de uma indústria [...] as coisas evoluem de uma maneira muito rápida, tornando impossível demonstrar toda a pesquisa que é realizada no desenvolvimento de uma linha de produtos. A principal vantagem de se ter um setor de design dentro [...] [da] empresa é ter nas mãos ferramentas certas de aplicabilidade, [...] garantindo assim maior sucesso e menos falhas na hora da execução do projeto.

Atualmente, o setor de design da Única tem três pessoas envolvidas, sendo duas com formação profissional em Design de Produto e uma é estudante de Arquitetura, as quais têm por tarefas “planejar, desenvolver e executar todas as linhas de produtos existentes”. Tal setor está interligado com todos outros setores da empresa, como o da engenharia,

comercial, marketing, compras, custos e fábrica, pois “precisamos de muitas informações para desenvolver e [...] também precisamos passar muitas informações”, disse o entrevistado B. A solicitação de um novo projeto ou a alteração de um produto existente

pode surgir de vários setores, normalmente [...] do comercial que é o setor que liga direto com o lojista-consumidor. Mas, na maioria das vezes, há modificações de projetos existentes, novidades. Estamos sempre na frente, pois o designer não pode esperar pelas novidades, tem que se antecipar.

A maneira de como se processa o desenvolvimento de um novo móvel ou a alteração de um produto existente surge como consequência

das pesquisas executadas [...] durante o ano, embasado no que falta na linha, ou o que o mercado solicita e claro uma inovação, algo que ninguém possui, geralmente no nosso ramo são novidades em padrões (estruturas, texturas e tonalidade) é sempre o nosso grande lançamento. (entrevistado B)

Os programas utilizados no desenvolvimento são o Auto Cad, o Corel e o Promob. O novo móvel ou a alteração de um existente “somente é aprovado quando o produto passa por vários testes, que podem ser: de montagem, de resistência e visual”. A principal origem do desenvolvimento de design na empresa

em grande parte [...] [é] do setor de design mesmo, em todas as viagens e pesquisas feitas e claro a ajuda de parceiros como fornecedores de matérias-primas e acessórios, pois com esses parceiros conseguimos desenvolver muitas coisas que são exclusivas e [...] agregam um diferencial ao produto. (entrevistado B)

O nível de aceitação dos produtos junto aos usuários finais é acompanhado pelo setor de marketing, o qual passa somente os resultados para o setor de design, mas este também possui estatísticas de vendas para acompanhamento dos produtos.

Quando perguntado sobre o que entende por design, o entrevistado B argumentou que “design é algo a mais do que só conceito, estética e funcionamento de um produto, é também, e mais importante, saber planejar e organizar as tarefas para se chegar a um resultado satisfatório. Pois não adianta se ter uma boa idéia sem saber como executá-la”.

5.2 Todeschini

Em entrevista pessoal à autora, realizada em Bento Gonçalves-RS, em 03 de agosto de 2007, com duração de 30 minutos e gravada, o entrevistado C, gerente de negócios há 36 anos, até então, relatou que, desde 1939, a Todeschini já atuava no mercado, mas envolvida com a produção de acordeões. A empresa teve como fundador Luiz Matheus Todeschini e, com o passar dos anos, a presidência esteve sempre nas mãos de familiares

dele. Além desses, havia ainda a participação de acionistas, entre estes, muitos funcionários da empresa. No início, a Todeschini possuía em torno de 40 a 50 trabalhadores.

Na segunda metade da década de 1960, com a entrada no mercado de instrumentos musicais de corda e, em seguida, de aparelhos elétricos/eletrônicos, “houve uma queda vertiginosa na venda de acordeão. Por exemplo, vinha uma produção de 1.200 por dia, ela foi para 200”, revelou o entrevistado C. Nesse momento, a empresa contratou os profissionais de design José Bornancini e Nelson Petzold para encontrarem alguma solução frente à crise. Como a estrutura do acordeão era composta, além das palhetas de aço, por madeira de lei e compensado, todos materiais importados, e, conseqüentemente, tanto o maquinário utilizado quanto os funcionários trabalhavam bem com esses materiais, resolveu-se, então, investir na área moveleira. Na época, as famílias Farina e Fontanari compraram as ações da família Todeschini e passaram a ter o controle acionário da empresa. “Além de móveis de cozinha, se fez móvel de escritório, móveis de sala, móveis de instituto de beleza, luminárias e uma série de produtos, sendo que o que despontou foi o projeto de cozinhas que nós chamávamos, na época, de cozinhas americanas”, explicou o entrevistado C. Foi quando, no ano de 1971, logo após o investimento de Farina e de Fontanari, aconteceu um incêndio na indústria, provocando prejuízos devastadores. Com a concessão dos pavilhões da FENAVINHO pelo prefeito de Bento Gonçalves (ver capítulo 3 “Pólos Moveleiros da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves e Flores da Cunha”, p. 155), a Todeschini passou a produzir móveis para cozinha, encerrando, definitivamente, a fabricação de acordeões em função da sua complexidade e da falta de mercado. Quanto ao maquinário, alguma coisa se pôde aproveitar da época dos acordeões, além da existência de um setor de mecânica que produzia e adequava as máquinas às necessidades da empresa, já que não existia a possibilidade de importação.

A partir de 1971, para a produção de móveis, utilizava-se chapa dura de 2,5 mm (conhecida pelas marcas Duratex e Eucatex, por exemplo). Primeiro, as peças eram compostas pela sobreposição de várias chapas até se chegar na espessura de 17/18 mm. Depois, “com a redução de custos, [...] [tinha] uma chapa de um lado, [...] [fazia-se] um recuado com enchimento de madeira e [...] [colocava-se] uma outra por cima. [...] [Fazia-se] a usinagem na máquina e [...] [dava-se] o acabamento da peça”, descreveu o entrevistado C. O acabamento poderia ser com pintura ou com laminado plástico (como o conhecido pela marca Fórmica, por exemplo). Além desses materiais, utilizavam-se colas, dobradiças e puxadores.

A empresa era organizada por setores, os quais eram representados pela área industrial, setores comercial e financeiro, com funcionários especializados para cada setor.

A Todeschini sempre buscou abastecer o mercado interno. “Foram poucos os anos em que a exportação superou 4 a 5%”, revelou o entrevistado C. Na década de 1970, os produtos

fabricados pela empresa eram comercializados por lojas de departamentos, como a Colombo (atualmente presente em MG, PR, RS, SC e SP), a Obino (RS e SC) e o Ponto Frio (BA, CE, DF, ES, GO, MG, MT, PR, RJ, RS, SC e SP), além de outras lojas menores que vendiam especificamente móveis, e o total chegava a quase 4.000 pontos de venda pelo Brasil.

Em 1993, ocorreu uma transformação muito importante para a empresa, em termos de gerenciamento, mudando sua filosofia de trabalho para gestão administrativa participativa, quando a empresa, então, passou a ouvir e a valorizar mais seus funcionários, por meio de políticas sociais e de benefícios (como os programas “Libra Sisterlina”, “Compartilhar”, “Rancho” e “Vamos Crescer Juntos”), além de empréstimos, alimentação, assistência médica e odontológica, atividades sociais e esportivas, benefícios a entidades, o que fez da Todeschini a 8ª Melhor Empresa para se Trabalhar no Brasil, em 2006, segundo pesquisa realizada pelo *Great Place to Work* e publicada pela revista *Época*; também recebeu o Prêmio de Responsabilidade Social 2006, na categoria Grande Empresa, conforme o evento promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Atualmente, a família Farina tem o controle da presidência e da parte administrativa da Todeschini, com a participação de diretores industriais, comerciais e financeiros, entre outros executivos, tendo a empresa um total de 265 acionistas.

A Todeschini, hoje, tem 54.000 m² de área construída, como mostra a figura 185, a qual inclui o *show room*, o setor administrativo, refeitório e a parte industrial (toda setorizada), e envolve 488 funcionários no total. O maquinário da indústria é de última geração, o que a inclui entre as fábricas mais modernas do mundo. O volume de mercadorias expedidas fica em torno de 330 toneladas por dia. 99% dessa produção destina-se ao mercado interno, e a exportação é quase nula. O principal canal de comercialização da Todeschini são as lojas exclusivas (isto é, lojas que vendem o produto de uma empresa com exclusividade, porém não franquizadas), com um total de 400 espalhadas pelo Brasil. Os materiais utilizados na confecção dos produtos são, basicamente, o aglomerado e o MDF, com acabamentos melamínicos ou pinturas. Os acessórios correspondem a aramados, dobradiças, corrediças e puxadores diferenciados, os quais são fornecidos por empresas subcontratadas.



Figura 185: instalações da Todeskini. (TODESCHINI, 2008)

A corporação Todeskini também possui outras cinco unidades fabris, as quais correspondem à Todesmade (Cachoeira do Sul-RS), Todesflor (Cachoeira do Sul-RS), Itálínea (Bento Gonçalves-RS), Grato (São Desidério-BA) e Todeskini Export (Bento Gonçalves-RS).

A Todeskini produz móveis planejados em módulos componíveis que atendem a diferentes ambientes residenciais, como sala de estar (figura 186), sala de jantar (figura 187), cozinha (figura 188), escritório (figura 189), dormitório (figura 190), dormitório infantil (figura 191), banheiro (figura 192). A empresa fabrica também móveis estofados (figura 193), além de projetos especiais e corporativos para hotéis, bares, cafeterias (figura 192), restaurantes, clínicas, entre tantos outros ambientes. Na opinião do entrevistado C, os fatores que fazem o sucesso dos produtos da Todeskini referem-se ao design, à qualidade, à diferenciação e ao preço.



Figura 186: *Sala de estar Gris*, da Todeskini. (TODESCHINI, 2006, p. 9)



Figura 187: *Sala de jantar Chocolate e Today*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 17)



Figura 188: *Cozinha Lisa e Gelo*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 36)



Figura 189: *Escritório Lisa*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 47)



Figura 190: *Dormitório Acácia e Jade*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 57)

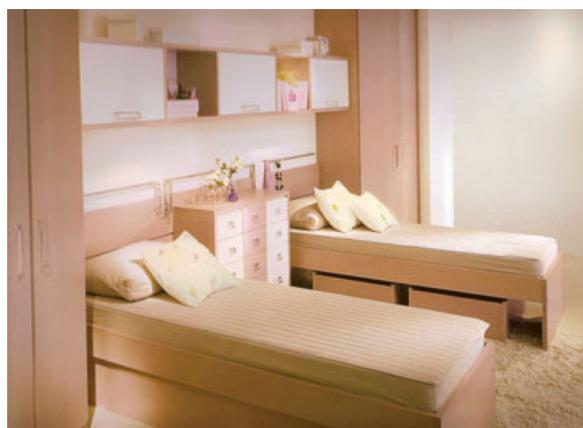


Figura 191: *Dormitório Passione e Verena*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 63)



Figura 192: *Banheiro Cristal*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 76)



Figura 193: *Estofado Ventura*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 21)



Figura 194: *Cafeteria Málaga e Caramelo*, da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 81)

Em entrevista pessoal à autora, em 15 de janeiro de 2008, com duração de 30 minutos, quanto ao design na empresa, o entrevistado D³, arquiteto e assistente técnico na área de projetos para a fábrica, lojas, *show rooms*, corporativos e residenciais, há dois anos e seis meses com vínculo à empresa, até então, relatou que o primeiro *boom* do design na Todeschini ocorreu quando os profissionais José Bornancini e Nelson Petzold prestaram consultoria à empresa, sugerindo a passagem da produção de acordeões para móveis, principalmente de cozinhas modulares com qualidade em design.

Atualmente, o desenvolvimento de design ocorre em escritórios de arquitetura que prestam serviços terceirizados, citando como exemplo o Vazquez Arquitetos, entre outros, o que revela que a Todeschini não possui setor próprio de design. O setor de projetos de instalação da empresa é liderado por uma arquiteta, também com MBA em Marketing, pessoa esta que possui contato com os escritórios e que busca novas informações e novos modelos para os prestadores de serviço em feiras, no exterior, como na Itália e na

³ Trabalhou, anteriormente, na secretaria de planejamento urbano de Bento Gonçalves e num escritório de arquitetura.

Alemanha, sendo esta ação a principal origem do desenvolvimento de design. Ligado a esta diretora e aos escritórios de arquitetura está o setor de engenharia.

A solicitação de um novo móvel ou a alteração de um produto já existente surge, principalmente, do setor de projetos de instalação, pois este recebe pedidos de lojistas, arquitetos e profissionais da área, e tais informações são repassadas para o escritório de arquitetura responsável pelo processo de desenvolvimento dos projetos. O novo móvel ou a alteração de um produto existente é submetido à aprovação dos diretores da empresa.

Os trabalhos desenvolvidos pelo setor de projetos são realizados em programas como o Auto Cad e o Promob.

A Todeschini acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais por intermédio de ligações e *e-mails* recebidos, por informações extraídas da relação entre lojistas, arquitetos e designers, com os clientes, além de aplicação de questionários realizada diretamente com os usuários pelos vendedores.

Finalizando a entrevista, o entrevistado D disse que o design se dá pela relação entre “o melhor meio de produção, marketing e qualidade”, esta referente “às formas elegantes, aos materiais e à funcionalidade”. Com isso, o produto pode ser visto como completo.

5.3 Carraro – Comódite e Criare

Em entrevista respondida por *e-mail* à autora, em 01 de agosto de 2007, o entrevistado E, arquiteto, relatou que, desde 1961, a Carraro já atuava no mercado com a produção de móveis. A empresa teve como fundadores Nelson Carraro e amigos, os quais trabalhavam anteriormente como artesãos de madeira.

No início, a Carraro, localizada em Bento Gonçalves-RS, tinha 750 funcionários e fabricava móveis populares, como mesas, cadeiras, roupeiros, camas e cozinhas, de aglomerado, madeira maciça e/ou tubo. O maquinário utilizado compreendia furadeiras, máquinas para usinagem e equipamentos para se realizar pintura e cromagem, o que exigia que a fábrica fosse setorizada e com funcionários especializados para cada setor. Os produtos eram vendidos para lojas de departamentos nacionais.

Com o passar dos anos, houve várias transformações referentes à diretoria, tanto em termos de vendas de ações, quanto de união de acionistas. Sobre as instalações, ocorreu a construção de pavilhão próprio, com 55.000 m² de área construída, como mostra a figura 195. O número de funcionários manteve-se o mesmo, em torno de 750 trabalhadores. Houve a modernização do parque fabril com a aquisição de maquinário de alta tecnologia. Atualmente, os materiais utilizados na confecção dos produtos são: MDF, MDP, tubo, vidro

e couro, com acabamentos de laminado plástico, lâmina de madeira e pintura. A empresa subcontrata mão-de-obra e serviços.



Figura 195: instalações da Carraro. (CRIARE, 2008)

A marca Carraro possui duas linhas distintas: a Comódite e a Criare. A primeira linha compreende móveis populares, tendo como canais de comercialização, as lojas de departamentos; e a segunda, móveis planejados, comercializados por lojas exclusivas e franquizadas. A última linha diz respeito a móveis que atendem a ambientes residenciais, como cozinha (figura 196), dormitório (figura 197), dormitório infantil (figura 198), *closet* (figura 199), *home theater* (figura 200), *home office* (figura 201), banheiro (figura 202) e área de serviço (figura 203). Tais produtos destinam-se ao mercado interno, sendo fabricados para exportação, com destino para mais de 30 países, projetos especiais em madeira maciça. Quando questionado sobre os fatores que fazem o sucesso do produto da Carraro, o entrevistado E disse que acredita ser um conjunto de fatores. Mesmo “que para o consumidor, o preço e a qualidade são primordiais”, ele acredita que tais fatores aliados à “confiança de uma marca forte que oferece uma assistência ágil, correta e com um atendimento atencioso e dinâmico, contam muitos pontos à instituição”.



Figura 196: cozinha da Criare: *Color Line Camurça* e tamponamento *Tabaco*. (CRIARE, 2006a)



Figura 197: dormitório da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas de correr *Stylo System Tabaco*. (CRIARE, 2008)



Figura 198: dormitório infantil da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas e frentes *Color Line Plus Romantic* e *Style*. (CRIARE, 2008)



Figura 199: closet da Criare: tamponamentos *Maple*, portas de correr modelo *Tecno Plus*, vidro *Miniboreal* e frente *Tecna Maple*. (CRIARE, 2008)



Figura 200: *home theater* da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas *Imbuia*. (CRIARE, 2006a)



Figura 201: *home office* da Criare: caixa branca tamponada e porta *Imbuia*. (CRIARE, 2006b)



Figura 202: banheiro da Criare: tamponamentos em madeira *Teca*, caixas e tamponamentos *Nocce* e portas e frentes em *Color Line Plus Cinza Alumínio*. (CRIARE, 2008)



Figura 203: área de serviço da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas e frentes *Color Line Plus Cinza Alumínio*. (CRIARE, 2008)

Desde o início das atividades da Carraro houve preocupação com o design, onde, “mesmo tendo limitações, [...] [explora-se] o design mesmo assim, pois a criatividade e a adaptação dentro das empresas sempre se farão necessárias”, relatou o entrevistado E.

Atualmente, o setor de design da empresa possui cinco pessoas envolvidas com o desenvolvimento de projetos, entre elas, arquitetos. Os programas utilizados nesse desenvolvimento são o Auto Cad e o Promob. As principais origens do desenvolvimento de design na empresa surgem do próprio setor de design e de pesquisas de mercado, e estas são realizadas “constantemente junto a clientes e fornecedores”, afirmou o entrevistado E. A Carraro acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais por intermédio de contatos, questionários e visitas aos mesmos.

Quando perguntado sobre o que entende por design, o entrevistado E argumentou que design “é projetar e transformar objetos ou produtos para o uso humano, pelo meio criativo”.

Cabe destacar que a empresa Todeschini, em outubro de 2007, oficializou a compra da Móveis Carraro, bem como da sua marca de móveis planejados Criare.

5.4 SCA

Desde 1967, conforme dados disponíveis no *site*, a SCA, localizada em Bento Gonçalves-RS, já atuava no mercado, mas envolvida “com a fabricação de artefatos de cimento. Com o passar dos anos, a linha de pias e tanques ampliou-se e surgiu a oportunidade de produzir móveis (balcões) para acompanhar essas pias. A aceitação destes novos produtos superou as expectativas”. A empresa teve como fundador Augusto Manfroi. (SCA, 2008)

Em 1985, as novas instalações do complexo industrial foram inauguradas, prontas para suprirem a nova demanda e a crescente produção, bem como as necessidades futuras. Os

produtos fabricados pela empresa eram vendidos para lojas de departamentos e lojas multimarcas.

Atualmente, a SCA “tem 32.000 m² de área construída [figura 204], possui grande capacidade de produção e uma equipe de mais de 225 colaboradores diretos”. (SCA, 2008)



Figura 204: instalações da SCA. (SCA, 2008)

Os tipos de produtos presentes no mercado hoje são destinados a ambientes como cozinha (figura 205), dormitório (figura 206), bem como dormitório infantil (figura 207), *closet* (figura 208), banheiro (figura 209), *home office* (figura 210), *home theater* (figura 211), lavanderia (figura 212), além daqueles para o mercado corporativo, referente a áreas da saúde, educação, comércio, hotéis, escritórios (figura 213), entre outros, fabricados, especialmente, em MDF. A empresa abrange, principalmente, o mercado interno, mas atua também em mais de 30 países da América do Sul, América Central, América do Norte, Europa e Oriente. A primeira exportação ocorreu em 1983, com destino ao Chile. O principal canal de comercialização da SCA são as lojas exclusivas, as quais estão espalhadas de norte a sul do Brasil e no exterior.



Figura 205: cozinha da SCA. (SCA, 2008)



Figura 206: dormitório da SCA. (SCA, 2008)



Figura 207: dormitório infantil da SCA. (SCA, 2008)



Figura 208: *closet* da SCA. (SCA, 2008)



Figura 209: banheiro da SCA. (SCA, 2008)



Figura 210: *home office* da SCA. (SCA, 2008)



Figura 211: *home theater* da SCA: em MDF branco e *Ébony Legno*. (SCA, 2008)



Figura 212: área de serviço da SCA. (SCA, 2008)



Figura 213: móveis para escritório (ambiente corporativo) da SCA. (SCA, 2008)

Em entrevista respondida por escrito e entregue em mãos à autora, em 18 de janeiro de 2008, quanto ao design na empresa, o entrevistado F⁴, designer de produto, o qual possui vínculo empregatício desde 2002 com a SCA como analista técnico sênior, desenvolvendo produtos, empreendimentos e treinamentos. Relatou que as principais vantagens encontradas para a introdução do desenvolvimento de design na empresa consistem na “melhora da comunicação interna, pois essa ferramenta interliga vários setores da SCA, além de trazer tecnologia, informações do mercado (produtos semelhantes, concorrências, ...), soluções adequadas de utilização do produto (ergonomia), tendências, etc”. A dificuldade estaria ligada à própria introdução do profissional de design no mercado, mas esse quadro vem se modificando com o passar dos anos, com a conscientização das empresas em valorizar os serviços e reconhecer a importância desse profissional para elas. O entrevistado F acredita que os principais fatores que fazem o sucesso do produto referem-se a “design, diferenciação, personalização e funcionalidade”.

⁴ Com experiência anterior de emprego em uma metalúrgica.

O desenvolvimento de design é terceirizado pela SCA. Anteriormente, a empresa era assessorada pelo escritório Innove Design, de Curitiba. Há quase dois anos, foi formalizada uma nova parceria com um escritório de arquitetura, de Porto Alegre, o qual está projetando uma linha de novos produtos para a coleção 2008. Semanalmente, esse trabalho vem sendo apresentado à diretoria e a outras pessoas da empresa envolvidas com o design, como arquitetos, engenheiros e estudantes de design, somando em torno de dez funcionários, os quais contribuem também com pesquisas mercadológicas e propostas de produtos. Tal grupo está interligado, conseqüentemente, aos setores de engenharia, núcleo de projetos, marketing, comercial e diretoria. O pessoal envolvido no núcleo de projetos utiliza-se de programas de computador como Auto Cad, Corel Draw, Promob, 3D Studio e Sketch Up, para a elaboração dos mesmos. A solicitação de um novo móvel ou a alteração de um produto já existente surge das vendas SCA, as quais realizam pesquisas com os seus clientes. A aprovação desse novo móvel ou a alteração de um produto origina-se do grupo citado anteriormente, o qual analisa a viabilidade e a necessidade de tal investimento. A empresa acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais por meio de pesquisa mercadológica.

Para o entrevistado F,

design significa criatividade e inovação, é um ato de praticar *gestalt* e redesign em produtos já lançados ou não, identificando problemas e atribuindo novas soluções, tanto no ramo moveleiro, quanto [...] [em qualquer outra área, de maneira a se desenvolver] produtos aliados às questões de ergonomia, funcionalidade, estética, ecodesign e mercado.

5.5 Bentec

Em entrevista respondida por escrito e entregue em mãos à autora, em 18 de janeiro de 2008, Bento Gonçalves-RS, o entrevistado G, especialista em design de móveis, o qual trabalha na empresa como designer há dez anos no desenvolvimento de produtos e *stands* para feiras, relatou que, desde 1976, a Bentec já atuava no mercado. Envolvia-se com a produção de pias de cimento com revestimento em Fórmica, fabricadas “em uma área de 200 m², [por cinco funcionários e com maquinário básico de marcenaria]. Em pouco tempo, passaram a produzir também balcões e armários para cozinhas” populares, feitos de madeira cerejeira. Tais produtos tinham como destino o mercado interno brasileiro. A empresa teve como fundadoras as famílias Benedetti e Tecchio. (BENTEC, 2008)

Com o crescimento da produção, a Bentec passou por várias transformações, evoluiu a área de suas instalações para 18.000 m² (figura 214); o número de funcionários aumentou para 130; e foram compradas máquinas automatizadas italianas para modernizar o parque

industrial. A empresa “privilegia investimentos para a melhoria da qualidade de vida de seus funcionários por meio de projetos voltados à educação, saúde e cultura”, e respeita o meio ambiente. (BENTEC, 2008)



Figura 214: instalações da Bentec. (BENTEC, 2008)

Atualmente, os tipos de produtos presentes no mercado correspondem a móveis planejados para a casa toda, como cozinha (figura 215), área de serviço (figura 216), banheiro (figura 217), dormitório (figura 218), e também dormitório infantil (figura 219), *home theater* (figura 220), *home office* (figura 221), além daqueles para ambientes corporativos, como consultórios médicos (figura 222), escritórios, entre outros. Esses móveis são fabricados em MDF e MDP e a empresa subcontrata mão-de-obra. Tais produtos abrangem, principalmente, o mercado interno e, como canais de comercialização, tem em torno de 90 lojas exclusivas que se encontram espalhadas pelo Brasil, além da exportação com destino a países da América Latina, como Chile e Argentina. Segundo o entrevistado G, os fatores que fazem o sucesso do produto são representados por “entrega rápida, qualidade, atendimento e design”.



Figura 215: *Cozinha Essenza* (MDP 18 mm) ou *Mássima* (MDF 18 mm), da Bentec: frentes em Fórmica branca, prateleiras *Amêndoa*, portas deslizantes com perfil de alumínio *Champagne* e vidros *Reflecta*. (BENTEC, 2008)



Figura 216: *Área de serviço Mássima* (MDF), da Bentec: caixas e frentes brancas. (BENTEC, [2006?]b)



Figura 217: banheiro (100% MDF) da Bentec: frentes com pintura microtexturizada preta (ou branca) e portas deslizantes de alumínio com vidro preto temperado. (BENTEC, [2006?]b)



Figura 218: *Dormitório Comodità casal* (MDF), da Bentec: portas *Rovere Chiaro* e portas deslizantes com perfil de alumínio com vidros pretos. (BENTEC, 2008)



Figura 219: *Dormitório Comodità solteiro* (MDF ou MDP), da Bentec: com pintura microtexturizada em branco e amarelo (ou azul). (BENTEC, 2008)



Figura 220: *home theater* (MDF) da Bentec: frentes *Rovero Chiaro* e prateleiras *Wenguê*. (BENTEC, [2006?])c)



Figura 221: *home office Noce* (MDP), da Bentec: caixas e frentes *Noce*. (BENTEC, [2006?])a)



Figura 222: consultório médico da Bentec: caixas *Wenguê* e frentes brancas. (BENTEC, 2008)

Conforme o entrevistado G descreveu, a Bentec possui um setor de design com três pessoas envolvidas em tarefas de pesquisa, criação e construção de protótipo. Estes funcionários têm formação de designer, projetista e prototipista. Tal setor está interligado a outros setores, como o de projetos, engenharia, produção e vendas. A solicitação de um novo móvel ou a alteração de um produto já existente surge do setor de vendas, o qual realiza pesquisas e contatos com os usuários finais a fim de acompanhar o nível de aceitação dos seus produtos. O desenvolvimento de projetos processa-se, a partir da solicitação mencionada, por meio da criação, utilizando-se programas de computador como o Promob, o Auto Cad e o Corel Draw. Em seguida, constrói-se um protótipo, o qual será analisado em reuniões formadas pelo pessoal dos setores de desenvolvimento, de vendas e comercial, quando decidirão se o novo móvel ou a alteração de um produto será aprovada ou não. As principais origens do desenvolvimento de design correspondem à solicitação de clientes, pesquisas e tendências de mercado.

Quando questionado sobre o que entende por design, o entrevistado G argumentou que design é uma mescla de “criação e tendências de mercado”.

5.6 Cinex

Em entrevista respondida por *e-mail* à autora, em 28 de fevereiro de 2008, o entrevistado H, com formação em Marketing e Gestão de Negócios, o qual trabalha na empresa desde 2002 como analista de marketing, coordenando todas as atividades do Departamento de Marketing, relatou que a Cinex atua no mercado desde 1998, envolvida com a fabricação de portas de alumínio. A empresa teve, como fundador, César Cini, o qual buscou trazer um novo produto para o mercado brasileiro.

No início, a Cinex, localizada em Bento Gonçalves-RS, possuía 500 m² de área construída, e a produção era dividida em setores: usinagem, montagem e embalagem. Contava com três funcionários e fabricava portas de alumínio básicas. O maquinário utilizado provinha da Itália. Tais produtos eram confeccionados em vidros importados e alumínio apenas no padrão fosco, os quais eram vendidos para as principais capitais do Brasil.

Com o passar dos anos, o complexo industrial foi ampliado para 7.200 m² de área construída (figura 223), agora, dividida nas áreas de vidraçaria e alumínio. A primeira área citada possui setores de corte, lapidação, usinagem, aplicação de película de resistência, pintura, laboratório, têmpera e qualidade, enquanto que a segunda, divide-se em usinagem, marca laser, montagem, qualidade e embalagem. O número de funcionários passou para 150. Ocorreu também a modernização do maquinário, com a aquisição de novas máquinas italianas e alemãs. A empresa tem capacidade de produzir 400 portas e 150 divisórias de ambiente por dia. Tal produção destina-se ao mercado interno, sendo vendida “diretamente para indústrias moveleiras e para rede de lojas franquizadas”, afirmou o entrevistado H. Sobre a exportação, produtos mais clássicos são vendidos para países como Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia, Equador, Venezuela, Peru, México, Estados Unidos e Canadá. A empresa subcontrata outros serviços.



Figura 223: instalações da Cinex. (CINEX, 2006g)

Atualmente, segundo o entrevistado H, os produtos da Cinex são representados por “portas e divisórias de ambiente em alumínio e vidro, além de complementos para móveis [figuras 224, 225, 226, 227, 228, 229 e 230], como estantes, prateleiras e bancadas. Fabrica também mesas e cadeiras”. Os materiais utilizados são “vidros nacionais e importados” (figuras 231 e 232) e alumínio, este disponível em diferentes cores de acabamento, como Aluwood (acabamento amadeirado; figuras 233, 234 e 235), “Nero Opaco (preto) [figuras 236 e 237], Bianco (branco), Moka (marrom), Prada (champagne), Likelnox (inox) e o alumínio fosco que é o mais tradicional”. A empresa mantém licenças internacionais exclusivas como a italiana Rimadesio (portas, painéis móveis e soluções modulares; ver figuras 238 e 239), a alemã Raumplus (portas para closets e divisórias de ambientes) e a

suíça CHForm (mesas e cadeiras; figura 240). Além disso, a Cinex lançou produtos em Corian (fabricados pela DuPont), “uma superfície sólida perfeita para aplicação em residências, seja em tampos, mesas, balcões ou em revestimentos de parede”, figuras 241 e 242.

Quando questionado sobre os fatores que fazem o sucesso do produto da Cinex, o entrevistado H disse que “a empresa foi a pioneira na fabricação de portas de alumínio no Brasil, é reconhecida por lançar as tendências do alumínio para a indústria moveleira. Sua marca é [bem] conceituada pelos profissionais do meio”.



Figuras 224 e 225: portas Cinex (Rimadesio) como complementos para estantes. (CINEX, [2006?]a, p. 5 e 10, respectivamente)



Figuras 226 e 227: portas Cinex em armários de escritório, nos Estados Unidos (CINEX, 2006c); e sistema *Treviso* com vidro *Acidato*, da Cinex, em *home theater* (CINEX, [2006?]a); respectivamente.



Figuras 228 e 229: estantes *Veneza* e sistema deslizante *Treviso* (CINEX, 2006c); e portas *1964 CL* com puxador *Sottile* e vidro *Cristallo Ébano* (CINEX, 2006g); da Cinex, aplicações em móveis de cozinha, respectivamente.



Figura 230: estantes *Veneza* e sistema deslizante *Treviso*, da Cinex, aplicação em móvel de dormitório. (CINEX, 2006c)



Figuras 231 e 232: porta *1939 T* e vidro *Cristallo Bambu*, uma das novas cores da linha *Cristallo*, Coleção 2006 (CINEX, 2006b, p. 27); e porta de giro *Lugano*, vidro *Cristallo Ébano* e *TS Madeirado* (CINEX, 2006f); da Cinex, respectivamente.



Figura 233: porta divisória *Aluwood Dupla Face* com vidro *Cristallo Panna*, aplicados no sistema *Aluplus*, da Cinex (Raumplus). (CINEX, 2006b, p. 15)

Perfis Aluwood

Perfil Aluplus Dupla Face



Perfil Aluplus Quadrato



Perfil Aluplus Simples Face



Perfil Aluplus Rigato



Padrões Amadeirados Aluwood

Padrão Maple



Padrão Carvalho



Padrão Noce



Padrão Wengê



Figuras 234 e 235: perfis e padrões amadeirados *Aluwood*, da Cinex (Raumplus), respectivamente. (CINEX, 2006b, p. 30)



Perfis Nero Opaco

Perfil Aluplus Quadrato



Perfil Aluplus Dupla Face

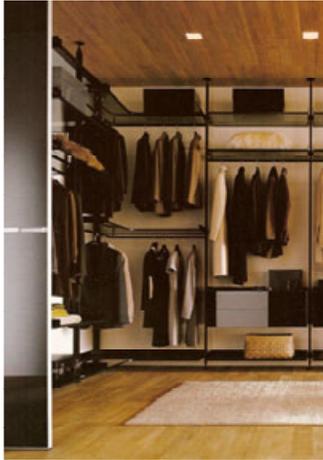


Perfil Aluplus Simples Face



Figuras 236 e 237: porta divisória *Nero Opaco Quadrato* com vidro *Fog*, aplicados no sistema *Aluplus*, da Cinex (Raumplus), mesa *Byo* com tampo de vidro *Incolor* e cadeiras

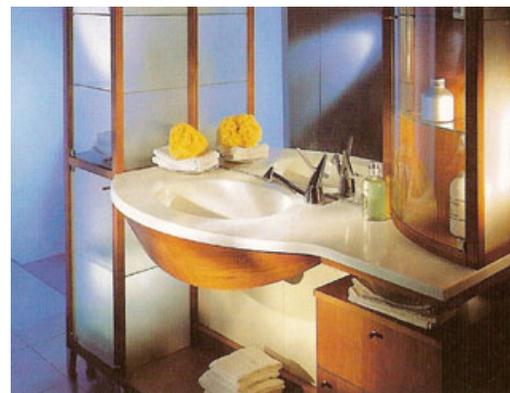
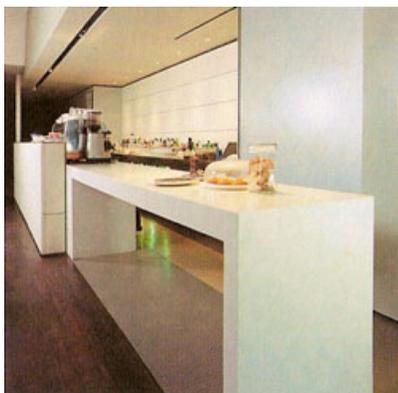
Gripp, da Cinex (CHForm) (CINEX, 2006b, p. 25); e perfis *Nero Opaco*, da Cinex (CINEX, 2006b, p. 30); respectivamente.



Figuras 238 e 239: aplicação de prateleiras em *closet* e divisória de ambientes da Cinex (Rimadesio) (CINEX, [2006?]a, p. 32); e portas *Vela* da Cinex (Rimadesio) (CINEX, [2006?]a, p. 29); respectivamente.



Figura 240: mesa *Byo*, com junções e pés pintados em branco brilhante, além de tampo de vidro *Incolor*, cadeiras *Nina* e estantes *Byo Shelf*, da Cinex (CHForm). (CINEX, 2006g)



Figuras 241 e 242: bancada de *Corian* em cozinha e tampo de *Corian* em banheiro, da Cinex (DuPont), respectivamente. (CINEX, 2006e)

Em entrevista respondida por *e-mail* à autora, em 28 de fevereiro de 2008, o entrevistado I, designer e coordenador do setor de P&D (Projeto & Desenvolvimento) da Cinex, trabalhando na mesma desde 1999, referiu-se às principais dificuldades para a introdução do desenvolvimento de design na empresa:

no início, o setor era chamado de área técnica, onde acontecia o desenvolvimento dos produtos e, ao mesmo tempo, fazia a parte de engenharia, portanto havia muitas dificuldades, tanto na criação quanto na divulgação do produto. Por atender várias áreas, [como] produção, custos, compras, comercial e marketing, o setor estava sobrecarregado e o desenvolvimento não acontecia como esperado, não tinha uma seqüência, [...] ou seja, não tinha uma metodologia, surgia a necessidade e [o resultado] era divulgado no mercado. [...] Hoje, o setor de design [há três anos] está distante da produção e outras áreas, foi criado um pavilhão [de 500 m²] com 03 salas a 100 m da empresa, [com] uma sala de reuniões, sala de trabalho e sala de protótipos.

Tal setor possui seis funcionários envolvidos, sendo dois arquitetos, três estudantes de design e um estudante de publicidade, além de um designer que presta consultoria à empresa. Todo esse pessoal está envolvido em tarefas como pesquisas de mercado – nacionais e internacionais –, criação gráfica, desenvolvimento de produtos e protótipos. Os setores interligados ao setor de design são representados pelo de engenharia, marketing, compras e comercial, entre os mais importantes.

Segundo o entrevistado I, a solicitação de “um novo produto surge de uma necessidade do mercado, pesquisa e criação do próprio P&D (Cinex) e até mesmo [de] uma solicitação do comercial por parte de clientes”. O desenvolvimento desse novo produto processa-se da seguinte maneira: “fizemos a pesquisa durante um semestre e no segundo semestre fizemos os protótipos e criamos a coleção, a qual é apresentada para os consultores de venda no início do ano seguinte, e, em março, [então] divulgamos na feira, Movelsul ou Fimma”, descreveu o entrevistado I. Os programas de computador utilizados são representados pelo Auto Cad, Corel Draw, 3D Studio, Photoshop, entre outros. A aprovação de um produto é decidida pelo próprio setor de design. As principais origens do desenvolvimento de design correspondem às licenças italiana e alemã, as quais servem como referências para a empresa, mas o desenvolvimento é realizado pelo P&D Cinex. A empresa acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais por meio de visitas técnicas pelos representantes e do programa de nível de satisfação dos clientes.

Quando questionado sobre o que entende por design, o entrevistado I argumentou que “a finalidade do design não é a criação de objetos, é a satisfação de necessidades de diversa[s] orde[ns], [como] estética, [...] conforto, [...] segurança e [...] funcionalidade”.

5.7 Difratelli

Em entrevista pessoal à autora, realizada em Flores da Cunha-RS, em 16 de janeiro de 2008, com duração de 40 minutos, o entrevistado J, estudante de design, trabalhando na empresa há dez anos como auxiliar de escritório, relatou que, desde 1991, a Difratelli já atuava no mercado, mas envolvida apenas com a produção de móveis para dormitório. Os irmãos Ulisses e Laurindo Costa, ao fundarem a empresa, tiveram a intenção de abrir um negócio próprio.

No início, a Difratelli possuía cinco funcionários, trabalhando em 100 m² de área construída, sendo esta sem setores e com maquinário básico de marcenaria. Os produtos eram confeccionados em madeira maciça, com acabamento em pintura, os quais eram vendidos apenas para o mercado regional.

Atualmente, a Difratelli ampliou suas instalações para 500 m² de área construída, sendo toda setorizada; adquiriu maquinário de ponta, com procedências nacional e italiana; e o número de funcionários aumentou para 45. A fábrica tem capacidade de produzir 230 módulos por dia. Os produtos referem-se a móveis planejados para cozinha (figura 243), dormitório (figura 244), dormitório infantil (figura 245), *home theater* (figura 246), *home office* (figura 247), banheiro (figura 248) e área de serviço (figura 249), feitos, principalmente, em MDF, com acabamento melamínico ou pintura. Tais produtos abrangem o mercado nacional, tendo como canais de comercialização as lojas de departamentos e as lojas exclusivas. A empresa contrata serviços terceirizados. Segundo o entrevistado J, os fatores que fazem o sucesso do produto são representados por qualidade e pela ampla linha de produtos.



Figura 243: *Cozinha Perugia Gofratto*, em melamina *Branca* e painéis em madeira *Teca*, da Difratelli. (DIFRATELLI, [2008?])



Figura 244: *Dormitório Gofratto Rosa*, da Difratelli. (DIFRATELLI, [2008?])



Figura 245: *Dormitório infantil Bari Gofratto Azul*, da Difratelli. (DIFRATELLI, [2008?])



Figura 246: *Home theater Perugia*, em melamina *Branca*, da Difratelli. (DIFRATELLI, [2006?])



Figura 247: *Home office Perugia Gofratto Preto e Branco*, da Difratelli. (DIFRATELLI, [2008?])



Figura 248: banheiro da Difratelli. (DIFRATELLI, [2008?])



Figura 249: área de serviço da Difratelli. (DIFRATELLI, [2008?])

No início, quanto ao desenvolvimento de design, realizava-se apenas uma análise do mercado para se desenvolver os produtos da empresa.

Hoje, a Difratelli possui setor próprio de design, com duas pessoas envolvidas: um estudante de design e um técnico em desenho. Tal setor está interligado a outros setores, como o de custos e o de administração (marketing). A solicitação de um novo móvel ou a alteração de um produto já existente surge dos lojistas, os quais mantêm contato com os clientes por meio do atendimento. O desenvolvimento de projetos começa a partir dessa solicitação ou já de uma pesquisa de mercado, quando se analisam as tendências do mesmo. Em seguida, ocorre um estudo interno e o desenvolvimento do produto, usufruindo-se do programa de computador Promob, para, então, se realizar testes por meio de protótipos. A aprovação de um novo móvel ou a alteração de um produto existente é decidida pelo setor de design, juntamente com o pessoal do setor de custos e da administração. A principal origem do desenvolvimento de design surge da análise da concorrência nacional, quando se observam tendências de mercado. A empresa acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto a usuários finais por intermédio de pesquisas realizadas pelos lojistas.

Quando questionado sobre o que entende por design, o entrevistado J argumentou que design é um misto de “inovação” e “emprego de tendências”, além da aplicação de “ergonomia, visando o conforto do usuário”.

5.8 Resevila

Em entrevista pessoal à autora, realizada em Flores da Cunha-RS, em 16 de janeiro de 2008, com duração de 40 minutos, o entrevistado L, administrador e gerente comercial da empresa há onze anos, até então, relatou que, desde 1979, a Resevila já atuava no mercado, mas envolvida apenas com a produção de armários. A empresa teve como fundadores quatro sócios, sendo um deles Moacir Guarese, que tiveram a intenção de abrir um negócio próprio.

No início, a Resevila possuía cinco funcionários, trabalhando em 200 m² de área construída, sem setores e com maquinário básico de marcenaria. Os produtos eram confeccionados em aglomerado, com acabamento em pintura automotiva (Laca), os quais eram vendidos apenas para o mercado regional.

Atualmente, o comando da Resevila está somente sob responsabilidade de Moacir Guarese. Tal empresa ampliou suas instalações para 4.500 m² de área construída (figura 250), sendo setorizada em gerência, produção, comercial, compras e financeiro; adquiriu maquinário de alta tecnologia, com procedências nacional, italiana e alemã; e o número de funcionários aumentou para 50.



Figura 250: instalações da Resevila. (RESEVILA, [2006?])

Hoje, os produtos correspondem a móveis planejados para cozinha (figura 251), área de serviço (figura 252), *home theater* (figura 253), *home office* (figura 254), dormitório (figura 255), dormitório infantil (figura 256) e banheiro (figura 257), fabricados, principalmente, em MDF, com acabamento melamínico, laminado plástico ou pintura, além do uso de ferragens e acessórios nacionais e importados; produzem-se também estofados (figura 258) e cadeiras (figura 259). Tais produtos são vendidos para os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Pará, tendo como canais de comercialização as lojas exclusivas e lojas multimarcas. A empresa já exportou, mas, atualmente, não fornece seus produtos para outros países. Segundo o entrevistado L, os fatores que fazem o sucesso do produto são representados por qualidade, marca e Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC).



Figura 251: cozinha da Resevila. (RESEVILA, [2006?])



Figura 252: área de serviço da Resevila. (RESEVILA, [2006?])



Figura 253: *home theater* da Resevila. (RESEVILA, [2008?])



Figura 254: *home office* da Resevila. (RESEVILA, [2008?])



Figura 255: dormitório da Resevila. (RESEVILA, [2006?])



Figura 256: dormitório infantil da Resevila. (RESEVILA, [2006?])



Figura 257: banheiro da Resevila. (RESEVILA, [2008?])



Figura 258: *Estofado Athenas*, da Resevila. (RESEVILA, [2008?])



Figura 259: cadeira da Resevila. (RESEVILA, [2008?])

No início, quanto ao desenvolvimento de design, realizava-se apenas uma análise do mercado para se desenvolver os produtos da empresa.

Atualmente, a Resevila possui setor próprio de design, com três pessoas envolvidas, sendo estas representadas por um administrador, um designer de móveis e um estudante de administração. Além disso, alguns escritórios de design e arquitetura prestam consultoria à empresa. O setor de design está interligado a outros setores, como o comercial e o de engenharia. A solicitação de um novo móvel ou a alteração de um produto já existente surge do setor comercial, o qual mantém contato com as lojas, e também da engenharia. O desenvolvimento de projetos processa-se a partir da elaboração de um *briefing*; em seguida, estabelecem-se as dimensões do produto, por meio do programa de computador Promob; faz-se um levantamento de custos, conforme o material necessário para a produção do mesmo; a engenharia calcula o preço; para, então, o produto ser lançado nas lojas. A aprovação de um novo móvel ou a alteração de um produto existente é decidida pelos setores de engenharia e comercial. A principal origem do desenvolvimento de design surge

de visitas a feiras e a *show rooms* nacionais e internacionais. A empresa acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais por intermédio das lojas.

Quando questionado sobre o que entende por design, o entrevistado L argumentou que design serve para “agradar visualmente o usuário”.

5.9 Romanzza

Em entrevista respondida por *e-mail* à autora, em 21 de fevereiro de 2008, o entrevistado M, administrador com especialização em Estratégias Comerciais, trabalha na empresa como gerente comercial há doze anos, gerindo as áreas de marketing e vendas. Ele relatou que, desde 1988, a Romanzza, localizada em Flores da Cunha-RS, já atuava no mercado, mas envolvida com produção seriada de racks e estantes. A empresa teve como fundador Valmir Argenta.

No início, a Romanzza possuía 38 funcionários, trabalhando em 1.000 m² de área construída, com maquinário de ponta, como centros de usinagem, furadeiras e coladeiras de bordas. Os produtos eram confeccionados em MDF e aglomerado, com acabamentos melamínicos, os quais eram vendidos para todo o Brasil e exportados para países como Chile, Argentina e Estados Unidos.

Atualmente, a Romanzza ampliou suas instalações para 4.000 m² de área construída; adquiriu mais maquinário de alta tecnologia, tendo como exemplos refiladeira e coladeira de bordas; e o número de funcionários aumentou para 115. Os produtos correspondem a móveis planejados para cozinha (figura 260), dormitório (figura 261), como também dormitório infantil (figura 262), *home theater* (figura 263), *home office* (figura 264), banheiro (figura 265) e área de serviço (figura 266), feitos em MDF e MDP, com revestimento melamínico. O grupo Romanzza, além da marca Romanzza Planejados, detém a marca Advance Estofados, a qual fabrica sofás (figura 267), poltronas (figura 268), cadeiras (figuras 269 e 270) e pufes (figura 271). Todos os produtos são vendidos para o mercado nacional, tendo como canais de comercialização as lojas exclusivas. Segundo o entrevistado M, os fatores que fazem o sucesso do produto são representados por preço, marca, SAC, propaganda, estilo, entre outros.



Figura 260: cozinha da Romanzza. (ROMANZZA, 2008)

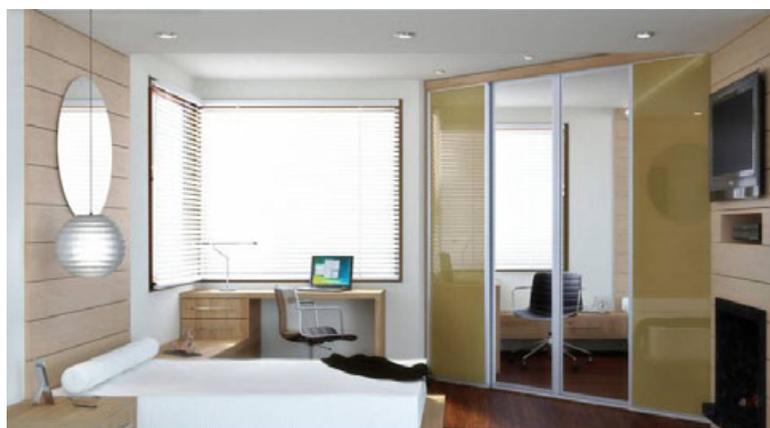


Figura 261: dormitório da Romanzza. (ROMANZZA, 2008)

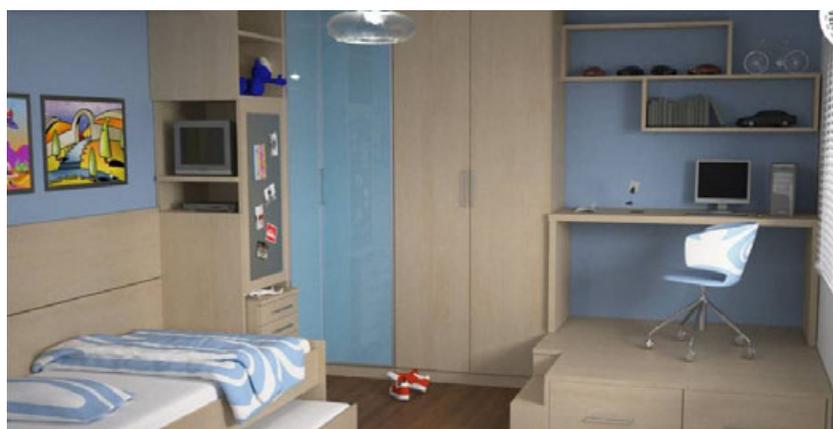


Figura 262: dormitório infantil da Romanzza. (ROMANZZA, 2008)



Figura 263: *home theater* da Romanza. (ROMANZZA, 2008)



Figura 264: *home office* da Romanza. (ROMANZZA, 2008)



Figura 265: banheiro da Romanza. (ROMANZZA, 2008)



Figura 266: área de serviço da Romanzza. (ROMANZZA, 2008)



Figura 267: Conjunto de sofás Confort, da Advance. (ROMANZZA, 2008)



Figura 268: Poltrona Cadeira do Papai, da Advance. (ROMANZZA, 2008)



Figura 269: *Cadeira Unitá*, da Advance. (ROMANZZA, 2008)



Figura 270: *Cadeira Singolare*, da Advance. (ROMANZZA, 2008)



Figura 271: pufes *Redondo*, da Advance. (ROMANZZA, 2008)

No início, quanto ao desenvolvimento de design, não havia estudo de mercado, o desenvolvimento de projeto era feito de modo empírico.

Atualmente, a Romanzza possui setor próprio de design, com seis pessoas envolvidas, entre elas, administradores, designer e técnicos moveleiros. Tal setor está interligado a outros setores, como o de vendas e o de engenharia. A solicitação de um novo móvel ou a

alteração de um produto já existente surge, geralmente, do setor comercial. O desenvolvimento de projetos parte de pesquisas de mercado, bem como de troca de informações com clientes e a área comercial. Durante o desenvolvimento de projetos, utilizam-se os programas de computador Auto Cad e Promob. A aprovação de um móvel ou a alteração de um produto existente é decidida pelos setores comercial e de engenharia. A empresa acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais por meio de pesquisa de satisfação.

5.10 Resumo da Pesquisa de Campo

As tabelas 66, 67 e 68, a seguir, resumem os dados levantados pela pesquisa de campo.

Tabela 66 – Características Gerais das Empresas, na Fase Inicial

Tabela 67 – Características Gerais das Empresas, na Fase Atual

Tabela 68 – Características do Desenvolvimento de Design nas Empresas

6 Resultados e Discussão

De acordo com o capítulo 4 “Pólos Moveleiros da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves e Flores da Cunha” e a pesquisa de campo, exposta no capítulo 5, observou-se que as características relevantes da história e da cultura locais fizeram-se presentes apenas no início da produção moveleira na serra gaúcha, no período entre o final do século XIX e início do século XX, quando eram fabricados móveis e acordeões pelos imigrantes italianos e seus descendentes. Nota-se que, nessa época, conforme os capítulos acima citados e ainda o item 3.3.2, após a chegada da imigração no Rio Grande do Sul, houve o predomínio de padrões italianos na cultura material da região da serra, principalmente, porque esses imigrantes precisaram construir suas casas, seus utensílios, suas ferramentas, como seus próprios móveis. A fabricação de acordeões também se deu a partir dessa imigração que trouxe consigo tal instrumento musical, o qual passou a ser objeto de desejo e de consumo, não só local.

Com o passar dos anos, já da primeira metade do século XX em diante, os móveis desenvolvidos na serra gaúcha foram perdendo essas características peculiares do trato italiano. Passaram, então, a predominar móveis retilíneos, produzidos por empresas como a Carraro, enquanto outras empresas fabricavam pias e tanques de cimento, como a SCA, e acordeões, como a Todeschini. Essas transformações, principalmente as relacionadas aos móveis, ocorreram devido à expansão comercial das empresas, quando elas passaram a atender outros mercados além do regional, alcançando, assim, os demais estados brasileiros. De acordo com as tabelas 66, 67 e 68, no capítulo 5, as quais resumem os dados levantados pela pesquisa de campo, essa foi uma das principais fases de transformações cruciais ocorridas nas indústrias que já se faziam presentes nos pólos de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, em relação ao desenvolvimento de produtos. A outra fase relevante ocorreu a partir da década de 1960, quando tais empresas deixaram de fabricar acordeões, pias e tanques, para desenvolverem, exclusivamente, móveis populares⁵, como balcões e armários para cozinhas, dormitórios, mesas e cadeiras, *racks* e estantes. Desse período até o final da década de 1980, algumas fábricas foram inauguradas com o mesmo propósito de produção, tendo como exemplos a Única, a Bentec, a Difratelli,

⁵ Chamados assim porque estes eram produzidos com materiais de qualidade inferior, o que barateava o preço final dos produtos, sendo destinados à população das classes C e D.

a Resevila e a Romanzza. Somente a partir das décadas de 1980 e 1990, outra fase de transformações importantes, as indústrias dos pólos em questão, a destacar Única, Todeschini, Carraro, SCA, Bentec, Difratelli, Resevila e Romanzza, começaram a produzir móveis planejados em módulos componíveis para diversos ambientes residenciais e institucionais. Algumas dessas empresas ainda produzem móveis populares, estofados, cadeiras e pufes. Nota-se que a empresa Cinex, em particular, sempre produziu portas de alumínio, mas, agora, dedica-se também à fabricação de divisórias de ambientes e complementos para móveis.

O desenvolvimento de móvel planejado, juntamente com a ampliação de mercado, fez com que as indústrias tivessem um aumento da capacidade de produção, uma ampliação significativa das suas instalações e do número de funcionários. Também passaram a atingir, com maior êxito, o mercado externo, mesmo que ainda não seja um resultado satisfatório em termos de expansão. Sobre os canais de comercialização, além das lojas de departamentos e multimarcas, hoje, as empresas comercializam seus produtos por meio de lojas franqueadas. Tais transformações também podem ser verificadas na comparação das tabelas 66 e 67, no capítulo 5, as quais demonstram a evolução ocorrida nas indústrias, desde a inauguração de cada uma delas até a atualidade.

Com o desenvolvimento, as empresas começaram a atentar para o design dos móveis. Quase todas as indústrias participantes deste estudo têm setor de design, com duas a seis pessoas envolvidas, estudantes ou com formação em design, arquitetura, publicidade e administração, bem como técnicos moveleiros, projetistas e prototipistas. Aquelas que não possuem esse setor, têm esse serviço realizado de maneira terceirizada, geralmente, por escritórios de arquitetura. Mesmo assim, identificou-se uma semelhança no desenvolvimento de design na produção contemporânea das indústrias dos pólos moveleiros em questão. Tal processo, conforme as respostas dos entrevistados, origina-se de pesquisas de mercado, visitas a feiras e a *show rooms* nacionais e internacionais, quando são observadas as tendências, e do apoio de fornecedores de matérias-primas e acessórios. Os participantes relataram que o processo do desenvolvimento de design parte dessas pesquisas, para depois haver um estudo interno quanto à criação e às dimensões (programas de computador como instrumento, geralmente, Auto Cad, Corel Draw e Promob), também quanto a valores, para, então, ocorrer a fabricação de modelos e de protótipos com o intuito da realização de testes. O mencionado método próprio, para desenvolvimento de design, não foi claramente descrito por nenhum dos entrevistados.

Como pode ser visto, o processo do suposto desenvolvimento de design dos produtos está apoiado, especialmente, nas pesquisas de mercado e nas tendências que oferece, sendo isso uma importante referência para as indústrias moveleiras. De fato, a elaboração de um móvel consiste apenas num projeto de instalação, realizado com a ajuda de um programa de computador, como o Promob, em que se planeja a organização dos módulos

previamente definidos, de acordo com as medidas do ambiente e do local desejado pelo cliente.

Cabe destacar, novamente, que todos os dados relevantes abordados nestes resultados foram citados pelos entrevistados participantes da pesquisa de campo, a qual está descrita no capítulo 5 e encontra-se sob forma de resumo nas tabelas 66, 67 e 68.

Com isso, observa-se que não há, efetivamente, um desenvolvimento de design de móveis. Há sim a realização de adequações e ajustes nos produtos já existentes, elaborados de acordo com modelos e tendências de mercado. Essa situação traz, como efeitos, em relação à composição dos móveis retilíneos produzidos em série, resultados formais muito parecidos. Não há diferenciação, não há particularidades e, conseqüentemente, não há inovação. Isso pode ser verificado nos exemplos de móveis para cozinha de todas as empresas participantes da pesquisa, com exceção da Cinex, a seguir. Nota-se que as figuras expostas foram obtidas durante a pesquisa de campo, imagens presentes em catálogos e *folders* das empresas participantes, e por intermédio dos *sites* das mesmas. Tais ilustrações demonstram, realmente, a indiferenciação existente entre os móveis fabricados pelas indústrias participantes deste estudo.



Figuras 272 e 273: móveis para cozinha da Bentec (BENTEC, 2008) e da Criare (Carraro) (CRIARE, 2006a), respectivamente.



Figuras 274 e 275: móveis para cozinha da Difrattelli (DIFRATELLI, [2008?]) e da Resevila (RESEVILA, [2006?]), respectivamente.



Figuras 276 e 277: móveis para cozinha da Romanzza (ROMANZZA, 2008) e da SCA (SCA, 2008), respectivamente.



Figuras 278 e 279: móveis para cozinha da Todeschini (TODESCHINI, 2006, p. 36) e da Dell Anno (Única) (DELL ANNO, [2006?]), respectivamente.

Acredita-se que a introdução do desenvolvimento de design nas indústrias seja uma questão de decisão gerencial. Investir numa área como a do design pode criar uma condição dinâmica na própria situação de concorrência. Cabe destacar que o design não está calcado apenas em fatores estético-formais, mas também leva em conta questões sociais e culturais, relacionadas ao público-alvo; aspectos ergonômicos, referentes à funcionalidade e à usabilidade; questões ligadas ao meio ambiente, como de utilização de madeiras certificadas e de aproveitamento de matérias-primas, por exemplo. Essas características criam uma situação de possibilidades, de diferenciação e de inovação que podem contribuir com o aumento da competitividade e a melhora da posição das empresas no mercado.

Partindo dos depoimentos dados pelos entrevistados sobre o conceito de design (ver capítulo 5 e tabela 68), obtiveram-se algumas respostas como: “design é uma mescla de criação e tendências de mercado” (entrevistado G); “é um misto de inovação e emprego de tendências, além da aplicação de ergonomia, visando o conforto do usuário” (entrevistado J); “agradar visualmente o usuário” (entrevistado L). Tais argumentos demonstram que há um entendimento equivocado do design pelos profissionais da área moveleira. Isso contribui para a inconsistente incorporação do desenvolvimento de design no sistema das indústrias,

enquanto que tal estratégia poderia ser adotada para fomentar a competitividade e para estimular, conseqüentemente, o crescimento das empresas.

Conclusão

A partir dos resultados, conclui-se que a produção moveleira na serra gaúcha iniciou, principalmente, com a imigração italiana, a fim de suprir as necessidades materiais dessa população, no final do século XIX.

No século XX, houve três momentos importantes de mudança do tipo de produto a ser fabricado: o primeiro ocorreu na primeira metade desse século, quando o trato italiano cedeu lugar à produção de móveis retilíneos, devido à expansão comercial alcançada por algumas empresas, enquanto outras firmas fabricavam acordeões, pias e tanques; o segundo momento aconteceu quando tais produtos foram substituídos pela produção de móveis populares, já na década de 1960, observando-se, então, o princípio da unificação do tipo de produto fabricado; e o último momento relevante sucedeu-se a partir das décadas de 1980 e 1990, quando as empresas estudadas passaram a produzir móveis planejados em módulos componíveis. Esta terceira transformação possibilitou às indústrias, por exemplo, um aumento da capacidade de produção e uma ampliação do espaço físico e do número de funcionários. Tal mudança também fez com que as empresas passassem a se preocupar mais com o design dos móveis. Entretanto, todas se ativeram a modelos identificados em feiras e *show rooms* nacionais e internacionais, chegando a resultados formais muito parecidos.

Dessa forma, acredita-se que um investimento mais incisivo na área do design, buscando a diferenciação e a inovação por meio deste, vai gerar o aprimoramento dos produtos e, conseqüentemente, haverá uma maior competitividade entre as empresas.

Partindo do pressuposto de que os objetivos inicialmente propostos para esta pesquisa foram atingidos, cabe destacar que este trabalho não se encerra aqui, pois há várias possibilidades de leitura, avanços e aprofundamentos deste material, como os desdobramentos apontados a seguir:

- levantar dados sobre as características dos móveis fabricados por descendentes italianos na serra gaúcha, no período do final do século XIX até o início do século XX, quando começa a produção seriada em pequena escala;

- pesquisar como se deu a implantação dos cursos de design nas faculdades e universidades do Estado do Rio Grande do Sul, bem como descrever a metodologia de ensino dessas instituições;
- realizar um estudo sobre como se dá a relação dos escritórios de design com as indústrias no Rio Grande do Sul;
- reunir, num mesmo estudo, nomes de profissionais que desenvolvem trabalhos na área do design e que se destacam no cenário sul-rio-grandense, descrevendo a biografia e a produção de cada um;
- levantar e analisar dados sobre o desenvolvimento de design nas indústrias moveleiras de outros pólos do Brasil;
- realizar um estudo, juntamente com as indústrias moveleiras, sobre o melhor método a ser utilizado por elas em relação ao desenvolvimento de design;
- aprofundar assuntos referentes às questões formais e estruturais dos móveis, e às comerciais e econômicas.

Assim, os dados levantados prestam-se a outros tipos de reflexão que poderão ser abordados por outros pesquisadores e até mesmo num nível de doutoramento, de maneira a contribuir para a construção do conhecimento na área do design. Além disso, pretende-se realizar o retorno dos resultados às indústrias moveleiras que participaram da pesquisa, podendo promover a melhoria dos produtos fabricados e o crescimento das próprias empresas.

Referências Bibliográficas

ADP. **Mostra Design ADP – Artigos: Produção Nacional do Design Industrial**. [2006 ou 2007]. Disponível em: <http://www.adp.org.br/artigos/mostra_adp2.htm>. Acesso em: 17 mai. 2007.

ALIEVI, Rejane Maria; VARGAS, Marco Antonio. **Competitividade, Capacitação Tecnológica e Inovação no Arranjo Produtivo Moveleiro da Serra Gaúcha/RS – Brasil**. In: IPEA. **Pólos Moveleiros: II – Linhares (ES), III – Ubá (MG) e IV – Bento Gonçalves (RS)**. Curitiba: Alternativa, 2002. v. 9.

ALMANAQUE. **PETZOLD, Nelson Ivan**. 2004. Disponível em: <<http://www.designbrasil.org.br/portal/almanaque/enciclopedia.jhtml?indice=p>>. Acesso em: 17 mai. 2007.

APDESIGN. **Prêmio Bornancini é uma homenagem a um dos mais importantes designers brasileiros**. 2006. Disponível em: <http://www.apdesign.com.br/noticias_view.asp?cod=449>. Acesso em: 17 mai. 2007.

APDESIGN. **Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul**. 2008. Disponível em: <<http://www.apdesign.com.br>>. Acesso em: 17 mai. 2008.

AQUINO, Alfredo; BORGES, Adélia; MOURA, Carlos de Azevedo. **Desenho Anônimo: legado da imigração no sul do Brasil**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2007.

ARCO WEB. **Exposição MCB**. [200-]. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/design/design50h.asp>>. Acesso em: 17 mai. 2007.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 6 ed. Brasília: Editora UnB; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

BENTEC. **Catálogo Eletrônico e Animação de Montagem**. Bento Gonçalves, [2006?]a. CD-ROM.

BENTEC. *Folder*. [2006?]b.

BENTEC. *Folder*. [2006?]c.

BENTEC. 2008. Disponível em: <<http://www.bentec.com.br>>. Acesso em: 09 mai. 2008.

BONI, Luís Alberto De; COSTA, Rovílio. **Os Italianos do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Correio Riograndense; 1984.

BORGES, Adélia; *et al.* **Coleção Museu da Casa Brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2007.

BORNANCINI, José Carlos Mário. **Recuperando Experiências em Design**. In: BASTOS, Roberto; *et al* (org.). **Pensando Design**. Porto Alegre: UniRitter, 2004.

BOZZETTI, José Pinheiro Bozzetti. **Design no Sul: uma Experiência Pessoal, um Testemunho**. In: BASTOS, Roberto; *et al* (org.). **Pensando Design**. Porto Alegre: UniRitter, 2004.

CAMERA, Daniel. Entrevista degravada, com duração de 40 minutos. Bento Gonçalves: 15 de janeiro de 2008.

CAMPOS, André; Redação Mochila Brasil. **Missões: as raízes ocultas da América**. 2007. Disponível em: <<http://www2uol.com.br/mochilabrasil/missoes.shtml>>. Acesso em: 23 out. 2007.

CHAGAS, Henrique. **São Miguel, Patrimônio da Humanidade**. 2002. Disponível em: <<http://www.verdestrigos.org/missoes/saomiguel.asp>>. Acesso em: 23 out. 2007.

CINEX. Catálogo de Produtos. [2006?]a.

CINEX. Catálogo de Produtos. 2006b.

CINEX. *Folder*. 2006c.

CINEX. *Folder*. 2006d.

CINEX. *Folder*. 2006e.

CINEX. *Folder*. 2006f.

CINEX. 2006g. Disponível em: <<http://www.cinex.com.br>>. Acesso em: 11 mai. 2008.

CORRÊA, Maria Celeste. **Uma Lição de Design**. Revista ABC Design. Edição nº 12. Curitiba: Editora Coan, 2005.

COSTA, Rovílio; *et al.* **Imigração Italiana**: vida, costumes e tradições. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sulina, 1974.

COUTINHO, Luciano; *et al.* **Design na Indústria Brasileira de Móveis**. Curitiba: Alternativa, 2001. v. 3.

CRIARE. *Folder*. 2006a.

CRIARE. *Folder*. 2006b.

CRIARE. 2008. Disponível em: <<http://www.criare.com>>. Acesso em: 07 mai. 2008.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica**: teoria e prática. 2 ed. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.

CSPD. [200-]. Disponível em:
<http://www.cspd.com.br/galeira_ampliação.asp?id_foto=89&id_galeira=1>. Acesso em: 17 mai. 2007.

DELL ANNO. Catálogo de Produtos. [2006?].

DELL ANNO. 2008. **Institucional**. Disponível em:
<<http://www.dellanno.com.br/site/institucional/?language=0>>. Acesso em: jan. 2008.

DESENHO ANÔNIMO: legado da imigração no sul do Brasil. Exposição realizada de 05 de maio a 29 de julho de 2007. Museu da Casa Brasileira, São Paulo. Visita em 05 jul. 2007.

DIFRATELLI. *Folder*. [2006?].

DIFRATELLI. Disponível em: <<http://www.difratelli.com.br>>. Acesso em: 12 mai. 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESPM. **Escola Superior de Propaganda e Marketing**. 2008. Disponível em: <<http://www.espm.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

ESTRADA, Maria Helena. **Salão Design Movelsul**. Bento Gonçalves: Roma, 2008.

EXPRESSÃO. 2005. Disponível em: <http://www.expressao.com.br/restrito/inovacao/anuarios_eletronicos/anuais2005/conteudo_s/premiofinep.htm>. Acesso em: 17 mai. 2007.

FAE. **Faculdade Anglicana de Erechim**. 2008. Disponível em: <<http://www.baraofae.com.br/joomla>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

FAI. **Exposição abre hoje na Faculdade dos Imigrantes**. [2008?]. Disponível em: <<http://www.faculadadedosimigrantes.com.br/site/noticias.php?codigo=231>>. Acesso em: 31 ago. 2008.

FAI. **Faculdade dos Imigrantes**. 2008. Disponível em: <<http://www.faculadadedosimigrantes.com.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

FEEVALE. **Centro Universitário Feevale**. 2008. Disponível em: <<http://www.feevale.br>>. Acesso em: 16 mai. 2008.

FIORI, Mylena. **Eco Design**: exposição em São Paulo, SP, exhibe 60 móveis e objetos feitos com madeiras brasileiras certificadas. 2002. Disponível em: <http://casaejardim.globo.com/edic/ed549/dec_eco.htm>. Acesso em 29 mai. 2004.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

FONTOURA, Ivens. **Uma Visão do Design Moveleiro Latinoamericano**. Bento Gonçalves: Salão Design Movelsul, 2006a.

FONTOURA, Ivens. **X Salão Design Movelsul Brasil 2006 (I)**. 2006b. Disponível em: <<http://www.designbrasil.org.br/porta/opiniao/exibir.jhtml?idArtigo=648>>. Acesso em: 30 mar. 2008.

FONTOURA, Ivens. **Design em Cuiabá**. 2007. Disponível em: <<http://www.designbrasil.org.br/porta/opiniao/designers.jhtml?idArtigo=1168>>. Acesso em: 30 mar. 2008.

FREITAS, Celi “Cica” de. Entrevista respondida por *e-mail*, em 23 de janeiro de 2008.

FSG. **Faculdade da Serra Gaúcha**. 2008. Disponível em: <<http://www.fsg.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

FURG. **Fundação Universidade do Rio Grande**. 2008. Disponível em: <<http://www.furg.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **A Indústria de Móveis no Brasil**. Curitiba: Alternativa, 2000. v. 2.

HABITART. **Designers**. 2008. Disponível em: <<http://www.habitart-br.com/pages/design06.asp?categoria=200&idioma=port>>. Acesso em: 30 mar. 2008.

IAB-RS. **A harmonia entre Arte e Arquitetura**. 2000. Disponível em: <http://www.iab-rs.org.br/iabrs/jornal/set_out_2000/entrevista.html>. Acesso em: 17 mai. 2007.

IBAMA; UNB. Revista da Madeira. **Mercado aponta Uso do Eucalipto para Móveis**. 2007. Disponível em: <http://www.remade.com.br/pt/revista_materia.php?edicao=103&id=1053>. Acesso em: 30 mai. 2008.

IEMI. **Brasil Móveis 2006**: relatório setorial da indústria de móveis no Brasil. São Paulo: Free Press Editorial, RR Donnelley Moore, 2006a.

IEMI. **Rio Grande do Sul Moveleiro**: relatório setorial da indústria de móveis. São Paulo: Free Press Editorial, RR Donnelley, 2006b.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. 2008. Disponível em: <<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

IPA. **Centro Universitário Metodista**. 2008. Disponível em: <http://www.metodistadosul.edu.br/centro_universitario/capa/default.php>. Acesso em: 31 mai. 2008.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Móveis**: mercado interno deve compensar exportações. 2008. Disponível em: <http://www.portalmoveleiro.com.br/redacao/nova_noticias.html?idGenero=2&deNoticia=noticias/esp20080116_102334_86.html>. Acesso em: 17 mai. 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LEAL, Joice Joppert. **Um Olhar sobre o Design Brasileiro**. São Paulo: Objeto Brasil; Instituto Uniemp; Imprensa Oficial do Estado; 2002.

MARRA, Maria Cecília; SOUZA, Okky de. **Patente Nacional**. 1997. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/070198/p_080.html>. Acesso em: 31 ago. 2008.

MARTO, Giovana Beatriz Theodoro. IPEF. **Indicações para Escolha de Espécies de Pinus**. Disponível em: <http://www.ipef.br/silvicultura/escolha_pinus.asp>. Acesso em: 30 mai. 2008.

MCB. Museu da Casa Brasileira. Exposições: **Desenho Anônimo**: legado da imigração no sul do Brasil. 2007. Disponível em: <<http://www.mcb.sp.gov.br/mcbltem.asp?sMenu=P002&sTipo=5&Item=777&sOrdem=0>>. Acesso em: mai. 2007.

MERCUR. **Borracha de Apagar virou Brinquedo Pedagógico**. 2003. Disponível em: <http://www.mercur.com.br/sitecontent/corporativo/noticia_integra.asp?Cod_Noticia=43>. Acesso em: 17 mai. 2007.

MONTSERRAT. **Faculdade Montserrat**. 2008. Disponível em: <<http://montserrat.plughosting.com.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

MOTA, Ronaldo. **O Início da Educação Superior no Brasil**. 2007. Disponível em: <<http://www.arazao.com.br/coluna.php?cod=1061>>. Acesso em: 01 dez. 2007.

MOVELSUL. **MOVELSUL Brasil 2008**: Feira de Móveis. 2007. Disponível em: <<http://www.movevsul.com.br>>. Acesso em: jun. 2007.

MÜLLER, Paulo de Tarso da Silveira. **O Design de Produto sai do Discurso**. In: BASTOS, Roberto; *et al* (org.). **Pensando Design**. Porto Alegre: UniRitter, 2004.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil**: origens e instalação. 2 ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PETZOLD, Nelson Ivan. Entrevista degravada, com duração de duas horas. Porto Alegre: 18 de julho de 2008.

PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA. 2008a. Disponível em: <<http://www.projeto3design.com.br>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA. *Folder* do escritório. 2008b.

PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA. *Folder* do escritório. 2008c.

PUCRS. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

PUMO, Ana Luísa Lo. Entrevista degravada, com duração de duas horas. Porto Alegre: 17 de julho de 2008.

RATHSAM, Marilisa. **Brasil Faz Design**. São Paulo, 2002.

RESEVILA. *Folder*. [2006?].

RESEVILA. [2008?]. Disponível em: <<http://www.resevila.com.br>>. Acesso em: 13 mai. 2008.

REVISTA SIM. **Coza arremata mais uma Premiação de Design**. [200-]. Disponível em: <<http://www.revistasim.com.br/asp/materia.asp?idtexto=4782>>. Acesso em: 17 mai. 2007.

RGD. **Rede Gaúcha de Design**. 2008. Disponível em: <<http://www.rgd.org.br>>. Acesso em: 17 mai. 2008.

ROMANZZA. 2008. Disponível em: <<http://www.romanza.com.br>>. Acesso em: 13 mai. 2008.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Móvel Moderno no Brasil**. São Paulo: Edusp, FAPESP e Studio Nobel, 1995.

SCA. 2008. Disponível em: <<http://www.sca.com.br>>. Acesso em: 08 mai. 2008.

SCHMITZ, Carla S. **Museu Nacional do Móvel é criado em Bento Gonçalves**. 2004. In: PORTAL MOVELEIRO. **Pólos Moveleiros**: Bento Gonçalves – RS. Londrina, 2006. CD-ROM.

SILVA, Júlio Caetano da. **Que Designers estamos formando?**. In: BASTOS, Roberto; *et al* (org.). **Pensando Design**. Porto Alegre: UniRitter, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SONAGLIO, Cláudia Maria. **A Inovação Tecnológica em Arranjos Produtivos Locais: a indústria de móveis retilíneos de Bento Gonçalves (RS)**. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – UFSM, Santa Maria. 2006.

TODESCHINI. **Histórico**. [2006?]. Disponível em: <<http://www.todeschini-rs.com.br/Todeschini/Corporate/Corporate.aspx>>. Acesso em: 20 mai. 2007.

TODESCHINI. **Coleção Natural Life Todeschini**. Catálogo de Produtos. 2006.

TODESCHINI. **Quem Somos**. 2008. Disponível em: <<http://www.todeschinisa.com.br/Todeschini/Corporate/Corporate.aspx?key=d4ee5a3d-c0b4-4fda-ace5-30ee55d967e7>>. Acesso em: 05 mai. 2008.

UCPEL. **Universidade Católica de Pelotas**. 2008. Disponível em: <<http://www.ucpel.tche.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UCS. **Universidade de Caxias do Sul**. 2008. Disponível em: <<http://www.ucs.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UERGS. **Universidade Estadual do Rio Grande do Sul**. 2008. Disponível em: <<http://www.uergs.edu.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UFPEL. **Universidade Federal de Pelotas**. 2008. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UFRGS. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UFSM. **Universidade Federal de Santa Maria**. 2008. Disponível em: <<http://www.ufsm.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

ULBRA. **Universidade Luterana do Brasil**. 2008. Disponível em: <<http://www.ulbra.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UNB. **José Carlos Bornancini**. [200-]. Disponível em: <<http://www.arte.unb.br/alunos/graduacao/alu98/sandra/bor.html>>. Acesso em: 17 mai. 2007.

UNICRUZ. **Universidade de Cruz Alta**. 2008. Disponível em: <<http://www.unicruz.edu.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UNIFRA. **Centro Universitário Franciscano**. 2008. Disponível em: <<http://www.unifra.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UNIJUI. **Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul**. 2008. Disponível em: <<http://www.unijui.edu.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UNILASALLE. **Centro Universitário La Salle**. 2008. Disponível em: <<http://www.unilasalle.edu.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

UNIPAMPA. **Fundação Universidade Federal do Pampa**. 2008. Disponível em: <<http://www.unipampa.edu.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

UNIRITTER. **Centro Universitário Ritter do Reis**. 2008. Disponível em: <<http://www.uniritter.com.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UNISC. **Universidade de Santa Cruz do Sul**. 2008. Disponível em: <<http://www.unisc.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

UNISINOS. **Universidade do Vale do Rio dos Sinos**. 2008. Disponível em: <<http://www.unisinos.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

UNIVATES. **Centro Universitário Univates**. 2008. Disponível em: <<http://www.univates.br>>. Acesso em: 17 mai. 2008.

UPF. **Fundação Universidade de Passo Fundo**. 2008. Disponível em: <<http://www.upf.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

URCAMP. **Universidade da Região da Campanha**. 2008. Disponível em: <<http://www.urcamp.tche.br>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

URI. **Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões**. 2008. Disponível em: <<http://www.reitoria.uri.br>>. Acesso em: 31 mai. 2008.

180 ANOS DA INDÚSTRIA BRASILEIRA: de 1827 ao século XXI. Exposição realizada de 16 de outubro a 18 de novembro de 2007. Fundação Casa França-Brasil, Rio de Janeiro. Visita em 26 out. 2007.

Apêndice A – Roteiro de Entrevista aplicado às Indústrias

1 SOBRE O ENTREVISTADO

- nome:
- formação:
- cargo na empresa:
- função:
- no emprego desde:
- emprego(s) anterior(es):

2 SOBRE A EMPRESA

2.1 Fase inicial

1) Por favor, fale-me um pouco sobre a história da empresa:

- ano de criação
- fundador
- motivo
- primeiros endereços
- instalações
- número de funcionários
- primeiros produtos
- tipo de maquinário

- produção: materiais / acabamentos
- organização da fábrica
- vendia para onde e quais produtos → mercado interno:
 - exportação:

2.2 Fase Atual

2) Desde a inauguração até hoje, quais transformações relevantes ocorreram, em termos de:

- diretores / sócios
- instalações
- número de funcionários
- produtos
- maquinário
- produção: materiais / acabamentos
- organização
- vendas para onde e quais produtos → mercado interno:
 - exportação:
- números da produção hoje
- canais de comercialização: (lojas exclusivas, magazines, varejistas)
- a empresa é subcontratada ou subcontrata outra?
- fatores que fazem o sucesso do produto: (preço, marca, SAC, propaganda, estilo, linha de móvel específica)

3 QUANTO AO DESENVOLVIMENTO DE DESIGN NA EMPRESA

3.1 Fase Inicial

3) Quais as principais dificuldades e quais as principais vantagens encontradas para a introdução do desenvolvimento de design na empresa?

3.2 Fase Atual

4) Como está estruturado o desenvolvimento de design na empresa?

- possui setor próprio
- número de pessoas envolvidas
- formação profissional
- tarefas do pessoal de design
- setores interligados ao setor de design
- de qual setor surge a solicitação de um novo projeto ou a alteração de um produto já existente?
- como se processa o desenvolvimento de um novo móvel ou a alteração de um produto já existente?
- programa de computador utilizado
- como esse novo móvel ou a alteração de um produto já existente é aprovada?
- principal origem do desenvolvimento de design
- a sua empresa acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais? Como?
- o que você entende por Design?

Apêndice B – Roteiro de Entrevista aplicado aos Escritórios

1 SOBRE O ENTREVISTADO

- nome:
- formação:
- cargo na empresa:
- função:
- no emprego desde:
- emprego(s) anterior(es):

2 SOBRE O ESCRITÓRIO

2.1 Fase Inicial

1) Por favor, fale-me um pouco sobre a história do escritório:

- ano de criação
- fundador(es)
- formação do(s) fundador(es)
- motivo
- primeiros endereços
- número de funcionários
- formação dos funcionários
- organização do escritório
- primeiros clientes

- primeiros produtos

2.2 Fase Atual

2) Desde a inauguração até hoje, quais transformações relevantes ocorreram, em termos de:

- diretores / sócios
- formação
- número de funcionários
- formação dos funcionários
- organização do escritório
- clientes
- produtos
- prêmios

3 QUANTO AO DESENVOLVIMENTO DE DESIGN NO ESCRITÓRIO

3) Como está estruturado o desenvolvimento de design no escritório?

- contato com os clientes
- o escritório desenvolve somente produtos novos ou realiza também alterações em produtos já existentes?
- como ocorre o desenvolvimento dos projetos?
- programa de computador utilizado
- outras ferramentas
- quais são as principais características relacionadas ao design que são consideradas pelo grupo envolvido com a criação?
- realiza-se pesquisa de mercado?
- há influências de modelos estrangeiros ou de outras fontes nos requisitos dos tomadores de serviço?
- restrições tomadas no desenvolvimento dos projetos
- prazo de entrega do projeto
- como ocorre a aprovação do produto pelos clientes?

- o seu escritório acompanha o nível de aceitação dos seus produtos junto aos usuários finais? Como?
- o que você entende por Design?

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Entrevistados dos Escritórios

Eu, _____, RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito objeto da pesquisa, que me foi devidamente esclarecida a Pesquisa de Campo, a qual tem por finalidade complementar a dissertação intitulada: O DESIGN NA PRODUÇÃO MOVELEIRA DA SERRA GAÚCHA, trabalho em processo de desenvolvimento pelas autoras Daniele Dickow Ellwanger e Prof^a Dr^a Lucy Niemeyer, na Linha de Pesquisa em DESIGN, TEORIA E CRÍTICA, do curso de MESTRADO EM DESIGN da ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, quanto aos seguintes aspectos:

- a. que a pesquisa objetiva levantar dados sobre as indústrias moveleiras do pólo de Bento Gonçalves e região e como ocorre o desenvolvimento de design nas mesmas;
- b. que a coleta de informações da pesquisa é feita através de filmagem e de fotografia dos produtos e das instalações do escritório, além de uma entrevista, cujo roteiro encontra-se anexado a este Termo, também por mim lido;
- c. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- d. que para mais esclarecimentos posso contatar a autora e orientadora responsável Prof^a Dr^a Lucy Niemeyer, pelo telefone (21) 9809.0628;
- e. que estará a mim garantida a total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo algum para mim;
- f. que o uso dos dados por mim fornecido é reservado às autoras da dissertação, acima mencionadas, sendo preservado o respeito ao meu anonimato;
- g. que a informação sobre os dados da pesquisa podem ser divulgados e publicados desde que cumpridos o disposto no item f.

- h. que tenho ciência de possíveis desconfortos, como a apresentação e registro das instalações do escritório, a duração da entrevista de aproximadamente meia hora e a marcação de outra entrevista, caso haja necessidade de complementação das informações coletadas.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelas autoras e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente participar desta pesquisa.

, de de 2008

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Nome: _____

RG: _____

Data de nascimento: ___ / ___ / ___

Sexo: M () F ()

Endereço: _____ nº.: _____ apto: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Tel.: _____ Cel.: _____

E-mail: _____

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências nele contidas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

, de de 2008

Assinatura da pesquisadora

Apêndice D – Roteiro de Entrevista aplicado às Associações

- Brasil:

1) Por favor, tu terias dados sobre a indústria de móveis no Brasil?

- Rio Grande do Sul:

2) Que fatores econômicos, sociais e culturais promoveram a instalação de indústrias no Rio Grande do Sul, no decorrer dos séculos?

3) Quais foram e são os meios fornecidos pelo governo do Estado para o desenvolvimento industrial atual?

4) Como se deu o processo de industrialização moveleira no Rio Grande do Sul?

5) Tu terias dados atuais sobre a indústria moveleira no Rio Grande do Sul, em termos de porte, produção, maquinário, exportação, produtos, materiais utilizados, etc?

- Bento Gonçalves:

6) Como houve a formação do pólo de Bento Gonçalves?

7) O pólo de Bento Gonçalves abrange outras cidades da região, ou concentra-se somente neste município?

8) Houve e há incentivo do governo do Estado do Rio Grande do Sul para o desenvolvimento deste pólo? Se sim, de que forma?

9) Atualmente, como se encontram as indústrias moveleiras do pólo de Bento Gonçalves em termos de porte, produção, maquinário, exportação, produtos, materiais utilizados, etc?

Apêndice E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Entrevistados das Indústrias

Eu, _____, RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito objeto da pesquisa, que me foi devidamente esclarecida a Pesquisa de Campo, a qual tem por finalidade complementar a dissertação intitulada: O DESIGN NA PRODUÇÃO MOVELEIRA DA SERRA GAÚCHA, trabalho em processo de desenvolvimento pelas autoras Daniele Dickow Ellwanger e Prof^a Dr^a Lucy Niemeyer, na Linha de Pesquisa em DESIGN, TEORIA E CRÍTICA, do curso de MESTRADO EM DESIGN da ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, quanto aos seguintes aspectos:

- i. que a pesquisa objetiva levantar dados sobre as indústrias moveleiras do pólo de Bento Gonçalves e região e como ocorre o desenvolvimento de design nas mesmas;
- j. que a coleta de informações da pesquisa é feita através de filmagem e de fotografia dos produtos e das instalações da indústria, incluindo a fachada e os setores da mesma, além de uma entrevista, cujo roteiro encontra-se anexado a este Termo, também por mim lido;
- k. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- l. que para mais esclarecimentos posso contatar a autora e orientadora responsável Prof^a Dr^a Lucy Niemeyer, pelo telefone (21) 9809.0628;
- m. que estará a mim garantida a total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo algum para mim;
- n. que o uso dos dados por mim fornecido é reservado às autoras da dissertação, acima mencionadas, sendo preservado o respeito ao meu anonimato;
- o. que a informação sobre os dados da pesquisa podem ser divulgados e publicados desde que cumpridos o disposto no item f.

- p. que tenho ciência de possíveis desconfortos, como a apresentação e registro das instalações da empresa, a duração da entrevista de aproximadamente meia hora e a marcação de outra entrevista, caso haja necessidade de complementação das informações coletadas.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelas autoras e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente participar desta pesquisa.

, de de 2007

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Nome: _____

RG: _____

Data de nascimento: ___ / ___ / ___

Sexo: M () F ()

Endereço: _____ nº.: _____ apto: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Tel.: _____ Cel.: _____

E-mail: _____

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências nele contidas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

, de de 2007

Assinatura da pesquisadora

Apêndice F – Relação de todas as edições do Salão Design da Movelsul, com os respectivos cartazes e exemplos de móveis premiados, além do selo e de alguns móveis contemplados com o Prêmio Indústria



Figuras 280 e 281: cartaz do I Salão Design MOVELSUL 88 (FONTOURA, 2006a, p. 32); e 1º Prêmio – Móveis para área íntima, para a *Cama Dax*, com design da Dacan Indústria de Metal, de Bento Gonçalves-RS (FONTOURA, 2006a, p. 49); respectivamente.



Figuras 282 e 283: cartaz do II Salão Design MOVELSUL 90 (FONTOURA, 2006a, p. 33); e Menção Honrosa para a *Cadeira Ergo*, do designer Geraldo Echamende, para a Wacchi S.A. Indústria e Comércio, de Sapucaia do Sul-RS (FONTOURA, 2006a, p. 59); respectivamente.



Figuras 284, 285 e 286: cartaz do III Salão Design MOVELSUL 92 (FONTOURA, 2006a, p. 34); 1º Prêmio – Móvel para área de serviço e lazer, para a *Cadeira para Copa e Cozinha Sit Down*, do designer Dirceu Guarda, Degrau Arquitetura, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 68); e Prêmio Destaque, para a *Poltrona Doble*, do designer Marcel Schacher, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 71); respectivamente.



Figuras 287 e 288: cartaz do IV Salão Design MOVELSUL 94 (FONTOURA, 2006a, p. 35); e 1º Prêmio – Móvel para escritório e institucional, categoria Estudante, para o *Gaveteiro Duna*, dos designers Adriano Albino Klein, Jonas Antônio Molin e Michel de Andrade Mittman, de Florianópolis-SC (FONTOURA, 2006a, p. 82); respectivamente.



Figuras 289 e 290: cartaz do V Salão Design MOVELSUL 96 (FONTOURA, 2006a, p. 36); e Menção Honrosa, para a *Mesa Versátil*, do escritório Borges & Garcia Arquitetura, com a

colaboração de Gaspodini, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 104); respectivamente.



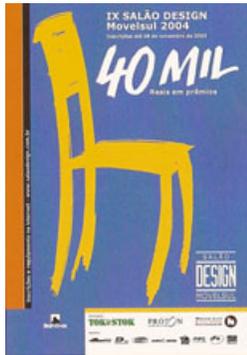
Figuras 291 e 292: cartaz do VI Salão Design MOVELSUL 98 (FONTOURA, 2006a, p. 37); e Prêmio Nacional e Especial – Categoria Profissional, para a *Estante Flip-Top*, das designers Cristina Pippi Schmidt, Denise Schmidt e Vera Farina, para a Indústria de Móveis Campesato, de Erechim-RS (FONTOURA, 2006a, p. 111); respectivamente.



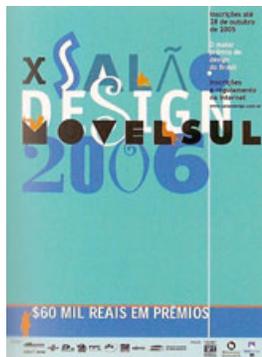
Figuras 293 e 294: cartaz do VII Salão Design MOVELSUL Brasil 2000 (FONTOURA, 2006a, p. 38); e Menção Honrosa – Categoria Profissional Nacional, para o *Revisteiro Móvel* da designer Vera Stefani, de Bento Gonçalves-RS, para a Artetubos Indústria de Móveis Ltda., de Garibaldi-RS (FONTOURA, 2006a, p. 129); respectivamente.



Figuras 295 e 296: cartaz do VIII Salão Design MOVELSUL Brasil 2002 (FONTOURA, 2006a, p. 39); e 1º Prêmio Nacional – Profissional, para a *Banqueta Onda*, da designer Ilse Lang, Faro Design, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 141); respectivamente.



Figuras 297 e 298: cartaz do IX Salão Design MOVELSUL Brasil 2004 (FONTOURA, 2006a, p. 40); e 1º Prêmio Nacional Profissional, para a *Espreguiçadeira de Jardim Anelídeos*, da designer Eulália de Souza Anselmo, de Pelotas-RS (FONTOURA, 2006a, p. 157); respectivamente.



Figuras 299 e 300: cartaz do X Salão Design MOVELSUL Brasil 2006 (FONTOURA, 2006a, p. 41); e Menção Honrosa, para o *Banco Unus*, da designer Caroline Tassinari Bonfada, protótipo de Dionísio Strzykalsky, Eduardo de Matos e, participação de Luis Mariano Benetti (desenhista), Ricardo Cipriani Maletzke (administrador da qualidade), para a Móveis Nova Santa Rita, de Santa Rita-RS (FONTOURA, 2006a, p. 175); respectivamente.



Figura 301: 1º Prêmio Profissional Nacional do XI Salão Design MOVELSUL Brasil 2008, para a Espreguiçadeira e Tatame Ayty, do designer Roque Frizzo, Roque Frizzo Arquitetura e Design, Caxias do Sul-RS. (ESTRADA, 2008)



Figura 302: selo do Prêmio Indústria para ser colado no *stand* das empresas participantes do mesmo. (FONTOURA, 2006a, p. 185)



Figura 303: Menção Honrosa do 1º Prêmio Indústria do VII Salão Design MOVELSUL Brasil 2000, para o *Sofá Via Durini*, da Saccaro Móveis, de Caxias do Sul-RS, desenvolvido pelos designers Ana Revello Vasquez, Antonio Zamboni, Gilberto Ortiz e Renato Solio. (FONTOURA, 2006a, p. 189)



Figura 304: Menção Honrosa do 2º Prêmio Indústria do VIII Salão Design MOVELSUL Brasil 2002, para a *Linha Facile*, da Móbel Indústria de Móveis, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvida pelos designers do escritório 3 Design & Arquitetura. (FONTOURA, 2006a, p. 191)



Figura 305: 1º Prêmio do 3º Prêmio Indústria do IX Salão Design MOVELSUL Brasil 2004, para as *Poltronas Meta 1 e Meta 2*, da A.L. Componenti Industrial Comercial, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvidas pelo designer Marcelo Rosenbaum. (FONTOURA, 2006a, p. 192)



Figura 306: Menção Indústria, pelo caráter democrático, do 4º Prêmio Indústria do X Salão Design MOVELSUL Brasil 2006, para o *Armário Multiplik*, da Idéias & Conceitos Indústria de Móveis, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvido pela designer Adriana Loer Pelicoli. (FONTOURA, 2006a, p. 194)



Figura 307: 1º Prêmio do 5º Prêmio Indústria do XI Salão Design MOVELSUL Brasil 2008, para a *Linha de Móveis Entrelinhas*, da ML Magalhães, do Rio de Janeiro-RJ, desenvolvida pelos designers Diogo Lage Souza e Eduardo Cronemberger de Faria, Habto Design, da mesma cidade. (ESTRADA, 2008)

Anexo A – Tabela 69 – Relação de 157 Empresas do Setor de Móveis no Rio Grande do Sul

Anexo A – Continuação

Anexo A – Continuação

Anexo A – Continuação

Anexo B – Prêmios, Seleção para Exposições, Homenagens e Outros

- *Prêmio Desenho Industrial. 1º Salão de Arquitetura do RS, Porto Alegre, 1968 – Fogão Nordeste da Wallig, Bar Set da Hercules e Furadeira Elétrica da Ferrisan*
- *Selecionados para a Exposição Internacional de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, 1969*
- *Distinção Indústria, da Federação das Indústrias do RS, Porto Alegre, 1975 – Tesoura Mundial Multiuse*
- *Distinção Indústria, FIERGS, Porto Alegre, 1976 – Plastificadora da Plastimaq, com a colaboração do engenheiro Henrique Orlandi Júnior*
- *Selecionados para o MOMA Design, a Loja do Museu de Arte Moderna de Nova York, 1976 – Talher Camping da Hercules*
- *Distinção Indústria, FIERGS, Porto Alegre, 1983 – Supertermo Automático da Termolar*
- *Selecionados para a Exposição “Tradição e Ruptura”, São Paulo, 1984 – Talher Camping da Hercules, Supertermo Automático e Supertermo TBL da Termolar*
- *Prêmio Super Top de Marketing ADVB RS 1985 – Facas Mundial Corte Laser da Zivi*
- *Prêmio Lápis de Plata, C.A.I.C., Buenos Aires, 1985 – Tesouras Mundial Ponto Vermelho e Facas Mundial Corte Laser da Zivi*
- *Prêmio Super Top de Marketing ADVB RS, 1986 – Tesouras Mundial Ponto Vermelho da Zivi*
- *Distinção Indústria, FIERGS, Porto Alegre, 1986 – Computador Edisa ED-680, com a colaboração do engenheiro Henrique Orlandi Júnior*

- Prêmio “*Categoria Utilidades Domésticas*”, 1º Concurso Nacional de Design, Revista “PRESENTES”, 1ª Feira Brasileira de Presentes, São Paulo, 1990 – *Facas Mundial Master Line* da Zivi
- *Prêmio Bienal Brasileira de Design*, Curitiba, 1990 – *Talher Camping* da Hercules
- *Prêmio 2ª Bienal Brasileira de Design*, Curitiba, 1992 – *Facas Mundial Corte Laser e Tesouras Mundial Ponto Vermelho* da Zivi
- *Designers homenageados* no lançamento do *Programa Brasileiro de Design* do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo MICT, Brasília, 1995
- *X Edição Prêmio “Lasar Segall” Museu da Casa Brasileira*, São Paulo 1996 – *Cabina Skyline* da Elevadores Sûr em colaboração com o arquiteto Paulo Müller
- *Designers homenageados com Sala Especial no XI Prêmio Design*, no Museu da Casa Brasileira, São Paulo, 1997
- *Designers homenageados na Mostra Internacional de Design*, no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 1998
- *Designers homenageados na Mostra Internacional de Design*, no Centro Cultural de São Paulo, 1998
- *Designers homenageados no 2º Salão Design Brasil*, Expo Center Norte, São Paulo, 1998
- *Designers homenageados na Mostra Objeto Brasil 500 anos de Design*, Pinacoteca do Estado, São Paulo, 2000
- *Participação na Biennale Internationale Design Saint Etienne*, França, 2000
- *Exposição de trabalhos no Instituto Tomie Ohtake*, São Paulo, 2001
- *Designers homenageados* na *Mostra Brasil Faz Design*, Milão, Itália, 2002, e Museu da Escultura Brasileira MUBE, São Paulo, 2002
- *Prêmio Moinho Santista Design 2003*, da Fundação Bunge “*Pelo conjunto da obra*”, Palácio dos Bandeirantes, São Paulo, 2003
- *Prêmio IPISA – Back to School – Paperworld 2004 – Borracha Toy* da Mercur, Frankfurt, 2004, em conjunto com Paulo Müller

Fonte: BORNANCINI, 2004, p. 69